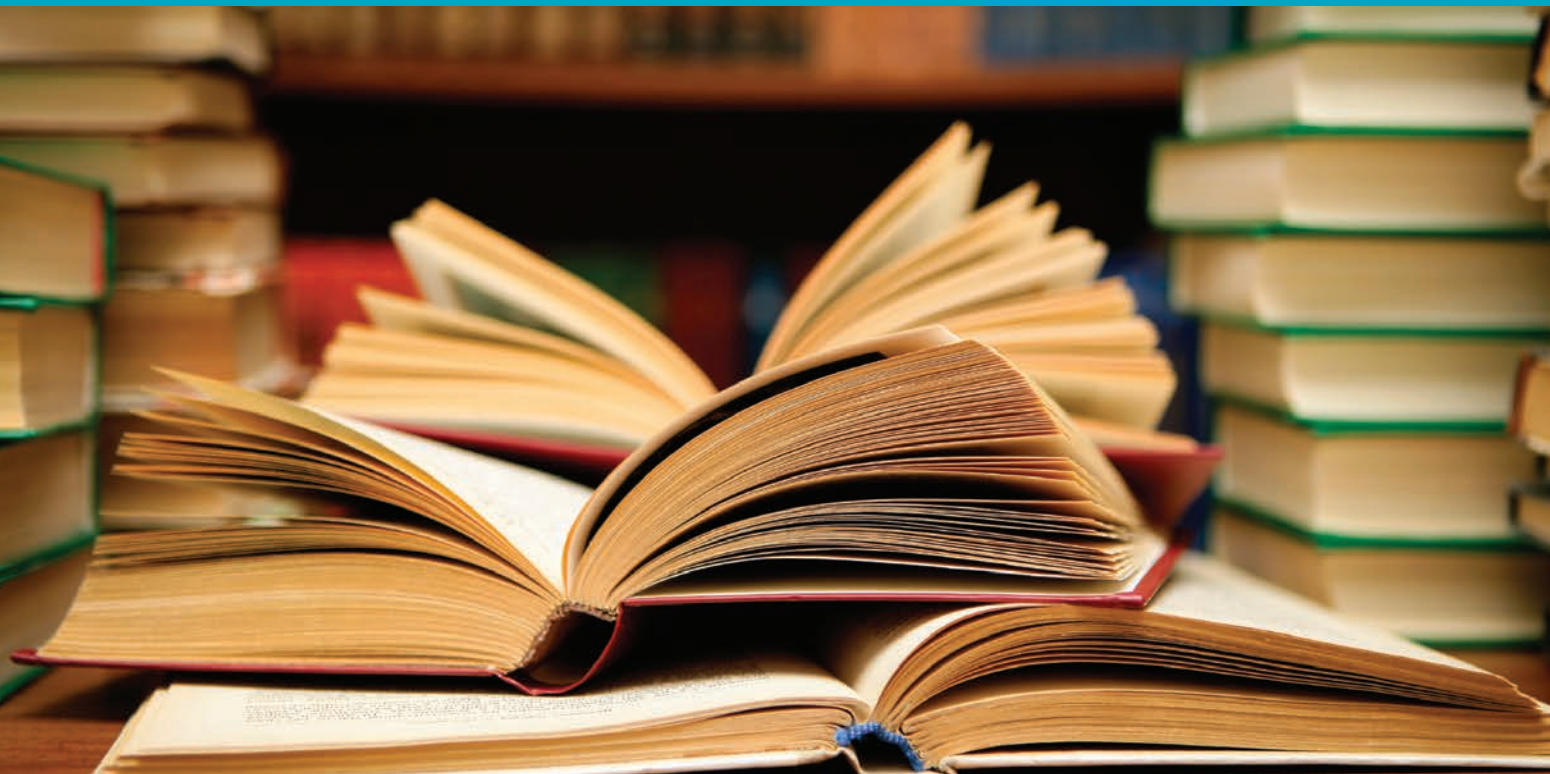
Editora
Bernoulli

LÍNGUA PORTUGUESA

Volume 03

Sumário - Língua Portuguesa

Frente A

Frente B

Frente C

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 07 FRENTE A

Estrutura do texto dissertativo-argumentativo

Anteriormente, você estudou algumas características dos textos dissertativo-argumentativos. Viu, por exemplo, que textos dessa natureza articulam-se em torno de uma proposição geral – a que chamamos tese – e utilizam informações consistentes e socialmente aceitas para provar a validade dessa proposição. Você viu, também, que as informações apresentadas nesses textos devem ser dispostas de modo organizado e lógico para que o receptor possa reconstruir, no momento da leitura, o raciocínio feito pelo produtor. Você estudou, ainda, os princípios da coerência e vários mecanismos de coesão. Assim, já sabe que, para que um texto tenha unidade e seja coeso e coerente, deve haver repetição, continuidade e progressão.

O que tentamos mostrar até então é que, ao contrário do que muitos pensam, redigir um texto não é resultado de inspiração, e sim de um intenso trabalho de racionalização e planejamento, que envolve o domínio tanto de dados da realidade circundante quanto de mecanismos linguísticos que permitam apresentá-los de modo inteligível ao leitor. Para ajudá-lo na tarefa de planejar seu texto, na primeira parte deste módulo, vamos sistematizar algumas maneiras de garantir, por meio da manutenção e da progressão temática, a unidade do texto. Você conhecerá, assim, alguns esquemas para apresentar suas ideias.

A segunda parte do módulo apresenta vários exemplos de introduções em textos de natureza dissertativo-argumentativa. A partir desses exemplos, você conhecerá algumas formas criativas de iniciar o texto, e poderá, assim, variar o estilo da introdução.

MANUTENÇÃO TEMÁTICA E PROGRESSÃO TEMÁTICA

Você já conhece o mecanismo de coesão chamado colocação ou contiguidade, que consiste em utilizar, em um texto, uma série de termos que pertençam a um mesmo campo semântico. Segundo Ingedore Villaça Koch, diante de vários termos cujos sentidos sejam próximos, ativa-se, na memória do leitor, um *frame* – conhecimentos que se organizam aleatoriamente sobre "rótulos" – o qual lhe permite detectar o tema do texto, bem como fazer algumas previsões quanto ao sentido em que o texto será desenvolvido.

Leia o trecho do texto a seguir e observe:

Depois da chuva

Nove da noite, 10 de janeiro de 1966, uma segunda-feira. Os primeiros **trovões** rugiram quando eu saía da casa de meus pais, na Glória. Não ligo para **chuva**, mas, assim que pus o pé na calçada, algo se espatifou ao meu lado. Era um **pingo**, com o diâmetro e a força de um balde sendo despejado. Começava ali um dos maiores **temporais** da história do Rio.

Choveu forte, grosso e sem parar por 60 horas. Depois saberíamos que, apenas nas primeiras 36, tinham sido **500 milhões de metros cúbicos de água** – 15 vezes a capacidade da lagoa Rodrigo de Freitas, 300 vezes a do Maracanã. **Colapso nos transportes, luz, elevadores, telefones, comércio, bancos, abastecimento, água**. Os **desabamentos**, 1 500 no total, aconteciam a toda hora e em toda parte. **Barracos, sobrados e até encostas despencavam** sobre a **enxurrada**.

Na manhã de quinta, a **chuva** finalmente parou. O sol fez as primeiras caretas e a cidade iniciou a contabilidade: 300 **mortos**, 25 mil **desabrigados**, **prejuízo** bárbaro. As **águas** baixaram e surgiu a **lama**. Começaram a **lavagem**, a **vacinação contra o tifo e a varíola**, o **racionamento de energia** [...]

CASTRO, Ruy. *Folha de S. Paulo*, 06 fev. 2010.

De acordo com Ingedore Villaça Koch, a manutenção temática de um texto estrutura-se, principalmente, a partir do mecanismo de colocação ou contiguidade. Como é possível observar, todos os termos destacados nesse trecho, a começar pelo título, remetem ao drama vivido por muitos, nas grandes cidades, em decorrência das fortes chuvas que têm ocorrido. Nesse caso, durante a leitura, ativa-se, na memória do receptor, um *frame* de conhecimentos que se organizam sobre o rótulo "enchentes". Esse mecanismo garante, por um lado, a continuidade no texto.

Por outro lado, as informações apresentadas também progridem de forma bem organizada. Se você retornar ao texto, perceberá que é possível dividir cronologicamente as informações. Nesse caso, o autor introduz um tema (tópico) e, em seguida, faz um comentário sobre esse dado, acrescentando uma nova informação. Observe:

- **1º parágrafo:** Início da chuva.

  Tópico: "Nove da noite, 10 de janeiro de 1966, uma segunda-feira."

  Comentário novo: "Os primeiros trovões rugiram [...] temporais da história do Rio."

  Trechos / termos relacionados → "trovões", "pingo", "começava um dos maiores temporais".

- **2º parágrafo:** Durante a chuva.

  Tópico: "Choveu forte, grosso e sem parar por 60 horas."

  Comentário novo: "Depois saberíamos [...] sobre a enxurrada."

  Trechos / termos relacionados → "choveu forte, grosso e sem parar", "500 milhões de metros cúbicos de água", "Colapso nos transportes, luz, elevadores, telefones, comércio, bancos, abastecimento, água", "Barracos, sobrados e até encostas despencavam", "enxurrada".

- **3º parágrafo:** Depois da chuva.

  Tópico: "Na manhã de quinta, a chuva finalmente parou."

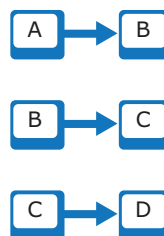
  Comentário novo: "O sol fez as primeiras caretas [...] o racionamento de energia..."

  Trechos / termos relacionados → "mortos", "desabrigados", "prejuízo", "lama", "lavagem", "vacinação contra o tifo e a varíola", "racionamento de energia".

Como se observa, há mecanismos no texto que garantem tanto a manutenção quanto a progressão temática. A dinâmica entre continuidade e progressão assegura, por sua vez, a coerência interna, a unidade do texto.

Com base na relação entre "tópico" e "comentário", os linguistas observam algumas formas de garantir a progressão temática. Vamos conhecer, a seguir, algumas delas.

Progressão temática linear (encadeamento de ideias)

Nesse tipo de progressão, o comentário de um determinado tópico passa a ser, em seguida, tópico, sobre o qual se faz novo comentário, tal como no seguinte esquema:

Observe como, no texto a seguir, parte do desenvolvimento de um parágrafo é retomada e desenvolvida no parágrafo posterior.

A CORRUPÇÃO E O TRATADO CONTRA O CRIME ORGANIZADO

A corrupção causa o empobrecimento dos países e afasta seus cidadãos da boa governança.

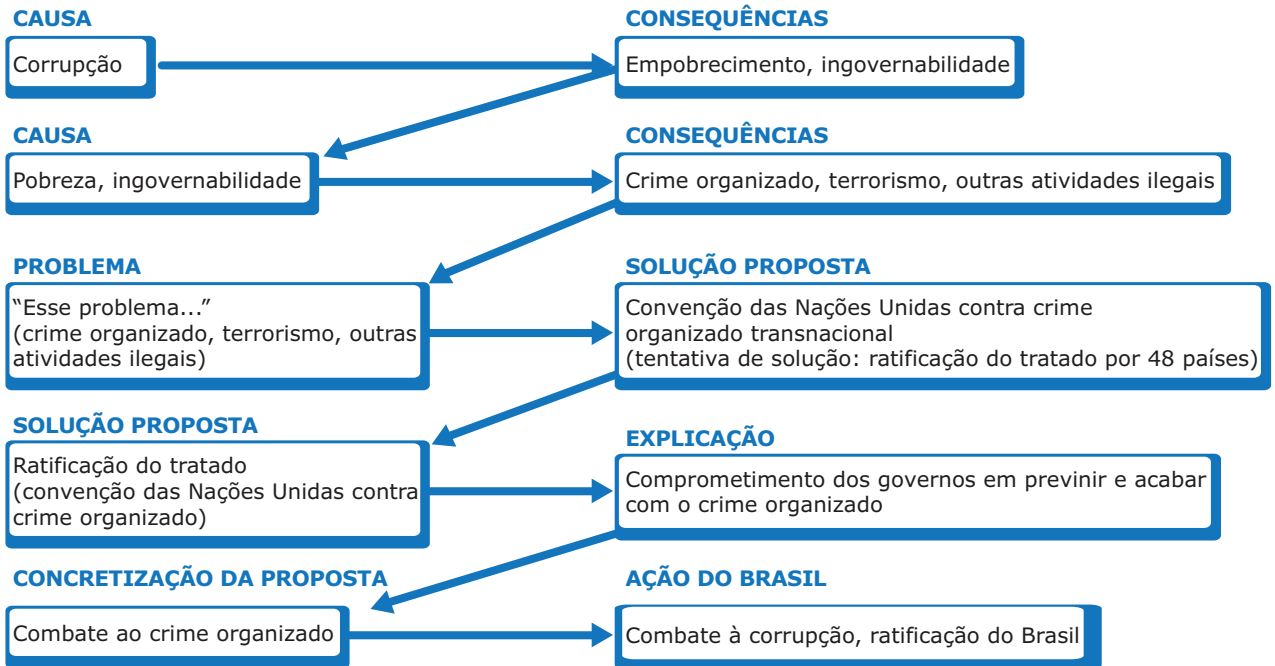
Ela desestabiliza o sistema econômico das nações e algumas vezes afeta regiões inteiras do planeta. Uma de suas consequências mais graves, porém, é facilitar o aparecimento e fortalecimento do crime organizado, do terrorismo e de outras formas de atividades ilegais.

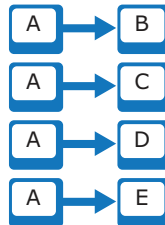
Cientes deste problema, governos de 48 nações ratificaram a Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional, que entrou em vigor em setembro do ano passado. "Este tratado proporciona à comunidade internacional novas ferramentas para lutar contra este tipo de crime.

Todos aqueles que o ratificaram estão obrigados a adotar leis nacionais para prevenir e acabar com o crime organizado", afirmou o Diretor Executivo do UNODOC, Antônio Maria Costa.

Combater o crime organizado também é combater a corrupção. O Brasil já assinou ambas as Convenções, e está pronto para vencer esta luta.

Disponível em: <http://www.unicrio.org.br/e-unews/n19/p18.html>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Observe, a partir do diagrama a seguir, como a progressão das ideias nesse texto dá-se por encadeamento, tal como no esquema apresentado anteriormente.

Progressão com um tópico constante

Nesse tipo de progressão, vão sendo acrescentados, gradativamente, novos comentários sobre um mesmo tópico, como no esquema a seguir:

Observe como, no texto a seguir, a cada parágrafo, apresenta-se uma nova informação sobre um mesmo tópico, no caso, a estilista Coco Chanel.

Gabrielle Bonheur Chanel (Saumur, 19 de agosto de 1883 – Paris, 10 de janeiro de 1971), mais conhecida como Coco Chanel, foi uma importante estilista francesa e uma mulher à frente do seu tempo. As suas criações até hoje ditam e influenciam a moda mundial. É a fundadora da empresa de vestuário Chanel S.A.

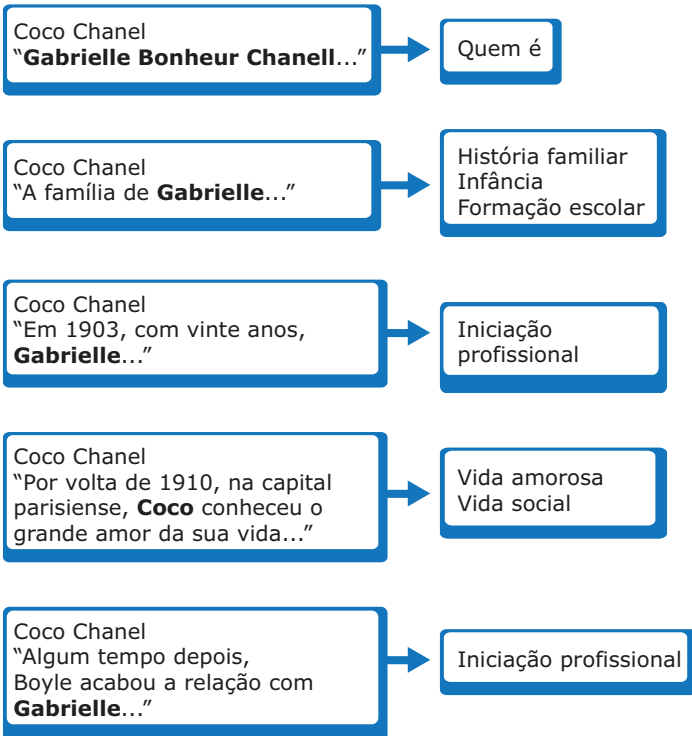
A família de Gabrielle era muito numerosa: tinha quatro irmãos (dois meninos e duas meninas). O pai, Albert Chanel, era caixeiro-viajante e a mãe, Jeanne Devolle, era doméstica. Depois da morte precoce da mãe, que faleceu de tuberculose, o pai de Chanel ficou com a responsabilidade de tomar conta das crianças. Devido à profissão de seu pai, Coco e as irmãs foram educadas num colégio interno, enquanto que os irmãos foram trabalhar numa quinta.

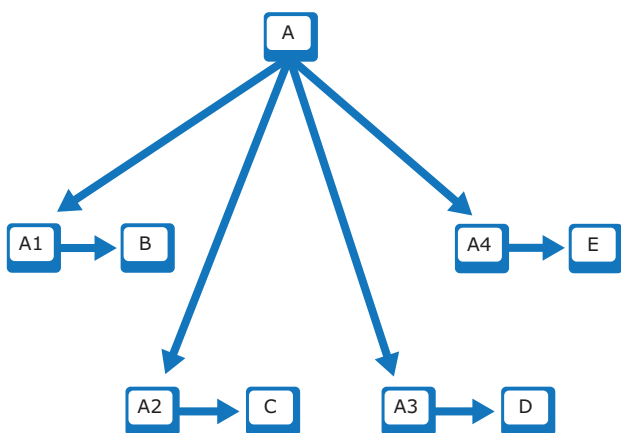
Em 1903, com vinte anos, Gabrielle saiu do colégio e tentou procurar emprego na área do comércio e da dança (como bailarina) e também fez tentativas no teatro, onde raramente teve grandes papéis devido à sua estatura. Com vinte e cinco anos, Chanel conheceu um rico comerciante de tecidos, chamado Etienne Balsan, com quem passou a viver.

Por volta de 1910, na capital parisiense, Coco conheceu o grande amor da sua vida: um milionário inglês Arthur Boyle. Boyle ajudou-a a abrir a sua primeira loja de chapéus. A loja Chanel iria tornar-se um sucesso e apareceria nas revistas de moda mais famosas de Paris. Com este relacionamento, Chanel aprendeu a frequentar o meio sofisticado da Cidade Luz. Algum tempo depois, Boyle acabou a relação com Gabrielle para se casar com uma inglesa e meses mais tarde morreu num desastre de carro.

Com este desgosto, Chanel abriu a primeira casa de costura, comercializando também chapéus. Nessa mesma casa, começou a vender roupas desportivas para ir à praia e para montar a cavalo. Pioneira, também inventou as primeiras calças femininas.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chanel>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Confira, a seguir, o diagrama de progressão do texto sobre Coco Chanel. Como se observa, nesse texto, a estilista é o tópico em todos os parágrafos. Numa sequência temporal, gradativamente, vão acrescentando-se informações.

Progressão por derivação do tema

Nesse tipo de progressão, há um tópico genérico a partir do qual são derivados outros temas mais específicos. O esquema de progressão, nesse caso, seria o seguinte:

Observe como o autor do texto a seguir usa esse tipo de desenvolvimento para descrever como os índios ianomâmis confeccionam seus arcos e flechas.

Tecnologia ianomâmi

Disponível em: <www.veja.abril.com.br/especiais/amazonia/p_052.html>. Acesso em: 20 dez. 2010.

Mais de 33 mil ianomâmis vivem em 192 mil km² no Brasil e na Venezuela. Têm quatro línguas separadas, mas inteligíveis pelos falantes: ianomâmi, ianomae (ou ianomam), sanema e ninam (ou ianam). Entendem-se bem, igualmente, na confecção de arcos e flechas.

Para o arco emprega-se em geral a madeira das palmeiras *Bactris gasipaes* – a pupunha, que em ianomae se chama "rasa sihi"–, *Oenocarpus bacaba* ("hoko sihi") ou *Oenocarpus bataua"* ("kõanari sihi"). Também se usa a madeira dura das árvores do gênero *Swartzia* ("paira sihi").

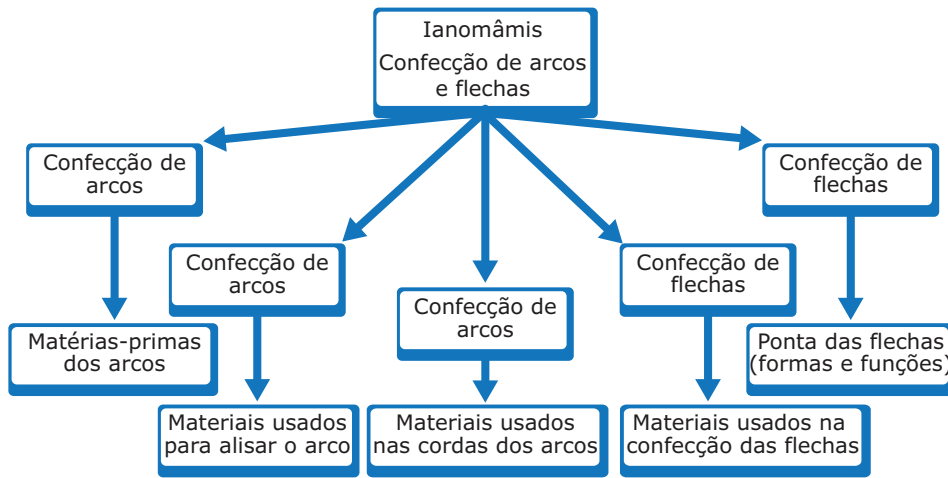
A técnica para alisar o arco constitui capítulo à parte. A raspagem é feita com um dente canino de caititu (o porco-do-mato *Tayassu tajacu*, "poxe naki"). Ou, então, com a concha afiada do caramujo terrestre *Megalobulimus oblongus* ("sinokoma aka"). Hoje também se usam facas de metal. O polimento final fica com as folhas ásperas de *Pourouma bicolor* ("õema ahi").

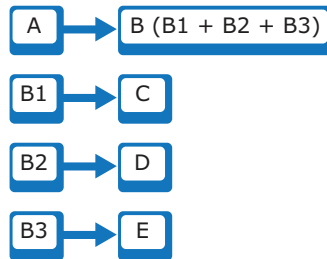
A corda do arco se confecciona com fibras das folhas das bromeliáceas do gênero do abacaxi, *Ananas* ("yãma asiki"). Ela é tratada com resina vermelha da árvore *Inga alba* ("moxima hi"). No passado, quando *Ananas* ainda não era cultivada pelos ianomâmis, as cordas eram feitas com fibras da entrecasca de *Cecropia obtusa* ("xiki a").

As flechas dos ianomâmis chegam a medir 2 m e são feitas com os pedúnculos da cana-de-rio *Gynerium sagittatum* ("xaraka si"). Recebem penas de mutum fixadas com um fio delgado de algodão comum cultivado e tingido de roxo com extrato de folhas de *Picramnia spruceana* ("koe axihi"), ou de vermelho com o universal urucum (*Bixa orellana*, "nara xihi").

É melhor nem começar a falar das pontas das flechas. Há pontas em forma de arpão para matar aves, peixes e pequenos mamíferos, pontas lanceoladas para caça de grande porte, pontas entalhadas impregnadas com resinas alucinógenas que relaxam os músculos dos macacos e aceleram sua queda das árvores [...]

LEITE, Marcelo. *Folha de S. Paulo*, 07 fev. 2010.

Observe como é possível preencher o esquema apresentado anteriormente, recolhendo-se informações do texto de Marcelo Leite.

Progressão por desenvolvimento de um tema subdividido (desmembramento)

Nesse tipo de progressão, o comentário de um determinado tópico é subdividido e, posteriormente, cada uma de suas partes é comentada, tal como no esquema:

Observe como, no texto a seguir, os três adjetivos usados, na tese, para qualificar a opinião dos que consideram a TV culpada pela violência praticada pelos jovens são justificados em cada um dos três parágrafos de desenvolvimento.

A culpa é de quem?

Não há como negar a influência da televisão sobre o imaginário social. Entretanto, afirmar que essa influência é puramente negativa e que a TV é culpada, por exemplo, pela violência cometida por jovens é ser simplista, omisso e hipócrita.

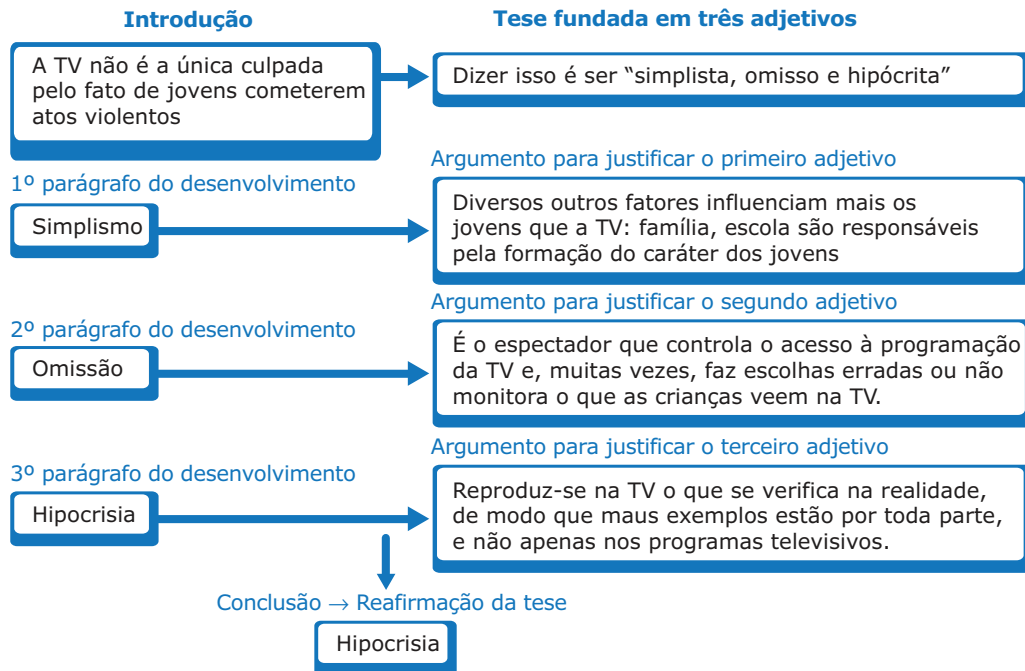
À televisão cabe entreter, informar. Educar e incutir valores éticos e morais em nossos jovens cabe à família, à escola. Assim, o problema não está nos filmes de violência, nas cenas eróticas de novelas ou no noticiário que retrata o caos em que estamos vivendo, e sim na inépcia de outras instituições sociais em cumprir suas funções. Um jovem pode passar sua vida assistindo à TV; se tiver valores morais sólidos e senso crítico bem formado para distinguir a ficção da realidade, o certo do errado, dificilmente reproduzirá o que vê na tela, ingenuamente acreditando que aquilo é o que deve ser feito.

Além disso, vale ressaltar que é tarefa do telespectador – ou no caso da criança, de seu responsável – escolher aquilo a que vai assistir. As várias emissoras oferecem um amplo leque de opções, com uma programação que, além de cenas violentas e eróticas, exibe documentários, entretenimento sadio, programas educativos e de utilidade pública. Se o telespectador faz escolhas errôneas ou é omisso na orientação de seu filho, não justifica responsabilizar a TV por isso.

Cientistas estadunidenses afirmam categoricamente que o tempo que os jovens passam em frente à televisão está associado à prática de atos violentos, independentemente da influência de fatores externos, como a intervenção da família e a situação socioeconômica em que vivem. Esquecem-se de um detalhe: o que se vê nas telas reflete os valores e ideologias que vigoram em um dado contexto. Os norte-americanos, sabe-se, constituem uma sociedade belicosa, altiva, que historicamente impõe-se às demais nações pela força e pela guerra. Não se pode afirmar, portanto, que a TV incita a violência. Ela é apenas espelho de uma estrutura que a ultrapassa e também a determina.

Em vez de procurar um bode expiatório para justificar as transgressões sociais cometidas por jovens, os pais, os estudiosos do assunto e as autoridades governamentais deveriam assumir o ônus de serem responsáveis por orientar e formar adequadamente aqueles que vão perpetuar a sociedade. Assim, não será uma caixa azul, com sua profusão de cores, sons e movimentos, que desviará de seu caminho um indivíduo consciente de si mesmo e de suas funções e obrigações de cidadão.

(Texto produzido por aluno)

A partir do esquema a seguir, observe como as ideias apresentadas na tese são retomadas e desenvolvidas ao longo dos três parágrafos de desenvolvimento.

Essas são as principais formas apontadas por linguistas de se proceder à progressão temática em um texto. Conhecendo essas alternativas, será mais fácil para você organizar a apresentação de ideias em seu texto. Procure lembrar-se delas ao planejar suas redações e recorra às informações deste módulo sempre que necessário.

FORMAS DE INTRODUZIR UM TEXTO

Conforme você já sabe, os textos dissertativo-argumentativos desenvolvem uma tese que pode ser apresentada logo no início – no caso de se optar pelo raciocínio dedutivo – ou no fim do texto – no caso de se usar o raciocínio indutivo. Mesmo que você faça a opção de apresentar sua tese no início do texto, ela não precisa aparecer sozinha na introdução. Você pode usar algumas estratégias e apresentar a tese associada a outras informações pertinentes ao tema, de modo a tornar seu texto mais atraente para o leitor.

A seguir, apresentaremos formas criativas de se iniciar um texto para que você possa variar seu estilo ao compor suas redações.

Declaração

Fazer uma declaração é o modo mais comum de se iniciar um texto. Nesse caso, normalmente ela contém a tese que será desenvolvida.

Observe as introduções dos dois textos a seguir, o primeiro sobre a falta de medidas dos governos para conter o aquecimento global, e o segundo sobre a flexibilização das leis trabalhistas.

> Até agora a discussão do aquecimento global (AG) por governantes e cientistas gerou apenas um acordo: o de que não há acordo algum.
>
> PEREIRA, Aldo. "Fim do mundo, decisão na incerteza". *Folha de S. Paulo*, 08 fev. 2010.

> Causou indignação o projeto de lei do Ministério do Trabalho que pretende dispor sobre os contratos de serviços terceirizados. A repulsa é legítima. Caso prospere, o projeto retrocede as relações de trabalho no país a práticas ultrapassadas há pelo menos 50 anos.
>
> MORALES, Vander. "O avanço do retrocesso". *Folha de S. Paulo*, 06 fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0602201009.htm>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Definição

A definição também é uma forma bem corriqueira de se iniciar um texto. Ela pode definir o assunto do texto ou algum conceito que seja essencial para a discussão desse assunto.

No texto a seguir, que refuta a proposta do TSE de restringir doações ocultas a candidatos a cargos políticos, o autor inicia o texto definindo o tipo de democracia adotada no Brasil, o que serve de pressuposto para que ele exponha e defenda sua opinião de que os partidos podem e devem ser fortalecidos com doações em dinheiro.

> Sem partidos políticos fortes, não há democracia, não há Estado de Direito e não há liberdade. A democracia representativa que adotamos é partidária, vale dizer: a vontade do povo se manifesta por meio dos partidos, que são as instituições de acesso ao mandato e ao poder. Ninguém disputa eleição sem o atestado de filiação partidária.
>
> MAIA, Rodrigo. "A base da confiança é a verdade". *Folha de S. Paulo*, 30 jan. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz3001201009.htm>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Divisão

Essa forma de introdução consiste em adiantar para o leitor questões que serão discutidas ao longo do texto. Trata-se de uma maneira de iniciar bastante tradicional e própria de textos dissertativos, a qual permite ao receptor prever exatamente em que sentido o texto será desenvolvido.

No texto a seguir, a respeito de algumas concepções errôneas sobre as causas das enchentes em São Paulo, a autora usa esse tipo de introdução, empregando, para isso, numerais ordinais como sequenciadores discursivos. Observe:

> O noticiário sobre as enchentes que têm assolado São Paulo nos últimos meses, embora intenso e, em geral, bastante esclarecedor, tem alimentado alguns mitos, que precisam ser apontados. Vamos tratar aqui de três deles.
>
> O primeiro garante que as cheias se devem à falta de piscinões previstos em plano diretor elaborado pelo Departamento de Águas e Energia Elétrica (Daee). Outro atribui as enchentes ao aumento da vazão das represas.
>
> Um terceiro assegura que a limpeza e a canalização de córregos têm agravado as inundações.
>
> PENA, Dilma Seli. "Mitos sobre enchentes em São Paulo". *Folha de S. Paulo*, 08 fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0802201008.htm>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Oposição

Nesse modo de introdução, apresenta-se uma oposição que será desenvolvida ao longo do texto.

No exemplo a seguir, retirado de um texto que trata da importância do desenvolvimento do pensamento científico, o autor descreve duas situações, a partir das quais explicita uma oposição entre a sabedoria científica de um povo, o inglês, e a ignorância de outro, o brasileiro. Observe:

> As primeiras ondas encantaram os turistas. Eles ficaram então esperando as próximas. Contudo, foram salvos por uma inglesinha bem jovem, em cujo livro de ciências estava explicado o que era um *tsunami* e que perigos trazia. Que corressem todos, o pior estava por vir! Em contraste, alguns pobres coitados de Goiânia receberam doses fulminantes de radiação ao desmontar o núcleo radioativo de um aparelho de raio X vendido como sucata. Os turistas foram salvos pelo conhecimento científico da jovem inglesa. Os sucateiros foram vítimas da sua ignorância científica. Não é fortuita a nacionalidade de cada um.
>
> CASTRO, Claudio Moura. "Academia de ginástica (mental)". *Veja*. 26 out. 2009.

A oposição também pode ser apresentada de modo mais simples e direto, como no trecho a seguir, sobre as mudanças climáticas.

> Enquanto boa parte do Hemisfério Norte passa por uma onda de frio nas últimas semanas, a temperatura no Ártico atinge níveis altos e incomuns, dizem cientistas americanos.
>
> "Enquanto frio castiga Europa e EUA, Ártico tem calor atípico". *Folha de S. Paulo*, 13 jan. 2010.

Alusão histórica

Nesse tipo de introdução, discute-se um assunto a partir de um evento histórico. Nesse caso, quanto maior for o conhecimento do autor sobre a História, maior será sua capacidade de perceber relações entre fatos passados e a atualidade.

Observe, no trecho a seguir, de que modo o autor propõe-se a discutir alguns comportamentos culturais próprios da atualidade a partir de suas semelhanças com comportamentos observados à época da Inquisição.

> A Inquisição gerou uma série de comportamentos humanos defensivos na população da época, especialmente por ter perdurado na Espanha e em Portugal durante quase 300 anos, ou no mínimo quinze gerações. Embora a Inquisição tenha terminado há mais de um século, a pergunta que fiz a vários sociólogos, historiadores e psicólogos era se alguns desses comportamentos culturais não poderiam ter-se perpetuado entre nós.
>
> KANITZ, Stephen. "A herança cultural da inquisição". *Veja*, edição 1890, ano 38, n. 5, 2 fev. 2005, p. 23.

Uma pergunta

Essa é uma maneira bem simples de se iniciar um texto, a qual costuma ter bons resultados, já que tende a despertar a curiosidade do leitor.

Esse tipo de introdução pode ser usado de duas formas distintas. Na primeira, o autor expõe uma pergunta para a qual ele apresentará uma resposta ao longo do desenvolvimento do texto.

No texto a seguir, depois de expor duas perguntas, o autor relata algumas causas para a crise no Timor Leste e acaba apontando-a como o primeiro sintoma de uma nova guerra fria que se inicia entre EUA e China. Leia o texto e observe como, no enunciado seguinte à exposição das perguntas, o autor já sinaliza que irá respondê-las.

A crise política em Timor, para além de ter colhido de surpresa a maior parte dos observadores, provoca perplexidade e exige, por isso, uma análise menos trivial do que aquela que tem sido veiculada pela comunicação social internacional. Como pode um país que, no final do ano passado, teve eleições municipais consideradas por todos os observadores internacionais como livres, pacíficas e justas, estar mergulhado numa crise de governabilidade? Como pode um país que, há três meses, foi objeto de um elogioso relatório do Banco Mundial, que considerou um êxito a política econômica do governo, passar agora a ser visto por alguns como um Estado falhado?

À medida que se aprofunda a crise em Timor Leste, os fatores que a provocaram vão-se tornando mais evidentes.

SANTOS, Boaventura de Souza. "Timor: é só o começo". *Folha de S. Paulo*, 17 jul. 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1707200608.htm>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Outro tipo de pergunta é a retórica. Nesse caso, o autor não pretende respondê-la ou porque a resposta é óbvia e ele só deseja conquistar a confiança e a aprovação do leitor, ou porque ela foi usada sarcasticamente, apenas para causar indignação.

No texto a seguir, o autor deseja criticar o fato de Barack Obama ter ganhado o Prêmio Nobel da Paz em 2009. O autor defende, ao longo do texto, que o presidente dos Estados Unidos nada fez que justificasse a premiação e que estava ganhando o prêmio devido apenas à esperança depositada nele – motivo pelo qual, aliás, teria sido também eleito. As perguntas, que se superpõem no texto, nesse caso, só visam a indignar o leitor, a fazer com que este compartilhe do sentimento do autor em relação ao fato.

Posso até ter sido o mais rápido na crítica, mas não fui o único: o Prêmio Nobel da Paz a Barack Obama provocou uma onda de questionamento mundo afora: afinal de contas, por quê? Ademais, queridos, cabe uma pergunta: se ele leva o Nobel pelas promessas que fez e, sei lá, pela "esperança" que representa, o que receberia se um dia realmente chegasse a entregar o prometido?

Instituir-se-ia, finalmente, o governo mundial, e ele seria aclamado o chefe supremo – sem que se desse a Lula ao menos a chance de concorrer? Obama seria declarado também chefe da Igreja Católica? Os vários protestantismos se uniriam para escolher o seu patriarca? Todos cairíamos de joelhos e declararíamos: "É a parúsia!"? Acho que esta pergunta expõe, como nenhuma outra, o absurdo da premiação: "Por um conjunto de promessas, o Nobel; pela conclusão da obra, o quê?"

AZEVEDO, Reinaldo. "O Nobel a Obama. Ou: de quantos cadáveres pode ser feito o pacifismo?", *Veja*, domingo, 11 out. 2009. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-nobel-a-obama-ou-de-quantos-cadaveres-pode-ser-feito-o-pacifismo/>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Uma frase nominal seguida de explicação

Nesse tipo de introdução, expõe-se uma ou mais frases nominais que têm por objetivo invocar conceitos ou criar imagens na mente do leitor. Logo em seguida, essas imagens ou conceitos são trazidos para a realidade empírica, contextualizados, de modo que o leitor possa situar o assunto do texto. Observe o exemplo a seguir, introdução de uma reportagem sobre trotes em calouros na USP.

Mergulhos na lama, cuecas rasgadas, ovos e melancia na cabeça, além de tinta salpicada de farinha pelo corpo todo. Essas eram algumas das brincadeiras no trote "sem violência" da Escola Politécnica da USP, ontem.

CASTRO, Leticia de. "Recepção a calouros da USP tem mergulho na lama", cerveja e ala VIP para pais. *Folha de S. Paulo*, terça-feira, 09 fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0902201013.htm>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Citação

É possível também iniciar um texto com uma citação, ou seja, pode-se copiar uma ou mais frases de autores conhecidos, indicando, com as aspas, que o trecho reproduz o discurso de um terceiro. O texto a seguir, que trata da fobia, doença bastante corriqueira atualmente, inicia-se com a citação da frase de um célebre filósofo do século XVII. Leia:

"O homem é o lobo do homem". Quem falou sobre isso empiricamente foi o filósofo Thomas Hobbes, ao tentar explicar que ninguém está protegido; o estado natural é, para todos, um estado de insegurança e de angústia. Isto, meus caros, tornou-se mais evidente nos dias atuais, antes o medo era de morrer por doenças causadas por vírus, bactérias, acidentes domésticos, de trânsito e trabalhísticos. Hoje sabe qual é a doença da moda? Fobia. As pessoas têm medo de sair às ruas, principalmente à noite. O aumento de doenças psicológicas cresce descontroladamente e isso é muito preocupante.

Disponível em: <http://tesourovocabular.blogspot.com/2009/02/o-homem-e-o-lobo-do-homem.html>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Alusão

A alusão também é uma espécie de citação, mas é feita de modo indireto, sem o uso de aspas. Assim, o discurso do autor do texto interage com o discurso de um terceiro, de maneira que um respalda o outro. No trecho a seguir, o autor articula seu discurso à frase "tudo que é sólido desmancha no ar", dita por Karl Marx e usada como título de um livro de Marshall Berman sobre a modernidade. Observe:

Existem mudanças demais por aí, e não de menos. Estilos de vida são abolidos quase da noite para o dia. Homens e mulheres precisam se esforçar freneticamente para adquirir novas capacidades ou serão jogados no lixo. A tecnologia se torna monstruosa em sua infância, e corporações monstruosamente inchadas ameaçam implodir. Tudo o que é sólido – bancos, sistemas de aposentadoria, tratados antiarmas, magnatas obesos da imprensa – se desmancha no ar. As identidades humanas são descartadas, experimentadas, colocadas em um ângulo malicioso e desfiladas com extravagância pelas passarelas da vida social. Em meio a essa perpétua agitação, um sólido motivo da maturidade para ser socialista é tomar fôlego.

EAGLETON, Terry. *Depois da Teoria*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0211200307.htm>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Exposição de ponto de vista oposto

Nesse caso, o autor apresenta uma opinião contrária à dele logo no início do texto e, em seguida, a nega. Seu objetivo é refutar os argumentos do opositor, numa espécie de contra-argumentação.

Observe, no texto a seguir, como o autor deixa claro seu objetivo: provar que a opinião apresentada no texto "Melhores professores na rede" sobre a qualidade da educação em São Paulo é equivocada.

O artigo "Melhores professores na rede", do secretário estadual da Educação, Paulo Renato Souza ("Tendências / Debates" 28/1), reafirma a supervalorização dos processos de avaliação como instrumentos de gestão e melhoria da educação. Quase se pode ler no texto do secretário a fórmula "avaliação = qualidade". Nada mais distante da realidade da rede estadual de ensino de São Paulo.

NORONHA, Maria Izabel Azevedo. "Educação não rima com exclusão". *Folha de S. Paulo*, 02 fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/0513.htm>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Comparação

Nesse caso, parte-se de uma comparação a fim de introduzir o assunto do texto. Observe como, a seguir, para tratar dos problemas da educação atual, o autor parte de uma comparação entre os índices de evasão escolar e analfabetismo de hoje e os índices da década passada.

É impressionante o avanço do Brasil na correção do fluxo escolar. Há pouco mais de dez anos, tínhamos uma pirâmide: os alunos da primeira série eram quase o dobro do universo da quarta. Hoje, a pirâmide virou um pilar – são aproximadamente 3,8 milhões de alunos em cada um dos anos iniciais. Mas o pilar é mais grosso do que deveria – cerca de 500 mil a mais em cada série – e permanecem fortes os indicadores de distorção.

OLIVEIRA, João Batista Araujo e. "Repetência e alfabetização". *Folha de S. Paulo*, 27 jan. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz270109.htm>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Retomada de um provérbio

Nesse tipo de introdução, o autor apropria-se de um provérbio, normalmente, a fim de mostrar que ele de fato é válido ou para dar-lhe ressignificação. No trecho a seguir, introdução de um texto motivacional, o autor usa um provérbio para fundamentar seu ponto de vista. Observe:

O ditado "os últimos serão os primeiros" merece pelo menos duas interpretações. A primeira, mais moderna, é a de que aquele que resistir mais ficará até o final e, com isso, será merecedor do título de primeiro lugar. É a história de um torneio, quando valem a resistência e a perícia – portanto, vencem as pessoas dotadas de mais determinação e com melhor preparo. Estas vão até o fim em seus objetivos e costumam ser as primeiras nas disputas da vida.

MUSSAK, Eugenio. "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura". Disponível em: <http://www.sapiensapiens.com.br/site/agua-mole-em-pedra-dura>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Sempre que você usar esse recurso, não escreva o provérbio simplesmente. Faça um comentário sobre ele para questionar a ideia de lugar-comum que todos eles trazem. Observe como, no trecho a seguir, o autor usa o lugar-comum mas deixa claro a seu leitor que está fazendo isso propositalmente.

"Respeito é bom e eu gosto", diz uma das mil frases feitas – esse sutil veneno ou pontapé no estômago – que pontilham nossa sabedoria dita popular. Vale para muitos aspectos da nossa vida. Vamos ver alguns.

LUFT, Lya. "Respeito é bom". *Veja*. 18 nov. 2009. Acesso em: 08 nov. 2010.

Ilustração

Nesse caso, usa-se um trecho descritivo-narrativo para ilustrar o assunto do texto, que é apresentado, de modo mais objetivo, logo em seguida. Isso ocorre na introdução a seguir, em que, depois de visualizar a cena, o leitor é informado que se trata do funcionamento de uma invenção que possibilita reabilitação de crianças deficientes. Observe:

Diante de um computador conectado a uma câmera, crianças são convidadas a tocar em cartões de papel espalhados em uma mesa. Apenas com um leve ralar da ponta do dedo, aparecem os sons de instrumentos de corda, de sopro e de percussão – e, com o tempo, vem a melodia.

Em fase de patenteamento, a invenção, desenvolvida num laboratório da USP, não foi imaginada para criar música – mas um truque para estimular o exercício de quem quase não consegue mexer o corpo, preso numa cadeira de rodas.

DIMENSTEIN, Gilberto. "Notas altas". *Folha de S. Paulo*, 13 jan. 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1301201006.htm>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Referência à produção cultural (romances, poemas, filmes, obras arquitetônicas, telas, esculturas)

Nesse tipo de introdução, faz-se uma referência a qualquer produção cultural elaborada ao longo da história, o que inclui obras da literatura, da música, do cinema, do teatro, das artes plásticas e da arquitetura. Nesse caso, o autor ressalta um elemento da obra que possa articular-se ao tema do texto.

Na introdução a seguir, o autor faz referência a uma cena do filme *A bruxa de Blair*, em que uma personagem, perdida com amigos em uma floresta temperada, afirma que bastaria andarem uma hora em linha reta para estarem salvos. Nesse texto, o autor defende que ecologistas estrangeiros deviam lutar também pelas florestas temperadas, quase extintas, em vez de lutarem unicamente por florestas tropicais como a Amazônia. Observe:

> No filme *A bruxa de Blair*, sucesso de bilheteria do cinema alternativo americano, há uma cena que fez meu sangue de ecologista amador brasileiro e defensor do crescimento sustentável literalmente borbulhar.
>
> Os três estudantes do longa estão totalmente perdidos numa floresta da Nova Inglaterra e a garota começa a entrar em pânico achando que nunca mais sairia daquela selva. Seu colega então diz algo parecido com: "Não seja idiota, nós destruímos todas as nossas florestas temperadas. É só andarmos meia hora em linha reta que logo sairemos daqui".
>
> KANITZ, Stephen. "Salvem as florestas temperadas". *Veja*, n. 40 de 8 out. 2003, p. 22.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

IDENTIFIQUE o modo pelo qual os textos I e II a seguir foram estruturados.

Texto I

Minha vida

Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso de amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como os fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.

Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase – êxtase tão grande que sacrificaria o resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abranda a solidão – aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.

Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.

Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos – odiosa carga para seus filhos – e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformam em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.

Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida.

RUSSELL, Bertrand. *Revista mensal de cultura.* Enciclopédia Bloch, n. 53, set. 1971. p. 83.

Texto II

Nascimento e morte do Universo

Os cosmólogos sentem-se hoje muito perto de poder responder à velha pergunta dos filósofos: de onde viemos, para onde vamos? Não é necessário ser um homem de ciência para ter ouvido falar do *Big Bang*, expressão que descreve o nascimento do Universo sob a forma de uma bola de fogo, há cerca de 15 bilhões de anos. Mas mesmo entre os estudiosos, são poucos os que sabem algo mais acerca dessa teoria.

A tese que liga o nascimento do Universo a seu fim deve muito à combinação de duas grandes conquistas da física do século XX: a relatividade geral e a teoria dos quanta. Pesquisadores como Jayant Narlikar, da Índia, e Jim Hartle, da Califórnia, assim como diversos especialistas soviéticos, deram sua contribuição. Mas aquele cujo nome está mais estreitamente associado a essa descoberta é Stephen Hawking, da Universidade de Cambridge, no Reino Unido.

Hawking é, certamente, muito conhecido hoje como o autor de um *best-seller* sobre a natureza do tempo, mas também como vítima de uma doença que o confina a uma cadeira de rodas, podendo comunicar-se apenas com os movimentos de uma das mãos, da qual se serve para soletrar laboriosamente palavras e frases com a ajuda de um pequeno computador. Mas muito antes de ter atingido a celebridade, Hawking já havia sido reconhecido por seus pares como um dos mais originais e bem-dotados pensadores de sua geração. Durante 20 anos, seus trabalhos concentraram-se no estudo da singularidade – isto é, um ponto de matéria de densidade infinita e de volume nulo, como deve existir (segundo a teoria geral da relatividade) no coração dos buracos negros, ou tal como deve ter existido na origem do Universo.

O Universo pode ser descrito, na verdade, com as mesmas equações de um buraco negro. Um buraco negro é uma região do espaço na qual a matéria está de tal forma concentrada, e exerce uma força de atração gravitacional tão poderosa, que a própria luz não pode se afastar de sua superfície. Os objetos exteriores podem nele se aglutinar, mas nada do que existe em um buraco negro pode ser diretamente percebido do exterior. Um buraco negro pode-se formar quando uma estrela um pouco mais maciça que nosso sol, chegando ao fim da vida, contrai-se sobre si mesma.

As equações da relatividade geral mostram que toda estrela que se "colapsa" no interior de um buraco deve efetivamente se contrair até o estado final de uma singularidade.

Os estudiosos desconfiam das singularidades, e mais genericamente das equações contendo quantidades infinitas: eles tendem a considerá-las como um indício de que há alguma falha em seus cálculos. Mas, uma vez que a relatividade geral já havia demonstrado brilhantemente sua veracidade, tiveram que se resignar a aceitar a idéia das singularidades, das quais ela prediz a existência. É nesse ponto que Hawking coloca fogo nas cinzas: ele mostra que as equações em virtude das quais se prova que o colapso de uma estrela produz uma singularidade levam igualmente a pensar no nascimento do Universo a partir de uma singularidade.

GRIBBIN, John. In: *O correio da Unesco,* n. 7, jul. 1990. p. 36-37.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (Unicamp-SP–2007) Em 7 de agosto de 2006, foi publicada, no jornal *Correio popular de Campinas*, a seguinte carta:

> Li reportagem no jornal e me surpreendi, pois moro próximo ao local de infestação de carrapatos-estrela no Jardim Eulina, e sei que existem muitas capivaras, mesmo dentro da área militar. Surpreendi-me ainda ao saber que vão esperar o laudo daqui a 15 dias para saber por que ou do que as pessoas morreram. Gente, saúde pública é coisa séria! Não seria o caso de remanejar esses bichos imediatamente, como prevenção, uma vez que estão em zona urbana?
>
> (Carrapatos, M., M.).

A) Na carta, a que se refere a expressão "esses bichos"? **JUSTIFIQUE** sua resposta.

B) A compreensão da carta pode ser dificultada porque há nela vários implícitos. **APONTE** duas passagens do texto em que isso ocorre e **EXPLIQUE** sua resposta.

C) Que palavra da carta justifica a referência a "saúde pública"?

02. (FAME-MG–2011) O mundo contemporâneo apresenta inovações tecnológicas surpreendentes. Muitas delas, porém, não são utilizadas em benefício do bem-estar da humanidade. Com base no seu ponto de vista sobre o assunto, escreva uma dissertação com uma média de 20 (vinte) linhas abordando o seguinte tema:

> Tecnologias de comunicação: os dois lados da moeda

03. (UFSJ-MG–2011) Elabore um dissertação, com cerca de 20 linhas, na qual você discuta se a habilidade de escrita pode ser um diferencial entre profissionais e como essa habilidade teria impacto no mercado de trabalho atual.

LEMBRE-SE: tema não é título. Portanto, não se esqueça de dar um título a sua redação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UPE–2010)

Texto I

Conter a obesidade é um desafio tão urgente para o Brasil quanto acabar com a fome. Ninguém sabe ao certo quantos são os famintos brasileiros, mas o programa Fome Zero pretende atingir 44 milhões de pessoas. Por outro lado, o contingente com excesso de peso já ultrapassa a assustadora marca dos 70 milhões – cerca de 40% da população. Não há dúvida: o Brasil que come mal é maior do que o Brasil que tem fome. Apesar do tamanho do problema, falta ao país um esforço maciço de combate ao flagelo da gordura, que abre caminho para o surgimento de mais de 30 doenças e sobrecarrega o orçamento da saúde com internações hospitalares que poderiam ser evitadas. "As autoridades não podem achar que há contradição entre atacar a fome e a obesidade ao mesmo tempo", comenta o endocrinologista Walmir Coutinho, "mas os dois são problemas complementares."

Mesmo entre os pobres, a ocorrência de excesso de peso supera a fome. "Nas favelas, verifica-se que a obesidade é mais prevalente que a desnutrição", comenta Coutinho. Nos últimos 20 anos, a obesidade infanto-juvenil cresceu 66% nos Estados Unidos e desencadeou uma batalha jurídica contra as cadeias de *fast-food* semelhante à guerra contra o tabaco. No Brasil, o crescimento ocorreu com um ritmo especialmente acelerado nas camadas sociais mais baixas. A consciência do problema ainda é incipiente, embora a Organização Mundial de Saúde tenha declarado a obesidade uma epidemia global que ameaça principalmente os países em desenvolvimento. Dos 6 bilhões de habitantes do planeta, 1,7 bilhão está acima do peso. A exportação do modelo americano de progresso – urbanização, proliferação de carros, *junk food* e longas jornadas de trabalho em frente ao computador – leva países emergentes, como Brasil, Índia e África do Sul, a um paradoxo. Em duas gerações, grande parte da população passou da desnutrição à obesidade porque teve acesso a grande quantidade de comida barata e ruim, industrializada, cheia de gorduras e açúcar.

O resultado é desastroso: as pessoas ganham peso sem acumular nutrientes essenciais. A classe média e os ricos encontram meios eficazes de combater a obesidade, responsável por 30% das mortes no Brasil. Podem pagar por programas de emagrecimento e atividade física não acessíveis aos menos favorecidos. Por isso, cada vez mais a obesidade estará relacionada à pobreza. "A fome é uma tragédia que precisa ser combatida, mas a obesidade atinge ainda mais gente no Brasil e acarreta um ônus mais elevado", comenta o endocrinologista Alfredo Halpern, um dos fundadores da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade.

A gravidade da situação exige um esforço articulado de saúde pública e medidas criativas.

Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT590194-1653,00.html>.

01. A análise de aspectos globais do texto, tais como os sentidos expressos, as intenções, o tipo e o gênero em que ele se manifesta, nos leva a concluir que

I. o trecho que poderia expressar a ideia central defendida no texto é: "os ricos encontram meios eficazes de combater a obesidade, responsável por 30% das mortes no Brasil. Podem pagar por programas de emagrecimento e atividade física não acessíveis aos menos favorecidos."

II. se trata de um texto do tipo narrativo, do gênero notícia, cujo enredo envolve um cenário (a realidade brasileira) e personagens facilmente identificáveis (entre eles, por exemplo, o endocrinologista Walmir Coutinho).

III. predomina no texto uma linguagem com função referencial. Nesse sentido, justifica-se o uso de dados e informações objetivos, quantitativamente expressos, e respaldados por opiniões abalizadas de especialistas.

IV. aparecem no texto evidências de intertextualidade. Com efeito, algumas passagens do texto remetem, explicitamente, a outros textos pertinentes ao tema tratado. Além disso, o texto mobiliza o nosso conhecimento prévio acerca de muitos itens.

V. a linguagem usada no texto se reveste de um caráter de formalidade, na medida em que se ajusta às suas condições sociais de circulação: está publicado em um órgão de informação e destina-se a um público mais escolarizado.

A afirmativa é **VERDADEIRA** apenas nos itens

A) I, II e III.
B) I, II e IV.
C) II, III e IV.
D) III, IV e V.
E) I, IV e V.

02. Considerando o núcleo das ideias e as intenções pretendidas pelo autor, é adequado para título do texto:

I. A premência de uma guerra contra o tabagismo: por mais elevado que seja o ônus previsto.

II. Um desafio urgente para o Brasil pode estar na superação de um paradoxo: "carência" e "excesso".

III. Internações hospitalares sobrecarregam o orçamento da saúde: o desafio que precisa ser enfrentado com urgência.

IV. O ônus da pobreza: o ritmo especialmente acelerado da população desnutrida nas favelas brasileiras.

V. A exportação do modelo americano de progresso ameaça a mesa dos brasileiros: a iminência de um problema bem pouco percebido.

Seriam títulos **ADEQUADOS** ao texto

A) I, II e III.
B) I, II e IV.
C) II, III e IV.
D) III, IV e V.
E) II e V.

03. Todo texto é marcado por uma continuidade e uma unidade que se manifestam, desde a sua superfície, pelo uso de diferentes recursos lexicais e gramaticais. Essa continuidade e essa unidade constituem as propriedades da coerência e da coesão do texto. Nesse sentido, analise as observações que são feitas a seguir.

I. Quanto à unidade temática do texto, percebe-se que a questão tratada se bifurca numa relação paradoxal: por um lado, os que têm fome; por outro, os que sofrem de obesidade. No meio, a ideia de que a obesidade não é prerrogativa dos ricos.

II. O paralelismo expresso na comparação: "Não há dúvida: o Brasil que come mal é maior do que o Brasil que tem fome." reitera o ponto de vista que dá unidade de sentido ao texto. Essa reiteração assegura a coesão e a coerência do texto.

III. No início do penúltimo parágrafo, o autor afirma: "O resultado é desastroso: as pessoas [...]". A compreensão do termo sublinhado resulta do conhecimento do vocabulário, de maneira que não é necessário voltar a partes anteriores do texto para identificar o objeto referido.

IV. A concentração lexical do texto em palavras da mesma área semântica (como saúde, obesidade, gordura, comida, fome, desnutrição, etc.), associada a outros recursos da coesão, concorre para a sustentação de sua coerência global.

V. Como conclusão, o texto fala em: "A gravidade da situação". Mas que "situação"? O autor supõe que o leitor, encadeando diferentes pontos do texto, é capaz de identificar o objeto que está sendo referido na expressão grifada.

Assinale a alternativa que apresenta as afirmativas **CORRETAS**.

A) II, III, IV e V, apenas.
B) I, II, IV e V, apenas.
C) I, II e III, apenas.
D) I, II e V, apenas.
E) I, II, III, IV e V.

04. Apoiados no contexto global em que o texto se desenvolve, podemos reconhecer, entre orações, relações semânticas decorrentes do uso de determinadas expressões sintáticas. Analise os comentários que são feitos acerca dessas relações.

I. Em: "Conter a obesidade é um desafio tão urgente para o Brasil quanto acabar com a fome.", o autor recorre a uma comparação, a qual está explicitamente sinalizada.

II. Em: "Não há dúvida: o Brasil que come mal é maior do que o Brasil que tem fome.": os dois fragmentos sublinhados têm um sentido de restrição. Por isso não estão separados por vírgula.

III. Em: "A consciência do problema ainda é incipiente, embora a Organização Mundial de Saúde tenha declarado a obesidade uma epidemia global": o segmento sublinhado expressa um sentido de concessão, em relação ao anterior. A expressão "ainda que" também estaria adequada a esse contexto.

IV. Em: "A exportação do modelo americano de progresso [...] leva países emergentes <u>como Brasil, Índia e África do Sul</u> a um paradoxo": o trecho grifado expressa uma relação de causalidade.

V. Em "O resultado é desastroso: as pessoas ganham peso sem acumular nutrientes essenciais", o uso dos dois pontos expressa a mesma função semântica de uma expressão explicativa.

Estão **CORRETOS** os comentários feitos apenas nos itens

A) I, II, III e V.
B) I, II e V.
C) II, III, IV e V.
D) II, III e IV.
E) III, IV e V.

Texto II

Eufemismo e classe social

Entende-se por eufemismo a figura de linguagem que atenua a dureza de alguma afirmação. Por isso, muitos a chamam de "a linguagem dos educados", uma vez que, em geral, se constitui falta de educação e de sensibilidade o emprego de determinados vocábulos que certamente causarão dissabores aos envolvidos num processo de comunicação, em determinadas circunstâncias.

Contudo, se refletirmos sobre nossa atual realidade, perceberemos que tal figura de linguagem tem sido constantemente utilizada para fazer uma preconceituosa separação entre classes sociais deste país repleto de desigualdades.

Abro parênteses apenas para comentar que preconceitos na língua portuguesa existem e precisam ser combatidos. Um bom exemplo de preconceito social refletido na forma de falar é o do personagem Chico Bento, de Maurício de Sousa. A este personagem são atribuídos valores de linguagem diferentes, se os compararmos aos dos demais personagens, apenas por ele retratar uma criança que mora no interior.

Não é difícil constatar preconceitos sociais através do emprego vocabular de muitas pessoas. Ora, por que os veículos de comunicação em geral usam expressões diferenciadas para referir-se, por exemplo, ao ato de roubar? Não há como discordar que as expressões "roubo" e "desvio de verbas" têm, praticamente, o mesmo valor semântico, mas causam impactos totalmente diferentes.

Se nos questionarmos sobre o porquê da diferença vocabular no tratamento de pessoas com escolaridades ou contas bancárias menores às de outros, identificaremos eufemismos utilizados de maneira a evidenciar muitos preconceitos de ordem social. Através de um olhar mais atento a "detalhes" assim, percebe-se que o eufemismo não é usado apenas por pessoas educadas mas também por pessoas que alimentam preconceitos sociais, infelizmente.

Identificar tais preconceitos abre caminho para discussões e reflexões construtivas sobre as concepções subjacentes à forma como rotulamos as pessoas e as distribuímos em grupos e classes sociais diferentes. A prática do respeito indiscriminado supõe a superação de preconceitos que os eufemismos estrategicamente escondem.

Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?artigo=1495> (Adaptação).

05. No texto I, o autor usa a expressão "os menos favorecidos" para se referir à população pobre do país. De acordo com o texto II, essa escolha vocabular dá oportunidade a que façamos as seguintes considerações:

I. A visão discriminatória de algumas pessoas pode estar refletida na escolha lexical de seu discurso. Embora funcionem como "atenuadores", certas expressões manifestam concepções preconceituosas veladas.

II. A linguagem usada por crianças do interior rural – conforme a teoria da variação linguística – revela que nenhuma manifestação linguística é, intrinsecamente, melhor que outra. A uniformidade das línguas é hoje um mito em dissolução.

III. A ideia de que o "eufemismo é um recurso que atenua a dureza de alguma afirmação" está contida desde a morfologia da palavra: o prefixo "eu" remete para esse aspecto. Tal prefixo também está presente na palavra "eufonia".

IV. O texto II sugere que existem "normas de um bom comportamento linguístico", pelo que certas expressões devem ser socialmente evitadas, embora a intenção maior do texto seja a de demonstrar o viés discriminatório embutido nesse "bom comportamento".

V. Se a língua fosse usada com inteira correção gramatical, não teríamos manifestações linguísticas preconceituosas, pois a norma padrão assegura uma interação verbal socialmente relevante e respeitosa.

São aceitáveis apenas as considerações feitas nas alternativas

A) I e II.
B) I e III.
C) I, II, III e IV.
D) II e V.
E) III, IV e V.

06. No texto II, o leitor poderá encontrar respostas às seguintes perguntas:

I. Qual a classe social em que têm origem os chamados eufemismos e em que, consequentemente, cresce o uso de tais expressões?

II. Pode a linguagem comum prestar-se a criar ou reforçar percepções discriminatórias da realidade?

III. Existem estratégias verbais que representam, socialmente, o uso cortês ou o uso polido da língua?

IV. Duas expressões linguísticas podem corresponder ao mesmo valor semântico, mas provocarem repercussões sociais distintas?

V. Quais as desigualdades sociais que mais diretamente afetam o nível de escolarização da população brasileira?

O texto II traz respostas apenas às perguntas feitas na alternativa

A) II, III e IV.
B) I e III.
C) I, II, III e IV.
D) I, II e V.
E) III, IV e V.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2007)

Texto I

Ninguém = ninguém

Engenheiros do Hawaii

Há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há tanta gente pelas ruas
há tantas ruas e nenhuma é igual a outra
(ninguém = ninguém)
me espanta que tanta gente sinta
(se é que sente) a mesma indiferença

há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há palavras que nunca são ditas
há muitas vozes repetindo a mesma frase
(ninguém = ninguém)
me espanta que tanta gente minta
(descaradamente) a mesma mentira

todos iguais, todos iguais
mas uns mais iguais que os outros

Texto II

Uns iguais aos outros

Titãs

Os homens são todos iguais
[...]
Brancos, pretos e orientais
Todos são filhos de Deus
[...]
Kaiowas contra xavantes
Árabes, turcos e iraquianos
São iguais os seres humanos
São uns iguais aos outros, são uns iguais aos outros
Americanos contra latinos
Já nascem mortos os nordestinos
Os retirantes e os jagunços
O sertão é do tamanho do mundo
Dessa vida nada se leva
Nesse mundo se ajoelha e se reza
Não importa que língua se fala
Aquilo que une é o que separa
Não julgue pra não ser julgado
[...]
Tanto faz a cor que se herda
[...]
Todos os homens são iguais
São uns iguais aos outros, são uns iguais aos outros

Texto III

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

UNESCO. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.

Todos reconhecem a riqueza da diversidade no planeta. Mil aromas, cores, sabores, texturas, sons encantam as pessoas no mundo todo; nem todas, entretanto, conseguem conviver com as diferenças individuais e culturais. Nesse sentido, ser diferente já não parece tão encantador. Considerando a figura e os textos como motivadores, redija um texto dissertativo-argumentativo a respeito do seguinte tema:

O desafio de se conviver com a diferença.

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.

02. Os textos a seguir servem de referência para a proposta de redação.

Texto I

Pedro pedreiro

Chico Buarque

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã, parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro pedreiro fica assim pensando
Assim pensando o tempo passa
E a gente vai ficando pra trás
Esperando, esperando, esperando
Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando o aumento
Desde o ano passado
Para o mês que vem
Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã, parece, carece de esperar também

Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro pedreiro espera o carnaval
E a sorte grande no bilhete pela federal
Todo mês
Esperando, esperando, esperando
Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando aumento
Para o mês que vem
Esperando a festa
Esperando a sorte
E a mulher de Pedro
Está esperando um filho
Pra esperar também

Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=pedroped_65.htm>. Acesso em: 16 jun. 2010.

Texto II

Disponível em: <http://sites.google.com/site/secxxjovens/_/rsrc/1221795506406/Home/2506-caraspintadas.jpg>. Acesso em: 26 jun. 2010.

Texto III

O Brasil tem hoje a segunda pior distribuição de renda do mundo, o maior índice de desemprego de toda a sua história, mesmo assim, a maior parte da sociedade brasileira em seu conformismo colonial insiste em dizer que tudo está bem. Uma grande parte da juventude pobre deste país está entregue ao tráfico de drogas e a *(sic)* prostituição como seus únicos meios de sobrevivência e, *(sic)* os filhos dos ricos, *(sic)* apostam no consumismo como terapia alienante que tapam seus olhos para aquilo que a maioria da sociedade não quer ver nem discutir, pois, mimetizados por um transe fetichoso *(sic)* não se dão conta da gravidade da crise social que vivemos.

LIMA, Mariano de. "Conformismo colonial". Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/01/342363.shtml>. Acesso em: 26 jun. 2010.

Texto IV

Li um artigo recentemente em que se afirmava que não se fazem mais jovens como antigamente: jovens engajados, que lutam por uma grande causa, que querem melhorar e revolucionar o mundo. O artigo acusava a nova geração de "estar com nada", preocupada somente com o futuro emprego e o umbigo. Trinta anos atrás, 20% de meus colegas de faculdade, pelo menos os que se achavam mais inteligentes, eram de esquerda. Queriam mudar o mundo, salvar o Brasil, expulsar o FMI e acabar com a pobreza. Cabulavam as aulas e viviam no centro acadêmico com pôsteres de Che Guevara discutindo como tomar o poder. A idéia de ajudar os outros fazendo trabalho voluntário na periferia nem lhes passava pela cabeça.

[...]

Talvez meus colegas de Harvard não tivessem coração trinta anos atrás, mas tampouco tinham competência para mudar o mundo e acabar com a pobreza. Faltava-nos na época conhecimento para tocar um botequim, muito menos uma revolução.

Por isto eu prefiro a nossa nova geração. As pessoas não são de esquerda nem de direita, nem agüentam mais essa discussão. Não pretendem mudar o mundo, querem primeiro mudar o bairro, para depois mudar seu Estado e o país. Querem se tornar competentes para, então, até mudar o mundo, paulatinamente, ao longo da vida.

A nova geração está desencadeando uma revolução de cidadania, usando o cérebro e o coração para o voluntariado, engajando-se no terceiro setor, cada um fazendo sua parte. Não ficou somente no discurso, partiu direto para a ação.

Em minha opinião, nossa nova geração está com tudo, e deveríamos ficar orgulhosos por não se fazerem mais jovens como antigamente.

KANITZ, Stephen. "Nossa nova geração". *Veja*, edição 1717, ano 34, n. 36, 12 set. 2001 (Adaptação).

Proposta de redação

Considerando a leitura dos textos anteriores, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema:

> O conformismo na sociedade brasileira: como mudar as regras desse jogo?

Instruções:

- Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista, elaborando propostas para a solução do problema discutido em seu texto. Suas propostas devem demonstrar respeito aos direitos humanos.
- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- O texto **não** deve ser escrito em forma de poema (versos) ou de narrativa.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.
- Dê um título a seu texto.

GABARITO

Fixação

01. A) Apesar de haver duas possibilidades de referência (carrapatos-estrela e capivaras) para "esses bichos", como a expressão é precedida pelo verbo "remanejar" e relacionada a uma prática de prevenção, não há a possibilidade de leitura de "remanejamento de carrapatos como prevenção", portanto, "esses bichos" refere-se a capivaras. Outra justificativa possível é que a referência está na expressão mais próxima.

    B) Entre outras possibilidades, em "moro próximo ao local de infestação de carrapatos-estrela no Jardim Eulina, e sei que existem muitas capivaras" não é explicitada a relação entre os carrapatos e as capivaras (sabe-se que as capivaras, são hospedeiras de carrapatos-estrela transmissores da febre maculosa). Em "vão esperar o laudo daqui a 15 dias para saber por que ou do que as pessoas morreram", tanto a necessidade do laudo quanto a possibilidade da morte não estão explicadas. Também será aceita a indicação da passagem "não seria o caso de remanejar esses bichos imediatamente", conforme discutido na resposta da letra A.

    C) Infestação ou prevenção.

02. A proposta de redação solicita que o aluno redija um texto dissertativo em que aborde o tema "Tecnologias de comunicação: os dois lados da moeda". Desse modo, o texto deve evidenciar os pontos positivos e negativos do desenvolvimento da tecnologia da comunicação. Como pontos positivos, é possível citar, por exemplo, a facilidade de acesso à informação e a otimização da comunicação, relacionando exemplos que as comprovem. Como pontos negativos, é possível citar a perda da privacidade, o perigo de superexposição, o imediatismo que essas tecnologias incentivam, principalmente entre os mais jovens, que já nasceram em meio a computadores, Internet, celulares, etc. É importante que o aluno evidencie o objetivo de seu texto em uma tese clara e que apresente as informações em uma redação coesa, coerente e de acordo com a norma culta.

03. O aluno deve opinar sobre a importância da habilidade de escrita para os profissionais. É possível defender a tese de que essa habilidade só seria importante para o exercício de determinadas profissões e dispensável para o exercício de outras. Mais coerente com a realidade, entretanto, seria defender que a habilidade de escrita é importante em quase todos os campos de atuação. Profissionais precisam costumeiramente redigir relatórios, fazer solicitações formais e comunicar-se com superiores e colegas. Essas exigências aumentam a cada dia, tendo em vista os processos de informatização das empresas, com a criação de *e-mails* institucionais, por exemplo. Em todos esses casos, é importante que o profissional saiba expressar-se em textos claros, objetivos, bem organizados e com correção gramatical. Desse modo, a habilidade de escrita pode ser um diferencial não apenas no momento de contratação, mas também na permanência no emprego, no bom desempenho das funções e na imagem do profissional. Vale lembrar que a dissertação deve ser redigida em conformidade com a norma culta padrão e apresentar os argumentos de modo bem organizado.

Propostos

01. D 02. E 03. B 04. A 05. C 06. A

Seção Enem

01. Os textos motivadores chamam a atenção para os conceitos de igualdade e diversidade, que são entendidos em diversas acepções. A igualdade, no sentido de equidade e justiça, deveria ser direito de toda a humanidade, mas o que se percebe é que "uns são mais iguais que os outros", o que significa que, na prática, as pessoas ainda são diferenciadas, e que umas detêm privilégios – de diversas naturezas – em relação a outras. O texto II, por exemplo, mostra que as pessoas são igualadas, mas na sua miséria: os retirantes, os latinos, os árabes, os índios são iguais, pois são todos discriminados. Partindo dessa realidade excludente, o aluno deve refletir sobre o desafio de se conviver com a diferença. O tema "diferença" é tratado de forma bastante abrangente, o que permite ao aluno tratar de diversos tipos de diferenças: raciais, religiosas, sociais, políticas, entre outras. É interessante pensar nos fatores que podem motivar essa realidade de exclusão – preconceito, medo, intolerância – e em medidas que possam atenuar esse quadro (como políticas afirmativas, por exemplo). O aluno deve, ainda, evidenciar em seu texto a importância de se valorizar uma sociedade plural, como aponta o texto da UNESCO.

02. O aluno deve apresentar propostas de combate ao conformismo na sociedade brasileira. O primeiro texto da coletânea, uma letra de canção de Chico Buarque, apresenta uma personagem cuja principal característica é o conformismo; característica essa que também identificará a descendência de Pedro Pedreiro. O segundo texto expõe a atuação de jovens e da população brasileira no processo de *impeachment* de Collor. O terceiro texto apresenta uma série de generalizações que classificam os jovens pobres como marginais, drogados e prostituídos e os jovens ricos como alienados e consumistas. O quarto texto faz uma comparação entre duas gerações de jovens e, nele, o autor afirma que, sem os discursos inflamados dos jovens de outra geração, os jovens da atualidade revolucionam por meio do exercício da cidadania.

    Com base nesses textos, o aluno deverá expor suas propostas contra o conformismo. Deve-se notar que, principalmente, o quarto texto aponta uma proposta viável e relativamente simples, a qual consiste na atuação da sociedade civil no terceiro setor, ou seja, unida em organizações não governamentais, patrocinadas (ou não) pela iniciativa privada. As propostas contra o conformismo a serem apresentadas na redação podem respaldar essa sugestão. Vale lembrar que o aluno deverá explicitar a tese de seu texto – a base de sua proposta de intervenção – de maneira clara e desenvolvê-la com estratégias argumentativas adequadas, em um texto coeso e coerente.

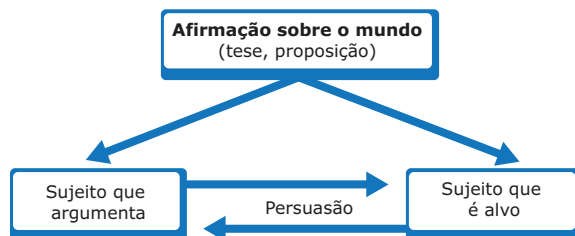
LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 08 | FRENTE A

Estratégias argumentativas

Anteriormente, você conheceu uma série de orientações para estruturar um texto dissertativo-argumentativo e apresentar suas ideias de modo coeso e coerente. Você já sabe que precisa dominar o uso de mecanismos linguísticos que permitam formalizar, em um texto verbal, aquilo que você pretende expor sobre um assunto qualquer. Sabe, também, que não pode apresentar aleatoriamente informações relacionadas ao assunto, mas que deve selecionar e expor aquelas que, em conjunto, melhor sirvam ao propósito de convencer o leitor. Neste módulo, você vai conhecer algumas noções que são importantes no momento de definir qual é a melhor maneira de persuadir o leitor.

É preciso estar ciente de que, para persuadir, devem-se apresentar argumentos que sejam aceitáveis pelos receptores do texto, ou seja, quem escreve deve estar atento não somente ao tema, mas também ao leitor, para que a comunicação ocorra de forma adequada.

Desse modo, seria possível representar a estrutura da argumentação no esquema seguinte:

Como você verá neste módulo, a forma de persuadir é também responsável pela estruturação do texto, pois é a partir dela que se definem as estratégias argumentativas para defender a tese. Apresentaremos, assim, algumas orientações para que você possa ter maior consciência das possibilidades discursivas ao tentar convencer seu leitor.

NATUREZA DOS ARGUMENTOS

Em textos dissertativos ou argumentativos, o produtor deve sempre ter a intenção de apresentar ideias que conduzam a uma conclusão já prevista e objetivada por ele. Para isso, deve refletir sobre a melhor forma de argumentar, o que implica levar em conta o perfil do leitor ao qual se dirige o texto.

Diferentes públicos leitores exigem diferentes formas de argumentar. Por isso, em publicidades e propagandas – textos essencialmente persuasivos – , elegem-se diferentes estratégias argumentativas de acordo com o público que se pretende atingir. Da mesma forma, é comum haver textos dissertativo-argumentativos que tratam de um mesmo assunto de modos distintos. Se você ler dois artigos sobre um mesmo tema, publicados em diferentes suportes – duas revistas como *Veja* e *Capricho*, por exemplo, ou dois jornais como a *Folha de S. Paulo* e *Folha Universal* – perceberá que a natureza da abordagem é bastante distinta. Pode-se dizer que a revista *Capricho* e a *Folha Universal* dirigem-se a grupos mais restritos de leitores – adolescentes e fiéis, respectivamente –, enquanto a *Folha de S. Paulo* e a *Veja* são publicações para um grupo bem mais abrangente de pessoas.

Observe os textos a seguir, ambos sobre o filme *Crepúsculo*, o primeiro publicado na revista *Capricho*, e o segundo, na revista *Veja*.

Crepúsculo, o filme, é super emocionante!

Na telona, *Crepúsculo*, que estréia dia 19 de dezembro nos cinemas de todo o Brasil, faz jus ao sucesso dos livros da autora Stephenie Meyer e traz muito romance misturado com suspense.

Crepúsculo não é uma superprodução com efeitos especiais incríveis, mas o filme consegue fazer qualquer um suspirar de amores por duas horas seguidas. Uma galera da CAPRICHO já viu o filme e perdeu as contas de quantas vezes teve os olhos cheios de lágrimas durante a sessão.

Afinal, a história de Edward e Bella no cinema ganha vida, é linda, as cenas assustam e encantam.

[...]

Os vampiros são os mais lindos da escola.

Nos livros, a autora já adianta que os vampiros são lindos e superatraentes. Mas até ver o filme não dá pra ter a noção exata. Em uma das cenas de *Crepúsculo*, os Cullen entrando no refeitório da escola de Forks (*sic.*). Emmet e Rosalie são maravilhosos, Jasper e Alice carregam toda uma delicadeza no rosto e Edward... ah, nem precisa contar, né? Ele é MESMO incrível!

Um namoro estranho e... fofo!

Bem que Edward tenta, mas não consegue ignorar Bella. Depois de revelar seu segredo, os dois começam a se ver com mais freqüência e o clima de romance domina. Num dos momentos do filme, Edward invade o quarto de Bella e os dois se beijam. Sabe o que é mais fofinho? Edward fica o tempo todo encanado em "resistir" a Bella, pensando que se tocá-la, a fará algum mal.

[...]

CAPRICHO. 10 dez. 2008.
Disponível em:<http://capricho.abril.com.br/famosos/crepusculo-filme-super-emocionante-418379.shtml>.
Acesso em: 08 nov. 2010 (Adaptação).

Os mortos também amam

Crepúsculo*, a adaptação do primeiro livro da série da escritora Stephenie Meyer sobre um vampiro adolescente e sua paixão impossível, é mesmo um fenômeno: agrada ao público jovem pregando a virtude e a castidade.*

[...]

Não há, na história de *Crepúsculo* (*Twilight*, Estados Unidos, 2008), que estréia nesta sexta-feira no país, nem um traço de ironia. Amor é amor mesmo, renúncia também. E essa talvez seja a chave do sucesso tanto da série escrita pela americana Stephenie Meyer, que já vai pelo quarto livro, quanto desta adaptação de seu primeiro episódio: devolver a uma geração de adolescentes um tipo de romantismo que parecia descartado – o tipo que crê nos sentimentos genuínos, e que prega esperar não apenas pela pessoa certa, mas pela hora certa.

[...]

O fato de *Crepúsculo* ser um filme assim sincero (além de barato, a um custo de 37 milhões de dólares, já quase quintuplicados em três semanas desde seu lançamento) não quer dizer que se exima de recorrer a um truque oportunista já consagrado em outras produções primordialmente destinadas à platéia feminina. Interpretado por Robert Pattinson, que foi o Cedric Diggory de *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, Edward é alto, tem traços aristocráticos, gosto impecável (vampiros, como é sabido, têm grande senso *fashion*) e olhos que queimam quando se olha dentro deles. Kristen Stewart, como Bella, é independente, curiosa e graciosa – mas não mais do que graciosa. Juntar atores de beleza extrema a atrizes de beleza simplesmente humana é uma maneira eficaz de telegrafar a mensagem de que mesmo quem não tem porte de princesa pode achar um príncipe para chamar de seu. Ainda que ele esteja mais morto do que vivo.

VEJA. 17 dez. 2008. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/171208/p_172.shtml> (Adaptação).

Ao redigir um texto dissertativo ou argumentativo, você deve ter em mente que escreve para um leitor cujo perfil é parecido com o do leitor de uma revista ou jornal de grande circulação, ou seja, letrado e capaz de julgar a consistência e a relevância das ideias apresentadas no texto, de modo que o excesso de emotividade ou de dogmatismo, por exemplo, poderia comprometer a persuasão.

Desse modo, procure fundamentar sua argumentação, principalmente, em:

Argumentos de valor universal

São aqueles irrefutáveis, que permitem ao autor obter prontamente a adesão do receptor.

Quando se afirma, por exemplo, que só se pode considerar como realmente alfabetizada a pessoa que consegue entender o que lê, tem-se um argumento de valor universal. De forma contrária, dizer que a falta de recursos econômicos obriga as pessoas a entrarem no mundo do crime não seria um bom argumento, porque se fundamenta em uma concepção individual e não se aplica a todos os casos. Evite, portanto, fazer afirmações baseadas em emoções, sentimentos e crenças, pois são argumentos de natureza pessoal que não garantem a adesão de todas as pessoas.

Dados colhidos na realidade

São dados empíricos de conhecimento de todos.

Em uma situação concreta de produção de texto, para obter dados reais, você pode utilizar seu conhecimento de mundo ou encontrar pistas deixadas nos textos motivadores. Vale observar, entretanto, que dados não são apenas aqueles expressos em números e porcentagens; podem ser também referências históricas, políticas, filosóficas, etc. Sendo assim, será capaz de argumentar melhor aquele que souber colher na realidade ou nos textos motivadores as informações corretas para fundamentar seu ponto de vista. Você deve ter sempre em mente que uma boa argumentação não pode basear-se em informações cuja comprovação não possa ser feita.

Citações de autoridades

São afirmações de pessoas cuja autoridade na área é conhecida e que, portanto, conferem credibilidade à argumentação utilizada pelo autor do texto.

Para que você seja capaz de fazer citações, procure manter-se informado, ler, prestar atenção às notícias e temas que estão em evidência. A referência a uma afirmação de um especialista ou de uma autoridade política são exemplos de informações que podem ser usadas para argumentar. Em uma redação, não é preciso citar exatamente aquilo que foi dito, mas apenas situar o leitor para que ele possa confiar na informação. Vale ler também os autores clássicos, literários ou não, mas será preciso saber relacioná-los à temática proposta de forma pertinente. Para isso, você precisará saber acionar conhecimentos de diferentes áreas, épocas e naturezas e, mais importante, articulá-los ao tema proposto. Cuide, entretanto, para não deixar, no texto, apenas "belas frases", que não sirvam ao propósito de provar o ponto de vista defendido.

Exemplos e ilustrações

São exemplos conhecidos, fatos que podem servir para ilustrar seu posicionamento, explicação ou análise.

Novamente, nesse caso, é preciso manter-se bem informado sobre os acontecimentos da atualidade. As referências históricas também podem ser usadas como exemplos para ilustrar suas ideias. Não se esqueça, entretanto, de que, independentemente do exemplo escolhido, você deve sempre procurar relacioná-lo ao tema a ser discutido na proposta.

Um texto não precisa basear-se em argumentos de apenas uma dessas naturezas. O mais comum é que o produtor, para fundamentar sua opinião, utilize diferentes tipos de argumentos.

Observe como isso ocorre no texto a seguir, em que o autor expõe sua opinião sobre o fato de o governo brasileiro ter censurado um comercial de cerveja estrelado por Paris Hilton.

Santas e prostitutas

CENSURAR Paris Hilton é um gesto honroso e até higiênico: na sua vulgaridade plástica, Paris Hilton é um insulto à beleza natural das mulheres brasileiras. Fosse eu Presidente da República, e jamais Paris Hilton poderia estrelar em comercial televisivo. Seria como convidar um futebolista californiano para jogar na seleção canarinho.

Acontece que o governo brasileiro não censurou Paris por motivos patrióticos, ou até estéticos, o que seria compreensível. Censurou por motivos éticos. Eis a história: Paris foi convidada para fazer campanha publicitária de uma cerveja. O filme mostra Paris, em hotel carioca, colada à janela do quarto, passando a lata da bebida pelo corpo. Simula prazer. [...]

Uma coisa é ter mulheres na praia, seminuas, bebendo vários barris de cerveja. Outra, bem diferente, é ter uma mulher de vestido negro, na janela de um quarto de hotel, com uma lata de cerveja na mão. Para os moralistas da cerveja, na praia vale tudo. No quarto, não vale nada. E quando surge uma imagem demoníaca dessas, a solução é proibir. Na cabeça deles, a imagem degrada as mulheres e, em especial, a mulher loira, universalmente considerada a versão feminina de Forrest Gump.

Texto	Estratégia
Não vale a pena perder tempo com a profunda contradição do raciocínio: a sexualização onipresente na cultura popular brasileira faz de Paris Hilton um hino à castidade*. **Mas vale a pena perder tempo com a natureza paternalista de um governo que ressuscita os piores clichês do feminismo rasteiro para defender a sua dama.**	**TESE**
O que nos disse o movimento feminista que explodiu pelo mundo depois da Segunda Guerra? Não é possível resumir em poucas frases a multiplicidade de argumentos e até de movimentos que marcharam pela causa. **Mas, simplificando, o feminismo apresentava-se às massas com o propósito de "libertar" a mulher, o que implicava enterrar os seus papéis clássicos de subjugação falocêntrica.**	**Dados colhidos na realidade**
As grilhetas femininas não estavam apenas em casa: **na humilhação de cozinhar para o homem, de criar os seus filhos e de suportar as suas "violações" regulares no leito conjugal (obrigado, Andrea Dworkin).**	**Exemplo**
A libertação implicava também que a mulher deixasse de ser objeto sexual; deixasse de ser "coisa", "carne", "corpo" e passasse a ser "pessoa". **A luta contra a indústria pornográfica, por exemplo, foi um *must* do movimento, sobretudo nos Estados Unidos, e muitas vezes uniu as "revolucionárias" do movimento feminista com a extrema direita religiosa mais reacionária. Ironias da história. Ironias que a notável escritora Camille Paglia sublinhou em textos críticos sobre a condição feminina.**	**Exemplo**
Para Paglia, o movimento feminista, longe de defender a "libertação" das mulheres, apenas pretendia substituir uma forma de autoritarismo por outra. Paglia não nega as provações que as mulheres experimentaram durante grande parte da história. Mas Paglia, ao contrário de Dworkin e suas vestais, entendia que a verdadeira libertação não passava por um novo catálogo de proibições. Passava por dar às mulheres o que estas não tinham anteriormente: escolha e poder. Ou, em linguagem prosaica, se uma mulher deseja ser "coisa", "carne", "corpo", isso não a diminui enquanto "pessoa". Pelo contrário: é uma poderosa manifestação de autonomia e, no limite, de domínio sobre aquele que a deseja. **Liberdade não é impor um único padrão de comportamento. Liberdade é, precisamente, não impor nenhum.**	**Citações de autoridades** **Argumentos de valor universal**
Proibir o comercial de Paris Hilton em nome da "dignidade das mulheres" é, tão simplesmente, um insulto às mulheres. Um insulto à capacidade destas para decidirem ser o que entenderem: santas, prostitutas, ou nenhuma delas. Para o insulto ser perfeito, só faltava que o governo brasileiro liberasse o comercial sob a condição de Paris Hilton usar burca da cabeça aos pés. Não riam. Brasília está longe de Teerã, sim. Mas o espírito é o mesmo. COUTINHO, João Pereira. *Folha de S. Paulo*, 02 fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0203201017.htm>. Acesso em: 08 nov. 2010.	**CONCLUSÃO** **Reafirmação da tese**

* Observe que o autor, embora diga que não vale a pena "perder tempo com a contradição do raciocínio", ocupou-se até esse trecho do texto em apontar indícios dessa contradição.

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

É possível perceber no texto lido que o autor não apenas apresenta argumentos, mas os desenvolve, de modo a tornar o texto mais persuasivo. É possível usar diversos recursos a fim de defender um ponto de vista qualquer.

A tabela a seguir apresenta algumas estratégias argumentativas que lhe permitirão desenvolver melhor sua argumentação e, assim, seu texto. Atente-se para a aplicabilidade de cada uma dessas estratégias e para alguns dos marcadores sintáticos que permitem introduzi-las.

Tipo	Aplicabilidade	Marcadores Sintáticos
Exemplificação	Busca justificar o ponto de vista defendido por meio de exemplos. Permite hierarquizar informações e dados estatísticos.	*Mais importante que, superior a, de maior relevância que, considerando os dados, conforme informações recentes.*
Apresentação de causas e consequências	Permite a explicação e / ou a justificativa de um fenômeno qualquer, ao evidenciar as relações estabelecidas.	*Porque, visto que, por causa de, em virtude de, em vista de, de tal modo que.*
Explicitação	Tem como finalidade o esclarecimento do ponto de vista apresentado.	*Isto é, haja vista, na verdade, considera-se, denomina-se, segundo, do ponto de vista.*
Enumeração	Consiste na apresentação de uma sequência de elementos que provém uma opinião emitida.	*Primeiro, segundo, antes de, depois de, ao redor, no sul, no norte, ainda, em seguida.*
Comparação	Consiste na aproximação de fenômenos, buscando estabelecer entre eles uma relação de identidade ou distinção.	*Da mesma forma, tal como, assim como, ao contrário, por um lado, por outro lado, mais que, menos que, em contraste.*
Utilização de perguntas retóricas	Consiste no levantamento de questões dirigidas ao leitor, as quais permitem o direcionamento para uma resposta pretendida pelo autor.	*Frases interrogativas, do vocativo e da 1ª pessoa do plural.*
Levantamento de objeções já previstas	Consiste na antecipação de objeções que poderiam servir à contra-argumentação, para refutá-las e evitar contraposição.	*Orações subordinadas adverbiais concessivas.*

Da mesma forma que variam a natureza da argumentação, os autores também usam, em um único texto, mais de uma estratégia argumentativa para desenvolver suas ideias. Observe:

A origem da corrupção	
O Brasil não é um país intrinsecamente corrupto. Não existe nos genes brasileiros nada que nos predisponha à corrupção, algo herdado, por exemplo, de desterrados portugueses.	Levantamento de objeções previstas
A Austrália, que foi colônia penal do império britânico, não possui índices de corrupção superiores aos de outras nações, pelo contrário. Nós brasileiros não somos nem mais nem menos corruptos que os japoneses, que a cada par de anos têm um ministro que renuncia diante de denúncias de corrupção.	Contra-argumentação feita por meio de exemplificação e comparação
Somos, sim, um país onde a corrupção, pública e privada, é detectada somente quando chega a milhões de dólares e porque um irmão, um genro, um jornalista ou alguém botou a boca no trombone, não por um processo sistemático de auditoria. As nações com menor índice de corrupção são as que têm o maior número de auditores e fiscais formados e treinados. A Dinamarca e a Holanda possuem 100 auditores por 100 000 habitantes. Nos países efetivamente auditados, a corrupção é detectada no nascedouro ou quando ainda é pequena. O Brasil, país com um dos mais elevados índices de corrupção, segundo o World Economic Forum, tem somente oito auditores por 100 000 habitantes, 12 800 auditores no total. Se quisermos os mesmos níveis de lisura da Dinamarca e da Holanda, precisaremos formar e treinar 160 000 auditores.	TESE Comparação feita por meio da apresentação de dados exatos da realidade
Simples. Uma das maiores universidades do Brasil possui hoje 62 professores de Economia, mas só um de auditoria. Um único professor para formar os milhares de fiscais, auditores internos, auditores externos, conselheiros de tribunais de contas, fiscais do Banco Central, fiscais da CVM e analistas de controles internos que o Brasil precisa para combater a corrupção.	Apresentação de dados exatos da realidade e de relação de causa
A principal função do auditor inclusive nem é a de fiscalizar depois do fato consumado, mas a de criar controles internos para que a fraude e a corrupção não possam sequer ser praticadas. Durante os anos de ditadura, quando a liberdade de imprensa e a auditoria não eram prioridade, as verbas da educação foram redirecionadas para outros cursos. Como conseqüência, aqui temos doze economistas formados para cada auditor, enquanto nos Estados Unidos existem doze auditores para cada economista formado. Para eliminar a corrupção, teremos de redirecionar rapidamente as verbas de volta ao seu devido destino, para que sejamos uma nação que não precise depender de dedos duros ou genros que botam a boca no trombone, e sim de profissionais competentes com uma ética profissional elaborada.	Explicitação Apresentação de dados da realidade e relação de causa Relação de consequência e comparação
Países avançados colocam seus auditores num pedestal de respeitabilidade e de reconhecimento público que garante a sua honestidade. Na Inglaterra, instituíram o Chartered Accountant. Nos Estados Unidos, eles têm o Certified Public Accountant. Uma mãe inglesa e americana sonha com um filho médico, advogado ou contador público. No Brasil, o contador público foi substituído pelo engenheiro.	Apresentação de dados da realidade Exemplificação e comparação
Bons salários e valorização social são os requisitos básicos para todo sistema funcionar, mas no Brasil estamos pagando e falando mal de nossos fiscais e auditores existentes e nem ao menos treinamos nossos futuros auditores. Nos últimos nove anos, os salários de nossos auditores públicos e fiscais têm sido congelados e seus quadros, reduzidos – uma das razões do crescimento da corrupção. Como o custo da auditoria é muito grande para ser pago pelo cidadão individualmente, essa é uma das poucas funções próprias do Estado Moderno. Tanto a auditoria como a fiscalização, que vai dos alimentos e segurança de aviões até os direitos do consumidor e os direitos autorais.	Explicitação e comparação Relação de causa e consequência Relação de causa e consequência e explicitação
O capitalismo remunera quem trabalha e ganha, mas não consegue remunerar quem impede o outro de ganhar roubando. Há quem diga que não é papel do Estado produzir petróleo, mas ninguém discute que é sua função fiscalizar e punir quem mistura água ao álcool. Não serão intervenções cirúrgicas (leia-se CPIs), nem remédios potentes (leia-se códigos de ética), que irão resolver o problema da corrupção no Brasil. Precisamos da vigilância de um poderoso sistema imunológico que combata a infecção no nascedouro, como acontece nos países considerados honestos e auditados. Portanto, o Brasil não é um país corrupto. É apenas um país pouco auditado.	Explicitação Comparação CONCLUSÃO Reafirmação da tese
VEJA, 02 jun. 1999, p. 21.	

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

IDENTIFIQUE, no texto a seguir, a natureza da argumentação e as estratégias argumentativas usadas pela autora em defesa do ponto de vista apresentado.

Presentão de aniversário

BRASÍLIA – A prisão preventiva do governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, não foi decretada por causa da dinheirama em meias, cuecas, bolsas, haras e mansões, mas, sim, por um outro erro do réu: o suposto suborno do tal jornalista Edson Sombra, o que caracteriza obstrução de Justiça.

Arruda é campeão de ineditismos: o primeiro governador preso na democracia; o único senador a jurar pelos filhos em cima de uma mentira; o que se cerca dos braços direitos dos seus maiores inimigos; e, enfim, o envolvido com a compra de um jornalista, apesar de todas as câmeras, gravações e delações.

Que sirva de exemplo para governadores, senadores, deputados e candidatos em geral. E que sirva de troféu para uma população exausta com o festival de arbitrariedades e de desvio do dinheiro público.

A prisão preventiva dependia da decisão final do ministro Marco Aurélio Melo, do Supremo Tribunal Federal, sobre o pedido de *habeas corpus*. Não importa. Poderia demorar só três horas, cinco horas, dez horas, mas seu efeito ético e de alerta já se irradiava pelo país.

Arruda, que jogou fora a imagem de bom administrador pela ganância, arrogância e descaso pela ética, pode estar abrindo uma lista de novas prisões – em Brasília, onde o governo ruiu e há até a expectativa de intervenção federal. E no país, onde corruptores e corruptos devem ficar com as barbas de molho.

O clima não era de tristeza, era de festa. Entidades como a OAB (advogados), a AMB (magistrados) e a ANPR (procuradores da República) distribuíram notas elogiando o Superior Tribunal de Justiça pela decisão e projetando novos tempos, com menos impunidade e mais rigor contra os poderosos. A dois meses da festa pelo aniversário da "nova capital", agora uma senhora cinquentona, a prisão do governador foi recebida como um tremendo presente: a lei, enfim, começa a valer para todos?

CANTANHÊDE, Eliane. *Folha de S. Paulo*. 12 fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1202201004.htm>.

REDIJA um texto dissertativo em que você exponha seu ponto de vista sobre a(s) causa(s) da corrupção no Brasil.

LEITURA COMPLEMENTAR

Como driblar a falta de argumento

Os retóricos da antigüidade deixaram boas lições de como encontrar idéias para entrar num debate.

Foi uma piada infeliz. Daniella Cicarelli era a entrevistada do *Programa do Jô* (Globo), em outubro. A Jô Soares ela admitiu trapacear no baralho:

– Roubo profissionalmente. Parece que nasci em Brasília.

A declaração ofendeu o Distrito Federal. Deputados cogitaram lei declarando a modelo *persona non grata*. A agência de publicidade Mr. Brain aproveitou a onda para tirar uma lasquinha da situação em forma de anúncio. O título garrafal: "Toda modelo é burra", com o comentário: "Daniella Cicarelli, viu como é injusto quando alguém generaliza uma opinião?".

O anúncio tentava mostrar que os brasilienses trabalham duro e não curtem roubalheiras – passadas, atuais e futuras. Para isso, usou o tipo de raciocínio que queria criticar.

Em retórica, criar um argumento oponente a partir do raciocínio alheio é "antimodelo". Segundo Armando Plebe e Pietro Emanuele, em *Manual de retórica* (Martins Fontes), é uma das formas de encontrar o que dizer. Não é a única. A retórica antiga estudou tais situações em uma área específica, a *inventio*, uma técnica para descobrir argumentos até quando não se sabe o que argumentar.

Antimodelo

O romano Quintiliano dizia aos seus discípulos que explorassem as idéias alheias para explorar as suas. O esforço para afastar-se do que prega um autor ou uma corrente de pensamento é um modo eficaz de encontrar argumentos. Eles não virão do nada, mas de um modelo a que se quer combater. Pausânias (150 d.C.) costumava fazer seus discípulos ouvirem um músico muito ruim para detestarem sua desafinação.

A técnica retórica aqui sugere fazer um elenco das idéias principais do oponente e, um a um, encontrar contra-argumentos correspondentes e convincentes.

Livre imitação

Aqui também se escolhe um modelo específico, mas para simular uma reprodução irônica, uma mímese (cópia). Os conceitos defendidos por um modelo são reproduzidos em tantas características que parecemos copiá-lo, quando na verdade o contestamos.

Um exemplo bem hábil de paródia argumentativa foi dado pela *Folha bancária*, jornal do sindicato dos bancários, nos anos 90. Para contestar o clima pró-privatização dos governos Collor e Fernando Henrique, o jornal incorporou o raciocínio alheio como se fosse seu. O conjunto evidenciou o ridículo – e funcionou como contestação:

Você levanta pela manhã, despertado pelo rádio-relógio coreano. Escova os dentes com escova Johnson & Johnson, usa creme dental da Gessy-Lever, faz barba com Gilette, toma leite Parmalat com café Nestlé, come um pãozinho com trigo canadense.

Depois coloca a gravata Pierre Cardin, pega seu Ford para ir ao trabalho, abastece no posto Shell e calibra os pneus Good Year.

Você escreve com a caneta chinesa comprada no camelô e sai para o almoço, logo depois de tirar uma cópia do processo na Xerox. Almoça rapidinho no Mc Donald's. No fim do dia, volta para casa e leva uma pizza Hut para agradar as crianças. Aí liga a TV Semp-Toshiba para ver o jornal. A reportagem diz que o Brasil precisa de investimento estrangeiro, que é preciso privatizar a Petrobras e o Banco do Brasil. Então você comenta com sua mulher: o Brasil precisa superar esse atraso. Precisamos abrir a economia. Temos de acabar com a ineficiência.

Paradoxo

É propor inventar algo contra a opinião comum, generalizada – a *doxa*. Propomos inventar argumentação a partir da luta contra o que todo mundo acredita. Há alguns anos, o apresentador Sérgio Groisman abriu debate sobre aborto no *Programa livre*, atração que manteve no SBT antes de migrar para a Globo. Um dos debatedores não apelou a argumentações habituais a quem defende a descriminação do aborto, como o direito das mulheres. Em vez disso, perguntou a um padre quantas missas havia feito para fetos natimortos abortados involuntariamente. Se a Igreja cultuava rituais para encomendar a alma – missas de corpo presente, de sétimo dia, etc. – natural que o fizesse com fetos. Afinal, se é um ser vivo, há a Igreja de encará-lo apto aos rituais que marcam as mortes cristãs. Como não o faz, o debatedor afirmava que a própria Igreja não encarava o feto como vida. Independente do que defendamos sobre o assunto, o debatedor procurou extrair idéia contra a obviedade, indo ao centro da crença cristã sobre o assunto.

Platão dizia que, para criar um novo conceito, é preciso procurá-lo, mas como procurar o que não se sabe, o que ninguém disse? Ninguém procura aquilo que já sabe – embora inúmeros textos sejam feitos para confirmar o que seu autor (ou leitor) já sabia. Mas os retóricos antigos diziam que, mesmo nessa hora, há como agir. O criador de paradoxos é aquele que, mesmo não sabendo o que vai criar, sabe o que procura – o surpreendente, o admirável da idéia surpreendente, que vai contra a corrente.

LÍNGUA PORTUGUESA, ano I, n. 3.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UERJ–2010 / Adaptado)

Texto I

Como a questão da transgressão das leis está relacionada com a história do Brasil?

A transgressão das leis existe em qualquer sociedade, produto da tensão entre as necessidades individuais e os interesses coletivos, mas no Brasil o fenômeno se agrava por razões históricas. O Brasil tem uma história de tutelagem e controle, marcada pelo analfabetismo, a pobreza e a falta de cultura, na qual a grande maioria da sociedade não foi chamada a participar da elaboração das leis e da construção das instituições nacionais.

Até 1808, ano da chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, o Brasil era uma colônia atrasada, ignorante e proibida, em que 98% dos habitantes eram analfabetos. Não havia Ensino Superior e imprensa.

A circulação de livros era censurada e o direito de reunião para discutir ideias, proibido. De cada três brasileiros, um era escravo [...] A herança de exclusão se perpetua depois da Independência. A nossa primeira constituição, a de 1824, foi outorgada, ou seja, imposta de cima para baixo. Durante o período monárquico, um pequeno grupo ilustrado tentava conduzir os destinos de todo o resto constituído de uma enorme massa de analfabetos e destituídos. Na República, o fenômeno se repete em inúmeros golpes, quarteladas e ditaduras, em que novamente alguns grupos mais privilegiados tentam tutelar todos os demais.

E qual o resultado disso?

O resultado é uma relação de estranheza entre a sociedade, o estado e as instituições que ele representa. Construímos uma cultura transgressora, incapaz de pactuar caminhos e soluções para seu futuro, em que os interesses individuais ou de grupos se sobrepõem ao do conjunto da sociedade. A transgressão das leis é um reflexo dessa herança histórica.

Na sua opinião, por que o brasileiro não respeita as leis de trânsito quando não está sendo fiscalizado?

Ainda não conseguimos incorporar por completo em nossa sociedade o conceito de civilização, que se caracteriza pelo respeito nas relações pessoais e pela predominância dos interesses coletivos sobre os individuais [...] As pessoas só vão respeitar as leis e as instituições quando se reconhecerem nelas. E, para isso, é necessário que participem de sua construção. Mas há também um problema sério de impunidade.

No fundo, as pessoas sabem que o Estado é ineficiente e permeável à corrupção. Quem comete um delito tem grandes chances de não ser punido. Há, portanto, um cálculo de custo-benefício nas infrações. Como resultado da impunidade, a chance de alguém "furar" um sinal de trânsito e não ser punido é bastante grande. Portanto, do ponto de vista do infrator, vale a pena arriscar.

[...] por que temos leis tão boas (na teoria) e muitas vezes pecamos na prática?

Há uma enorme dose de hipocrisia nas relações entre a sociedade brasileira e suas instituições. As pessoas criticam a corrupção, a ineficiência e falta de transparência no governo, por exemplo, mas não agem de forma muito diferente nas suas vidas particulares. O mesmo cidadão que critica a corrupção e a troca de favores no Congresso Nacional e acha que todos os políticos são corruptos por natureza às vezes topa oferecer uma "caixinha" para o policial rodoviário que o flagrou fazendo uma ultrapassagem proibida. É como se houvesse nas relações individuais uma ética superior às coletivas, expressadas na política e no funcionamento das instituições, o que não é verdade.

Na prática, as instituições nacionais são um espelho da média da sociedade brasileira. O Congresso Nacional nunca será mais corrupto ou menos corrupto do que a média da sociedade brasileira. Deputados e senadores corruptos não caem do céu, mas são eleitos por eleitores que, por ignorância ou convicção, aceitam a prática da corrupção. [...]

Disponível em: <http//frentetransitoseguro.com.br>.

A) "Ainda não conseguimos incorporar por completo em nossa sociedade o conceito de civilização, que se caracteriza pelo respeito nas relações pessoais e pela predominância dos interesses coletivos sobre os individuais." (terceira fala do entrevistado)
EXPLIQUE por que, segundo o ponto de vista do entrevistado, os brasileiros ainda não teriam incorporado o conceito de civilização e, em seguida, **TRANSCREVA** da última fala do entrevistado uma frase completa em que ele mesmo exemplifique essa afirmativa.

B) Na primeira fala, ao abordar a formação histórica da sociedade brasileira, o entrevistado aponta duas diferentes razões político-sociais responsáveis pela cultura transgressora no Brasil.
DESTAQUE-AS e, em seguida, **EXPLIQUE** de que forma o entrevistado relaciona essas duas razões à cultura transgressora.

C) **REDIJA** um texto de caráter dissertativo-argumentativo em que você se posicione quanto à seguinte afirmação do entrevistado:

> O Congresso Nacional nunca será mais corrupto ou menos corrupto do que a média da sociedade brasileira. Deputados e senadores corruptos não caem do céu, mas são eleitos por eleitores que, por ignorância ou convicção, aceitam a prática da corrupção.

Fundamente seu ponto de vista com argumentação consistente.

02. (Unicamp-SP–2011) Coloque-se na posição de um articulista que, ao fazer uma pesquisa sobre as recentes catástrofes ocorridas em função das chuvas que afetaram o Brasil a partir do final de 2009, encontra a crônica de Drummond, publicada em 1966, e decide dialogar com ela em um artigo jornalístico opinativo para uma série especial sobre cidades, publicada em revista de grande circulação. Nesse artigo você, necessariamente, deverá:

A) relacionar três (3) problemas enfrentados recentemente pelas cidades brasileiras em função das chuvas com aqueles trabalhados na crônica;

B) mostrar em que medida concorda com a visão do cronista sobre a questão.

Os dias escuros

Amanheceu um dia sem luz – mais um – e há um grande silêncio na rua. Chego à janela e não vejo as figuras habituais dos primeiros trabalhadores. A cidade, ensopada de chuva, parece que desistiu de viver. Só a chuva mantém constante seu movimento entre monótono e nervoso. É hora de escrever, e não sinto a menor vontade de fazê-lo. Não que falte assunto. O assunto aí está, molhando, ensopando os morros, as casas, as pistas, as pessoas, a alma de todos nós. Barracos que se desmancham como armações de baralho e, por baixo de seus restos, mortos, mortos, mortos. Sobreviventes mariscando na lama, à pesquisa de mortos e de pobres objetos amassados. Depósito de gente no chão das escolas, e toda essa gente precisando de colchão, roupa de corpo, comida, medicamento. O calhau solto que fez parar a adutora. Ruas que deixam de ser ruas, porque não dão mais passagem. Carros submersos, aviões e ônibus interestaduais paralisados, corrida a mercearias e supermercados como em dia de revolução. O desabamento que acaba de acontecer e os desabamentos programados para daqui a poucos instantes.

Este, o Rio que tenho diante dos olhos, e, se não saio à rua, nem por isso a imagem é menos ostensiva, pois a televisão traz para dentro de casa a variada pungência de seus horrores.

Sim, é admirável o esforço de todo mundo para enfrentar a calamidade e socorrer as vítimas, esforço que chega a ser perturbador pelo excesso de devotamento desprovido de técnica. Mas se não fosse essa mobilização espontânea do povo, determinada pelo sentimento humano, à revelia do governo incitando-o à ação, que seria desta cidade, tão rica de galas e bens supérfluos, e tão miserável em sua infraestrutura de submoradia, de subalimentação e de condições primitivas de trabalho? Mobilização que de certo modo supre o eterno despreparo, a clássica desarrumação das agências oficiais, fazendo surgir de improviso, entre a dor, o espanto e a surpresa, uma corrente de afeto solidário, participante, que procura abarcar todos os flagelados.

Chuva e remorso juntam-se nestas horas de pesadelo, a chuva matando e destruindo por um lado, e, por outro, denunciando velhos erros sociais e omissões urbanísticas; e remorso, por que escondê-lo? Pois deve existir um sentimento geral de culpa diante de cidade tão desprotegida de armadura assistencial, tão vazia de meios de defesa da existência humana, que temos o dever de implantar e entretanto não implantamos, enquanto a chuva cai e o bueiro entope e o rio enche e o barraco desaba e a morte se instala, abatendo-se de preferência sobre a mão-de-obra que dorme nos morros sob a ameaça contínua da natureza; a mão-de-obra de hoje, esses trabalhadores entregues a si mesmos, e suas crianças que nem tiveram tempo de crescer para cumprimento de um destino anônimo.

No dia escuro, de más notícias esvoaçando, com a esperança de milhões de seres posta num raio de sol que teima em não romper, não há alegria para a crônica, nem lhe resta outro sentido senão o triste registro da fragilidade imensa da rica, poderosa e martirizada cidade do Rio de Janeiro.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Correio da manhã*, 14 jan. 1966.

03. (PUC Minas–2011)

Texto I

O uso da linguagem tem sido sempre fortemente marcado por intolerância e preconceitos, com o agravante de que a intolerância linguística é muito mais camuflada do que outras formas de preconceito. Assim, revistas que nunca aceitariam publicar, por exemplo, artigos racistas, acatam, sem problemas, textos intolerantes em relação a certos usos linguísticos ou a certas línguas.

LINGUÍSTICA E PRECONCEITO. Disponível em: <http://www.rumoatolerancia.fflch.usp.br/node/7>.

Texto II

Embora muitas vezes pareçam discursos neutros, as piadas têm o poder de reforçar uma série de preconceitos – raciais, sociais, culturais, linguísticos, etc.:

Perguntaram ao mineiro: – Diz aí um verbo! Ele pensou, pensou e respondeu indeciso: – Bicicreta. – Não é bicicreta, seu mineiro burro, é bicicleta. E bicicleta não é verbo! Perguntaram a outro mineiro: – Diz você aí um verbo! Ele também pensou, pensou e arriscou ressabiado: – Prástico. – Não é prástico, ô mineiro burro, é plástico. E plástico não é verbo! Perguntaram a um terceiro mineiro: – Diz aí um verbo! Esse aí nem pensou: – Hospedar. – Muito bem! Até que enfim um mineiro inteligente. Agora diga aí uma frase com o verbo que você escolheu. O mineiro encheu o peito de coragem e mandou bala: – Hospedar da bicicreta são de prástico!

HUMORTADELA, 2006

Motivado pelos textos apresentados, sua tarefa é escrever um texto opinativo, para um jornal de grande circulação no país, em que você, de forma explícita, reflita sobre o preconceito em nossa sociedade – em qualquer de suas formas de manifestação –, sobre seus efeitos negativos e formas de combatê-lo.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UERJ)

Instrução: Com base no texto seguinte, responda às questões de **01** a **04**.

Fórum de discussão

Mensagem 1:

A ciência, para muitos, tem um lado maligno. Para alguns, estamos passando por uma nova Idade Média, em que a técnica alienante faz as vezes da religião católica. Até agora, minha conclusão é pessimista: por mais que violentemos nosso pensamento, nossa razão ainda estará subordinada ao desejo. E, assim, não há certo ou errado. A ciência nos dá (ou melhor, vende) armas contra a natureza, que usamos contra nós mesmos, apenas isso. Não existe nada mais irracional que o trabalho científico dos dias atuais.

Mensagem 2:

Caro M., o que você entende exatamente por "ciência"? Um oráculo todo-poderoso e prepotente que diz aos pobres e tolos homens o que está certo e o que é errado? Como pode dizer que ela nos dá armas contra a natureza? Não me vem à cabeça neste momento característica mais própria da natureza humana do que o modo científico de pensar. Você não consegue encontrar nada de científico no método de caça de um aborígene australiano? Ou então no modo de um crenacarore* do Amazonas tratar a terra para o cultivo? Você está claramente confundindo aplicação da tecnologia com ciência. Muitos filósofos têm tido problemas para separar uma coisa da outra (e muitos cientistas também). Se você acha que construir uma bomba atômica, por exemplo, é um trabalho científico, está enganado. É pura e simplesmente um trabalho tecnológico. É claro que ele depende do conhecimento científico, mas é impossível construir conhecimento científico visando à sua aplicação imediata. Aqueles que, como você, confundem Igreja Católica da Idade Média com ciência esquecem-se (ou não sabem) de que esta última tem embutido em si um mecanismo de correção de erros, que é o motor que a move. Nenhuma questão é tratada pela ciência como fechada, nenhum conhecimento está imune de questionamento e dúvida. Com certeza eu não concordo com muito do que a humanidade vem construindo através da aplicação do conhecimento científico; no entanto, a própria ciência é a arma mais poderosa que temos para enfrentar estas questões, e por isso criticá-la é um tiro pela culatra. Você pode fazer como muitos histéricos e criticar a ciência porque a Monsanto patenteou uma soja que tolera um único pesticida, cinco vezes mais forte que os tradicionais, além do fato de o pesticida ser da própria Monsanto. Mas você estará também sendo contra a salvação de milhares de vidas na África, onde o único modo de obter-se vacinas é cultivando bananas transgênicas que contêm antígenos. Para mim, isto é que é ser irracional.

Fórum Cético Brasileiro – jan. 2002.
Disponível em: <http://www.nitnet.com.br>.

*Indivíduo pertencente à tribo indígena de mesmo nome

01. De acordo com a primeira mensagem, o trabalho científico caracteriza-se pelo irracionalismo.

Pela exposição do autor, esse irracionalismo não é superado porque

A) o desejo comanda a ciência.
B) o trabalho científico aproxima-se da religião.
C) a alienação resulta do desenvolvimento técnico.
D) a natureza contrapõe-se ao conhecimento científico.

02. Os parênteses são utilizados por ambos os autores para

A) fazer ironias provocativas.
B) acrescentar informação acessória.
C) estabelecer intimidade com o leitor.
D) preservar a informalidade da mensagem.

03. O autor da segunda mensagem emprega elementos de coesão ou ligação entre frases ou ideias para compor sua estratégia argumentativa: aceitar, em um primeiro momento, os argumentos do outro para, depois, combatê-los.

O trecho que exemplifica o uso de elementos de coesão para construir esse tipo de estratégia é:

A) "Não me vem à cabeça neste momento característica **mais** própria da natureza humana **do que** o modo científico de pensar."
B) "**Ou então** no modo de um crenacarore do Amazonas tratar a terra para o cultivo?"
C) "**Com certeza** eu não concordo com muito do que a humanidade vem construindo [...] **no entanto**, a própria ciência é a arma [...] para enfrentar estas questões"
D) "[...] **porque** a Monsanto patenteou uma soja que tolera um único pesticida [...] além do fato de o pesticida ser da própria Monsanto."

04. O mesmo autor, na sua resposta, emprega um sofisma: desvia-se da questão em debate e sugere uma desqualificação do oponente.

Esse sofisma está contido na seguinte alternativa:

A) "Caro M., o que você entende exatamente por 'ciência'?"

B) "Você está claramente confundindo aplicação da tecnologia com ciência."

C) "Se você acha que construir uma bomba atômica, por exemplo, é um trabalho científico, está enganado."

D) "Você pode fazer como muitos histéricos e criticar a ciência [...]."

Instrução: Com base no texto seguinte, responda às questões de **05** a **08**.

Ciência, poder e ética

O desenvolvimento da ciência e da técnica pode percorrer caminhos diversos e utilizar diferentes métodos. O conhecimento é, por si só, um valor. Mas a decisão sobre quais conhecimentos a sociedade ou os cientistas devem concentrar seus esforços implica a consideração de outros valores. Da mesma forma, não se pode deixar de considerar o papel do cientista ou da atividade que ele exerce. A sua responsabilidade ética deve ser avaliada não só pelo exercício das suas pesquisas em si, mas, principalmente, pelas conseqüências sociais decorrentes da aplicação das suas pesquisas.

Enquanto a ciência, não sendo ideológica pela sua estrutura, pode estar a serviço ou dos fins mais nobres ou dos mais prejudiciais para o gênero humano, o cientista não pode permanecer indiferente aos desdobramentos sociais do seu trabalho, é o seu compromisso social.

Se a ciência, como tal, não pode ser ética ou moralmente qualificada, pode sê-lo, no entanto, a utilização que dela se faça, os interesses a que serve. E nessa questão dos transgênicos, os interesses são inúmeros e altamente comprometedores, e também as conseqüências sociais da sua aplicação.

Concluo dizendo que o grande nó relacionado com a questão da manipulação da vida humana, direta ou indiretamente, não está na utilização em si de novas tecnologias ainda não assimiladas moralmente pela sociedade. Não é na utilização, mas, sim, no controle dessas novidades, que reside o fulcro da questão. Esse controle deve se dar em patamar diferente ao dos planos técnico-científicos. O controle não é técnico, nem científico; o controle é ético!

Hoje, a questão científica que se coloca não é mais "eu não vou fazer porque eu não posso fazer". Hoje a ciência praticamente tudo pode. O que se coloca hoje é "eu não vou fazer porque não devo". Por isso que a ética prática adquire, cada dia mais, uma importância maior.

Então, é prudente lembrar que a ética sobrevive sem a ciência e a técnica. A sua existência independe delas. A ciência e a técnica, no entanto, não podem prescindir da ética, sob pena de transformarem-se em armas desastrosas para o futuro da humanidade, nas mãos de minorias poderosas e / ou mal-intencionadas.

O "X" do problema, portanto, está no fato de que, dentro de uma escala hipotética de valores vitais para a humanidade, a ética ocupa uma posição diferenciada em comparação com a pura ciência ou com a pura técnica; nem anterior, nem superior, simplesmente diferenciada. Além de sua importância qualitativa, no caso dos transgênicos, especificamente, a ética serve como instrumento preventivo contra abusos atuais e futuros que venham trazer lucros abusivos para poucos com alijamento e sofrimento de grande parte da população mundial e em detrimento do próprio equilíbrio biossociopolítico do planeta.

GARRAFA, Volney. In: *Anais do Seminário Internacional sobre biodiversidade e transgênicos*. Senado Federal. Brasília, 1999 (Adaptação).

05. Vemos que esse texto, transcrito de uma palestra, está enunciado em 1ª pessoa.

Em "**eu** não vou fazer porque eu não posso" (5º parágrafo), o emprego da 1ª pessoa é diferente do que aparece no restante do texto.

Isso ocorre porque

A) refere-se genericamente aos cientistas.

B) dirige-se precisamente a pessoas citadas.

C) inclui especificamente os ouvintes da palestra.

D) abrange indiscriminadamente cidadãos leigos.

06. "Mas a decisão sobre quais conhecimentos a sociedade ou os cientistas devem concentrar seus esforços implica a consideração de outros valores."

O trecho destacado apresenta um problema de regência.

Esse problema seria corrigido se fosse feita a seguinte alteração:

A) "[...] implica a consideração **sobre** outros valores."

B) "[...] implica **com** a consideração de outros valores."

C) "[...] a decisão sobre os conhecimentos **nos** quais a sociedade [...]"

D) "Mas a decisão **de** quais conhecimentos a sociedade ou os cientistas [...]"

07. No último parágrafo, o autor acrescenta um elemento à discussão sobre ciência e ética.

Esse elemento diz respeito à relação da ciência e da ética com

A) os valores humanos vitais.

B) a estrutura econômica e social.

C) o poder e controle dos transgênicos.

D) os instrumentos preventivos da ciência.

08. Os estudos gramaticais costumam apresentar a comparação como um processo ligado aos modificadores – adjetivos e advérbios.

Um exemplo de comparação construída por meio de adjetivo está em:

A) "O desenvolvimento da ciência e da técnica pode percorrer caminhos diversos [...]."

B) "O controle não é técnico, nem científico; o controle é ético!"

C) "Por isso que a ética prática adquire, cada dia mais, uma importância maior."

D) "dentro de uma escala hipotética de valores vitais para a humanidade [...]."

Instrução: Com base nos textos seguintes, responda às questões de **09** a **12**.

Ciência versus religião

Por que acredito mais na ciência do que na religião

Eu acredito na ciência porque ela não pede que acreditemos nela. A ciência nos diz honestamente que conhece apenas parte da natureza. Assume tranqüilamente que não tem todas as respostas e que nunca as terá. A ciência não exige fé, mas convencimento. Sabe ser reflexo de todos os preconceitos e fraquezas das sociedades que a produziram, mas procura transcendê-los. Sabe que é falha, limitada e mutável, e nisso consistem sua força e sua beleza. Por tudo isso, não é que eu acredite na ciência. Eu, simplesmente, confio nela.

NOGUEIRA, Renata Nascimento. *Folha de S.Paulo*, out. 2001.

Por que acredito mais na religião do que na ciência

Coincidência. Acaso. Destino. Tantas explicações que não explicam muito, quando a gente fala de uma coisa que nos intriga e para a qual sabemos que não existe mesmo uma explicação. Acho que a religião supera em muito a ciência porque se apega à capacidade mais indômita do ser humano – a de acreditar.

Gosto de saber que existe alguém comigo o tempo todo, que me ouve, que me faz estar neste ou naquele lugar na hora certa por este ou aquele motivo. É o inesperado, o salto no escuro. Quem não acredita, fica vagando somente entre as possibilidades.

Eu prefiro contar com o impossível que, convenhamos, vive cruzando nosso caminho. Além do mais, a quem você gostaria de recorrer na hora daquele aperto, a um Deus misericordioso que pode te ouvir e dessa vez – só dessa vez! – livrar sua cara ou ao Einstein, com aquela baita língua de fora?

RODRIGUES, Angela Guagnelli.
Folha de S. Paulo, out. 2001.

09. Os textos anteriores formam uma espécie de debate, a partir de títulos sugeridos por um jornal para seus leitores.

A leitora Renata Nogueira questiona o próprio título sugerido pelo jornal, em virtude da seguinte característica que ela atribui à ciência:

A) Não se opor à religião.

B) Não ser passível de crença.

C) Ser falha, limitada e mutável.

D) Ser mais honesta do que a religião.

10. Para estabelecer a superioridade da religião sobre a ciência, Angela Rodrigues se baseia em

A) acasos do destino.

B) evidências categóricas.

C) explicações suficientes.

D) necessidades humanas.

11. A leitora partidária da religião recorre a duas metonímias para demonstrar melhor a sua posição.

Essas metonímias estão indicadas na seguinte alternativa:

A) Deus e Einstein

B) Religião e ciência

C) Acreditar e contar

D) Coincidência e explicação

12. Ao defender a religião, a leitora Angela Rodrigues constrói um tipo de discurso diferente do científico, normalmente caracterizado por argumentos e provas.

Essa diferença, na carta da leitora, é marcada por

A) alusão a fatos inesperados.

B) registro de preferências pessoais.

C) referência a cientistas conhecidos.

D) menção a comportamentos sociais.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2009) "Cientistas da Grã-Bretanha anunciaram ter descoberto o primeiro gene humano relacionado com o desenvolvimento da linguagem, o FOXP2. A descoberta pode ajudar os pesquisadores a compreender os misteriosos mecanismos do discurso – que é uma característica exclusiva dos seres humanos. O gene pode indicar por que e como as pessoas aprendem a se comunicar e a se expressar e por que algumas crianças têm disfunções nessa área. Segundo o professor Anthony Monaco, do Centro Wellcome Trust de Genética Humana, de Oxford, além de ajudar a diagnosticar desordens de discurso, o estudo do gene vai possibilitar a descoberta de outros genes com imperfeições. Dessa forma, o prosseguimento das investigações pode levar a descobrir também esses genes associados e, assim, abrir uma possibilidade de curar todos os males relacionados à linguagem."

Disponível em:<http://www.bbc.co.uk>.
Acesso em: 04 maio 2009 (Adaptação).

Para convencer o leitor da veracidade das informações contidas no texto, o autor recorre à estratégia de

A) citar autoridade especialista no assunto em questão.

B) destacar os cientistas da Grã-Bretanha.

C) apresentar citações de diferentes fontes de divulgação científica.

D) detalhar os procedimentos efetuados durante o processo da pesquisa.

E) elencar as possíveis consequências positivas que a descoberta vai trazer.

02. Os textos a seguir servem de referência para a proposta de redação.

Texto I

Declaração dos direitos humanos

A Assembléia Geral proclama a presente *Declaração universal dos direitos humanos* como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta *Declaração*, se esforce, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universal e efetiva, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.

Art. 1º. Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Art. 2º.

I. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta *Declaração*, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

II. Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.

Art. 3º. Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php>. Acesso em: 29 dez. 2010.

Texto II

Disponível em: <http://www2.uol.com.br/angeli/>. Acesso em: 24 jan. 2011.

Texto III

Formas de privação de liberdade

Um número imenso de pessoas em todo o mundo é vítima de várias formas de privação de liberdade. Fomes coletivas continuam a ocorrer em determinadas regiões, negando a milhões a liberdade básica de sobreviver. Mesmo nos países que já não são esporadicamente devastados por fomes coletivas, a subnutrição pode afetar numerosos seres humanos vulneráveis. Além disso, muitas pessoas têm pouco acesso a serviços de saúde, saneamento básico ou água tratada, e passam a vida lutando contra uma morbidez desnecessária, com freqüência sucumbindo à morte prematura. Nos países mais ricos é demasiado comum haver pessoas imensamente desfavorecidas, carentes das oportunidades básicas de acesso a serviços de saúde, educação funcional, emprego remunerado ou segurança econômica e social. Mesmo em países muito ricos, às vezes a longevidade de grupos substanciais não é mais elevada do que em muitas economias mais pobres do chamado Terceiro Mundo. Adicionalmente, a desigualdade entre mulheres e homens afeta – e às vezes encerra prematuramente – a vida de milhões de mulheres e, de modos diferentes, restringe em altíssimo grau as liberdades substantivas para o sexo feminino.

SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 27-29.

Texto IV

[...] A fome é a realidade, o efeito e o sintoma. O ponto de partida e de chegada. A síntese, a ponta do novelo a partir da qual tudo se explica e se resolve. Porque não é episódica, nem superficial, revela fundo o quanto uma pessoa está sendo excluída de tudo e com que frieza seu drama é ignorado pelos outros. [...] Mas a fome é também o atestado de miséria absoluta e o grito de alarme que sinaliza o desastre social de um país, que mostra a cara do Brasil. [...]

É assustador perceber com que naturalidade fomos virando um país de miseráveis, com que tranqüilidade fomos produzindo milhões de indigentes. Acabar com essa naturalidade, recuperar o sentido da indignação diante da degradação humana, reabsolutizar a pessoa como centro e eixo da vida e da ação política é essencial para transformar a luta contra a fome e a miséria num imenso processo de reconstrução do Brasil e de nossa própria dignidade. Por isso é que acabar com a fome não é só dar comida, e acabar com a miséria não é só gerar emprego, mas é reconstruir radicalmente toda a sociedade.

SOUZA, Herbert. "A alma da fome é política". *Jornal do Brasil*, set. 1993.

Texto V

Comida

Titãs

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte.
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer.
Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade.

Proposta de redação

Considerando o que é proposto como ideal no primeiro parágrafo do trecho citado da *Declaração dos direitos humanos* e a problemática levantada nos textos subsequentes, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema **Garantia das liberdades humanas**, apresentando experiência ou proposta de ação social.

Instruções:

- Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista, elaborando propostas para a solução do problema discutido em seu texto. Suas propostas devem demonstrar respeito aos direitos humanos.
- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- O texto **não** deve ser escrito em forma de poema (versos) ou de narrativa.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.
- Dê um título a seu texto.

GABARITO

Fixação

01. A) O motivo de as pessoas ainda não terem incorporado por completo o conceito de civilização é porque não se reconhecem como parte do coletivo, como indivíduos inseridos em uma sociedade. Dessa forma, interesses pessoais se sobrepõem aos coletivos. Uma frase que exemplifica essa afirmativa é "O mesmo cidadão que critica a corrupção e a troca de favores no Congresso Nacional e acha que todos os políticos são corruptos por natureza às vezes topa oferecer uma 'caixinha' para o policial rodoviário que o flagrou fazendo uma ultrapassagem proibida."

B) As razões apresentadas como responsáveis pela cultura transgressora do Brasil estão ligadas ao analfabetismo, à pobreza e à falta de cultura da população e ao fato de esta não ter participado da elaboração das leis e da construção das instituições nacionais. Para o entrevistado, isso acabou criando uma cultura transgressora, pois, quando o indivíduo não se sente parte do todo, acaba cometendo pequenas transgressões sociais tendo em vista o benefício próprio.

C) O aluno deverá posicionar-se quanto à afirmativa de que a corrupção não é característica apenas de alguns políticos brasileiros, mas também da população em geral, a qual é, consciente ou inconscientemente, conivente com essa prática. O entrevistado mostra que a corrupção, no Brasil, revela-se tanto nas instituições políticas quanto nos indivíduos, em um processo especular, sendo um comportamento generalizado. A grande aceitação de ações ilícitas nos mais diversos segmentos sociais faz com que o "jeitinho" se torne uma característica identitária nacional, surgida no nosso processo de formação histórica. O aluno pode concordar ou discordar do entrevistado, desde que apresente argumentos que deem respaldo a seu posicionamento. Caso concorde, o aluno pode fundamentar seu texto na ideia de que os políticos são eleitos pela população e mencionar práticas ainda existentes e corriqueiras, como a compra e a venda de votos. Caso discorde, o aluno pode, por exemplo, fundamentar sua opinião na ideia de que os governantes manipulam as pessoas a fim de enganar os eleitores e de se manter no poder. Tais manobras podem ser exemplificadas a partir de campanhas populistas e da manutenção do baixo grau de instrução dos cidadãos. É importante que o aluno apresente claramente sua opinião e componha um texto coeso e coerente para desenvolvê-la.

02. Espera-se que o aluno se coloque na posição de um articulista que faz um artigo jornalístico opinativo para uma série especial sobre cidades, a ser publicado em uma revista de grande circulação. Esse artigo, que trata das recentes catástrofes decorrentes das chuvas que afetaram o Brasil a partir do final de 2009, deve dialogar com a crônica de Drummond, publicada em 1966. O enunciador desse artigo deve ser portanto, um jornalista que tem como interlocutores os leitores dessa revista. Esse texto jornalístico precisa identificar três problemas enfrentados hoje, pelas cidades brasileiras, em decorrência das chuvas, buscando relacioná-los com aqueles mencionados na crônica. Como exemplos de problemas afins, podem-se identificar: mortes, perdas materiais e simbólicas, sentimento de desamparo dos desabrigados, precariedade das moradias, interrupção dos serviços essenciais, falta de infraestrutura, insuficiência de serviços assistenciais, omissão do governo contrabalançada pela solidariedade da população, etc. De maneira geral, pode-se realçar a atualidade da crônica de Drummond, apesar de já terem se passado mais de quarenta anos desde a sua publicação. Além disso, o articulista deve demonstrar em que medida seu ponto de vista coincide ou não com o de Drummond. Esse ponto de vista é caracterizado, de um lado, pelo sentimento de desconforto e culpa de quem não foi atingido diretamente pelas chuvas e, de outro lado, por um misto de crítica e desencanto com a persistência dessas tragédias, em consequência da omissão dos governos e das contradições sociais que marcam, emblematicamente, a cidade do Rio de Janeiro, "tão rica de galas e bens supérfluos e tão miserável em sua infraestrutura". Essa reflexão deve ser expandida para as cidades brasileiras em geral, podendo, ainda, destacar um caso exemplar de uma cidade específica.

03. O aluno deve redigir um artigo de opinião, gênero de caráter argumentativo que será estudado detalhadamente em breve. Por ora, basta saber que artigos de opinião são textos dissertativo-argumentativos, publicados em jornais e revistas, os quais expressam a opinião do articulista sobre um tema ou fato polêmico e em discussão na sociedade. O texto deverá ser redigido em linguagem padrão e deverá também receber um título, que pode ser informativo e / ou chamativo. Assim, o aluno deve elaborar, a partir do recorte temático proposto, uma tese objetiva, a qual deve ser desenvolvida com argumentação consistente ao longo do texto. Os textos apresentados na proposta tratam do preconceito linguístico, e o segundo, especificamente, também aborda o preconceito contra os mineiros. O comando, entretanto, amplia essa abordagem ao afirmar que o texto a ser produzido deve refletir sobre o preconceito "em qualquer de suas formas de manifestação". Portanto, o texto a ser produzido pode tratar de preconceitos sociais, econômicos, étnicos, de orientação sexual, etc., desde que isso fique explicitado na tese para que a redação não se torne confusa, saturada de informações maldesenvolvidas. É preciso atentar ainda para a solicitação de que o texto reflita sobre os efeitos negativos do preconceito e proponha formas de combatê-lo. No primeiro caso, podem-se citar a segmentação da sociedade e a violência que, normalmente, resulta da intolerância. Uma proposta de combate ao preconceito, por sua vez, pode sugerir campanhas publicitárias ou a abordagem e a discussão desse tema nas escolas, por exemplo.

Propostos

01. A	05. A	09. B
02. A	06. C	10. D
03. C	07. B	11. A
04. D	08. C	12. B

Seção Enem

01. A

02. O aluno deverá desenvolver um texto sobre o tema "garantia das liberdades humanas". Para desenvolver um bom texto, é necessário compreender os conceitos de liberdade apresentados ao longo da coletânea. O primeiro texto, um excerto da *Declaração dos direitos humanos*, apresenta o direito à liberdade que todos deveriam gozar. O segundo texto, ironicamente, mostra que não basta garantir, em teoria, direitos de liberdade diversos. O terceiro texto pode ser considerado uma ampliação do segundo, pois explicita, em linguagem denotativa, diversas formas de privação de liberdade, tais como a fome e as desigualdades em geral. O quarto texto, embora trate da fome, pode ser articulado à temática da liberdade, pois afirma que a fome é o atestado de que todos os demais direitos do ser humano já foram negados. O quinto texto, a música dos Titãs, evidencia que o ser humano não necessita apenas de comida, mas de acesso ao lazer, à arte, ao entretenimento. A partir desse recorte, o aluno deve compreender que o termo "liberdade" está sendo tratado em sentido mais amplo e abrange o direito de escolher o que comer, o que falar, onde morar, o que vestir, como se divertir, etc. Como proposta de intervenção, pode sugerir, por exemplo, uma melhor distribuição de riquezas, o que seria capaz de garantir mais efetivamente o direito de todos os seres humanos à liberdade plena. A temática e as propostas devem ser apresentadas em um texto em linguagem formal, coeso e coerente.

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 09 FRENTE A

Argumentação e contra-argumentação

Você já sabe que, para conduzir adequadamente o desenvolvimento de um texto, é preciso ter em mente o recorte do tema, uma posição definida em relação ao assunto e também o leitor a que o texto se destina. Só assim, será possível escolher as melhores estratégias para desenvolver a argumentação.

Neste módulo, aprofundaremos um pouco mais o estudo sobre a argumentação. Primeiro, trataremos da contra-argumentação, outra estratégia argumentativa, que pode ser bastante útil em algumas propostas de redação. Em seguida, apresentaremos algumas falhas comuns de argumentação, as quais decorrem, principalmente, de erros de raciocínio ou de uma apreensão parcial, simplista da realidade, e prejudicam a abordagem, tornando-a frágil e inconsistente.

CONTRA-ARGUMENTAÇÃO

Conforme foi visto, para que a argumentação de um texto dissertativo-argumentativo seja eficiente, é preciso haver uma posição clara do enunciador e uma fundamentação eficiente do ponto de vista defendido por ele. Além disso, o produtor deve ter sempre em mente o perfil do leitor para o qual escreve e, a partir desse perfil, escolher a melhor forma de persuadir.

Por considerar um leitor que deve ser persuadido, o discurso argumentativo parte da pressuposição de posições antitéticas, explícitas ou implícitas. Sendo assim, pode-se afirmar que, se há argumentação, existe debate, discussão de ideias e oposição, ainda que o texto deva defender uma tese clara.

Para entender melhor como isso ocorre, leia o texto a seguir.

Leitura dinâmica

Editorial – São Paulo, sexta-feira, 12 de fevereiro de 2010

O efeito simbólico, por si, é potente: no lugar onde existiu por décadas o sombrio presídio do Carandiru, palco do bárbaro episódio de 1992, surge uma translúcida, moderna e democrática biblioteca pública. Em área de 4,2 mil m^2, a obra aposta em atrativos tecnológicos, facilidades para deficientes e na "dessacralização" do espaço de leitura.

Haverá quem não endosse a ideia de o novo espaço acolher em suas estantes obras consideradas de baixo padrão literário – como alguns *best-sellers* que movimentam o mercado editorial. Ainda que apoiada em boas intenções, trata-se de uma perspectiva adequada ao universo acadêmico, mas imprópria para avaliar um empreendimento que pretende funcionar como um centro de lazer cultural e polo de atração de jovens leitores, sem criar barreiras a quem queira encontrar nos livros uma forma de entretenimento.

http://www.telecentros.pr.gov.br/arquivos/Image

Pátio interno do antigo presídio do Carandiru restaurado.

As experiências de cidades latino-americanas como Santiago e Bogotá, que serviram de inspiração para a biblioteca paulistana, já conquistaram reconhecimento internacional e merecem ser seguidas. Situações análogas, diga-se, já existem em São Paulo, por exemplo, em unidades do SESC, nas quais arte, literatura, revistas e jornais estão presentes e disponíveis em áreas abertas ao convívio entre cidadãos.

É claro que a nova obra não pode ofuscar os problemas enfrentados por outras bibliotecas e centros culturais da cidade. É sempre desejável que estado e município se entendam para evitar sobreposições e irracionalidades. Bibliotecas da importância e do porte da Mário de Andrade, por exemplo, ora em reforma, devem receber o tratamento devido. É sobretudo uma questão de bom senso e de coordenação dos poderes públicos – pois em termos conceituais, uma obra não exclui a outra.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1202201002.htm>.

No texto que você acabou de ler, percebe-se que o autor aprova o projeto da Biblioteca de São Paulo, construída onde foi o Centro de Detenção do Carandiru, o que fica evidenciado desde o primeiro parágrafo do editorial.

No segundo parágrafo, entretanto, opta-se por apresentar um ponto de vista contrário ao defendido, ou seja, o das pessoas que criticam o projeto pelo fato de a biblioteca disponibilizar à população obras mais populares, e não apenas canônicas, eruditas. Nesse caso, expõe-se um ponto de vista contrário a fim de refutá-lo ou mostrar que ele é parcial, limitado. É justamente isso o que se faz no editorial ao se afirmar que a perspectiva das pessoas que criticam a biblioteca é muito acadêmica. Isso é contra-argumentar.

A contra-argumentação pode ser uma boa estratégia para persuadir o leitor, pois mostra que o produtor conhece não apenas o assunto que discute, mas também a perspectiva que outras pessoas têm sobre esse assunto. Além disso, evidencia que ele é capaz de analisar seu próprio ponto de vista em relação ao de outras pessoas, o que torna o discurso mais dialético e confiável.

Em propostas de redação, a contra-argumentação pode ser feita a partir de informações presentes nos textos motivadores ou mesmo a partir de concepções de senso comum. Portanto, fique atento aos pontos de vista apresentados nos textos que compõem a proposta e que podem servir à estratégia da contra-argumentação.

Sugestões para contra-argumentar

- Tente descobrir incoerências ou contradições nos argumentos usados para defender o ponto de vista contrário ao seu; se houver, aponte-as e transforme-as em novos argumentos em seu favor.
- Escolha uma estratégia argumentativa (exemplificação, comparação, citações e argumentos de autoridades, etc.) capaz de demonstrar que o argumento que sustenta o ponto de vista oposto ao seu é falso ou apenas parcialmente verdadeiro.
- Procure observar se as afirmações do adversário são generalizantes; se forem, demonstre, com um ou mais exemplos de casos ou situações particulares, que o argumento é inconsistente ou apenas parcialmente verdadeiro quando confrontado com a realidade.
- Faça uma síntese dos argumentos contrários ao seu ponto de vista e dos contra-argumentos que você apresentou, a fim de demonstrar que o ponto de vista oposto está fundamentado em razões equivocadas, falsas ou apenas parcialmente verdadeiras.
- Faça concessões, pois é possível concordar em parte com um ponto de vista oposto ao seu.

FALHAS DE ARGUMENTAÇÃO

São erros típicos de estrutura, composição, coerência, aceitabilidade ou fundamentação de argumentos:

Generalização

Ocorre quando se faz uma afirmação que qualifica indistintamente um grupo ou padroniza condutas das pessoas. Pode ser vista, por exemplo, como um rótulo, um estereótipo em desacordo com a realidade, às vezes carregado de preconceito. Afirmações como "o brasileiro não sabe votar", "todo político é corrupto" e "os ingleses são pontuais" são exemplos de generalizações.

Observe, no trecho a seguir, retirado de uma redação que deveria discutir a imparcialidade da imprensa, como o autor apresenta um ponto de vista generalizante ao fazer sua avaliação.

Apenas quando não há visão de um ganho direto a imprensa mostra os dois lados de uma disputa ou atividade, e ainda assim só faz para preencher espaços que ficariam vazios, ou seja, como se fossem adorno para as outras matérias.

Certo é encontrar nos conhecidos horário nobre, reportagem de capa, manchete e semelhantes sempre o posicionamento de maior interesse para o meio veiculador, ou que apresenta maior possibilidade de retorno financeiro ou acesso ao poder.

Texto produzido por aluno.

Simplificação exagerada

Ocorre quando se faz uma afirmação simplista, apressada, sem o filtro da elaboração ou planejamento. Dizer, por exemplo, que "a pena de morte é a solução para combater a violência e a criminalidade no Brasil" é exemplo desse tipo de falha.

Observe como, no trecho a seguir, ao se estabelecer uma relação direta entre o número de horas que uma criança passa assistindo à televisão e a prática de crimes entre adolescentes, faz-se uma simplificação da realidade.

Depois de cuidadoso tratamento estatístico, os autores de uma pesquisa em Nova Iorque verificaram que, independentemente dos fatores de risco (a renda familiar, a possível existência de desinteresse paterno pela sorte dos filhos, os níveis de violência na comunidade em que viviam, a escolaridade dos pais e a presença de transtornos psiquiátricos nas crianças), o número de horas que um adolescente com idade média de 14 anos fica diante da televisão, por si só, está significativamente associado à prática de assaltos e à participação em brigas com vítimas e em crimes de morte mais tarde, quando atinge a faixa etária dos 16 aos 22 anos.

Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>. Acesso em: 08 nov. 2010 (Adaptação).

Círculo vicioso

Ocorre quando um novo argumento apresentado é, na verdade, a repetição, em outras palavras, do argumento anterior. Um exemplo de raciocínio circular é: "Ética e política não combinam, porque os políticos corruptos não são punidos. Os congressistas se envolvem em corrupção e, se não sofrerem punição, serão sempre antiéticos."

Observe como, no trecho a seguir, que deveria discutir a corrupção entre membros do poder judiciário, a exposição de um raciocínio circular prejudica tanto a consistência da argumentação quanto a progressão textual.

> O servidor público no Brasil goza de certos "privilégios" a fim de desempenhar as atribuições definidas em lei de forma imparcial. Contudo, criminosos travestidos de servidores causam grandes estragos à sociedade, estes devem ser identificados e expulsos do serviço público. Existem certos desvios que devem ser punidos, especialmente quando advêm do poder cuja função é zelar pela lei. O Poder Judiciário é, entre os Poderes, aquele cuja principal característica consiste numa pretensa imparcialidade. Ao encontrar-se juízes aceitando propinas para produzir sentenças favoráveis a criminosos, a sociedade brasileira pergunta-se o porquê de existir esse poder. A punição deve ser exemplar: indivíduos que detêm poder necessitam agir de forma compatível com o exercício deste. Aquele que se corrompe comete crime e, assim como o corruptor, deve ser preso.
>
> Texto produzido por aluno.

Sofisma

Ocorre por um erro de raciocínio. É um argumento falso, considerado como verdade acabada, elaborado com a intenção de enganar. Afirmações como "o Brasil não vai para frente por causa do povinho que tem" e "os alunos não aprendem porque são pouco inteligentes" são exemplos de sofismas.

No trecho a seguir, o raciocínio desenvolvido pelo produtor acaba gerando um sofisma. Observe.

> O estado, por investir pouco na educação, faz com que os alunos da rede pública tenham menos acesso às oportunidades oferecidas à maioria da população de classe média alta para cima. Por isso, se sentem excluídos, marginalizados e escondem a raiz de seus problemas em diversas formas de crime, na maioria dos casos ligadas à violência nas ruas.
>
> Texto produzido por aluno.

Slogans, palavras de ordem, provérbios e frases feitas

Podem demonstrar ausência de senso crítico, informação ou criatividade. Passam, muitas vezes, uma ideia panfletária ou expressam uma sentença moral, o que deve ser evitado nos textos de caráter dissertativo-argumentativo. Portanto, evite usar em seu texto construções como as seguintes: "o Brasil é o país do futuro", "se cada um fizer a sua parte, o Brasil poderá ser uma grande nação", "nenhum homem é uma ilha", "atrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher".

No trecho a seguir, a conclusão de um texto que comenta a última convenção mundial sobre mudanças climáticas, o autor usa uma série de lugares-comuns. Observe:

> Saímos de Copenhague com outra certeza, a de que o aquecimento global não será resolvido apenas pelos governos. A tarefa é gigantesca. Todos nós: empresas, mídia, indivíduos e governo precisamos contribuir e muito. Trata-se de uma questão de solidariedade para com as novas gerações. E também de uma importante questão econômica. A luta continua. Vamos trabalhar para, em 2010, darmos outro passo, ainda maior. A questão veio para ficar. A humanidade precisa resolvê-la para poder caminhar tranqüila.
>
> Disponível em: <http://blogs.abril.com.br/cuidar/2009/12/futuro-agora-cop15-sucesso-ou-fracasso.htm>. Acesso em: 08 nov. 2010.

Senso comum e lugar-comum

Você já deve ter ouvido falar em "senso comum" e "lugar-comum", bem como já recebeu a orientação de não utilizar lugares-comuns em seus textos. Mas você sabe qual é a diferença entre "senso comum" e "lugar-comum"?

Usa-se a expressão "senso comum" para fazer referência a concepções conhecidas e consideradas válidas pela maioria das pessoas. São exemplos de ideias de senso comum:

- Há mais criminalidade em lugares onde existe maior desigualdade social.
- A estrutura tradicional das famílias modificou-se ao longo dos últimos 20 anos.
- Não será possível acabar com a corrupção no Brasil se não houver punições efetivas àqueles que a praticam.
- O sistema carcerário no Brasil não reabilita os infratores para o convívio social.
- Nos Estados Unidos, não há menores índices de criminalidade nos estados que adotam a pena de morte.

Não há problema em se usarem ideias e argumentos desse tipo em uma redação. Todo texto precisa ser um pouco previsível, afinal, deve pautar-se na realidade, na qual também está fundamentado o senso comum. Entretanto, é bom saber que essas ideias têm baixo índice de informatividade. Em outras palavras, um texto fundamentado apenas no senso comum é previsível e não acrescenta muito aos leitores. Por isso, é aconselhável apresentar ideias que ultrapassem o senso comum.

Diferentemente do senso comum, o lugar-comum deve ser evitado a todo custo em textos dissertativo-argumentativos. Os lugares-comuns pautam-se em generalizações pouco atentas e, normalmente, traduzem preconceitos. São exemplos de lugares-comuns:

- Mulheres não sabem dirigir bem.
- Na favela só há marginais.
- Políticos são corruptos.

Chistes

São frases bem-humoradas. Os chistes devem ser muito bem dosados, pois poucas pessoas conseguem o refinamento do humor ao escrever, e o efeito pode ser o de um tom grosseiro, ridículo ou inapropriado. Usar uma frase como "parece que o brasileiro insiste em acreditar em Papai Noel, duendes e políticos honestos", provavelmente, não surtiria um bom efeito.

No trecho a seguir, de um texto que deveria analisar a postura dos brasileiros em relação a medidas de diversos governos para fomentar o desenvolvimento socioeconômico do país, o uso excessivo de chistes gera um tipo de argumentação pouco adequado para um texto dissertativo-argumentativo. Observe:

> Muitos barcos já passaram e continuam passando para tentar salvar nosso país e nós continuamos a só querer ver navios. A saída escolhida por nós, até agora, é subir no telhado e rezar.
>
> Texto produzido por aluno.

Argumentos que contrariam a realidade

São aqueles que se mostram errôneos na análise dos fatos. A afirmação "o país está ficando velho porque pesquisa recente do IBGE revela que, em 2011, o Brasil será o sétimo do mundo em população de idosos" pode ser entendida como um argumento desse tipo.

No trecho a seguir, retirado de uma redação em que era necessário discutir o exercício da cidadania no Brasil, o autor também desenvolve um argumento desse tipo. Observe:

> Sem falar que a mídia internacional, principalmente dos países ditos de primeiro mundo, noticiam a todo tempo que somos terceiro mundo, que somos cidadões de segunda classe e acabamos inconscientemente incorporando tal raciocínio.
>
> Texto produzido por aluno.

ARGUMENTAÇÃO E MODALIZADORES

Anteriormente, ao estudarmos o texto dissertativo-argumentativo, vimos alguns modalizadores, palavras e expressões que permitem ao falante relativizar o que ele enuncia. Nesse sentido, os modalizadores marcam um posicionamento do sujeito em relação ao enunciado, funcionando, muitas vezes, também como articuladores.

Com o uso de mecanismos linguísticos modalizadores, é possível, muitas vezes, evitar falhas de argumentação. Para você ter uma ideia, observe como seria possível corrigir a falha do trecho que foi usado como exemplo para sofisma apenas com o uso de uma palavra modalizadora.

> O estado, por investir pouco na educação, faz com que os alunos da rede pública tenham menos acesso às oportunidades oferecidas à maioria da população de classe média alta para cima. Por isso, se sentem excluídos, marginalizados e **escondem** a raiz de seus problemas em diversas formas de crime, na maioria dos casos ligadas à violência nas ruas.
>
> Texto produzido por aluno.

> O estado, por investir pouco na educação, faz com que os alunos da rede pública tenham menos acesso às oportunidades oferecidas à maioria da população de classe média alta para cima. Por isso, se sentem excluídos, marginalizados e **podem esconder** a raiz de seus problemas em diversas formas de crime, na maioria dos casos ligadas à violência nas ruas.
>
> (Adaptação)

No primeiro trecho, o autor usa o verbo "esconder" conjugado no presente do indicativo, tempo verbal que indica certeza em relação ao que é dito. Escrito dessa forma, o período final conduz a uma generalização: todos os alunos da rede pública, por se sentirem excluídos, marginalizados, procuram resolver seus problemas na marginalidade. Nesse caso, o raciocínio é evidentemente falacioso e pouco coerente com a realidade.

Na adaptação, a inserção do verbo modal "poder" imprime ao que é enunciado a ideia de possibilidade, de modo que o leitor passa a entender o que antes era uma generalização como uma possibilidade. Desse modo, o que era um sofisma passa a ser um argumento válido e bastante coerente com a realidade.

Assim, procure conhecer melhor os modalizadores e passe a usá-los sempre que for necessário relativizar as informações em um texto.

Há vários mecanismos linguísticos que permitem modalizar o que se diz:

- **Modos e tempos verbais:** a maior parte dos tempos do indicativo exprimem certeza em relação ao que é dito, enquanto os tempos do subjuntivo indicam dúvida, hipótese, e os do imperativo expressam solicitação ou ordem.
- **Advérbios:** modificam verbos, adjetivos e outros advérbios, indicando as mais diversas circunstâncias de modo, tempo, lugar, dúvida, negação, etc.
- **Adjetivos:** permitem qualificar, especificar, delimitar os substantivos e, desse modo, revelam a perspectiva do produtor em relação ao que ele enuncia.
- **Predicativos cristalizados:** podem indicar certeza *(é certo, é inegável, é evidente)*, dúvida *(é provável)*, obrigatoriedade *(é preciso, é necessário, é imperativo, é obrigatório)*, avaliação *(é lamentável, é curioso)*.
- **Verbos modais:** podem indicar probabilidade *(dever, poder)*, obrigatoriedade (*dever, ter que / de, haver de, precisar)*.

Observe como é possível alterar o sentido de um enunciado a partir do uso desses mecanismos linguísticos.

O aumento do índice de pobreza traz consequências ao desenvolvimento do país e afeta os mais ricos.

– **Provavelmente,** *o* **gradativo** *aumento do índice de pobreza* **traria** *consequências* **irreversíveis** *ao desenvolvimento* **econômico** *do país, já que* **afetaria diretamente** *os mais ricos.*

– **Infelizmente**, *o* **alarmante** *aumento do índice de pobreza pode trazer consequências* **graves** *ao desenvolvimento* ***social*** *do país, mesmo que* **não** *afete* **muito** *os mais ricos.*

– **É inegável** *que o* **tímido** *aumento do índice de pobreza* **não** *trouxe* **sérias** *consequências ao desenvolvimento* **econômico** *do país, mas* **certamente** *afetou os mais ricos.*

No quadro a seguir, são apresentados os principais modalizadores e também alguns articuladores metadiscursivos. Consulte-o sempre que necessário.

Valor semântico	Exemplos
Delimitam o âmbito ao qual se aplica o que foi enunciado.	*geograficamente* *economicamente* *politicamente*
Subdividem o texto em unidades menores a fim de facilitar a compreensão.	*primeiro* *depois* *em seguida* *por um lado / por outro* *em primeiro lugar / em segundo lugar / por último*
Assinalam o grau de certeza do enunciador em relação ao que ele afirma.	*é evidente / certo (que)* *aparentemente* *não há como negar (que)*
Assinalam a atitude psicológica que o enunciador tem em relação àquilo que enuncia.	*infelizmente* *felizmente* *é lamentável (que)* *é surpreendente (que)*
Expressam um juízo de valor que o enunciador faz daquilo que enuncia.	*curiosamente* *desastradamente* *autoritariamente* *suavemente*
Indicam o grau de obrigatoriedade / facultatividade que o enunciador imprime àquilo que enuncia.	*é necessário (que)* *é imperativo (que)* *é indispensável (que)* *opcionalmente*
Indicam o modo como o produtor se coloca em relação a seu interlocutor no ato de enunciação.	*francamente* *sinceramente* *honestamente*
Comentam o que foi enunciado ou parte do que foi enunciado.	*resumidamente* *em suma / em síntese* *para recordar* *para retomar*
Introduzem um tópico (assunto).	*a respeito de* *quanto a* *vale lembrar (que)* *voltando a questão (de)*
Introduzem reformulações ou correções.	*quero dizer* *digo* *ou melhor*

O QUE EVITAR EM UM TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO

Histórias pessoais, comoventes e discurso religioso

Textos dissertativo-argumentativos devem resultar de uma análise ampla de um tema e ser produtos da consciência crítica, sem perder de vista a objetividade e a racionalidade. Deve-se evidenciar uma visão humana dos fatos, mas sem sentimentalismos ou recortes ideológicos particulares.

Vale notar que relatos de experiência, quando bem articulados a um projeto de redação, são aceitos pela equipe de correção do Enem.

Mudança no foco discursivo

Revela a falta ou o pouco domínio dos pronomes que correspondem às pessoas do discurso. Sendo assim, quando se iniciar um texto usando construções impessoais, em 3ª pessoa, não se deve passar para a 1ª do plural sem se estabelecer transição explícita que justifique a alteração do ponto de vista. Um trecho como o seguinte é, evidentemente, problemático: "Deve-se entender que o homem não é uma ilha. Vivemos em sociedade, e tudo que nela ocorre acaba por nos influenciar direta ou indiretamente."

Palavras difíceis, cujo sentido não se domina ou que evidenciam pedantismo ou desconhecimento do contexto de produção e destinatário

Como sugeriu o escritor francês Paul Valéry, entre duas palavras, deve-se escolher a mais simples e, entre duas palavras simples, a mais curta. Por que usar "auscultar" em vez de "sondar" ou "no ano de 2010" em vez de "em 2010"?

Palavras de sentido vago

Textos dissertativo-argumentativos devem apresentar informações precisas para que o texto pareça confiável aos leitores. Desse modo, devem-se evitar expressões vagas como "coisa", "negócio", "algo", etc.

Excesso de adjetivos

Os adjetivos devem ser usados na medida certa, pois seu emprego indiscriminado pode prejudicar a construção de um texto dissertativo-argumentativo. Evite-os sempre que puderem sugerir a intenção de impressionar o leitor ou evidenciar ideias já implícitas. Dois exemplos desse mau uso são, respectivamente, "Tornado catastrófico destrói casas em Santa Catarina" e "Perante o mundo incomensurável e amedrontador que o cerca, o homem sente-se frágil, um minúsculo ponto na Terra".

O adjetivo é bem empregado quando traz a informação necessária ao fato ou evidencia o recorte selecionado pelo autor. Observe: "O estresse pode provocar fadiga crônica acompanhada de mãos geladas, insônia frequente e irritabilidade."

Aspas

Devem ser utilizadas com comedimento e apenas para marcar citações literais, estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, expressões populares, ou para evidenciar que certa palavra está sendo usada em sentido diferente do usual.

Emprego do gerúndio

O gerúndio é bem empregado como:

- Gerúndio modal: *Respondeu sorrindo à minha interpelação.*
- Gerúndio durativo: *Continuávamos esperando notícias dele.*
- Gerúndio condicional: *Tendo sido publicadas as regras, obedeça-se!*
- Gerúndio causal: *Sabendo que ela não tolerava críticas, calei-me naquele instante.*
- Gerúndio temporal: *Chegando ao colégio, procure o coordenador.*

Seu uso deve ser evitado quando:

- As ações expressas pelos verbos da frase não puderem ser simultâneas: *"Entrou na sala distribuindo as provas"*. – *"Entrou na sala e distribuiu as provas"* seria o correto.
- O gerúndio expressa uma ação posterior à do outro verbo: *O prisioneiro fugiu, sendo detido cinco horas depois.* – "O prisioneiro fugiu, mas foi detido cinco horas depois" seria o correto.
- O gerúndio é usado com valor adjetivo: *Comprei um estojo contendo lápis, borracha e caneta*. – *Comprei um estojo que continha lápis, borracha e caneta* seria o correto.

Portanto, use o gerúndio apenas quando:

- Predomina o caráter durativo.
- Há predominância do caráter adverbial: tempo, modo, causa, condição, etc.
- A ação expressa é imediatamente anterior à principal ou pode coexistir com ela.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Leia o texto seguinte, que, de forma irônica, aborda o problema do gerúndio.

O mal está no gerúndio

O gerúndio está na raiz de grande parte dos males do país. Se perguntarmos à secretária por um documento que solicitamos há três dias, ela responde: "Está chegando..."; o governo "está combatendo a pobreza", assim como o conserto do telefone "está sendo providenciado...". E nada sai do lugar!

REDIJA um parágrafo dissertativo em que você identifique a que problema o texto faz referência e explique de que modo tal problema pode ser relacionado ao gerúndio.

LEITURA COMPLEMENTAR

Texto I

São vários os textos que trazem as "pérolas" produzidas por estudantes em suas redações. Alguns desses textos circulam na Internet, como o que está transcrito a seguir. Divirta-se com a leitura!

Chavões e tropeços na gramática

"O povo grita por melhorias, por enfatizações e se limita apenas no seu ego instintivo. Mas esperam a lapidação de uns educação formal e instrutiva para a conscientização global". Não se trata de nenhum samba do crioulo doido. Na verdade, esse é o parágrafo inicial de uma redação [...] em que o tema proposto era educação. As pérolas não param por aí. Além da total falta de originalidade, os alunos freqüentemente esbarram na gramática.

Os textos aqui mostrados foram copiados como foram escritos, com erros gramaticais e de pontuação. Outro exemplo: "A única solução é educarmos para sabermos solucionar os nossos problemas os quais virão que seje hoje ou virá num futuro próximo."

A dificuldade com a palavra escrita fica evidente na redação desse aluno, que talvez não tenha entendido a amplitude do tema e disparou. "Eu, fulano de tal, nascido em Belo Horizonte, me considero uma pessoa educada." Os mais ousados, com a intenção de serem originais, caem no ridículo quando partem para o discurso político: "A atualidade dos dias de hoje nos levam a crêr que talvez daqui 30 40 anos, possamos realmente ter uma sobrevivência mais humana e digna a todos nós. Seremos otimistas? O político burguês voltado somente para seu próprios interesses não dão o mínimo para os problemas do povo oproletariado."

É impressionante como alguns não conseguem dar o menor sentido à sua idéia. Ainda no tema educação, outro exemplo: "O aumento de escolas gratuitas, é também necessário, para não haver concorrência entre particulares, dando com isto direito ao lazer." Sem sutileza alguma, outro foi enfático: "Os governantes do país querem é que o povo fique cada vez mais analfabeto, porque assim não terão a sua vez e nada, não poderam reivindicar coisa alguma, porque lugar de burro é no curral." Mais um exemplo de um amontoado de palavras sem nexo: "A educação é a base de se educar para a vida. É através dela que poderemos quebrar a massificação.".

Flor mimosa

Quando o tema é o papel da mulher no mundo atual, as aberrações continuam. "Vamos dar a ela o mundo para que ele seja mais limpo e honesto: quem sabe assim sabemos que no mundo todos (homens e mulheres) somos iguais que o que nos separa e diferência, mede mais ou menos vinte centímetros." Outro exemplo: "Mulher a mais perfeita provação que Deus criou, compara-se a uma energia que faz viver os mortos, produz serenidade quando completa, a qualquer ângulo ou altura, se torna a flor mimosa no jardim das maravilhas."

Dentro do tema "o que o brasileiro precisa para redescobrir o Brasil", um bom exemplo é: "Quando os alicerces balançam, tremem ante a tempestade dos tempos e acontecimentos é a solução uma implosão e conseqüentemente demolição. Dos destroços faz-se alicerces fortes e por seguir teremos nação forte." Ou ainda: "Somos testemunhas oculares e urnares de como esta trajédia que talvez só mesmo a Lei de Newton pode explicar."

Outra opção de tema foi o amor, quando o teste apresentou textos, poemas e letras de música popular para servirem de confronto. Provando que não entendeu o que a questão pedia, um aluno escreveu: "Desde que me entendo por gente tenho uma paixão muito grande pela música, em especial pelo *rock* progressivo o qual venho me dedicando por um tempo que é capaz e por todo que vou procuro divulgar e me projetar musicalmente pois faço tudo por ele." Outro mais inspirado e demonstrando conhecimento de Biologia, escreveu: "O amor parece que foi ontem, embora já fazem vinte anos que eu herdei de dois gametas a forma, erma de vida, que implodia dentro do útero em forma de amor."

Texto II

Pérolas de redação do vestibular

Dar pérolas aos porcos significa dizer coisas finas, preciosas, a quem não é capaz de as entender. No caso das "pérolas de redações" divulgadas pela imprensa, normalmente em épocas posteriores a concursos como o vestibular, o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) e o Provão, freqüentemente, são listas infindáveis de palavras grafadas fora do padrão culto da língua ou frases e / ou construções inadequadas, com os sentidos mais estranhos possíveis. [...] Esses "erros" adorados pela imprensa são comuns a todos que escrevem, ou pelo menos se propõem a escrever – o que é digno de elogio, diga-se de passagem.

O que, na realidade, essas "pérolas enganosas" mostram? Certamente não é somente a incapacidade de escrita de nossos alunos. Também evidenciam a inaptidão do trato com a produção de texto do aluno e do professor. Esclarecendo melhor: num país como o nosso, a leitura e a escrita ainda são um privilégio de poucos e os demais têm uma inaptidão construída ao longo de sua vida escolar.

Refletindo de maneira inversa, que tal apresentarmos as verdadeiras jóias de redação do vestibular, ou seja, aquelas que são modelos para uma construção efetiva de redação em alunos que querem galgar uma vaga nas instituições de ensino superior?! [...] As instituições de ensino internacionalmente conhecidas só levam a público o que dá certo, o que é valorizado individual e coletivamente. No Brasil, um exemplo é a Unicamp, embora, normalmente, valorizamos divulgar o ruim, a mazela educacional, "as pérolas de redação".

Mas afinal, o que entendemos por pérolas de redação do vestibular? São as redações que alcançam valorações entre 50 e 60 pontos (numa escala de 0 a 60 pontos, como na UEM), que demonstram uma capacidade de leitura do aluno adequada ao que se espera de um universitário e, a longo prazo, de um profissional capaz. São redações que apresentam uma tipologia textual pertinente ao que foi ensinado na escola e demonstram explicitamente o seu ponto de vista através de argumentos que explorem o pensamento sobre o tema solicitado.

No vestibular de verão / 1999, o tema da redação propunha que se elegesse o brasileiro do século. Um exemplo de pérola aqui defendida foi esta redação:

Povo: o grande Brasileiro do século

Irmã Dulce, Ayrton Senna, Chico Buarque. Estes são alguns dos grande nomes indicados em recente pesquisa da revista ISTOÉ, para ocupar o título de Brasileiro do Século. Entretanto, será justo dar esse mérito apenas a uma pessoa? Não será todo o povo brasileiro, o grande merecedor da honraria?

Em primeiro lugar devemos ver o povo como um grande religioso, não pela grande maioria praticar uma religião, mas por fazer milagres como comer, se vestir e pagar o aluguel com um salário mínimo. Outro fator com "forças intrigantes" pendentes é como o povo sobrevive mesmo dependendo do transporte coletivo e INSS. Perguntem ao Chico Buarque se ele já precisou do SUS, que está falido, sem remédios e com os hospitais lotados. Ponto para o povo do Brasil.

Um segundo aspecto que faz da plebe brasileira a grande merecedora do prêmio é ser uma esportista nata. Não se trata de sermos os primeiros do mundo no futebol ou do Ayrton Senna ser do Brasil. Os esportes referidos precisam de muito mais audácia e paciência. É o caso das corridas da inflação, levantamento e regamento de políticos desonestos e dribles no desemprego.

O último aspecto sobre o qual podemos ver nosso candidato ao título é o artístico. O povo é um ator de primeira linha, melhor que Fernanda Montenegro, pois a barriga dela não ronca de fome durante os espetáculos. O pobre é um artista da vida, pois, quando, por exemplo, chega o carnaval, ele finge que existe justiça e igualdade social e brinca com os ricos, brindando a alegria e o dinheiro deles.

Assim, o brasileiro do século não é um brasileiro e sim o povo brasileiro, que é o esportista que corre da crise, o religioso que faz milagres com o salário mínimo e o artista que ri de sua desgraça.

Observamos que o texto é muito bem formado, apresentando o brasileiro eleito, o povo, argumentando criativamente e com senso crítico bem definido sobre as relações dos grandes nomes do Brasil com o povo simples; expondo com ironia o que o aluno pensa sobre o tema. Além disso, a redação organiza-se numa estrutura de dissertação tal qual foi ensinada na escola. Isto é uma pérola de redação do vestibular.

Que tal alterarmos a visão turva que foi atribuída a uma jóia tão bela?! Essa alteração pode se iniciar com as propostas de modelos que oferecemos aos nossos leitores. Modelos bons, teoricamente, podem fornecer boas direções para a construção de bons textos. Para que dar pérolas aos porcos? Vamos dá-las aos homens, aos brasileiros...

MENEGASSI Renilson; ZANINI Marilurdes. Professores doutores do curso de Letras e do Mestrado em Linguística Aplicada da UEM; pesquisadores em Produção de Textos em Língua Materna Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/014/14cmenegassi.htm>

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UFMG) Observe este texto da propaganda:

Agora, leia este verbete de dicionário:

Sofisma. S. m. 1. Lóg. Argumento aparentemente válido, mas, na realidade, não conclusivo e que supõe má-fé, por parte de quem o apresenta, falácia, silogismo [...] 3. P. ext. Argumento falso produzido de propósito para induzir outrem a erro [...]

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI, o dicionário da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1999, p. 1875.

REDIJA um texto dissertativo, explicitando o sofisma presente nesse texto de propaganda e o propósito com que ele foi utilizado. (10 linhas)

02. (Milton Campos-MG–2010 / Adaptado) Leia, com atenção, o texto a seguir, pois a questão **02** refere-se a ele.

Impasses de um ateu

Leio num ônibus em Nova York propaganda de um grupo de ateístas: Você não precisa acreditar em Deus para ser uma pessoa ética. Segue a linha daquele outro anúncio estampado em ônibus ingleses: Deus provavelmente não existe. Agora pare de se preocupar com isso e aproveite a sua vida. Estou aproveitando a minha, sentado à mesa de um bar numa calçada perto do Union Square, em Manhattan, saboreando uma cerveja mexicana.

As palavras no ônibus me fazem refletir sobre meu ateísmo. Minha primeira reação é de alegria e cumplicidade. Júbilo, até. Ateus são por natureza seres que pensam por si, respeitam a diversidade de pensamento e por isso preferem caminhar à margem do rebanho – para usar um termo muito ao gosto dos religiosos – e evitar pensamentos pré-fabricados. A ideia da individualidade e a valorização dessa condição fazem com que ateus raramente se reúnam em grupos, sociedades, partidos ou facções para defender a causa.

De uns tempos para cá, com o recrudescimento das posturas e ações de grupos religiosos, principalmente daqueles ligados ao terrorismo, muitos ateus começaram a se unir numa tentativa de fazer suas vozes ganharem peso político. Ateus, em geral, têm consciência de que o que os diferencia dos crentes é o simples fato de não acreditarem na existência de Deus. De resto, são idênticos aos crentes, acometidos dos mesmos medos, incertezas, dúvidas e inseguranças, assim como capazes dos mesmos sentimentos altruístas (compaixão, misericórdia) ou não (ira, inveja etc.).

Eu, antes discreto, passei a afirmar ultimamente meu ateísmo com mais convicção. Dizeres como Deus seja louvado nas notas de real, campanhas ferrenhas contra a descriminalização do aborto, tentativas histéricas de proibir as pesquisas com células-tronco embrionárias, oposição obstinada aos direitos de homossexuais e a crescente infiltração do criacionismo – doutrinação religiosa disfarçada de pseudociência – em nossas escolas são só alguns dos pontos que me incomodam muito na atuação política de grupos ligados às religiões e motivam minhas tentativas de – ao meu modo – questionar o que entendo como obstáculos à liberdade de expressão e direitos individuais, dois dos pilares de qualquer democracia que se preze.

Não me incomodo com as crenças religiosas e defendo o direito de as pessoas exercerem seus rituais e cultos, contanto que não firam a liberdade alheia e não interfiram na educação, ciência e política, que devem – no meu entender – permanecer acima, ou ao largo, dos credos.

Volto à Nova York e ao ônibus com os dizeres ateístas (e à minha cerveja mexicana): unindo-se em grupos e iniciando uma *jihad* contra as religiões, os ateus não estarão caindo numa armadilha? Será mesmo uma boa estratégia agir da mesma forma que os religiosos radicais e assumir idêntica beligerância? Não estaríamos – desajeitadamente – usando as mesmas armas do inimigo?

Precisamos mesmo considerar religiosos como inimigos? Não faríamos melhor permanecendo fora do rebanho tentando iluminá-lo (e aqui não dou o sentido religioso à palavra iluminação) somente com o exemplo de nossos pensamentos, independência e liberdade?

O ateu, num impasse, imerso em dúvidas, frágil, impotente e solitário como qualquer outro ser humano, acaba de beber sua cerveja e sai flanando por Nova York sem encontrar respostas para as suas perguntas. Mas feliz por duvidar e não ter certeza.

BELLOTTO, Tony. *Veja online*. 30 jul. 2009.

Elabore um **TEXTO DISSERTATIVO** em que você se posicione criticamente sobre as ideias apontadas nos seguintes questionamentos feitos por Bellotto:

"[...] unindo-se em grupos e iniciando uma *jihad* contra as religiões os ateus não estarão caindo numa armadilha? Será mesmo uma boa estratégia agir da mesma forma que os religiosos radicais e assumir idêntica beligerância? Não estaríamos - desajeitadamente - usando as mesmas armas do inimigo? Precisamos mesmo considerar religiosos como inimigos? Não faríamos melhor permanecendo fora do rebanho tentando iluminá-lo (e aqui não dou o sentido religioso à palavra iluminação) somente com o exemplo de nossos pensamentos, independência e liberdade?"

Na elaboração de seu texto, apresente argumentos consistentes e bem fundamentados, capazes de dar sustentação ao seu ponto de vista.

Observações:

- **PRODUZA** um texto de, no mínimo, 15 linhas.
- **DÊ** um título a ele.
- **FAÇA** a redação a tinta.

03. (Milton Campos-MG) Leia, com atenção, o texto seguinte e, tomando-o como ponto de partida, **REDIJA** um texto dissertativo em que você se posicione criticamente sobre as ideias do Prof. Ciro Marcondes, considerando a relação estabelecida por ele entre *Shopping Center* e o forte alucinógeno LSD.

Na elaboração de seu texto, você deverá apresentar argumentos consistentes e bem fundamentados, capazes de dar sustentação e credibilidade à sua fala.

Shopping Center, o LSD da Classe Média

Ciro Marcondes Filho

Todo mundo deveria fazer pelo menos uma viagem pelo maravilhoso mundo aparente do *Shopping Center*. Trata-se do correlato da viagem dos jovens e intelectuais da década de 60, por meio do LSD. As visões paradisíacas, o distanciamento da realidade, a contemplação do mundo do consumo são oferecidos por esse espaço laboriosamente construído, onde o mundo real não entra. Ao atravessarmos a porta de ingresso no local, a impressão que se deseja transferir é a do adentrar-se em um mundo puro. Puro de misérias, da pobreza, dos pedintes, dos assaltos e da violência de lá fora; é também puro da sujeira e do excesso de "brasilidade" de nossas cidades, ou seja, excesso de tristeza, de decepções, de frustrações e de aborrecimentos. Nessa viagem imaginária, deixa-se o mundo brutalizado do lado de fora.

No *Shopping Center*, a natureza obedece à mais calculada disciplina ambiental: nada pode demonstrar que a realidade social e pessoal sejam fatos contraditórios, todavia, no mundo exterior, não existem só o belo, o bom, o cuidado, o limpo, mas também o feio, o ruim, o poluído, o abandonado, o sujo. Essa, entretanto, é a verdade.

(Adaptação)

Observações:

- **DÊ** um título ao seu texto.
- **FAÇA** a redação a tinta.
- Sua redação deverá ter um mínimo de 15 linhas.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UFPE–2010 / Adaptado)

Instrução: Texto para as questões de **01** a **06**.

Texto I

No ano 2000, os líderes mundiais acordaram um conjunto de metas para estimular avanços visando à concretização, até 2015, do que estava previsto no tratado Educação para Todos (ou EFA, na sigla em inglês), proposto durante o último Fórum Mundial sobre a Educação, promovido pela Unesco. Entretanto, pesquisas recentes mostram que, a meio caminho de 2015, os governos ainda estão deixando de atender às crianças e aos adultos analfabetos.

Hoje, ainda existem 774 milhões de adultos desprovidos do grau mais rudimentar de alfabetização, e 72 milhões de crianças estão fora da escola. Para ajudar a sustentar suas famílias, muitas precisam trabalhar, frequentemente em condições desesperadoramente perigosas e insalubres: segundo a Organização Mundial do Trabalho, 111 milhões de crianças trabalham em "atividades de risco". As crianças portadoras de deficiências, as de comunidades étnicas minoritárias e as que são doentes de AIDS ou soropositivas enfrentam ainda outros obstáculos para chegar à escola.

A Campanha Global pela Educação (ou GCE, na sigla em inglês) divulgou no ano passado um relatório em que atribui "notas" de A a F a todos os governos, segundo seu desempenho até hoje no tocante à educação. Os governos que obtiveram as melhores "notas" incluem os da Letônia e do Uruguai, enquanto o fundo da classe é ocupado por Haiti, Somália e Guiné-Bissau. Os países mais ricos também foram avaliados quanto ao cumprimento da promessa com relação ao EFA. Enquanto a Noruega e a Holanda ocupam o topo do *ranking*, os países do G8 são os piores quando se trata de dar o financiamento prometido para a educação, e os EUA são o último colocado em sua "classe do G8".

Mas as evidências também indicam que muito pode ser realizado quando os governos priorizam a política educacional. Nos últimos 18 anos, vários países em desenvolvimento conseguiram avanços importantes na ampliação do Ensino Fundamental, entre os quais se destacam Costa Rica, Cuba, México, Sri Lanka e Tailândia. E avanços notáveis têm sido conseguidos em alguns dos contextos mais difíceis: milhões de crianças passaram a frequentar a escola em países como Quênia, Camarões, Botsuana e Burundi, nos quais, nos últimos anos, os governos eliminaram as mensalidades escolares.

O Brasil faz parte dos 20 primeiros países do ranking mundial, graças aos esforços feitos aqui, sobretudo por meio da pressão de organizações sociais e da sociedade civil. Com 2015 chegando cada vez mais perto, a GCE leva adiante sua campanha de pressão global e espera que os movimentos sociais brasileiros e os líderes dos governos continuem a dar um bom exemplo e a defender a causa do bem global nessa questão de importância tão vital.

Acreditamos que as histórias de êxitos vão inspirar outros líderes de países em desenvolvimento a redobrar seus esforços. Também estamos convencidos de que mostrar o que pode ser conseguido com a vontade política certa, respaldada por recursos, pode envergonhar os doadores, levando-os a cumprir suas promessas. O ano de 2008 foi o 60º desde a Declaração dos Direitos Humanos, da ONU. Vamos nos assegurar de que a geração que vai nascer a partir desse ano possa finalmente crescer com a luz e a esperança que a educação traz à vida de cada um.

SATYARTHI, Kailash. Disponível em: <http://www.cenpec.org.br/modules/news/article.php?storyid580>. Acesso em: 03 mar. 2009 (Adaptação).

01. Todo texto, falado ou escrito, cumpre um (ou, geralmente, mais de um) propósito comunicativo. Assinale a afirmativa **VERDADEIRA** quanto aos propósitos do texto mencionados em cada alternativa a seguir.

A) Entre outros propósitos, visa criticar os líderes mundiais por terem, em conjunto, estabelecido metas para estimular avanços na área educacional, até 2015.

B) Tem como um de seus objetivos conclamar os governantes a atuarem de maneira mais contundente, a fim de cumprirem as promessas feitas no ano 2000.

C) Intenciona, primordialmente, enaltecer o governo brasileiro, pela posição de destaque que o país tem logrado no *ranking* mundial, no que tange à educação.

D) Cumpre a principal função de informar o leitor acerca dos pormenores do tratado Educação para Todos, proposto no Fórum Mundial sobre a Educação.

02. Para que o leitor compreenda o conteúdo global do texto I, deve valer-se tanto das informações que estão explícitas na superfície textual quanto daquelas que ficam implícitas. A esse respeito, analise as proposições a seguir e indique a alternativa **CORRETA.**

A) O texto afirma explicitamente que ser portador de AIDS é condição impeditiva para que as crianças alcancem o nível mínimo de escolaridade.

B) Está implícita no texto a informação de que os investimentos em educação têm sido diretamente proporcionais à economia dos países mais ricos.

C) A informação de que o subdesenvolvimento é consequência óbvia da falta de prioridade na área educacional está explicitada no texto.

D) Ao longo do texto, vai-se evidenciando a ideia de que a educação é um direito de todos os cidadãos, a ser garantido pelo poder público.

03. Ao longo do texto I, a autora vai deixando "pistas" para o leitor, acerca do seu posicionamento diante das informações sobre as quais está discorrendo. Com isso em mente, analise as proposições a seguir e indique a opção **INCORRETA.**

A) No segundo parágrafo, a autora deixa "pistas" de sua posição favorável ao trabalho infantil, desde que este seja um meio de as crianças ajudarem no sustento de suas famílias.

B) Após apresentar dados negativos, no terceiro parágrafo, a autora demonstra acreditar no êxito de investimentos na área educacional, crença que transparece no quarto parágrafo.

C) No quinto parágrafo, ao mencionar a realidade brasileira, a autora expressa aprovação e contentamento diante da atitude de organizações sociais e da sociedade civil do nosso país.

D) Apesar dos dados impressionantes apresentados no texto, a conclusão revela que a autora acredita na possibilidade de mudanças proporcionadas por avanços na área educacional.

04. No processo de interação autor-texto-leitor, que ocorre por meio da leitura, o leitor vai tirando algumas conclusões. Essas conclusões, entretanto, precisam ser autorizadas pelo texto que está sendo lido. O texto I, por exemplo, **NÃO** autoriza o leitor a concluir que

A) vontade política desprovida de recursos é insuficiente para que os líderes garantam o cumprimento das metas acordadas no EFA.

B) experiências positivas de uma nação, na área educacional, podem ser exemplares para que outras ampliem seus investimentos nessa área.

C) é importante, para o êxito do EFA, que as sociedades civis dos Estados se mobilizem, no sentido de pressionar seus líderes a investirem em educação.

D) os avanços já alcançados pelo Brasil são prova inequívoca de que ele conseguirá cumprir integralmente as metas do EFA, até 2015.

05. A fim de construir sua argumentação, a autora do texto I recorre a algumas estratégias, dentre as quais se evidencia, **EXCETO**

A) a presença de afirmações respaldadas em dados empíricos.

B) a referência a instituições ou a entidades de renome.

C) a apresentação de opiniões de autoridades, em discurso direto.

D) a divulgação de dados numéricos, obtidos em pesquisas.

06. Podemos observar que, na elaboração do texto I, a autora optou por atender às exigências da norma padrão. Essa opção **NÃO** justifica, por exemplo

A) o sinal indicativo de crase no trecho: "os líderes mundiais acordaram um conjunto de metas para estimular avanços visando à concretização, até 2015, do que estava previsto no tratado Educação para Todos", em consonância com o que prescreve a norma acerca da regência do verbo "visar", quando ele tem sentido de "objetivar".

B) a forma plural do verbo, no trecho: "Hoje, ainda existem 774 milhões de adultos desprovidos do grau mais rudimentar de alfabetização", pois a norma prescreve que o verbo "existir", assim como "haver" e "ter", devem ser flexionados no plural, em concordância com um sujeito plural posposto.

C) a forma de 3ª pessoa do plural do verbo, no trecho: "e os EUA são o último colocado em sua 'classe do G8'.", pois o sujeito, embora se refira a um único país, aparece determinado por um artigo no plural.

D) a forma oblíqua do pronome no trecho: "mostrar o que pode ser conseguido com a vontade política certa, respaldada por recursos, pode envergonhar os doadores, levando-os a cumprir suas promessas", que, tendo como referente o termo "doadores", está exercendo a função de complemento do verbo "levar".

Instrução: Texto para as questões **07** e **08**.

Texto II

Quem se alimenta bem, tem mais energia para estudar, trabalhar, aprender, se divertir. Combine feijão e arroz com os alimentos que você gosta. Essa receita não tem erro.

Disponível em: <http://www.fomezero.gov.br/noticias/mds-lanca-campanha-brasilque-da-gosto>. Acesso em: 02 dez. 2009 (Adaptação).

07. Todo texto se insere em um contexto sociocultural, que, de certa maneira, o justifica e explica. A respeito do texto II, só **NÃO** é possível afirmar que

A) demonstra a preocupação do poder público com a saúde de uma parcela significativa de brasileiros, que, supostamente, não recorre a uma alimentação de qualidade.

B) ratifica a hipótese de que muitos brasileiros têm perdido a tradição de comer feijão com arroz e escolhido outros alimentos na hora das refeições.

C) embora as imagens apresentem apenas jovens, o cartaz supõe leitores de qualquer faixa etária cujos hábitos alimentares sejam pouco saudáveis.

D) representa, claramente, um esforço do governo brasileiro no sentido de preservar antigas tradições alimentares e, com isso, coibir a importação de culturas estrangeiras.

08. A análise dos elementos linguísticos que compõem o texto II **NÃO** nos permite afirmar que

A) o fato de o verbo "comer", no início do cartaz, estar em sua forma imperativa confere à mensagem um tom categórico.

B) em "seu ritmo de vida", o pronome se refere a qualquer leitor do texto, e tem a função de criar envolvimento.

C) no *slogan* "Feijão com arroz – é Brasil que dá gosto", fica clara a intenção de se jogar com a polissemia da expressão "dá gosto".

D) no trecho: "Combine feijão e arroz com os alimentos que você gosta", a ausência da preposição "de" antes do pronome relativo revela a opção do autor por aproximar o texto da linguagem dos jovens.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2009)

Apesar da ciência, ainda é possível acreditar no sopro divino – o momento em que o Criador deu vida até ao mais insignificante dos micro-organismos?

Resposta de Dom Odilo Scherer, Cardeal Arcebispo de São Paulo, nomeado pelo Papa Bento XVI em 2007:

"Claro que sim. Estaremos falando sempre que, em algum momento, começou a existir algo, para poder evoluir em seguida. O ato do criador precede a possibilidade de evolução: só evolui algo que existe. Do nada, nada surge e evolui."

LIMA, Eduardo. "Testemunha de Deus". *Superinteressante*, São Paulo, n. 263-A, p. 9, mar. 2009 (Adaptação).

Resposta de Daniel Dennet, filósofo americano ateu e evolucionista radical, formado em Harvard e Doutor por Oxford:

"É claro que é possível, assim como se pode acreditar que um super-homem veio para a Terra há 530 milhões de anos e ajustou o DNA da fauna cambriana, provocando a explosão da vida daquele período. Mas não há razão para crer em fantasias desse tipo."

LIMA, Eduardo. "Advogado do Diabo". *Superinteressante*, São Paulo, n. 263-A, p. 11, mar. 2009 (Adaptação).

Os dois entrevistados responderam a questões idênticas, e as respostas a uma delas foram reproduzidas aqui. Tais respostas revelam opiniões opostas: um defende a existência de Deus e o outro não concorda com isso. Para defender seu ponto de vista,

A) o religioso ataca a ciência, desqualificando a Teoria da Evolução, e o ateu apresenta comprovações científicas dessa teoria para derrubar a ideia de que Deus existe.

B) Scherer impõe sua opinião, pela expressão "claro que sim", por se considerar autoridade competente para definir o assunto, enquanto Dennett expressa dúvida, com expressões como "é possível", assumindo não ter opinião formada.

C) o arcebispo critica a teoria do *Design* Inteligente, pondo em dúvida a existência de Deus, e o ateu argumenta com base no fato de que algo só pode evoluir se, antes, existir.

D) o arcebispo usa uma lacuna da ciência para defender a existência de Deus, enquanto o filósofo faz uma ironia, sugerindo que qualquer coisa inventada poderia preencher essa lacuna.

E) o filósofo utiliza dados históricos em sua argumentação, ao afirmar que a crença em Deus é algo primitivo, criado na época cambriana, enquanto o religioso baseia sua argumentação no fato de que algumas coisas podem "surgir do nada".

02. Os textos a seguir servem de referência para a proposta de redação.

Texto I

Guerra Civil

Uma guerra civil é uma disputa hostil e armada entre pessoas de um mesmo país. Entretanto esta definição, embora também correta pode abranger também, outros conflitos entre os habitantes de um mesmo Estado que nem sempre são caracterizados como "guerra" devido à sua dimensão ou motivos.

Por isso, costuma-se observar três características principais para caracterizar um conflito nacional de "guerra civil": primeiro e bastante óbvio, a guerra civil deve ser uma "guerra", ou seja, é necessário que haja luta armada; em segundo lugar o conflito deve ser de caráter "civil", o que não significa que as forças armadas do país em guerra não estejam envolvidas, mas que o conflito tem forte participação popular, ocorre dentro das fronteiras de um país e grande parcela de seus habitantes está diretamente envolvida na luta armada; e em terceiro lugar, o conflito tem sempre como objetivo a aquisição, manutenção ou exercício da autoridade nacional.

Segundo alguns autores as guerras civis ocorrem predominantemente em países que têm sua economia baseada na agricultura com exportação de cerca de 1/3 de seus recursos naturais. Outro fator que contribuiu (e, em alguns lugares, contribui) para a ocorrência de guerras civis é a forma como ocorreu a colonização e independência de alguns países, onde o que restou após a independência foi a instabilidade política de diversas parcelas da população, seja separadas em tribos, religiões ou etnias diferentes, disputando o poder.

De fato a instabilidade política é determinante para a maior ou menor probabilidade de ocorrência de guerras civis. Países com governos autoritários, ou com oscilações constantes e/ou profundas do quadro político (golpes, insurgências, etc.) são, historicamente, locais de conflitos civis.

FARIA, Carolina. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/guerra-civil/>. Acesso em: 29 dez. 2010.

Texto II

Uma tragédia moderna

Nos países mais pobres, a disputa pelos poucos recursos é feroz e desesperada. Resultado: miséria gerando violência, que resulta em mais miséria e violência.

"Ocorrem mais guerras em países pobres porque seus habitantes não conseguem suprir necessidades básicas, o que torna a disputa por recursos muito mais feroz e desesperada", escreve o analista internacional Dan Smith no livro Atlas dos Conflitos Mundiais (Companhia Editora Nacional, 2007). "Nessas regiões, a miséria gera violência, e a violência gera ainda mais miséria."

BOTELHO, José Francisco. *Superinteressante,* out. 2007 (Adaptação).

Texto III

A guerra silenciosa

Ligamos a televisão e, com horror, vemos imagens da guerra civil nos Bálcãs ou mesmo a situação caótica do Iraque sem nos darmos conta de que, ao nosso lado, já há cinco séculos, o Brasil vive uma guerra civil aberta e que atinge a todos. Essa é a tese apresentada por Luís Mir nas quase mil páginas de seu novo livro, um impressionante estudo sobre o problema da violência cotidiana no país. Os números são atordoantes: aproximadamente 150 mil pessoas morrem violentamente no Brasil por ano e, desses óbitos, cerca de 56 mil são vítimas de assassinatos. Com apenas 3% da população do globo, o país abriga 13% dos homicídios mundiais. E os custos dessa tragédia não são apenas humanos: o atendimento a essas pessoas consome cerca de R$ 21 bilhões anuais, 40% de tudo o que se gasta com saúde (em torno R$ de 52 bilhões anuais). No Rio de Janeiro e em São Paulo, os dados são ainda mais graves: os Governos Estaduais vêem-se obrigados a usar 60 % do seu já diminuto orçamento com saúde apenas para dar conta do atendimento com as vítimas dessa violência cotidiana. "Se empilhados, a montanha da morte teria uma base e uma altura de muitas centenas de metros", escreve Luís Mir em Guerra civil.

E ele não tira suas conclusões do acaso. A primeira parte do livro é dedicada a analisar as raízes históricas dessa violência, iniciada com o genocídio dos índios, passando pela exploração escravagista, a segregação territorial e econômica da República e acabando no apartheid econômico, social e racial da atualidade. Para Mir, o responsável pela manutenção desse estado de coisas é sempre o mesmo: o Estado. "Ele sempre foi o maior promotor de violência e nunca funcionou como vetor pacificador" avalia o autor.

MIR, Luís. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=3127&bd=3&pg=1&lg=>. Acesso em: 01 dez. 2010.

Texto IV

Depois da Marinha, Exército e Aeronáutica entram na guerra do Rio

Ontem, policiais em blindados ocuparam a Vila Cruzeiro, QG do Comando Vermelho, em ação que teve até fechamento do espaço aéreo

RIO – Depois de cinco dias de confrontos no Rio, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva enviou 800 homens do Exército para a cidade, além de mobilizar Aeronáutica e Polícia Federal. Ontem, em operação policial sem precedentes, já com apoio de blindados da Marinha, a polícia ocupou a Vila Cruzeiro, no Complexo da Penha (zona norte do Rio), após 40 horas de intenso tiroteio.

"Não é humanamente possível que 99% das pessoas sejam molestadas por gente que está na marginalidade. Portanto, o Rio pode ficar 100% tranquilo que o governo dará ajuda", disse Lula em Georgetown, capital da Guiana. Segundo ele, um pedido formal de auxílio para uma Operação de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) foi feito anteontem pelo governador do Rio, Sérgio Cabral (PMDB).

O Exército vai garantir a proteção dos perímetros das áreas ocupadas por policiais. Já a Aeronáutica vai enviar dois helicópteros. Ainda serão mandados mais dez blindados das Forças Armadas, além de equipamentos de comunicação e óculos de visão noturna. Pela primeira vez na história, homens da Polícia Federal, pelo menos 300, atuarão no Estado já a partir de hoje.

Pelo menos 35 pessoas já morreram no Rio desde domingo. O número não inclui os mortos de ontem na Vila Cruzeiro, quartel-general do Comando Vermelho – o total não foi revelado pelo governo. Ontem, os ataques continuaram e se espalharam pela cidade, atingindo até o Túnel Rebouças, que liga as zonas norte e sul. Nos cinco dias, pelo menos 61 veículos já foram incendiados.

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20101126/not_imp645487,0.php>. Acesso em: 29 dez. 2010.

Texto V

Disponível em: <http://ozknews.portalozk.com/noticia/policia/portalozk/2010/11/27/rio-de-janeiro-blindados-do-exercito-entram-no-complexo-do-alemao/>.

Proposta de redação

Considerando o conceito de guerra civil apresentado e a coletânea de textos sobre os confrontos entre Estado e traficantes no Rio de Janeiro, redija um texto dissertativo-argumentativo em que você evidencie sua opinião sobre a seguinte assertiva:

> O Brasil vive uma guerra civil aberta, que atinge a todos.

Instruções:

- Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista, elaborando propostas para a solução do problema discutido em seu texto. Suas propostas devem demonstrar respeito aos direitos humanos.
- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou de narrativa.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.
- Dê um título a seu texto.

GABARITO

Fixação

01. O dicionário *Aurélio* define sofisma como um argumento falso, proferido com má fé, para induzir o outro a uma interpretação errada. Partindo-se desse conceito, é possível afirmar que a propaganda em questão é um sofisma. Ela tenta nos convencer de que grande parte da população mundial, que nunca fez uma chamada interurbana – provavelmente por não dispor de telefone – nunca mais fará, já que a Internet surgiu, tornando os telefones obsoletos e até desnecessários. Esse argumento induz a uma expectativa da democratização dos meios de comunicação, mas logo se verifica que esse processo de inclusão é ilusório, pois aqueles que antes não tinham acesso aos sistemas de telefonia provavelmente terão também acesso à Internet.

02. O aluno deve compor um texto dissertativo-argumentativo que explicite um posicionamento em relação ao questionamento de Tony Bellotto. Em outras palavras, deve explicitar se concorda ou não com o fato de ateus mobilizarem-se para protestar contra o recrudescimento das posturas e ações de grupos religiosos na contemporaneidade. O aluno pode assumir qualquer posicionamento e pode, inclusive, respaldar sua opinião em argumentos utilizados no próprio texto de Tony Bellotto. No terceiro e no quarto parágrafo, por exemplo, o autor cita diversas atitudes religiosas que justificariam o protesto dos ateus. Nesse caso, é possível escolher alguns exemplos e, além de citá-los, mostrar por que seriam prejudiciais à sociedade. No penúltimo parágrafo – em parte reproduzido no comando da proposta – há, por sua vez, argumentos que, desenvolvidos, poderiam justificar o posicionamento contra a mobilização dos ateus. Vale lembrar que o texto deve apresentar o posicionamento claro em sua tese e expor argumentação consistente, em uma redação coesa e coerente. É preciso, ainda, dar um título ao texto, conforme solicita uma das observações da proposta.

03. O aluno deve, em primeiro lugar, identificar a tese de Ciro Marcondes, concernente à relação entre o *shopping center* e o LSD. Para Marcondes, o *shopping center* exerce sobre a classe média o mesmo efeito que um alucinógeno exerce sobre seu usuário: o de transportá-lo para uma outra realidade, irreal e fantasiosa. Nesse sentido, o *shopping* constituiria um mundo idealizado, concebido artificialmente, e onde não existiriam a pobreza, a mendicância, onde estaria presente apenas a eterna possibilidade do consumo. O aluno pode dar suporte a essa tese, ampliando suas reflexões a respeito do caráter elitista e excludente dos *shopping centers*, bem como discutindo questões relativas ao comportamento compulsivo dos consumidores. É possível discordar do ponto de vista abordado pelo autor, desde que a tese desenvolvida pelo aluno se sustente sobre argumentos bem fundamentados. O aluno pode, por exemplo, defender que alguns *shopping centers* se popularizaram e já abrangem consumidores das classes sociais menos favorecidas. Isso, obviamente, não exclui as reflexões sobre o consumismo exacerbado, hoje também presente entre pessoas de baixa renda.

Propostos

01. B

02. D

03. A

04. D

05. C

06. B

07. D

08. D

Seção Enem

01. D

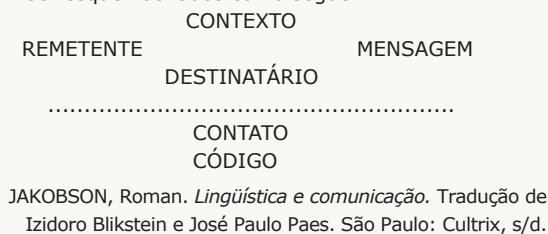
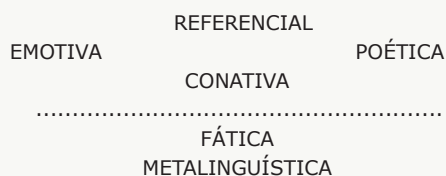
02. Nessa proposta de redação, o aluno deverá evidenciar se concorda ou não com a afirmação de que o Brasil vive uma guerra civil. O primeiro texto apresenta o conceito de guerra civil e evidencia que, para assim ser considerado, o conflito deve ser armado, contar com a participação efetiva da população civil de um país e objetivar a tomada de poder, ou seja, o controle da autoridade nacional. O segundo texto afirma que uma das principais causas de guerras civis é a escassez de recursos. O terceiro texto apresenta os números da violência no Brasil e defende a ideia de que a violência vivenciada no país equivale à de uma guerra civil. O quarto e o quinto texto tratam da tomada de favelas do Rio de Janeiro pelo Exército brasileiro. Com base nesses textos, o aluno pode concordar ou discordar da assertiva que fundamenta a proposta. Caso defenda a tese de que o país não vive uma guerra civil, pode argumentar, por exemplo, que criminosos e traficantes não desejam tomar a autoridade nacional, o poder central, mas apenas lucrar com seus crimes. Caso defenda a tese de que o país vive uma guerra civil, pode respaldar sua opinião nos números, além de afirmar que a criminalidade já chegou a uma proporção grande, a ponto de envolver a atuação das forças armadas do país. Independentemente de sua opinião, o aluno deve compor um texto coeso, coerente e redigido em língua padrão.

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 07 | FRENTE B

Funções da linguagem

A teoria a respeito das funções da linguagem foi apresentada por Roman Jakobson em seu trabalho *Lingüística e comunicação*. Nesse livro, o estudioso apontou a relevância das funções da linguagem e os elementos que as estruturaram:

> A linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções. [...] Para se ter uma idéia geral dessas funções, é mister uma perspectiva sumária dos fatores constitutivos de todo processo lingüístico, de todo ato de comunicação verbal. O remetente envia uma mensagem ao destinatário. Para ser eficaz, a mensagem requer um contexto a que se refere [...], apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um código total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um contato, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação. Todos esses fatores inalienavelmente envolvidos na comunicação verbal podem ser esquematizados como segue:
>
> CONTEXTO
> REMETENTE MENSAGEM
> DESTINATÁRIO
> ....
> CONTATO
> CÓDIGO
>
> JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação.* Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, s/d.

Ao salientar as particularidades das funções e demonstrar como elas estão mais vinculadas a cada um dos seis elementos que se entrecruzam no ato da comunicação, Jakobson reconstruiu o esquema da seguinte forma:

Intercalando os dois esquemas, chegamos às seguintes conclusões de Jakobson:

- A função REFERENCIAL centra-se no CONTEXTO;
- A função EMOTIVA centra-se no REMETENTE;
- A função POÉTICA centra-se na MENSAGEM;
- A função CONATIVA centra-se no DESTINATÁRIO;
- A função FÁTICA centra-se no CONTATO ou CANAL;
- A função METALINGUÍSTICA centra-se no CÓDIGO.

Vejamos, com um pouco mais de teoria e exemplos práticos, cada uma das funções da linguagem e como elas se aplicam em nosso cotidiano.

FUNÇÃO REFERENCIAL

A função referencial é a mais utilizada, pois a maior parte da produção textual é construída com o intuito de retratar a realidade, de descrever alguns procedimentos científicos ou de refletir sobre questões políticas, históricas e sociais. Tal postura informativa e pragmática pode ser identificada em textos jornalísticos, trabalhos acadêmicos, relatos científicos, manuais técnicos, artigos e reportagens de revistas, entre outros. Em todas essas produções, o autor terá a preocupação de demonstrar como o seu texto está voltado para um estudo objetivo, um dado estatístico, um fato do cotidiano, uma constatação científica – produções que o levam a ser o mais imparcial possível. Essa imparcialidade privilegiada pela função referencial pode ser notada em dois elementos fundamentais na estruturação dos textos: a utilização da **terceira pessoa** e de uma **linguagem denotativa**. Não é comum nos textos com função referencial o emprego de termos com duplo sentido, de vocábulos metafóricos ou ambíguos, justamente porque todos os interlocutores devem dar uma única interpretação às informações que lhes são apresentadas. É preciso que exista, desse modo, um máximo de transparência e de objetividade entre a coisa nomeada e a linguagem que a representa, o que faz com que as produções referenciais, centradas no contexto, sejam as mais verossímeis possíveis.

Vejamos, de modo prático, como a função referencial pode ser identificada em alguns aspectos do seguinte texto:

Lixão de Brasília sustenta "indústria informal"

SXC

Congresso Nacional no fim do Eixo Monumental

A menos de 20 quilômetros do Eixo Monumental, onde ficam os ministérios, o Congresso e o Palácio do Planalto, cerca de 3 mil pessoas vivem do que Brasília joga fora. São catadores de lixo que passam o dia andando em cima dos refugos da capital jogados no Lixão – ou Aterro Controlado, na nomenclatura oficial – da Estrutural, buscando tudo o que possa ser usado ou vendido. "É calor, é poeira, é sujeira. A gente não pode ficar aqui assim, morrer de velho em cima do lixo", disse Yorones Gomes dos Santos, 52 anos de idade e 14 de lixão. "É bom que a gente ganha um dinheiro, que nem é muito. Mas a gente não tem nenhum futuro."

Lixo

É pelo dinheiro que essas milhares de pessoas enfrentam a montanha malcheirosa e cheia de urubus todos os dias.

Uma parte dos catadores usa luvas para revolver o lixo, mas muitos trabalham com as mãos nuas. Eles têm de examinar os montes rapidamente porque logo os tratores empurram o lixo para ser aterrado. Os caminhões não param: são em média 1,8 mil toneladas de lixo por dia. Um catador rápido e forte, que trabalhe o dia inteiro, pode chegar a ganhar R$ 150 por semana, uma renda boa se comparada aos empregos que um trabalhador com pouca ou nenhuma qualificação normalmente conseguiria. Mas, o mais comum é o catador conseguir algo em torno de R$ 50 por semana, vendendo garrafas plásticas, sacos de lixo, latinhas, placas de computador, aparelhos eletrônicos quebrados e diversas outras sobras da cidade.

Empresários informais

Todo o material é vendido dentro do próprio lixão, a catadores que se tornaram empresários informais e montaram escritórios de compra com papelão e cadeiras encontradas no lixo. Com sorte, os catadores também encontram roupas e calçados, ou até relógios e celulares funcionando. E dinheiro cobre o chão do aterro: são notas gastas, falsas ou com falhas, que o Banco Central picota em pedacinhos do tamanho de confete, que acabam se espalhando pela superfície do lixão. Há um projeto do governo distrital de acabar com o Lixão da Estrutural, que fica ao lado de importantes mananciais de água do Distrito Federal. Mas os moradores resistem. "A gente não quer acabar com o lixão. A gente quer condições para trabalhar, mais carros, mas aqui é nosso único meio de renda para sustentar nossas famílias", disse o catador Ronaldo Lima.

Medo de invasão

O sistema foi criado porque o Serviço de Jardinagem e Limpeza Urbana de Brasília (Belacap) temia que uma invasão do aterro atrapalhasse os serviços e acabasse deixando pouco lixo para cada catador. O Lixão da Estrutural começou junto com Brasília – em 1961 – e, poucos anos depois, os primeiros barracos de catadores foram montados. A invasão ganhou o nome de Cidade Estrutural e tem hoje cerca de 5 mil casas e barracos e 20 mil moradores.

Campanha

Com a chegada das eleições, muitos candidatos foram à vila – a entrada deles é proibida no lixão – em busca de votos. O catador Claudinei Santos espera que as promessas sejam cumpridas. "Precisa de uma melhora para a população. Precisa de encanamentos, asfalto, escolas", disse. "E um serviço melhor para a gente."

Paulo Cabral, enviado especial a Brasília, 27 set. 2002.
BBC Brasil – Publicado às 15h40 GMT.

Você deve ter percebido, na reportagem sobre o Lixão de Brasília, que o autor Paulo Cabral utilizou uma linguagem mais descritiva, informativa e "documental". Isso se verifica em alguns procedimentos, como no emprego da terceira pessoa, no vocabulário mais denotativo, na inserção de depoimentos que propiciam maior verossimilhança à reportagem, na utilização de dados técnicos e estatísticos que comprovam como os números apresentados não são suposições do autor, mas traços objetivos do texto. Ou seja, ao centrar-se no contexto, Paulo Cabral não faz um relato subjetivo, parcial e emotivo da realidade dos homens que se sustentam do Lixão. Se o texto tivesse tais características, ele estaria empregando a função emotiva, como veremos a seguir.

FUNÇÃO EMOTIVA OU EXPRESSIVA

A função emotiva se opõe à referencial, porque enquanto esta privilegia a imparcialidade do relato, aquela procura justamente o oposto: constitui-se a partir da parcialidade, da emotividade. Devido a essa particularidade, a função emotiva também é denominada expressiva. Nas produções em que há o privilégio da função emotiva, tem-se o emprego da **primeira pessoa**, que marca a **subjetividade** do relato. O **remetente** faz questão de ressaltar o **seu estado sentimental**, o importante não é o real em si, mas o modo expressivo a partir do qual ele será visto e relatado pelo ser. A sensibilidade do remetente aparece evidenciada nos textos de função emotiva por meio de **interjeições**, de **pontos de interrogação** e **exclamação**, de **reticências**, do **diminutivo** ou do **superlativo** – indícios linguísticos que salientam a expressividade.

Observe o texto a seguir:

27 DE MAIO

Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. [...] Comecei a sentir a boca meio amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino marcou-me para passar fome. Catei um saco de papel. [...] Ferro, lata, carvão, tudo serve para o favelado. O Leon pegou o papel, recibi seis cruzeiros. Pensei guardar o dinheiro para comprar feijão. Mas, vi que não podia porque o meu estômago reclamava e torturava-me.

...Resolvi tomar uma média e comprar pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo!.

7 DE JUNHO

...Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2000.

Carolina Maria de Jesus. Foto de Audálio Dantas publicada na primeira edição de Quarto de despejo *– 1960.*

Você deve ter notado algumas diferenças entre os textos de Paulo Cabral e Carolina Maria de Jesus. Só o fato de o primeiro ser uma reportagem e de o segundo ser um diário já é um grande indício, pois é comum que uma reportagem utilize a função referencial ao passo que um texto pessoal como o diário privilegie a função emotiva. Além disso, outras oposições podem ser apontadas: emprego da terceira pessoa x emprego da primeira pessoa; linguagem denotativa x linguagem metafórica; pontuação mais imparcial x pontuação mais emotiva (interrogações, exclamações, reticências); referências científicas e estatísticas x referências pessoais e do cotidiano; linguagem padrão x linguagem coloquial. Por meio dessas ponderações, percebe-se que o autor Paulo Cabral, como profissional do jornalismo, utilizou-se da função referencial, enquanto Carolina Maria de Jesus construiu seu texto utilizando-se principalmente da função emotiva, embora seja possível também identificar a função poética em seu relato.

FUNÇÃO POÉTICA

Nas produções que privilegiam a função poética, o texto volta-se para a **mensagem**, ou seja, há uma preocupação com o jogo criativo do ato da linguagem. O autor valoriza não o conteúdo, a informação, o tema daquilo que está sendo dito, mas o **como dizer**, o **modo lúdico** utilizado na elaboração do texto. Tal preocupação estética encontra-se nos trabalhos literários que exploram aspectos sintáticos, semânticos e morfológicos da língua, criando inversões, expressões metafóricas, neologismos, além de jogos sonoros e visuais. Diferentemente da função referencial – que tem a preocupação de retratar a realidade com um vocabulário denotativo e de dar uma informação de modo claro, fazendo com que todos os interlocutores cheguem a uma leitura mais específica e determinada –, a função poética explora as construções figuradas, ambíguas, polissêmicas, possibilitando aos leitores inúmeras interpretações. Os textos literários são, portanto, as produções que, por excelência, exploram a função poética, embora ela também seja encontrada em diários, propagandas, revistas em quadrinhos, provérbios, *slogans* publicitários, falas do cotidiano, etc.

Veja o texto a seguir:

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 179.

No poema de Manuel Bandeira, é possível perceber que o escritor usou alguns recursos típicos da função poética, tais como: a escrita por meio de versos, que, por sua vez, são constituídos de uma métrica e de um ritmo; a utilização de rimas (gato / rato; examinava / cheirava); o emprego de anáforas (repetição da expressão "Não era um"); a construção de uma linguagem metafórica ("O bicho [...] era um homem"). Todos esses elementos comprovam como Bandeira privilegiou a função poética em seu texto, embora também seja possível identificar o emprego da função emotiva no poema, não é mesmo? A primeira pessoa e a expressão emotiva "meu Deus", no último verso, comprovam isso. Ao se comparar a reportagem de Paulo Cabral com o poema de Bandeira, nota-se que ambos retratam o mesmo tema, ainda que com intenções e linguagens diferentes: um com o intuito de informar, por isso utilizou a função referencial; outro com a intenção de lançar um olhar subjetivo através de uma linguagem lírica, por isso utilizou duas funções – a emotiva e a poética.

Imagem do documentário Estamira. O filme, por meio de uma linguagem emotiva e poética, elege como tema a miséria de uma mulher de 63 anos que vive há mais de vinte no Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro.

FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

A função conativa ou apelativa da linguagem está direcionada ao **destinatário**, ou seja, a produção linguística é feita pensando no processo de recepção. Por isso, quem produz o texto tenta estabelecer uma interlocução com o seu leitor / ouvinte / público com o intuito de persuadi-lo, influenciá-lo, sensibilizá-lo ou conscientizá-lo. A relação entre o emissor e o destinatário pode ser feita por meio de uma **ordem**, de uma **súplica**, de uma **indagação** ou de um **chamamento**. Já que a intenção é conduzir o receptor, o autor do texto frequentemente constrói um "**diálogo simulado**" com o interlocutor, que é chamado de "**você**" para criar um tom de familiaridade e sintonia. Além disso, ele emprega **verbos no imperativo** (veja, ouça, compre, fale, viaje, sintonize, assista, pague, etc.) e constrói frases interrogativas de caráter persuasório que levam o receptor a refletir sobre determinada questão, mas já manipulando-o a aceitar o ponto de vista que foi apresentado. Com certeza, ao ler tais informações, você deve ter se lembrado das propagandas publicitárias, pois nelas é que encontramos com maior intensidade o emprego da função conativa ou apelativa da linguagem. Em toda propaganda, o público é levado a acreditar que o produto ou o serviço oferecido é "imperdível", "irrecusável", além de "indispensável" para a "nossa felicidade", o "nosso lucro", o "nosso sucesso" e o "nosso bem-estar". A linguagem apelativa dos comerciais de rádio, televisão, revista, *outdoor* utilizam-se de uma gama de recursos visuais e sonoros para fascinar e hipnotizar os consumidores. Por meio de refrões apelativos e sentenças chamativas, os receptores são induzidos a comprar a mercadoria que lhes é oferecida ou a utilizar o serviço que lhes é "gratuitamente" ou "promocionalmente" ofertado.

Veja como os *slogans* publicitários dialogam intimamente com o espectador / ouvinte e empregam o imperativo com frequência para manipular o público:

- "**Você não pode** perder esta promoção!"
- "Vem pra Caixa **você** também, **vem**!"
- "**Compre** batom! O **seu** filho merece batom!"
- "Globo e **você**: tudo a ver!"
- "Existem mil maneiras de preparar Neston. **Invente** uma!"
- "**Veja** o país num Chevrolet, **seja feliz** num Chevrolet."

Campanha governamental que procurou instigar o sentimento ufanista do brasileiro durante os anos da Ditadura Militar. O emprego do imperativo foi utilizado como recurso apelativo pelo Estado.

Mas é claro que a função conativa / apelativa da linguagem pode ser identificada em outros textos, como nas campanhas políticas, nos materiais didáticos (toda vez que qualquer manual, apostila, mantenha um diálogo com o leitor, chamando-o de "você", "leitor", "estudante", "pré-vestibulando", etc.), na literatura em geral, tanto na prosa quanto na poesia. Geralmente, as obras literárias que empregam com recorrência a função apelativa têm a intencionalidade de conscientizar ou alertar o público, o que lhe atribui um certo caráter engajado. Na literatura de cordel, por exemplo, isso é frequente. Em seu folheto "Brosogó, Militão e o Diabo", o poeta Patativa do Assaré encerra a história de Brosogó (imagem do nordestino pobre, semianalfabeto e manipulado) e Militão (alegoria dos latifundiários exploradores), fazendo um alerta aos "Brosogós" que o leem:

Sertanejo, este folheto
Eu quero lhe oferecer,
Leia o mesmo com cuidado
E saiba compreender,
Encerra muita mentira
Mas tem muito o que aprender

Bom leitor, tenha cuidado,
Vivem ainda entre nós
Milhares de Militões
Com o instinto feroz
Com traçadas e mentiras
Perseguindo os Brosogós.

ASSARÉ, Patativa do. Brosogó, Militão e o Diabo. In: *Patativa do Assaré*: uma voz do Nordeste. São Paulo: Hedra, 2000. p. 120.

FUNÇÃO FÁTICA

A função fática está vinculada ao **contato** no ato da comunicação, ou seja, tanto o remetente quanto o destinatário irão "testar" se estão se entendendo, ouvindo. Entretanto, isso não se dará de modo consciente, mas de forma automática, inconsciente, imperceptível até. Exemplo disso são as conversas telefônicas. Expressões como "alô", "oi", "hum-hum", "sei" são pronunciadas sem que necessariamente queiram significar algo, você apenas está testando se o outro está ouvindo. Essa função foi descrita por Samira Chalhub da seguinte maneira:

> Se a mensagem centrar-se no contato, no suporte físico, no canal, a função será fática. O objetivo desse tipo de mensagem é testar o canal, prolongar, interromper ou reafirmar a comunicação, não no sentido de, efetivamente, informar significados. São repetições ritualizadas, quase ruídos, balbucios, gagueiras, cacoetes de comunicação (mesmo gestuais), fórmulas vazias, convenções sociais, de superfície, testando, assim, a própria comunicação.
>
> [...] Certos "tiques" da fala podem caracterizar-se como fáticos: "certo?, entende?, não é?, tipo assim, etc". São conectores entre uma expressão e outra e dão a ilusão de que emissor e receptor comunicam-se.
>
> CHALHUB, Samira. *Funções da linguagem*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

Em *Lingüística e comunicação*, o teórico que elaborou a teoria das funções da linguagem, Roman Jakobson, citou um exemplo de Dorothy Parker para exemplificar claramente a presença da função fática em um diálogo amoroso:

> *– Bem – disse o rapaz.*
> *– Bem! – respondeu ela.*
> *– Bem, cá estamos – disse ele.*
> *– Cá estamos – confirmou ela, – não estamos?*
> *– Pois estamos mesmo – disse ele, – Upa! Cá estamos.*
> *– Bem! – disse ela.*
> *– Bem! – confirmou ele – bem!*
>
> JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, s/d.

FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

A função metalinguística encontra-se nas produções comunicativas que enfocam o **código** utilizado, ou seja, que salientam o exercício da produção e da recepção pela via da linguagem. Isso significa que a função metalinguística se verifica quando **a temática é, em si, a manifestação da linguagem**. Esse trabalho de analisar a linguagem que estrutura a própria forma comunicativa se encontra tanto na literatura quanto no cinema, no jornal, nas revistas em quadrinhos, no teatro, na televisão, na pintura, na fotografia e em tantas outras formas de expressão. Sendo assim, tanto nos textos verbais quanto nos não verbais é possível identificar a presença da metalinguagem. Para que você reconheça a relevância de tal recurso nas várias artes e formas comunicativas do cotidiano, observe a presença dela em alguns meios.

A metalinguagem na pintura

Durante muitos séculos, foram comuns na história da arte quadros que retratavam o pintor em seu ateliê fazendo retratos de figuras que posavam para ele. Em tais obras, a metalinguagem se evidencia pelo fato de o espectador ter, diante de seus olhos, a imagem do próprio pintor em seu exercício de pintar, tem-se uma tela cuja temática é a própria pintura. Nesses quadros, é possível notar também a intencionalidade de o artista demonstrar a sua capacidade de mimetizar o real, de ser fidedigno ao reproduzir a imagem de alguém, ou de uma paisagem. Nesses casos, a metalinguagem aparece vinculada ao conceito de verossimilhança, ou seja, a arte reflete sobre o seu caráter "fiel" ao traduzir o real. Tomemos como exemplo dessa pintura de ateliê uma clássica obra de Jan Vermeer:

Jan Vermeer

O pintor em seu ateliê - *Jan Vermeer.*

Se no quadro de Vermeer se expõe um artista pintando uma modelo na tentativa de retratá-la do modo mais fiel possível, em outros trabalhos, principalmente nos produzidos a partir do final do século XIX e início do XX, e também nas produções contemporâneas, os artistas questionam o papel de uma arte mimética e verossímil, salientando, por meio da metalinguagem, uma outra preocupação: a de firmar a autonomia da arte, a sua independência em relação ao real. Veja como isso aparece evidenciado no seguinte trabalho de René Magritte:

René Magritte

A traição das imagens - *René Magritte.*

Nesse quadro, da década de 1920, Magritte evidencia como o que está retratado não é um cachimbo (*Ceci n'est pas une pipe*), mas a representação dele, a sua imagem reproduzida em uma superfície bidimensional e não o objeto em si. O próprio pintor deu o seguinte depoimento sobre o quadro: "O famoso cachimbo...? Já fui suficientemente censurado por causa dele! E afinal... conseguem enchê-lo? Não, é apenas um desenho, não é? Se tivesse escrito por baixo do meu quadro 'isto é um cachimbo' (*C'est une pipe*) estaria a mentir!". Se Magritte tivesse apenas pintado o cachimbo, sem escrever nada na tela, ela não seria um exemplo de metalinguagem, mas quando ele pinta a imagem de um cachimbo e escreve "isso não é um cachimbo", o artista leva o público a refletir sobre o que é visto, sobre o suporte (pintura) no qual se encontra a figura do cachimbo, sobre o caráter ficcional da arte.

A metalinguagem nas histórias em quadrinhos

Nas histórias em quadrinhos, é comum também a presença da metalinguagem, o que geralmente é acompanhado do humor sobre o próprio ato de escrever ou de ler as tirinhas. Veja como esse humor vinculado ao processo de produção e de interlocução são explorados no trabalho a seguir:

Henfil

A metalinguagem na televisão

Vários programas de televisão exploram o recurso metalinguístico, principalmente os que são transmitidos ao vivo, pois essa condição já faz com que o interlocutor veja o estúdio, perceba as falhas técnicas, enxergue o movimento de câmeras, etc. O programa *Vídeo Show* é o exemplo mais evidente de metalinguagem televisiva no Brasil, tendo em vista o fato de que ele se estrutura a partir de comentários sobre os bastidores das gravações de outros programas, é como o *making of* da Rede Globo, que permite aos espectadores ver os seus atores "por trás da câmera", durante o processo de gravação. Outro exemplo de metalinguagem televisiva se encontra nos telejornais brasileiros dos últimos tempos, que evidenciam a própria redação como o "pano de fundo", o "cenário" das gravações. Antes se buscava esconder os bastidores, agora é recorrente o recurso de exibi-los para o público, mostrando-lhe onde são produzidas as reportagens anunciadas.

Observe como a imagem ridiculariza os programas do tipo *reality show*, que são o mais novo exemplo de metalinguagem televisiva.

Alberto Benett

A metalinguagem na publicidade

Várias campanhas publicitárias utilizam-se da metalinguagem de modo criativo para chamar a atenção do público. Você já deve ter visto ou escutado uma propaganda que apresenta determinado produto, aponta as vantagens que ele tem em relação aos concorrentes (preço mais em conta, formas de pagamento, qualidade, oferta no mercado, etc.) para, enfim, dizer que ele é tão bom que nem precisa de propaganda para apresentá-lo. Claro que, nesse tipo de comercial, a metalinguagem foi utilizada de modo bem humorado e irônico, pois se fez uma propaganda para dizer que não é necessário fazer a propaganda. Além disso, é comum a metalinguagem aparecer em propagandas que fazem referência ao suporte em que ela se encontra (página de uma revista, *outdoor*, jornal, etc.), ao público a que ela atinge, à linguagem e à imagem utilizadas na campanha. Tente identificar os procedimentos metalinguísticos no seguinte exemplo:

In: *Revista Palavra*, ano 1, número 4, jul. 1999.

Metalinguagem na música

Na música, a metalinguagem encontra-se tanto no tocante à letra, quanto no que diz respeito ao ato de cantar e também de ouvir. Sendo assim, expressões como **canção**, **música**, **refrão**, **canto**, **voz**, **palavra**, **verso**, **ritmo**, **melodia**, **entoar**, entre inúmeras outras, explicitam a presença da metalinguagem na música. Também é possível identificar a metalinguagem musical em casos em que o samba retrata a si mesmo, ou uma música de Bossa-Nova que fale da própria Bossa-Nova, ou um *funk* que retrate o próprio *funk*, etc. Grife os termos metalinguísticos presentes no seguinte exemplo:

Samba da bênção

Vinicius de Moraes e Baden Powell

É melhor ser alegre que ser triste
Alegria é a melhor coisa que existe
É assim como a luz no coração
Mas pra fazer um samba com beleza
É preciso um bocado de tristeza
Senão não se faz um samba, não
Fazer samba não é contar piada
Quem faz samba assim não é de nada
O bom samba é uma forma de oração
Porque o samba é a tristeza que balança
E a tristeza tem sempre uma esperança
De um dia não ser mais triste, não...
Põe um pouco de amor numa cadência
E vai ver que ninguém no mundo vence
A beleza que tem um samba não
Porque o samba nasceu lá na Bahia
E se hoje ele é branco na poesia
Se hoje ele é branco na poesia
Ele é negro demais no coração

A metalinguagem na literatura

Após esse panorama nas outras artes e formas comunicativas a respeito da metalinguagem, vejamos a presença dela nos textos literários. Geralmente, na poesia, bem como na música, a retratação metalinguística se encontra no exercício de escrita e de leitura do texto. Além disso, é frequente a reflexão sobre a capacidade criativa da arte e a sua limitação ou incapacidade de retratar a realidade como também o faz a pintura. Veja como a problemática apresentada nos quadros de René Magritte, mencionados anteriormente, também se encontra no poema “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
[...]

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

Assim como Magritte salientou que o que se encontra no seu quadro não é um cachimbo, mas a representação dele, Fernando Pessoa também evidenciou que o que se encontra na palavra não é a coisa, mas a sua representação.

Fernando Pessoa em desenho de Júlio Pomar.

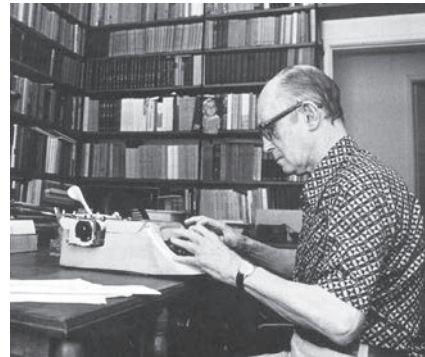
Outra temática metalinguística frequente na literatura é a luta do autor no ato da escrita. Carlos Drummond de Andrade imortalizou esse "duelo" em seu poema "O lutador":

O lutador

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
[...]
Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não tem carne e sangue
Entretanto, luto.

Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafias,
aceito o combate.
Quisera possuir-te
neste descampado,
sem roteiro de unha
ou marca de dente
nessa pele clara.
Preferes o amor
de uma posse impura
e que venha o gozo
da maior tortura.
Luto corpo a corpo,
luto todo o tempo,
sem maior proveito
que o da caça ao vento.
Não encontro vestes,
não seguro formas,
é fluido inimigo
que me dobra os músculos
e ri-se das normas da boa peleja.

Iludo-me às vezes,
pressinto que a entrega
se consumará.
Já vejo palavras
em coro submisso,
esta me ofertando
seu velho calor,
outra sua glória
feita de mistério,
outra seu desdém,
outra seu ciúme,
e um sapiente amor
me ensina a fruir
de cada palavra
a essência captada,
o sutil queixume.
Mas ai! é o instante
de entreabrir os olhos:
entre beijo e boca,
tudo se evapora.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

Carlos Drummond de Andrade "lutando com as palavras" em seu escritório do Rio de Janeiro na década de 1970. In: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond: Fotobiografias. *Rio de Janeiro: Edições Alumbramento / Livroarte Editora, 2000. p. 487.*

Muitas vezes o autor utiliza-se da metalinguagem para evidenciar o próprio caráter subjetivo e "intraduzível" da poesia, como geralmente faz Mario Quintana para satirizar os críticos literários que procuram "diagnosticar" a poesia ou fazer uma "autópsia" dela:

Intérpretes

Mas, afinal, para que interpretar um poema? Um poema já é uma interpretação.

QUINTANA, Mario. A vaca e o hipogrifo. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 509.

A Borboleta

Cada vez que o poeta cria uma borboleta, o leitor exclama: "Olha uma borboleta!" O crítico ajusta os nasóculos e, ante aquele pedaço esvoaçante de vida, murmura: – Ah! Sim, um lepidóptero...

QUINTANA, Mario. Caderno H. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 249.

Nos textos em prosa, assim como nas construções poéticas, a metalinguagem se evidencia quando os autores fazem questão de dialogar com o leitor, refletir sobre a estrutura da narrativa, comentar a respeito da construção das personagens, escrever sobre a incapacidade da escrita, salientar o difícil processo de preencher uma página em branco, dizer o conteúdo dos capítulos futuros ou antecipar episódios. Em todas essas situações, a metalinguagem realça como o texto é, antes de qualquer outra coisa, pura ficção. Na prosa brasileira, merece destaque a obra metalinguística de Machado de Assis. Romances como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro* e *Esaú e Jacó* são exemplos dos mais debochados de construções metalinguísticas que ironizam a construção previsível dos textos e satirizam a postura ingênua dos leitores "românticos". Veja um trecho clássico no qual se comprova isso.

Cap. LXXI – O senão do livro

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás, ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. vol. 1.

Ilustrações da capa para o romance de Machado de Assis e do protagonista Brás Cubas feitas a bico de pena por Candido Portinari.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (Unicamp-SP–2010) Nessa propaganda, há uma interessante articulação entre palavras e imagens.

Disponível em: <http://www.diariodapropaganda.blogspot.com>.

A) **EXPLIQUE** como as imagens ajudam a estabelecer as relações metafóricas no enunciado "Mesmo que o globo fosse quadrado, O GLOBO seria avançado".

B) **INDIQUE** uma característica atribuída pela propaganda ao produto anunciado. **JUSTIFIQUE**.

02. (UFAL)

A) **EXPLIQUE** os recursos persuasivos da mensagem publicitária, identificando a função predominante da linguagem.

B) Ocorre no cartaz um caso de desrespeito à norma culta da língua.

- **IDENTIFIQUE-O.**
- **REESCREVA** o texto de acordo com essa norma.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (UNIFESP–2006)

Este inferno de amar

Este inferno de amar – como eu amo!
Quem mo pôs aqui n'alma... quem foi?
Esta chama que alenta e consome,
Que é a vida – e que a vida destrói –
Como é que se veio a atear,
Quando – ai quando se há-de ela apagar?

Almeida Garrett

Nos versos de Garrett, predomina a função

A) metalinguística da linguagem, com extrema valorização da subjetividade no jogo entre o espiritual e o profano.

B) apelativa da linguagem, num jogo de sentido pelo qual o poeta transmite uma forma idealizada de amor.

C) referencial da linguagem, privilegiando-se a expressão de forma racional.

D) emotiva da linguagem, marcada pela não contenção dos sentimentos, dando vazão ao subjetivismo.

E) fática da linguagem, utilizada para expressar as ideias de forma evasiva, como sugestões.

02. (FGV-SP) Leia o seguinte texto de Ubirajara Inácio de Araújo.

> Todo texto é uma sequência de informações: do início até o fim, há um percurso acumulativo delas. Às informações já conhecidas, outras novas vão sendo acrescidas e estas, depois de conhecidas, terão a si outras novas acrescidas e, assim, sucessivamente. A construção do texto flui como um ir e vir de informações, uma troca constante entre o dado e o novo.

É **CORRETO** afirmar que, nesse texto, predominam

A) função referencial e gênero do tipo dissertativo.
B) função fática e gênero de conteúdo didático.
C) função poética e gênero do tipo narrativo.
D) função expressiva e gênero de conteúdo dramático.
E) função conativa e gênero de conteúdo lírico.

03. (PUC-SP) Observe a seguinte afirmação feita:

> Em nossa civilização apressada, o "bom dia", o "boa tarde" já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol.

Ela faz referência à função da linguagem cuja meta é "quebrar o gelo". Indique a alternativa que explicita essa função.

A) Função emotiva
B) Função referencial
C) Função fática
D) Função conativa
E) Função poética

04. (UNIFESP) Observe os seguintes textos.

Texto I

Perante a Morte empalidece e treme,
Treme perante a Morte, empalidece.
Coroa-te de lágrimas, esquece
O Mal cruel que nos abismos geme.

Cruz e Sousa, "Perante a morte".

Texto II

Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!

Gonçalves Dias, "I-Juca Pirama".

Texto III

Corrente, que do peito destilada,
Sois por dous belos olhos despedida;
E por carmim correndo dividida,
Deixais o ser, levais a cor mudada.

Gregório de Matos, "Aos mesmos sentimentos".

Texto IV

Chora, irmão pequeno, chora,
Porque chegou o momento da dor.
A própria dor é uma felicidade...

Mário de Andrade, "Rito do irmão pequeno".

Texto V

Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio! ... Musa! Chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Castro Alves, "O navio negreiro".

Dois dos cinco textos transcritos expressam sentimentos de incontida revolta diante de situações inaceitáveis. Esse transbordamento sentimental se faz por meio de frases e recursos linguísticos que dão ênfase à função emotiva e à função conativa da linguagem. Esses dois textos são

A) I e IV.
B) II e III.
C) II e V.
D) III e V.
E) IV e V.

05. (UFU-MG)

Estou farto do lirismo comedido
do lirismo bem comportado
[...]
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos *clowns* de Shakespeare
– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem*.

Em relação aos versos citados do poema "Poética" e à obra *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, marque a assertiva **INCORRETA**.

A) Para Bandeira, o poema deve equivaler a um gesto de confidência, em que o poeta revela ao leitor sua perplexidade diante do mundo. O caráter genuinamente lírico e libertário de seu poema adequa-se ao uso de versos livres, libertos da rima, da métrica e da monotonia das cesuras iguais.
B) Na poesia de Bandeira, a emoção lírica manifesta-se melhor por meio de versos metrificados, em estrofes regulares, obedecendo a um esquema de rimas constante. O lirismo decorre, portanto, de processos retóricos em que se observa a contenção do sentimento.
C) A poesia lírica não é uma experiência fora da história. Nesses versos, Bandeira define seu lugar na sociedade identificando-se com os excluídos. É deste lugar marginal que ele busca compreender a cisão social e a crise psíquica, que marcam a existência do homem moderno.
D) Bandeira se inclui entre os poetas que atuam como testemunhas do sofrimento da humanidade, sendo a dor do próximo um de seus temas. Destituída de intenção política, contudo, esta atitude de inclusão nos revela sua compaixão pelos humildes, característica de sua poesia.

06. (UFV-MG) Leia as passagens seguintes, extraídas de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

I. Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planeei adquirir a propriedade S. Bernardo, onde trabalhei, no eito, com salário de cinco tostões.
II. Uma semana depois, à tardinha, eu, que ali estava aboletado desde meio-dia, tomava café e conversava, bastante satisfeito.
III. João Nogueira queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante.

IV. Já viram como perdemos tempo em padecimentos inúteis? Não era melhor que fôssemos como os bois? Bois com inteligência. Haverá estupidez maior que atormentar-se um vivente por gosto? Será? Não será? Para que isso? Procurar dissabores! Será? Não será?

V. Foi assim que sempre se fez. [respondeu Azevedo Gondim] A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.

Assinale a alternativa em que ambas as passagens demonstram o exercício de metalinguagem em *São Bernardo.*

A) III e V
B) I e II
C) I e IV
D) III e IV
E) II e V

07. (UEL-PR) Leia o poema seguinte.

Catar feijão

Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviante, flutual,
açula a atenção, isca-a com o risco.

MELO NETO, João Cabral de. *Os melhores poemas de João Cabral de Melo Neto.* São Paulo: Global, 1985. p. 190.

Sobre o poema, é **CORRETO** afirmar que

A) sua referência ao feijão é um exemplo do registro coloquial do autor, identificando-o com as práticas modernistas de Mário de Andrade e Oswald de Andrade e seus poemas-piadas.
B) há um exercício metalinguístico incomum nos poemas do autor, que prefere valorizar temáticas regionalistas em que sobressai o sertão pernambucano.
C) retoma a palavra “pedra”, frequentemente utilizada na obra poética do autor, associando-a com a palavra “risco”, explorada primeiro como um perigo, um problema e depois como algo fascinante.
D) a “leitura fluviante, flutual” deve ser preservada através das pedras no ato de escrever, embora elas devam ser afastadas do feijão.
E) o “grão imastigável” no feijão é um elemento tão positivo quanto a pedra na frase; comprovam-no os termos “fluviante” e “flutual”, que destacam o caráter de leitura fluente proporcionada pela presença da pedra.

08. (UFV-MG) Leia atentamente o poema seguinte, de João Cabral de Melo Neto.

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, freqüentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições de pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.
Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 21.

Assinale a alternativa que **NÃO** traduz uma leitura possível do poema.

A) O poeta apreende da pedra a própria vivência na vida agreste do Sertão: de austeridade, resistência silenciosa e sempre capaz de dar lições de vida e de poesia.
B) Os versos metalinguísticos revelam a própria poética cabralina: concreta, impessoal, concisa, embora profundamente social.
C) Ao partir do pressuposto de que a pedra é muda, e, portanto, não ensina nada, o poeta suscita uma reflexão sobre a situação educacional precária no Nordeste.
D) O eu lírico também apreende da pedra os próprios versos enxutos, num esforço de dissecação de quaisquer sentimentalismos.
E) No poema, de intensa economia verbal, a pedra faz-se metáfora da paisagem do Sertão, que “entranha a alma”, e espelha o fazer poético do autor pernambucano.

(UERJ–2011)

Instrução: Observe a imagem a seguir para responder às questões **09** e **10**.

PEP MONTSERRAT. Disponível em: <www.pepmontserrat.com>.

09. O processo de composição da imagem de Pep Montserrat é o de "colagem", misturando e combinando signos visuais diferentes.

Esse processo de mistura e combinação pode ser relacionado diretamente ao seguinte trecho de Ana Maria Machado:

A) Jamais a leitura conseguirá acompanhar a expansão incontrolável e necessariamente caótica da produção dos textos, que se multiplicam ainda mais, numa infinidade de meios novos.

B) Abandona-se o exame dos textos e da literatura, criam-se os especialistas em leitura, multiplicam-se as reflexões sobre livros e leitura.

C) O poder de compreender o texto suficientemente para perceber que nele há várias outras possibilidades de compreensão.

D) Constatar que dominar a leitura é se apropriar de alguma forma de poder está na base de duas atitudes antagônicas dos tempos modernos.

10. A imagem produzida pelo artista combina elementos de modo surpreendente, inesperado na realidade cotidiana.

A figura da mão saindo do computador e oferecendo ao possível leitor um objeto característico de outro espaço de leitura sugere principalmente o sentido de

A) coexistência entre práticas diversas de leitura.

B) centralidade da tecnologia na vida contemporânea.

C) artificialidade das leituras instantâneas na sociedade.

D) ambiguidade do leitor na relação com o aparato técnico.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2009)

Canção amiga

Eu preparo uma canção,
Em que minha mãe se reconheça
Todas as mães se reconheçam
E que fale como dois olhos.
[...]
Aprendi novas palavras
E tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
Que faça acordar os homens
E adormecer as crianças.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Novos poemas.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

A linguagem do fragmento foi empregada pelo autor com o objetivo principal de

A) transmitir informações, fazer referência a acontecimentos observados no mundo exterior.

B) envolver, persuadir o interlocutor, nesse caso, o leitor, em um forte apelo à sua sensibilidade.

C) realçar os sentimentos do eu lírico, suas sensações, reflexões e opiniões frente ao mundo real.

D) destacar o processo de construção de seu poema, ao falar sobre o papel da própria linguagem e do poeta.

E) manter eficiente o contato comunicativo entre o emissor da mensagem, de um lado, e o receptor, de outro.

02. (Enem–2009)

Isto

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda
Essa coisa que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.

Sentir? Sinta quem lê!

PESSOA, Fernando. *Poemas escolhidos.* São Paulo: Globo, 1997.

Fernando Pessoa é um dos poetas mais extraordinários do século XX. Sua obsessão pelo fazer poético não encontrou limites. Pessoa viveu mais no plano criativo do que no plano concreto, e criar foi a grande finalidade de sua vida. Poeta da "Geração Orfeu", assumiu uma atitude irreverente.

Com base no texto e na temática do poema "Isto", conclui-se que o autor

A) revela seu conflito emotivo em relação ao processo de escritura do texto.

B) considera fundamental para a poesia a influência dos fatos sociais.

C) associa o modo de composição do poema ao estado de alma do poeta.

D) apresenta a concepção do Romantismo quanto à expressão da voz do poeta.

E) separa os sentimentos do poeta da voz que fala no texto, ou seja, do eu lírico.

03. (Enem–2009)

Som de preto

O nosso som não tem idade, não tem raça
E não tem cor.
Mas a sociedade pra gente não dá valor.
Só querem nos criticar, pensam que somos animais.
Se existia o lado ruim, hoje não existe mais,
porque o "funkeiro" de hoje em dia caiu na real.
Essa história de "porrada", isso é coisa banal
Agora pare e pense, se liga na "responsa":
se ontem foi a tempestade, hoje vira a bonança.
É som de preto
De favelado
Mas quando toca ninguém fica parado

Música de Mc's Amilcka e Chocolate. In: Dj Malboro. *Bem funk*. Rio de Janeiro, 2001 (Adaptação).

À medida que vem ganhando espaço na mídia, o *funk* carioca vem abandonando seu caráter local, associado às favelas e à criminalidade da cidade do Rio de Janeiro, tornando-se uma espécie de símbolo da marginalização das manifestações culturais das periferias em todo o Brasil. O verso que explicita essa marginalização é:

A) "O nosso som não tem idade, não tem raça".
B) "Mas a sociedade pra gente não dá valor".
C) "Se existia o lado ruim, hoje não existe mais".
D) "Agora pare e pense, se liga na 'reponsa'".
E) "se ontem foi a tempestade, hoje vira a bonança".

04. (Enem–2009)

Sentimental

1 Ponho-me a escrever teu nome
Com letras de macarrão.
No prato, a sopa esfria, cheia de escamas
4 e debruçados na mesa todos contemplam
esse romântico trabalho.

Desgraçadamente falta uma letra,
7 uma letra somente
para acabar teu nome!

— Está sonhando? Olhe que a sopa esfria!

10 Eu estava sonhando...
E há em todas as consciências este cartaz amarelo:
"Neste país é proibido sonhar."

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Seleta em prosa e verso*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

Com base na leitura do poema, a respeito do uso e da predominância das funções da linguagem no texto de Drummond, pode-se afirmar que

A) por meio dos versos "Ponho-me a escrever teu nome" (v. 1) e "esse romântico trabalho" (v. 5), o poeta faz referências ao seu próprio ofício: o gesto de escrever poemas líricos.
B) a linguagem essencialmente poética que constitui os versos "No prato, a sopa esfria, cheia de escamas e debruçados na mesa todos contemplam" (v. 3 e 4) confere ao poema uma atmosfera irreal e impede o leitor de reconhecer no texto dados constitutivos de uma cena realista.
C) na primeira estrofe, o poeta constrói uma linguagem centrada na amada, receptora da mensagem, mas, na segunda, ele deixa de se dirigir a ela e passa a exprimir o que sente.
D) em "Eu estava sonhando..." (v. 10), o poeta demonstra que está mais preocupado em responder à pergunta feita anteriormente e, assim, dar continuidade ao diálogo com seus interlocutores do que em expressar algo sobre si mesmo.
E) no verso "Neste país é proibido sonhar." (v. 12), o poeta abandona a linguagem poética para fazer uso da função referencial, informando sobre o conteúdo do "cartaz amarelo" (v. 11) presente no local.

GABARITO

Fixação

01. A) O mapa-múndi, também chamado de "globo", habitualmente é representado por uma esfera. Na propaganda, o mapa-múndi está na forma de um cubo, enquanto a esfera, mesmo guardando algumas semelhanças com o mapa-múndi (contornos dos continentes, por exemplo), ressalta a imagem do jornal *O Globo*. Nessa contraposição, articulada ao enunciado, temos o quadrado relacionado a algo conservador, retrógrado, estático, e a esfera, a algo móvel, avançado. Isso permite associar *O Globo* (jornal) com o mapa-múndi (globo), atribuindo sentidos para o jornal como o de ser moderno, à frente do seu tempo, de possuir uma cobertura internacional, estar inserido na globalização, etc. Deve-se acrescentar outra possibilidade de associação entre as imagens e o enunciado, qual seja a de uma antiga representação da Terra como plana (simbolizada pela forma cúbica) em oposição à concepção que vigora até os dias atuais (simbolizada pela forma esférica).

B) O jornal é moderno, antenado, inovador. Outras características são construídas pela associação do nome próprio "*O Globo*" a "avançado", em contraste com o substantivo comum "globo" associado a "quadrado" (conservador, tradicional, antiquado, retrógrado). As imagens (mapa-múndi quadrado e o globo terrestre com vestígios do jornal *O Globo*) reforçam essa associação. Essa associação também pode ser enfatizada pela referência à oposição entre a antiga e a atual representação da Terra, conferindo ao jornal *O Globo*, pela metáfora da ciência, a característica do progresso, do moderno, de estar além de seu tempo.

02. A) A figura do alvo relaciona-se com a frase "Seu carro 0 km está na mira", como algo desejável e fácil de ser obtido (persuasão). A linguagem tem função predominantemente conativa.

B)

- Uso simultâneo de formas pronominais da 2ª e da 3ª pessoa do discurso ("te" e "você").
- ...Esta montadora o acertou / acertou-o em cheio.

Propostos

01. D 03. C 05. B 07. C 09. A
02. A 04. C 06. A 08. C 10. A

Seção Enem

01. D 02. E 03. B 04. A

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 08

FRENTE B

Elementos da prosa

ENREDO, NARRADOR, ESPAÇO, TEMPO E PERSONAGENS

Os textos em prosa geralmente são constituídos por uma história (enredo), que é contada por alguém (narrador), sobre determinadas pessoas (personagens), que se encontram em determinado local (espaço) e em uma época específica ou não (tempo). Ao ter contato com a narrativa, o leitor deverá, portanto, estar atento ao processo de construção desses elementos que a constituem a fim de reconhecer certos recursos que a tornam mais envolvente, criativa e poética. A partir de agora, você observará como cada um desses aspectos será desenvolvido, comentado e exemplificado. Mas, lembre-se, a cada leitura é preciso utilizar criticamente o conhecimento adquirido e perceber os recursos estéticos empregados pelo autor na construção dos textos. Em cada conto, crônica, novela ou romance, esteja atento ao aparecimento das personagens, à descrição de um ambiente, ao diálogo com o leitor, à postura do narrador, etc.

Enredo

O enredo de um texto é o desenrolar da história, é o desencadear de um episódio que, aos poucos, se apresenta com o surgimento das personagens, a retratação de uma paisagem, o início das disputas entre os envolvidos em determinada trama e a contextualização de um certo momento histórico ou de recordações emotivas já vividas por alguém. Enfim, o enredo é o arcabouço da obra, o qual, em relatos mais tradicionais, marca-se pelo início, pelo **clímax** (momento crucial da narrativa) e pelo **epílogo** (desfecho dos episódios). Caso isso ocorra, o enredo apresenta uma linearidade em sua construção, o que facilita o processo de leitura e de absorção da história por parte do leitor. Entretanto, muitas obras fogem a esse esquema preestabelecido, devido ao fato de seus autores utilizarem diferentes estratégias narrativas, como começar pelo final e depois reconstituir o passado por meio do *flashback*, utilizarem diferentes vozes narrativas, fazerem cortes temporais, apresentarem espaços e épocas de modo simultâneo, etc. Nesse caso, o leitor é desafiado a "costurar" e a "alinhavar" os fatos fragmentados que lhe são apresentados, é levado a criar uma "ordem" para o "caos" estrutural do texto. Tais obras instigam o público a ser não só um leitor, mas um "coautor" de um enredo que se encontra "aberto", sem respostas, sem verdades, sem um desfecho conclusivo e explicativo do último capítulo ou da última página que venha a desvendar todos os enigmas e dúvidas apresentados durante a trama.

Narrador

Ao lermos um texto, sempre escutamos uma **voz** que nos narra os episódios. É esse alguém que chamamos de **narrador** da obra, figura ficcional que se distancia do ser real que a criou: o autor. Mesmo que o narrador se apresente como o autor do livro, é preciso que o leitor reconheça nele um ser de papel, uma voz que se manifesta apenas através da palavra impressa, alguém que habita o espaço da página, o tempo da leitura, o mundo da ficção. Portanto, o primeiro passo é separar o criador do relato e a voz que se escuta nesse relato. Por isso, no momento de comentar um livro, deve-se utilizar "autor" para se referir à estrutura, à elaboração do texto (emprego de figuras de linguagem, qualidade estética do estilo, introdução dos discursos, construção linear ou não do enredo, emprego do *flashback,* etc.); já o termo "narrador" deve ser empregado nos momentos em que o comentário for a respeito da história (apresentação de uma personagem, descrição de um ambiente, narração de um episódio, etc.).

A partir de agora, veja alguns casos clássicos de construção da voz narrativa:

Narrador de primeira pessoa

Quando o **foco narrativo** é de **primeira pessoa**, tem-se a presença de um **narrador-personagem**, que relata a história a partir, é claro, de seu ponto de vista, de seus interesses, de sua visão de mundo. A primeira preocupação do leitor será, portanto, reconhecer a subjetividade do relato, o emprego da função emotiva da linguagem. A voz que narra terá a necessidade de se apresentar como um "herói", para se vangloriar, ou como uma "vítima", para causar piedade em quem a "escuta" / lê. A parcialidade do discurso de primeira pessoa pode ser exemplificada em um dos maiores clássicos da literatura nacional: a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. O livro é relatado a partir da ótica de um narrador velho e amargurado, que deseja unir as duas pontas de sua vida, a infância e a velhice, ou seja, que quer resgatar o passado por meio de seu relato, para tentar entender, através de suas recordações, o porquê de sua história ao lado de Capitu. Mas como o próprio apelido do narrador indica, esse regresso será feito por um *casmurro*, por alguém amargurado pela decepção amorosa, fato que o leva a inocentar-se e a acusar a sua esposa Capitu de tê-lo traído com o amigo Escobar. Mas a traição é apenas sugerida, evocada, posta em suspeita, pois não há a comprovação do fato por parte do narrador, portanto, não há a certeza de nada também para os leitores.

Por isso, ler *Dom Casmurro* preocupado com a traição ou não de Capitu é reduzir o texto machadiano, é fazer uma leitura "ingênua". O importante não é saber se houve ou não o adultério, mas saber como o narrador, por meio de seu ponto de vista conflituoso e angustiante, muitas vezes acusa a protagonista, mas, em outras passagens, a inocenta. A dúvida dele se traduz na linguagem do texto; o seu desejo intenso de ter a certeza da traição para se tranquilizar e, assim, se inocentar, é que deve ser percebido pelo leitor.

Editoria de Arte

Bento Santiago, o "Dom Casmurro".

Há também as narrativas de primeira pessoa em que o narrador não é o protagonista, mas apenas uma personagem secundária da história. Nesse caso, ele se porta como uma testemunha, que apenas presenciou os fatos e que os relata. Isso lhe proporciona maior distanciamento e aparentemente imparcialidade. Esse recurso é muito comum em contos em que, no último parágrafo, o narrador se apresenta, dizendo que toda a história relatada foi presenciada por ele ou contada por outra pessoa. Isso provoca uma revelação para o leitor, que imaginava, até então, que o texto era de terceira pessoa e somente no último instante reconhece a "pessoalidade" e a parcialidade da voz que narrava a história.

Narrador de terceira pessoa

Há basicamente três casos de relatos com o **foco narrativo** de **terceira pessoa**: o narrador de terceira pessoa **observador**, o **onisciente** e o **imparcial**.

O narrador observador é aquele que se limita a informar apenas dados externos sobre as personagens. Ele relata somente o que vê, sem qualquer intromissão efetiva nos pensamentos das personagens, pois não tem poder para isso. O relato é feito de modo o mais distanciado possível, com descrições de cenários, de figurinos e de ações das personagens, sem qualquer intromissão introspectiva. Veja um exemplo no seguinte miniconto de Fernando Bonassi:

> Uma calça dobrada, uma camisa estendida, uma cueca enrolada e óculos escuros: foi tudo o que encontraram na Kombi, estacionada na avenida Nações Unidas. Guardas noturnos e recepcionistas não viram nada e ninguém – nu ou vestido. Agora as peças de roupa ficam estiradas na mesa do delegado. Em torno delas a família e a polícia não conseguem entender esse tipo de mistério sem cadáver.
>
> BONASSI, Fernando. *100 histórias colhidas na rua*. São Paulo: Scritta, 1996. p.101.

Já o narrador onisciente, como o próprio nome indica, é aquele capaz de saber todas as informações sobre as personagens: o que sentem, o que pensam, o que lembram, por que sofrem, o que almejam, etc. Essa onisciência do narrador propicia ao autor explorar alguns recursos como: o **monólogo interior** (personagens "conversando" com elas mesmas); o **fluxo de consciência** (retratação de todos os delírios, recordações e projeções que fluem no pensamento das personagens); o **discurso indireto livre** (proximidade e até mesmo fusão do ponto de vista do narrador com o ponto de vista das personagens); o ***flashback*** (interrupção no tempo presente da narrativa para a inserção de imagens e acontecimentos pretéritos existentes nas recordações das personagens). A onisciência propicia plenos poderes ao narrador, pois lhe permite investigar todas as épocas, acompanhar todos os episódios, saber sobre o íntimo de todos os seres, o que de certo modo faz do narrador um ser **demiurgo**, um Deus que tudo sabe, tudo vê e tudo pode. Tome como exemplo desse tipo de narrador onisciente a seguinte passagem de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, em que a cadela Baleia leva um tiro de seu dono, Fabiano. Tente justificar o porquê da onisciência no trecho seguinte e depois discuta com os colegas e com o professor:

> Uma sede horrível queimava-lhe a garganta. Procurou ver as pernas e não as distinguiu: um nevoeiro impedia-lhe a visão. Pôs-se a latir e desejou morder Fabiano. Realmente não latia: uivava baixinho, e os uivos iam diminuindo, tornavam-se quase imperceptíveis.
>
> [...] Olhou de novo, aflita. Que lhe estaria acontecendo? O nevoeiro engrossava e aproximava-se. [...] De novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objeto esquisito na mão.

Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis. Fez um esforço para desviar-se daquilo e encolher o rabo. Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente Sinhá Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano Enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 32. ed. São Paulo: Martins, 1974. p. 131-134.

Editoria de Arte

O menino mais velho e a cachorra Baleia.

Por sua vez, o narrador de terceira pessoa imparcial procura retratar os fatos como um cientista, utilizando um distanciamento do ponto de vista e uma linguagem o mais verossímil possível para que o leitor reconheça no texto **a verdade, a ciência, o saber**. Esse tipo de construção narrativa foi muito frequente no século XIX, quando a literatura esteve vinculada às correntes biológicas e filosóficas da época. Os autores realistas e naturalistas do Brasil e de Portugal, influenciados pelo mestre francês Émile Zola, procuravam fazer **romances-tese**: obras que tinham o intuito de diagnosticar as patologias humanas e evidenciar a relação do ser com o meio. No caso do Brasil, os romances de Aluísio Azevedo são os melhores exemplos dessa experiência estética. Obras como *O cortiço* e *O homem* retratam bem esse apego cientificista da época, por meio de narradores de terceira pessoa que se querem imparciais, embora estejam a todo instante apontando "quadros clínicos" da sociedade ou traçando "diagnósticos" acerca das personagens, como é o caso da seguinte apresentação de João Romão, feita pelo narrador construído por Aluísio Azevedo.

Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que, no entanto, gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular; de reduzir tudo a moeda.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 33. ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 24.

Narrativas polifônicas

Um recurso muito rico na elaboração textual é a **polifonia**: presença de várias vozes narrativas. Por meio dessa estratégia, o autor consegue retratar o enredo, a partir de diferentes pontos de vista, ao ceder a voz a cada uma das personagens que, assim, se transformam em narradores em uma parte do relato. O escritor Lúcio Cardoso construiu uma elaborada obra polifônica, intitulada *Crônica da casa assassinada*, ao construir um enredo descontínuo não só no tempo, mas também no discurso: em cada capítulo, novas vozes pronunciam o seu ponto de vista sobre a história, o que impossibilita de se chegar à "verdade". Quem também utiliza a polifonia é o autor Carlos Herculano Lopes em seus romances *Sombra de Julh*o e *A dança dos cabelos*.

Entretanto, o recurso polifônico não se encontra apenas nas narrativas. Na poesia e na música (origem inclusive do termo), ele também se faz presente. Uma canção que emprega diferentes vozes que cantam trechos da música simultaneamente explora a polifonia, e os poemas que explicitam as várias vozes em sua formação fazem o mesmo. Veja como isso se verifica no seguinte poema de Oswald de Andrade.

Brasil

O Zé Pereira chegou de caravela
E preguntou pro guarani da mata virgem
– Sois cristão?
– Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá longe a onça resmungava Uu! Ua! Uu!
O negro zonzo saído da fornalha
Tomou a palavra e respondeu
– Sim pela graça de Deus
Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
E fizeram o Carnaval.

Espaço

Aparentemente, a análise do espaço em um texto literário pode parecer tarefa fácil, caso ele tenha meramente a função de ser "pano de fundo" para o desenrolar dos episódios. Entretanto, na maioria das narrativas, o espaço é também um elemento produtor de sentidos e rico constituinte de informação em uma obra. O escritor e também crítico literário Osman Lins comenta um clássico conto de Machado de Assis, "Missa do Galo", salientando justamente a relevância do ambiente em que a cena se passa.

> [Há] casos em que o espaço propicia a ação e os casos em que, mais decisivamente, provoca-a. Aparece o espaço como provocador da ação nos relatos onde a personagem, não empenhada em conduzir a própria vida – ou uma parte de sua vida –, vê-se a mercê de fatores que lhe são estranhos. O espaço, em tal caso, interfere como liberador de energias secretas e que surpreendem, inclusive, a própria personagem. Exemplo perfeito do espaço como provocador da ação é o conto "Missa do Galo", de Machado de Assis. Estão na mesma casa, à noite, o adolescente e a "boa Conceição"; Meneses, o marido, foi à casa da amante; as personagens não armaram a cena e esse espaço – a casa solitária, silenciosa, com a alcova conjugal no andar superior – converte-se numa espécie de armadilha. Nada, até então, houve entre eles e nada sucederá depois: ambos, o jovem e a mulher, não são mais donos de si e, como que enfeitiçados pelo espaço, executam nessa véspera de Natal uma dança onde se mesclam perplexidade e desejo, dança a que só falta o gesto decisivo e que um chamado exterior, invadindo o espaço fechado, vem interromper para sempre.
>
> LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1978.

Além de induzir as personagens a certas ações, o espaço pode também alterar as características físicas e psicológicas delas. Isso se verifica principalmente nos romances do século XIX, de caráter realista, em que o homem é produto do meio. O meio (espaço) é descrito para que, em seguida, o leitor reconheça o porquê de a personagem ser deste ou daquele modo. Na obra *Senhora*, que é romântica, mas possui traços realistas, José de Alencar utilizou esse recurso para apresentar Fernando. Antes mesmo de descrever a personagem, que possuía uma vida dúbia, o autor apresenta a casa, que traduzia todas as contradições do próprio caráter do protagonista, que era pobre, mas se apresentava na corte como um *lord*. Fernando era o típico ser que se corrompia com os valores burgueses da época, ao se entregar à vida de aparências que o meio social exigia.

> Havia à rua do Hospício, próximo ao campo, uma casa que desapareceu com as últimas construções.
>
> [...] O aspecto da casa revelava, bem como seu interior, a pobreza da habitação. [...]
>
> Outra singularidade apresentava essa parte da habitação, era o frisante contraste que faziam com a pobreza carrança dos dois aposentos certos objetos, aí colocados, e de uso do morador.
>
> Assim no recosto de uma das velhas cadeiras de jacarandá via-se neste momento uma casaca preta, que pela fazenda superior, mas sobretudo pelo corte elegante e esmero do trabalho, conhecia-se ter o chique da casa do Raunier, que já era naquele tempo o alfaiate da moda.
>
> Ao lado da casaca estava o resto de um traje de baile, que todo ele saíra daquela mesma tesoura em voga; finíssimo chapéu de claque do melhor fabricante de Paris [...].
>
> Sobre um dos aparadores tinham posto uma caixa de charutos Havana, da marca mais estimada que então havia no mercado. Eram regalias como talvez só saboreavam nesse tempo os dez mais puros fumistas do império.
>
> [...] Se o edifício e os móveis estacionários e de uso particular denotavam escassez de meios, senão extrema pobreza, a roupa e objetos de representação anunciavam um trato de sociedade, como só tinham cavalheiros dos mais ricos e francos da corte.
>
> Esta feição característica do aposento repetia-se em seu morador [...]
>
> ALENCAR, José de. *Senhora*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 29-30.

Em algumas narrativas, a força do espaço é tão evidente que ele se transforma em personagem na história. As obras *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, são os dois maiores exemplos nacionais. Essa configuração do espaço como personagem também é recurso recorrente no cinema e na pintura, principalmente nas produções surrealistas que, ao explorarem o universo onírico, tendem a personificar a paisagem, dando-lhe um aspecto antropomorfo. Veja como exemplo a seguinte tela de Salvador Dalí:

DALÍ, Salvador. Rosto de Mae West podendo ser utilizado como apartamento surrealista. *1934-1935. The Art Institute of Chicago, Chicago.*

Esse processo de antropomorfização do espaço físico também ocorre no conto "Viagem aos seios de Duília", de Aníbal Machado. Na seguinte passagem, a natureza se transforma, no delírio surreal da personagem José Maria, no corpo de sua amada Duília:

> Passou a praticar com mais assiduidade a janela. Quanto mais o fazia, mais as colinas da outra margem lhe recordavam a presença corporal da moça. Às vezes chegava a dormir com a sensação de ter deixado a cabeça pousada no colo dela. As colinas se transformavam em seios de Duília. Espantava-se da metamorfose, mas se comprazia na evocação.
>
> Não ignorava o que havia de alucinatório nisso. Chegava a envergonhar-se. Como evitá-lo? E por quê, se isso lhe fazia bem? Era o afloramento súbito da namorada, seus seios reluzindo na memória como duas gemas no fundo da água.
>
> MACHADO, Aníbal. "Viagem aos seios de Duília". In: *A morte da porta-estandarte, Tati a garota e outras histórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 41.

As narrativas mais contemporâneas exploram não só o espaço como ambiente "real" descrito no texto, mas também o espaço físico da página em branco, no qual as personagens se encontram como palavras. Assim, nas obras metalinguísticas, o território da folha transforma-se em uma geografia percorrida pelos seres.

Tempo

O tempo pode ser classificado em uma obra como: cronológico, histórico, mítico, cíclico e psicológico. Claro que em um mesmo livro é possível que haja a confluência de dois ou mais tipos de tempo, o que torna a obra inclusive mais enriquecedora. Vejamos cada um desses tempos e as suas peculiaridades.

Tempo cronológico

O texto que emprega o tempo cronológico é aquele que privilegia a linearidade da narrativa. A obra é estruturada em uma sequência progressiva dos episódios: início, meio, fim. Os acontecimentos retratados acompanham o movimento do relógio, a periodicidade do calendário, as fases da lua, as estações do ano, os períodos de colheita e de estiagem, etc. Geralmente, tais textos apresentam maior facilidade de leitura e se mostram como obras mais verossímeis.

Tempo histórico

Bem mais específicos e aprofundados são os romances de tempo histórico, que estruturam seus enredos vinculados a acontecimentos verídicos, a episódios vivenciados pela humanidade. Livros que retratam a Segunda Guerra Mundial, a Revolução Cubana, a Revolta da Vacina, a Guerra do Paraguai, a Queda da Bastilha, a Ditadura Militar no Brasil são exemplos de obras literárias que utilizam o tempo histórico. Nessas produções, é comum o convívio entre personagens reais e fictícias, são rasuradas as fronteiras entre o real e o imaginário, o documental e o lúdico. No Brasil, as obras de Erico Verissimo são bons exemplos de exploração do tempo histórico.

Tempo mítico

Esse tipo de tempo encontra-se presente nas narrativas folclóricas, lendárias e fabulares. Geralmente, ele é marcado pela imprecisão dos acontecimentos. Ninguém data quando o fato ocorreu, mas sabe-se que ele ocorreu, está na memória coletiva, é passado de geração a geração pelos relatos orais, pelas experiências dos antepassados. É o tempo do "Era uma vez...". Na obra dramática *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, a personagem Chicó sempre narra experiências fantásticas, mágicas e míticas. Quando alguém lhe pergunta como e quando aquilo ocorreu, a resposta é: "Não sei, só sei que foi assim!"

Tempo cíclico

As narrativas que exploram esse tipo de tempo são marcadas pela circularidade dos episódios. O livro abre com uma cena e encerra com a mesma imagem, mostrando que o desfecho apenas aponta para o reinício de tudo. Isso pode ocorrer para traduzir como os dilemas não são resolvidos ou como os valores passam de geração para geração. O fato é que o tempo cíclico aponta para a ideia do eterno retorno, de uma continuidade das coisas ainda que outros sejam os homens que a vivenciam. Na obra *Grande sertão: veredas*, Guimarães Rosa emprega o tempo cíclico para demonstrar como o protagonista Riobaldo, assim como qualquer ser humano, não encontra respostas e verdades para a vida, mas apenas contínuas dúvidas e inquietações. O livro inicia e também termina com o termo "nonada", que, metaforicamente, representa como o homem não consegue entender a própria vida, apenas vive a "travessia".

> Cerro. O senhor vê. Contei tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro. [...] Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é o homem humano. Travessia.
>
> ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Tempo psicológico

O tempo mais sofisticado na construção de um texto é o psicológico, pois ele exige atenção extrema por parte do leitor, que terá de "ordenar" os delírios e as recordações das personagens em seus momentos de *flashback*, de fluxo de consciência, de monólogo interior. O relato descontínuo, fragmentado pela visão subjetiva da personagem, por seu tumultuado universo introspectivo, faz com que o tempo seja simultâneo e estilhaçado. Imagens do presente, do passado e do futuro convivem, aproximam-se, afastam-se e acrescentam-se. Tamanha ruptura da linearidade, advinda de lembranças, desejos e alucinações, muitas vezes propicia situações inverossímeis e surreais, como é o caso da seguinte passagem do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos.

> Nu, deitado de costas na cama de ferro, esfregava-me no colchão estreito e coçava-me, mordido pelas pulgas. No quarto, escuro para a conta da Nordeste não crescer, a luz que havia era a do cigarro, que me fazia desviar os olhos de um lado para outro. Não podia deixar de olhá-la. Às vezes me entorpecia, a luz ia diminuindo, cobria-se de cinza. De repente despertava sobressaltado: parecia-me que, se o cigarro se apagasse, alguma desgraça me sucederia. E entrava a fumar desesperadamente, e soprava a cinza. Impossível dormir. O quarto de D. Rosália ficava paredes-meias com o meu. Antônia tinha-me dito, em confidência: – "O homem chegou." Devia ser o sujeito calvo e moreno que tocava o chapéu e rosnava um cumprimento. Agora se distinguiam palavras claras: – Bichinha, gordinha... Não sei como aquelas criaturas se podiam amar assim em voz alta, sem ligar importância à curiosidade dos vizinhos. D. Rosália resfolegava e tinha uns espasmos longos terminados num ui! medonho que devia ouvir-se na rua. Antes desse uivo prolongado o homem soltava palavrões obscenos. Parecia-me que o meu quarto se enchia de órgãos sexuais soltos, voando. A brasa do cigarro iluminava corpos atracados, gemendo: – Bichinha, gordinha... – Ui! Na escuridão a parede estreita desaparecia. Estávamos os três na mesma peça, eu rebolando-me no colchão estreito, picado de pulgas, respirando o cheiro de pano sujo e esperma, eles agarrados, torcendo-se, espumando, mordendo-se. Aquilo iria prolongar-se por muitas horas. Depois o silêncio, o cansaço, a luz da madrugada, o sono, a parede, nos afastariam.
>
> RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 19. ed. São Paulo: Record, 1978. p. 98.

Personagens

A classificação das personagens em uma narrativa está vinculada ao grau de importância que cada uma delas possui bem como à postura delas no desenvolvimento da obra. Assim sendo, tem-se:

Personagens protagonistas

São as mais relevantes no enredo da obra, por isso aparecem desempenhando um papel central.

Personagens antagonistas

São as que proporcionam conflito no enredo ao apresentarem problemas para os heróis. Nem sempre o antagonista de uma obra é uma pessoa. Às vezes pode ser um sistema político, um período de seca, o preconceito cultural, a rejeição social, um fato histórico, etc.

Personagens secundárias

São as que se encontram em segundo plano dentro da narrativa, não apresentando grande relevância para o enredo.

Personagens caricaturais

São extremamente ricas e cômicas, embora por trás do riso possa existir toda uma sátira do autor em relação a questões sociais.

Personagens tipo

São construídas a partir de estereótipos, de atitudes padronizadas, de arquétipos. Isso faz com que tais personagens tenham um caráter metonímico, pois ao se falar de uma, expressa-se o todo, ao se descrever uma identidade particular, pinta-se uma feição coletiva.

Além de tais denominações, as personagens também são classificadas de **planas** (as que mantêm as mesmas atitudes e características psicológicas ao longo da obra) ou **esféricas** / **redondas** (que são as personagens que se modificam no decorrer da narrativa, apresentando surpresas para o público).

TIPOS DE DISCURSO

Depois de ter estudado os possíveis tipos de narradores e a construção das personagens, agora você terá uma apresentação teórica sobre a relação desses dois elementos da prosa ao perceber como o narrador pode, em algumas circunstâncias, ceder a voz às personagens. Há três modos de o narrador propiciar que as vozes das personagens apareçam no discurso: o que se denomina de **discurso direto** (o narrador interrompe o seu relato e reproduz literalmente as falas das personagens, como ocorre no momento de um diálogo, por exemplo); o modo **indireto** (o narrador "traduz" as falas das personagens) e o **indireto livre** (o ponto de vista do narrador se funde ao ponto de vista das personagens para reproduzir os sentimentos e os pensamentos delas). Vamos estudar cada um desses casos, de modo bem detalhado a partir de agora.

Discurso direto

Quando o narrador cede a fala às personagens, deixando que elas explicitamente se comuniquem umas com os outras, são comuns alguns recursos, como o emprego de verbos de elocução (tais como: *dizer, falar, perguntar, comunicar, informar, exclamar, explicar,* etc.) e a utilização de sinais gráficos (dois pontos, travessão, aspas, itálico). Entretanto, nas narrativas mais contemporâneas, nem sempre os autores utilizam os sinais gráficos para introduzir a fala das personagens. Nesse caso, o leitor deve ficar atento à mudança das vozes por meio das pessoas do discurso. Veja alguns exemplos de textos que empregam o discurso direto de modo diferenciado para que você tenha consciência de tais processos:

Exemplo I

Então a moça bondosa abriu a janela dando pro Pacaembu deserto e falou:

– Vou dizer três adivinhas, se você descobre, te deixo fugir. O que é que é: É comprido, roliço e perfurado, entra duro e sai mole, satisfaz o gosto da gente e não é palavra indecente?

– Ah! isso é indecência sim!

– Bobo! É macarrão!

– Ahn... é mesmo!... Engraçado, não?

– Agora o que é que é: Qual o lugar onde as mulheres têm cabelo mais crespinho?

– Ôh, que bom! Isso eu sei! É aí!

– Cachorro! É na África...

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*.

Capa do filme Macunaíma *(1969), dirigido por Joaquim Pedro de Andrade.*

Exemplo II

Adão e Eva, naquela primeira noite depois de expulsos do Éden, [...] ficaram os dois no vão da porta, Eva perguntou a Adão, queres uma bolacha, e como justamente tinha só uma, partiu-a em dois bocados...

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*.

Exemplo III

Recobrei-me com alguém que me banhava o rosto. Era Frei Guilherme...

"O que aconteceu, Adso?", perguntou-me...

Frei Guilherme escutou-me com grande seriedade, mas com uma sombra de indulgência. Quando terminei, fez o rosto sério e disse-me: "Adso, tu pecaste, é claro, quer contra

o mandamento que te impõe não fornicar, quer contra os teus deveres de noviço. [...] O que quero te dizer, Adso, é que certamente não deves mais fazê-lo, mas que não é tão monstruoso que tu tenhas tentado a fazê-lo."

ECO, Humberto. *O nome da rosa*.

A presença do discurso direto em uma obra propicia ao texto maior dinamismo e caráter cênico, tendo em vista que o diálogo é a estrutura propícia ao gênero dramático. Por isso, um autor o insere para que a narrativa ganhe, em alguns trechos, maior verossimilhança (por retratar fielmente o vocabulário e o "sotaque" da personagem) e rapidez de informações. Veja o seguinte comentário de Celso Cunha e Lindley Cintra a respeito do emprego do discurso direto:

> No plano expressivo, a força da narração em discurso direto provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação a personagem, tornando-a viva para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas. Estas, na reprodução direta, ganham naturalidade e vivacidade, enriquecidas por elementos lingüísticos tais como exclamações, interrogações, interjeições, vocativos e imperativos, que costumam impregnar de emotividade a expressão oral.
>
> CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Discurso indireto

De modo oposto ao que ocorre no discurso direto, nos trechos em que aparece o discurso indireto, o narrador não permite que as personagens "falem diretamente", ele acaba por parafrasear as palavras alheias, reproduzindo indiretamente a fala deles. No plano estrutural, ainda haverá, na maioria das vezes, a presença dos verbos de elocução (indicadores de fala) seguidos por conectivos, principalmente, o **que**. Veja alguns exemplos:

Exemplo I

Perguntei se alguém escutara o tiro, e de que modo o haviam encontrado. O Sr. Demétrio não pareceu muito satisfeito com essas perguntas, sobretudo porque revelavam elas mais de um inquérito policial do que propriamente de uma indagação médica, mas assim mesmo afirmou que o irmão se achava desde cedo limpando o revólver, e que diversas vezes manifestara ele em voz alta o receio de que sucedesse alguma coisa, já que tudo era de se esperar de uma arma velha e emperrada...

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*.

Exemplo II

Relicário

No baile da Corte
Foi o Conde D'Eu quem disse
Pra Dona Bemvinda
Que farinha de Sururu
Pinga de Parati
Fumo de Baependi
É comê bebê pitá e caí.

ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*.

Discurso indireto livre

O discurso indireto livre é marcado pela fusão do ponto de vista do narrador com o ponto de vista da personagem. Para que isso ocorra, é necessário que o narrador seja de terceira pessoa, onisciente, pois somente assim ele conseguirá mesclar o seu discurso ao discurso da personagem. Para que ocorra essa proximidade de perspectivas, os autores utilizam-se de alguns recursos que geram a ambiguidade do discurso, o que não permite definir quem ao certo fala: se o narrador ou se a personagem. Efetivamente, a fala é do narrador, pois não há nenhum sinal gráfico ou emprego da primeira pessoa que permitam identificar a voz da personagem, mas, ao se ler a frase, é possível reconhecer que o sentimento e o pensamento que nela se encontram são pertencentes à personagem. Segundo Irene Machado:

> O discurso indireto livre é [...] um discurso de representação, o discurso vivo do imaginário e, por isso mesmo, o discurso literário por excelência da prosa moderna. Como em todo discurso bivocalizado, no discurso indireto livre domina um processo de adivinhação: é preciso adivinhar quem está com a palavra. Ouvimos vozes como se fosse num sonho, mas a impressão é de que alguém fala de fato. Essa impressão de fala só pode ser transmitida, segundo Volochinov, através do discurso indireto livre, "a forma por excelência do imaginário".
>
> MACHADO, Irene. *O romance e a voz*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 128-129.

Uma das obras brasileiras mais significativas na construção do discurso indireto livre é *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. O autor, para retratar a existência dura dos nordestinos, imersos em uma vida marcada pela miséria, pela exclusão social e pela falta de comunicação, no ambiente da seca, constrói um narrador de terceira pessoa, onisciente, que verbaliza o que as personagens analfabetas e "ilhadas" em suas áridas vidas não conseguem expressar. No decorrer do romance, em cada parte, o narrador, entretanto, desloca o seu ponto de vista, fundindo-o ao de diferentes personagens. Tente identificar isso no seguinte trecho:

Exemplo I

Outra vez Sinhá Vitória pôs-se a sonhar com a cama de lastro de couro. [...] Tudo ali era estável, seguro. O sono de Fabiano, o fogo que estalava, o toque dos chocalhos, até o zumbido das moscas, davam-lhe sensação de firmeza e repouso. Tinha de passar a vida inteira dormindo em varas? Bem no meio do catre havia um nó, um calombo grosso na madeira. E ela se encolhia num canto, o marido no outro, não podiam estirar-se no centro. A princípio não se incomodara. Bamba, moída de trabalhos, deitar-se-ia em pregos. Viera, porém, um começo de prosperidade. Comiam, engordavam. Não possuíam nada: se se retirassem, levariam a roupa, a espingarda, o baú de folha e troços miúdos. Mais iam vivendo, na graça de Deus, o patrão confiava neles – e eram quase felizes.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*.

Editoria de Arte

Personagem Sinhá Vitória.

Não se esqueça de que, ao estudar o discurso indireto livre, você terá de trabalhar com os conceitos de monólogo interior, fluxo de consciência e *flashback*, pois são situações textuais em que o narrador onisciente evidencia o pensamento das personagens. Não é possível reconhecer como isso se dá nos fragmentos em que o narrador evidencia as emoções de Sinhá Vitória? Lembre-se de que isso também ocorre com a personagem Baleia, como apareceu evidenciado no tópico "Narrador de terceira pessoa".

Esteja atento, também, a alguns recursos que geram a ambiguidade da voz e a fusão dos pontos de vista. Entre eles, destacam-se: **ausência de pronomes; verbos no infinitivo ou no pretérito** (nesse caso, não se sabe se é a primeira ou a terceira pessoa quem fala, ou seja, se é a personagem ou o narrador); **emprego de frases interrogativas e exclamativas**, que evidenciam a função emotiva, embora não estejam entre aspas ou com travessão (o que comprovaria que elas pertencem às personagens). Tente identificar, no trecho seguinte, as passagens em que há o discurso indireto livre. Faça esse trabalho em conjunto com os seus colegas e com o professor. Não deixe de identificar as estratégias utilizadas para gerar a ambiguidade.

Exemplo II

– Não faça assim. *Ich bin sechzehn Jahre alt*, repita. Só mais uma vez.

Carlos repetiu molemente. A hora não acabava. Se livrar daquela biblioteca!...

Fräulein escondeu o movimento de impaciência. Não conseguia prender a atenção do menino. O inglês e o francês eram familiares já para ele. Principalmente o inglês de que tinha aulas diárias desde nove anos. Mas alemão... já cinco lições e não decorava uma palavrinha só, burrice? Nesta aula que acabava, *Fräulein* já fora obrigada a repetir três vezes que "irmã" era *Schwester*.

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UERJ–2009)

> [...] e Tio Terêz, quando davam com um riacho, um minadouro ou um poço de grota, sem se apear do cavalo abaixava o copo de chifre, na ponta de uma correntinha, e subia um punhado d'água. Mas quase sempre eram secos os caminhos, nas chapadas, então Tio Terêz tinha uma cabacinha que vinha cheia, essa dava para quatro sedes; uma cabacinha entrelaçada com cipós, que era tão formosa.
>
> ROSA, Jõao Guimarães. "Campo Geral."

> Quando voltou para casa, seu maior pensamento era que tinha a boa notícia para dar à mãe: o que o homem tinha falado – que o Mutum era lugar bonito...
>
> ROSA, Jõao Guimarães. "Campo Geral."

IDENTIFIQUE o foco narrativo do texto de Guimarães Rosa. Em seguida, **INDIQUE** três recursos linguísticos empregados pelo narrador, nos fragmentos, para aproximar-se do universo infantil.

02. (FUVEST-SP–2009) Leia o trecho seguinte, extraído de um conto, e **RESPONDA** ao que se pede.

> eu estava ali deitado olhando através da vidraça as roseiras no jardim fustigadas pelo vento que zunia lá fora e nas venezianas de meu quarto e de repente cessava e tudo ficava tão quieto tão triste e de repente recomeçava e as roseiras frágeis e assustadas irrompiam na vidraça e eu estava ali o tempo todo olhando estava em minha cama com minha blusa de lã as mãos enfiadas nos bolsos os braços colados ao corpo as pernas juntas estava de sapatos Mamãe não gostava que eu deitasse de sapatos deixe de preguiça menino! mas dessa vez eu estava deitado de sapatos e ela viu e não falou nada ela sentou-se na beirada da cama e pousou a mão em meu joelho e falou você não quer mesmo almoçar?
>
> VILELA, Luiz. "Eu estava ali deitado".

A) O texto procura representar um "fluxo de consciência", ou seja, a livre-associação de ideias do narrador-personagem.

APONTE dois recursos expressivos, presentes no texto, que foram empregados com essa finalidade.

B) **CITE**, do texto, um exemplo de emprego do discurso direto.

03. (FUVEST-SP–2008) Em janeiro de 1935, um grupo de turistas pernambucanos passeava de carro quando deu de cara com Lampião e seu bando. Revirando a bagagem do grupo, um cangaceiro encontrou uma Kodak e entregou ao chefe, que perguntou a quem ela pertencia. Apavorado, um deles levantou o dedo. "Quero que o senhor tire o meu retrato", disparou o "rei do cangaço", pondo-se a posar. O homem, esforçando-se, bateu uma chapa, mas avisou: "Capitão, esta posição não está boa". Dando um salto e caindo de pé, Lampião perguntou: "E esta? Está melhor?" Outra foto foi feita. Quando libertava os turistas, após pilhá-los, o "fotógrafo" de ocasião indagou-lhe como podia enviar as imagens. "Não é preciso. Mande publicar nos jornais", disse o cangaceiro.

HAAG, Carlos. Pesquisa FAPESP.

Os trechos seguintes encontram-se em discurso indireto e discurso direto, respectivamente. **TRANSFORME** em discurso direto o primeiro trecho e, em discurso indireto, o segundo.

I. [...] um cangaceiro encontrou uma Kodak e entregou ao chefe, que perguntou a quem ela pertencia.

II. "Quero que o senhor tire o meu retrato", disparou o "rei do cangaço" [...]

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UERJ–2011)

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de **01** a **03**.

Múltiplo sorriso

Pendurou a última bola na árvore de Natal e deu alguns passos atrás. Estava bonita. Era um pinheiro artificial, mas parecia de verdade. Só bolas vermelhas. Nunca deixava de armar sua árvore, embora as amigas dissessem que era bobagem fazer isso quando se mora sozinha. Olhou com mais vagar. Na luz do fim da tarde, notou que sua imagem se espelhava nas bolas. Em todas elas, lá estava seu rosto, um pouco distorcido, é verdade – mas sorrindo. "Estão vendo?", diria às amigas, se estivessem por perto. "Eu não estou só."

SEIXAS, Heloísa. *Contos mais que mínimos*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

01. Ao dizer que o pinheiro era artificial, "mas parecia de verdade", a narrativa realça um estado que define a personagem.

Isto ajuda o leitor a compreender o fingimento da personagem em relação à

A) existência de suas amigas.
B) consciência de sua beleza.
C) presença de várias pessoas.
D) exposição de alguma intimidade.

02. Há um contraste irônico entre o título do conto e o seu desenvolvimento.

As ideias essenciais desse contraste são

A) alegria – isolamento.
B) admiração – distorção.
C) ornamentação – inutilidade.
D) multiplicidade – contemplação.

03. "Estão vendo?", diria às amigas, se estivessem por perto.

O trecho anterior revela o choque entre o mundo imaginário da personagem e a realidade de sua solidão.

Esse choque entre imaginação e realidade é enfatizado pela utilização do seguinte recurso de linguagem:

A) O uso das aspas duplas
B) O emprego dos modos verbais
C) A presença da forma interrogativa
D) A referência à proximidade espacial

04. (Unimontes-MG–2009) Leia os fragmentos dos textos.

Texto I

"Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d'Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum. No meio dos Campos Gerais, mas num covão em trechos de matas, terra preta, pé de serra.

Miguilim tinha oito anos. Quando completara sete, havia saído dali, pela primeira vez: o Tio Terêz levou-o a cavalo, à frente da sela, para ser crismado no Sucuriju, por onde o bispo passava. Da viagem, que durou dias, ele guardara aturdidas lembranças, embaraçadas em sua cabecinha."

ROSA, 1984. p. 13.

Texto II

"Um dos sonhos da minha vida era ter em casa uma piscina. Tinha aprendido a nadar, já havia disputado mesmo uma competição na piscina do Minas Tênis Clube, categoria de petiz, pretendia me tornar campeão, nadando no mínimo tão bem como Tarzã."

SABINO, 2008. p. 44.

Faça uma leitura comparativa dos fragmentos de textos retirados das narrativas "Campo geral", de Guimarães Rosa, e *O menino no espelho*, de Fernando Sabino, e assinale a alternativa que está **INCORRETA**.

A) O texto I apresenta o personagem Miguilim como narrador da história que descreve o espaço onde vive, o Mutum.

B) No texto I, o narrador-observador conta a história de Miguilim, menino que tem oito anos e vive no meio dos Campos Gerais.

C) Os textos I e II apresentam relatos sobre a vida de dois meninos, mas que vivem em espaços geográficos diferentes.

D) No texto II, tem-se um narrador-personagem que apresenta um grande sonho de sua vida, que era ter uma piscina em casa.

05. (PUC Minas–2006)

> Duas mulheres conversando:
>
> – Graças a mim, o meu marido ficou milionário!
>
> – Ué! – estranhou a outra. – Quando vocês se casaram ele já não era milionário?
>
> – Não, quando nos casamos ele era multimilionário!
>
> POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua*. Agenda 2003. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

Considere a reformulação do texto em exame, desenvolvida a partir da transformação do discurso direto em indireto, e as análises propostas.

> Duas mulheres conversavam. Uma delas, com certa vaidade, disse que graças a ela o marido ficara milionário.
>
> A outra, demonstrando um estranhamento, perguntou se ele já não era milionário antes do casamento. A resposta que ela obteve foi a de que o marido era multimilionário quando se casaram.

Todas as afirmativas são corretas, **EXCETO**

A) No discurso indireto, a fala das personagens é reproduzida pelo narrador, que pode orientar determinadas interpretações do leitor a partir da seleção de recursos linguísticos, por meio dos quais se deixa revelar um posicionamento desse narrador.

B) No discurso indireto, utilizam-se como recurso linguístico verbos de elocução, cuja função é não só introduzir a fala das personagens, mas também descrever a sua ação de interlocução no diálogo.

C) A transformação do discurso direto em indireto, no texto em exame, não compromete a construção de sentidos pelo leitor, mas acentua a carga de humor da piada, uma das propriedades desse gênero.

D) Na transformação do discurso direto para o indireto, altera-se o ritmo do texto, uma vez que ocorrem mudanças na extensão das frases e no emprego da pontuação.

06. (PUC Minas) Leia o comentário do crítico Alfredo Bosi sobre o processo de construção de personagens em Monteiro Lobato:

> Lobato concentrava-se no retrato físico, na busca dos defeitos do corpo ou dos aspectos risíveis do comportamento e do caráter.

Em todas as alternativas, os trechos, descrevendo personagens dos contos de *Urupês*, confirmam o comentário do crítico, **EXCETO**

A) "Era este Biriba um caranguejo humano, lerdo de maneiras e atolambado de ideias, com dois percalços tremendos na vida – a política e o topete. [...]"

B) "Cristina era um ramalhete completo das graças que os dezoito anos sabem compor. [...] Lábios de pitanga, a magnólia da pele acesa em rosas nas faces, olhos sombrios como a noite, dentes de pérola [...]"

C) "[...] o Teixeirinha Maneta era um carapina ruim inteirado, dos que vivem de biscates e remendos, [...] maneta e, inda por cima, cego duma vista."

D) "[Bocatorta] não tinha beiços, e as gengivas largas, violáceas, com raros cotos de dentes bestiais fincados às tontas, mostravam-se cruas, como enorme chaga viva."

07. (UFRGS)

Assinale a alternativa que transcreve **ADEQUADAMENTE** a fala do interlocutor de Hagar no primeiro quadro da tira.

A) O interlocutor disse a Hagar que o senhor tinha cometido um erro de gramática.

B) O interlocutor afirmou que Hagar cometera um erro de gramática.

C) O interlocutor disse a Hagar que tinha cometido um erro de gramática.

D) O interlocutor afirmou que Hagar cometia um erro de gramática.

E) O interlocutor disse que o senhor cometeu um erro de gramática.

08. (Cesgranrio)

O menino que amava passarinho

O tempo está sempre pousado no ombro da gente, feito uma ave sem sombra, sem garras, sem ruídos. E a gente só percebe realmente que ele passou, quando esbarra em algum espelho, ou quando alguém muito próximo voa para longe. É, mas tem lonjura que aproxima as pessoas e tem proximidade que afugenta. A dor, a presença e a ausência variam de pele para pele. Os vazios de Bartolomeu Campos de Queirós, por exemplo, completam a vida dele e enchem a gente de beleza. Se é que alguém fica enchido de beleza.

Aliás, o próprio Bartolomeu disse uma vez: "Não escrevo o que sou. Eu escrevo o que me falta". Mas no seu novo livro, *Até passarinho passa*, não falta nada. Pelo contrário, sobra encantamento para falar sobre uma saudade boa e doída.

....

Bartolomeu Campos de Queirós se apossa da gente, e de uma infância que já passou, mas que continua descalça na memória, cheia de paisagens aquecidas, mistérios vagarosos, suposições, impossibilidades, deslumbramentos.

Márcio Vassallo

O texto apresenta as seguintes ideias:

- o sentido de tempo e espaço torna-se relativo no imaginário;
- o tempo transforma a realidade;
- o sentimento é capaz de presentificar o tempo e o espaço.

Marque a alternativa em que, relacionando as três ideias num único período, são mantidas as relações de sentido que o texto apresenta.

A) Embora o tempo transforme a realidade, o sentido de tempo e espaço, no imaginário, torna-se relativo, pois o sentimento é capaz de presentificá-los.

B) O sentimento é capaz de presentificar o tempo e o espaço, pois o sentido de tempo e espaço se torna relativo à medida que o tempo transforma a realidade.

C) O tempo transforma a realidade, à proporção que o sentido de tempo e espaço se torna relativo no imaginário; logo, o sentimento é capaz de presentificá-los.

D) Como o sentimento é capaz de presentificar o tempo e o espaço, seu sentido torna-se relativo no imaginário, já que o tempo transforma a realidade.

E) O tempo transforma a realidade porque, no imaginário, o sentido de tempo e espaço se torna relativo; assim, o sentimento é capaz de presentificá-los.

09. (CEFET-MG–2010)

Eu era mudo e só

Ela sorriu e eu sorrio também ao vê-la consertar quase imperceptivelmente a posição das mãos. Agora o livro parece flutuar entre seus dedos tipo Gioconda. Acendo um cigarro. Tia Vicentina dizia sempre que eu era muito esquisito. "Ou esse seu filho é meio louco, mana, ou então..." Não tinha coragem de completar a frase, só ficava me olhando, sinceramente preocupada com meu destino. Penso agora como ela ficaria espantada se me visse aqui nesta sala que mais parece a página de uma dessas revistas da arte de decorar, bem-vestido, bem-barbeado e bem-casado, solidamente casado com uma mulher divina-maravilhosa, quando borda, o trabalho parece sair das mãos de uma freira e quando cozinha!... Verlaine em sua boca é aquela pronúncia, a voz impostada, uma voz rara. E se tem filho então, tia Vicentina? A criança nasce uma dessas coisas, entende?

Tudo tão harmonioso, tão perfeito. "Que gênero de poesia a senhora prefere?", perguntou o repórter à poetisa peituda e a poetisa peituda revirou os olhos, "O senhor sabe, existe a poesia realista e a poesia sublime. Eu prefiro a sublime!". Pois aí está, tia Vicentina.

– Sublime.

– Você falou, meu bem? – perguntou Fernanda sem desviar os olhos do livro.

– Acho que gostaria de sair um pouco.

– Para ir onde?

– "Tomar um chope", eu estive a ponto de dizer. Mas a pergunta de Fernanda já tinha rasgado minha vontade."

TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. São Paulo: Cia das Letras, 2009, p. 145-146.

Analise as seguintes afirmativas sobre recursos de composição usados no texto.

I. "Você falou, meu bem? – perguntou Fernanda sem desviar os olhos do livro." – inserção do conto no gênero dramático.

II. "Penso agora como ela ficaria espantada se me visse aqui nesta sala que mais parece a página de uma dessas revistas da arte [...]" – emprego de metalinguagem.

III. "Não tinha coragem de completar a frase, só ficava me olhando, sinceramente preocupada com meu destino." – presença de narrador-personagem.

IV. "Mas a pergunta de Fernanda já tinha rasgado minha vontade." – utilização de linguagem conotativa.

V. "Tia Vicentina dizia sempre que eu era muito esquisito." – ocorrência de discurso indireto.

Estão **CORRETOS** apenas os itens

A) I, II e III.
B) I, II e V.
C) I, III e IV.
D) II, IV e V.
E) III, IV e V.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2010)

Texto I

Logo depois transferiram para o trapiche o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os nove aos dezesseis anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações...

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008 (Fragmento).

Texto II

À margem esquerda do rio Belém, nos fundos do mercado de peixe, ergue-se o velho ingazeiro – ali os bêbados são felizes. Curitiba os considera animais sagrados, provê as suas necessidades de cachaça e pirão. No trivial contentavam-se com as sobras do mercado.

TREVISAN, Dalton. *35 noites de paixão:* contos escolhidos. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009 (Fragmento).

Sob diferentes perspectivas, os fragmentos citados são exemplos de uma abordagem literária recorrente na literatura brasileira do século XX. Em ambos os textos,

A) a linguagem afetiva aproxima os narradores dos personagens marginalizados.
B) a ironia marca o distanciamento dos narradores em relação aos personagens.
C) o detalhamento do cotidiano dos personagens revela a sua origem social.
D) o espaço onde vivem os personagens é uma das marcas de sua exclusão.
E) a crítica à indiferença da sociedade pelos marginalizados é direta.

02. (Enem–2002)

De repente lá vinha um homem a cavalo. Eram dois. Um senhor de fora, o claro de roupa. Miguilim saudou, pedindo a bênção. O homem trouxe o cavalo cá bem junto. Ele era de óculos, corado, alto, com um chapéu diferente, mesmo.

– Deus te abençoe, pequenino. Como é teu nome?

– Miguilim. Eu sou irmão do Dito.

– E o seu irmão Dito é o dono daqui?

– Não, meu senhor. O Ditinho está em glória.

O homem esbarrava o avanço do cavalo, que era zelado, manteúdo, formoso como nenhum outro. Redizia:

– Ah, não sabia, não. Deus o tenha em sua guarda... Mas que é que há, Miguilim?

Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, por isso é que o encarava.

– Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo de vista? Vamos até lá. Quem é que está em tua casa?

– É Mãe, e os meninos...

Estava Mãe, estava tio Terez, estavam todos. O senhor alto e claro se apeou. O outro, que vinha com ele, era um camarada.

O senhor perguntava à Mãe muitas coisas do Miguilim. Depois perguntava a ele mesmo: – "Miguilim, espia daí: quantos dedos da minha mão você está enxergando? E agora?"

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Essa história, com narrador observador em terceira pessoa, apresenta os acontecimentos da perspectiva de Miguilim. O fato de o ponto de vista do narrador ter Miguilim como referência, inclusive espacial, fica explicitado em:

A) "O homem trouxe o cavalo cá bem junto."
B) "Ele era de óculos, corado, alto [...]"
C) "O homem esbarrava o avanço do cavalo, [...]"
D) "Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, [...]"
E) "Estava Mãe, estava tio Terez, estavam todos"

03. (Enem–2006)

Depois de um bom jantar: feijão com carne-seca, orelha de porco e couve com angu, arroz-mole engordurado, carne de vento assada no espeto, torresmo enxuto de toicinho da barriga, viradinho de milho verde e um prato de caldo de couve, jantar encerrado por um prato fundo de canjica com torrões de açúcar, Nhô Tomé saboreou o café forte e se estendeu na rede. A mão direita sob a cabeça, à guisa de travesseiro, o indefectível cigarro de palha entre as pontas do indicador e do polegar, envernizados pela fumaça, de unhas encanoadas e longas, ficou-se de pança para o ar, modorrento, a olhar para as ripas do telhado.

Quem come e não deita, a comida não aproveita, pensava Nhô Tomé... E pôs-se a cochilar. A sua modorra durou pouco; Tia Policena, ao passar pela sala, bradou assombrada:

– Êêh! Sinhô! Vai drumi agora? Não! Num presta... Dá pisadêra e póde morrê de ataque de cabeça!

Despois do armoço num far-má... mais despois da janta?!"

PIRES, Cornélio. *Conversas ao pé do fogo*.
São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987.

Nesse trecho, extraído de texto publicado originalmente em 1921, o narrador

A) apresenta, sem explicitar juízos de valor, costumes da época, descrevendo os pratos servidos no jantar e a atitude de Nhô Tomé e de Tia Policena.
B) desvaloriza a norma culta da língua porque incorpora à narrativa usos próprios da linguagem regional das personagens.
C) condena os hábitos descritos, dando voz a Tia Policena, que tenta impedir Nhô Tomé de deitar-se após as refeições.
D) utiliza a diversidade sociocultural e linguística para demonstrar seu desrespeito às populações das zonas rurais do início do século XX.
E) manifesta preconceito em relação a Tia Policena ao transcrever a fala dela com os erros próprios da região.

04. (Enem–2009)

A partida

1 Acordei pela madrugada. A princípio com tranquilidade, e logo com obstinação, quis novamente dormir. Inútil, o sono esgotara-se. Com precaução, acendi
4 um fósforo: passava das três. Restava-me, portanto, menos de duas horas, pois o trem chegaria às cinco. Veio-me então o desejo de não passar mais nem
7 uma hora naquela casa. Partir, sem dizer nada, deixar quanto antes minhas cadeias de disciplina e de amor. Com receio de fazer barulho, dirigi-me
10 à cozinha, lavei o rosto, os dentes, penteei-me e, voltando ao meu quarto, vesti-me. Calcei os sapatos, sentei-me um instante à beira da cama. Minha avó
13 continuava dormindo. Deveria fugir ou falar com ela? Ora, algumas palavras... Que me custava acordá-la, dizer-lhe adeus?

LINS, Osman. A partida. *Melhores contos*. Seleção e prefácio de Sandra Nitrini. São Paulo: Global, 2003.

No texto, o personagem-narrador, na iminência da partida, descreve a sua hesitação em separar-se da avó. Esse sentimento contraditório fica claramente expresso no trecho:

A) "A princípio com tranquilidade, e logo com obstinação, quis novamente dormir" (ℓ. 1-2).
B) "Restava-me, portanto, menos de duas horas, pois o trem chegaria às cinco" (ℓ. 4-5).
C) "Calcei os sapatos, sentei-me um instante à beira da cama" (ℓ. 11-12).
D) "Partir, sem dizer nada, deixar quanto antes minhas cadeias de disciplina e amor" (ℓ. 7-9).
E) "Deveria fugir ou falar com ela? Ora, algumas palavras..." (ℓ. 13-14).

GABARITO

Fixação

01. Foco em terceira pessoa.
    Recursos:
    - uso de palavras no diminutivo;
    - uso da palavra "Tio" antes do nome próprio "Terêz";
    - fala simples, desordenada, própria da criança.

02. A) Predomínio de coordenadas assindéticas ou de sindéticas aditivas, ausência de pontuação regular.
    B) "Deixe de preguiça menino"; "você não quer mesmo almoçar?"

03. I. [...] um cangaceiro encontrou uma Kodak e entregou ao chefe, que perguntou: "A quem pertence esta Kodak?"
    II. O "rei do cangaço" disparou que queria que tirassem o seu retrato.

Propostos

01. C
02. A
03. B
04. A
05. C
06. B
07. B
08. E
09. E

Seção Enem

01. D
02. A
03. A
04. E

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 09 FRENTE B

Romantismo

Inicialmente, é preciso salientar que a divisão do Romantismo brasileiro em três fases é uma classificação utilizada para a poesia. Assim, os historiadores da literatura classificam os poetas românticos como aqueles pertencentes à Primeira Fase, à Segunda e à Terceira, o que não se aplica, contudo, aos autores de prosa. Portanto, neste módulo, encontraremos a divisão do Romantismo em fases (metodologia específica para a poesia) e, simultaneamente, discutiremos alguns romances produzidos ao longo do Romantismo.

Caspar David Friedrich

FRIEDRICH, Caspar David. O viajante sobre o mar de névoa. *1818. Kunsthalle, Hamburgo. A obra do pintor alemão ilustra um dos principais traços do Romantismo: o isolamento.*

PRIMEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA

A primeira obra poética de caráter romântico no Brasil foi publicada em 1836, por Gonçalves de Magalhães, e se intitulou *Suspiros poéticos e saudades*. Além de Gonçalves de Magalhães, outro significativo poeta introdutor do Romantismo no país foi Manuel de Araújo Porto-Alegre. Ambos pretenderam construir uma literatura de tom nacionalista e idealizado, aspectos adequados para legitimar a Independência do Brasil, conquistada em 1822. Entretanto, foi com Gonçalves Dias que efetivamente se construiu a mais significativa escrita poética preocupada em representar a natureza e a origem do povo brasileiro, o que culminaria em uma estética da cor local e do indianismo. Em 1846, ao publicar *Primeiros Cantos*, Gonçalves Dias anuncia a nova ideologia romântica, que lutaria pela liberdade formal (fugindo à regularidade métrica do Classicismo tão cultuada pelos árcades) e pela pluralidade temática, inclusive no que diz respeito à representação da paisagem (novamente se vê uma oposição aos poetas do Neoclassicismo, que construíam os ambientes bucólicos com base na cópia do cenário da Arcádia, ou seja, de forma mais universal).

> Dei o nome de "Primeiros Cantos" às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas.
>
> Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificação portuguesa e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.
>
> Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas – debaixo de céu diverso.
>
> DIAS, Gonçalves. Primeiros Cantos. *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 47.

O mais famoso poema do Romantismo brasileiro, "Canção do exílio", foi publicado na primeira parte dos *Primeiros Cantos*, denominada "Poesias Americanas" – título que evidencia a necessidade de cantar a nova América que se tornava independente. A exaltação da terra natal, em oposição ao cenário estrangeiro, é a grande preocupação de Gonçalves Dias, como exemplifica o canônico poema:

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

DIAS, Gonçalves. Primeiros Cantos. *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 48.

O aspecto nacionalista da "Canção do exílio" legitimou, inclusive, o fato de o poema ser parafraseado por Osório Duque Estrada quando compôs o Hino Nacional brasileiro. A exaltação da pátria brasileira, feita de modo grandiloquente e entusiasta, consagrou o **caráter ufanista** dos autores da Primeira Fase do Romantismo, como exemplifica a anáfora da expressão "tem mais" na elaboração do poema de Gonçalves Dias: o Brasil "tem mais estrelas", "tem mais flores", "tem mais vida", "tem mais amores", repetição que se agrega à outra anáfora, do pronome possessivo "nosso", que salienta o orgulho do sentimento coletivo despertado pela nação.

O contraponto entre o nacional e o estrangeiro faz com que este seja preterido em relação àquele. O "outro" é ínfimo em relação à grandiosidade e à beleza da paisagem nacional. O poema procura retratar justamente a angústia do eu poético por estar na Europa (aqui), desejoso por regressar à sua pátria (lá). Ao desejar revisitá-la ("Não permita Deus que eu morra / sem que volte para lá"), a voz poética lembra-se da perfeição e do encantamento da terra natal em contraposição ao ambiente estrangeiro, no qual vive o martírio de um exílio que não lhe permite desfrutar o cenário nacional.

A relevância da "Canção do exílio", na literatura brasileira, justifica-se não só pelo seu conteúdo nacionalista, mas pela estrutura do texto, constituída de musicalidade. A presença das rimas alternadas, que se realizam em quase todas as estrofes com as palavras "sabiá", "lá" e "cá", aliadas às aliterações presentes em "palmeiras" e "primores" e ao ritmo melódico propiciado pela métrica das redondilhas maiores (versos de sete sílabas) conferem uma grande sonoridade ao texto, o que justifica o título (afinal, o leitor está diante de uma "Canção"). Além disso, a ausência de adjetivos na construção do poema reitera a essência da nação descrita. As qualidades brasileiras são substantivadas, o que demonstra a importância e a vitalidade dos elementos que constituem o país.

A poética de Gonçalves Dias não se restringiu ao "sabiá" e às "palmeiras" para cantar o país. O índio foi outro importante ícone empregado para a construção de uma identidade nacional idealizada. No entanto, o indígena do Romantismo não era retirado da própria historiografia ou da realidade nacional, mas das páginas da literatura europeia, principalmente a partir da figura do "Bom Selvagem" divulgada por Rousseau. Inúmeros poemas de Gonçalves Dias, produzidos desde o primeiro até o último de seus livros, buscaram cantar a bravura do índio, que muitas vezes se portava como um legítimo cavaleiro medieval. Exemplos disso são os textos: "O canto do guerreiro", "O canto do piaga", "O canto do índio", "Deprecação", "Marabá", "O gigante de pedra", "Canção do Tamoio", "Leito de folhas verdes", e "I-Juca Pirama" – o mais conhecido poema indianista do Romantismo brasileiro.

"I-Juca Pirama", que, em tupi, significa "O que há de ser comido", é um poema épico no qual Gonçalves Dias canta a força, a dignidade e a honra dos indígenas, principalmente nas leis culturais que concernem ao ato da antropofagia – visto inicialmente pelos europeus como um gesto bárbaro e animalesco. Esse ato foi reinterpretado pelos românticos, que demonstraram o lado cultural do rito, em que o outro é devorado não por fome, mas por assimilação do "maná", das características identitárias do inimigo. Acreditava-se, assim, que, ao se comer a carne, absorviam-se também a resistência física, a virilidade, a coragem e as atitudes heroicas do índio devorado. O poema de Gonçalves Dias inicia-se justamente com a descrição dos preparativos que os timbiras fazem para a devoração do índio tupi, que fora capturado por eles (Cantos I e II). No Canto III, o chefe dos timbiras pede ao tupi para que ele cante sua origem, seus feitos e gestos de bravura, para que a tribo pudesse, assim, saber que carne iria comer e quais características iria adquirir. Respondendo ao chefe da tribo que o capturara (Canto IV), o tupi canta suas glórias, mas também seus infortúnios, pedindo que não o matassem, porque tinha de cuidar de seu velho pai, que estava cego e muito fraco para viver sem a sua ajuda. No Canto V, o chefe indígena manda soltá-lo, dizendo-lhe que a tribo jamais comeria a carne de um covarde. Mesmo humilhado, o guerreiro tupi abandona a tribo e vai ao reencontro do pai (Canto VI). O velho indaga o porquê de tamanha demora por parte do filho. O jovem inventa uma desculpa, mas o pai sente o cheiro das tintas utilizadas no ritual antropofágico. O filho confessa-lhe que pediu para não ser devorado. Desejando corrigir o erro do rapaz, o pai retorna à tribo dos timbiras com seu filho (Canto VII) e pede que o ritual seja terminado, que todos devorassem a carne de seu bravo descendente. Entretanto, os índios recusam-se a comer a carne de um "covarde". Insatisfeito (Canto VIII), o pai roga uma praga ao filho, renegando-o para sempre diante de todos. Revoltado com as palavras do pai e com o falso julgamento que todos faziam dele, o tupi começa a guerrear com a tribo inimiga, extravasando toda a sua angústia e o seu ódio por não ser compreendido (Canto IX). O chefe dos timbiras pede para que cessem os combates, pois o jovem tupi havia provado para todos o tamanho de sua bravura. O pai chora orgulhoso pela atitude do filho e todos os timbiras admiram a façanha. No Canto X, percebe-se que toda essa história ficou na memória de um velho timbira, que todas as noites contava os grandes feitos do maior guerreiro que já vira: o herói tupi. E, se alguém duvidasse da narração, o velho timbira retorquia: "– Meninos, eu vi!".

O surgimento do romance romântico

Não só a poesia do Romantismo teve uma preocupação nacionalista evidenciada pela descrição dos ambientes e pela exaltação da figura indígena, mas também a prosa, com o surgimento do romance. O aparecimento da prosa romântica, no Brasil, está vinculado à criação do jornal, pois os romances eram publicados em fascículos e, posteriormente, transformados em livros. Tais produções receberam o nome de **romance de folhetim**.

A narrativa que desencadeou o sucesso desse gênero folhetinesco, no Brasil, foi *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicada ao longo de 1844 e 1845. O sucesso desse romance ocorreu graças à linguagem simples, à trama fácil e instigante e ao final feliz – características que agradavam à nova classe burguesa de leitores que surgia. Os romances românticos dos oitocentos tinham a finalidade de divertir essa burguesia, sedenta de cenas amorosas e de enredos emocionantes. Para isso, não era preciso muita inventividade, bastava reproduzir uma "receita" literária de composição dos folhetins.

Os romances de temática urbana refletiam o próprio ambiente burguês no qual eram lidos. Nesse sentido, a arte procurava retratar o gosto de sua época, embora também se fizesse a produção de obras que condenavam certas posturas desse universo, como a hipocrisia, a vaidade, o casamento por interesses, etc. Contudo, a vertente crítica apareceu somente após um bom período do Romantismo, como exemplifica *Senhora*, última obra de José de Alencar publicada em vida. Geralmente, os romances urbanos do Romantismo, como *Lucíola* (1862), *Diva* (1864) e *Encarnação* (1893), do próprio Alencar, *A Mão e a Luva* (1874) e *Iaiá Garcia* (1878), de Machado de Assis, se prendiam mais à elaboração de relações amorosas ideais e fidedignas, que se contrapunham à frivolidade das relações por interesse e aos casamentos malsucedidos. Os pares românticos, inspirados na busca de um amor muitas vezes impossível, por isso mesmo mais propenso à idealização, viviam em plena tristeza e melancolia. Esse clima, inclusive, será retomado, de modo intenso, como o grande mote temático pela poesia do Romantismo da Segunda Fase.

Pierre Paul Prud'Hon

PRUD'HON, Pierre Paul. Head of the virgin*. 1810. Musée des Beaux-Arts. A idealização da figura feminina é uma das principais características do Romantismo.*

Além dos romances de caráter urbano, foi frequente na estética romântica uma retratação da identidade nacional através da figuração de toda uma diversidade geográfica. Com isso, surgiam os romances que procuravam descrever outras regiões nacionais. Novamente, a produção de Alencar destaca-se nesse sentido, com obras como *As minas de prata* (1865-1866), *O gaúcho* (1870), *Guerra dos mascates* (1873) e *O sertanejo* (1875). Além da obra de Alencar, o trabalho de Bernardo Guimarães também se mostra exemplar em retratar um certo regionalismo, principalmente de Minas e de Goiás, na estruturação de seus enredos. Nota-se também uma preocupação histórica, como os próprios títulos indicam, já que abordam o processo de ocupação do território nacional pelos bandeirantes ou mencionam as guerras nacionalistas vinculadas à formação da identidade do Brasil. De Bernardo Guimarães, os romances *O garimpeiro* (1872), *Maurício ou Os Paulistas em S. João d'El-Rei* (1877) e *O Ermitão de Muquém*, cujo subtítulo é "História da fundação da romaria de Muquém na província de Goiás" (1864), são bons exemplos dessa preocupação de se representar o nacional através de uma literatura que adentrava no país para mostrar uma identidade diferenciada daquela do Brasil litorâneo, que sofria as influências da Europa. O crítico Nelson Werneck Sodré evidencia a relevância desse sertanismo nos romances românticos.

> Existe a preocupação fundamental do sertanismo, que vem, assim, substituir o indianismo, como aspecto formal e insistente na intenção de transfundir um sentido nacional à ficção romântica. Tal preocupação importa em condenar o quadro litorâneo e urbano como aquele em que a influência externa transparece, como um falso Brasil. Brasil verdadeiro, Brasil original, Brasil puro seria o do interior, o do sertão, imune às influências externas, conservando em estado natural os traços nacionais.
>
> [...] No sertanismo, verifica-se o formidável esforço da literatura para superar as condições que a subordinavam aos modelos externos. Existem, nos iniciados da ficção romântica, sinais evidentes desse esforço. Verificaram logo que o índio não tem todas as credenciais necessárias à expressão do que é nacional. Transferem ao sertanejo, ao homem do interior, àquele que trabalha na terra, o dom de exprimir o Brasil. Submetem-se ao jugo da paisagem e pretendem diferenciar o ambiente pelo que existe de exótico no quadro físico – pela exuberância da natureza, pelo grandioso dos cenários, pela pompa dos quadros rurais. Isto é o Brasil, pretendem dizer. E não aquilo que se passa no ambiente urbano, que copia o exemplo exterior, que se submete às influências distantes. [...] Não são menos românticos, evidentemente, quando assim procedem.
>
> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 323-324.

O que aparece no comentário anterior pode ser exemplificado também nas obras de outros dois sertanistas, ao lado de Alencar e de Bernardo Guimarães, que são Visconde de Taunay, com sua obra mais famosa, *Inocência* (1872), e Franklin Távora, que, no prefácio de seu romance *O Cabeleira* (1876), chega a afirmar:

"As letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém, do que no Sul, abundam elementos para a formação de uma literatura brasileira, filha da terra. A razão é óbvia: o Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro".

Ainda que busque a construção da nacionalidade por meio da divulgação do sertanejo, foi com o indianismo inicial que o Romantismo consagrou a fundamentação dessa identidade. Se, na poesia, isso se deu por meio da contribuição de Gonçalves Dias, na prosa, os romances *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874), de José de Alencar, imortalizaram esse aspecto indígena como pressuposto para se pensar o nacional.

A temática indianista, na elaboração do romance *Iracema*, foi do seguinte modo apontada pelo próprio Alencar em sua famosa "Carta ao Dr. Jaguaribe":

> O assunto para a experiência de antemão estava achado. Quando em 1848 revi nossa terra natal, tive a idéia de aproveitar suas lendas e tradições em alguma obra literária. Já em São Paulo tinha começado uma biografia do Camarão. Sua mocidade, a heróica amizade que o ligava a Soares Moreno, a bravura e lealdade de Jacaúna, aliado dos portugueses, e suas guerras contra o célebre Mel Redondo; aí estava o tema.
>
> [...] Este livro é pois um ensaio ou antes mostra. Verá realizadas nele minhas idéias a respeito da literatura nacional; e achará aí poesia inteiramente brasileira, haurida na língua dos selvagens. A etimologia dos nomes das diversas localidades, e certos modos de dizer tirados da composição das palavras, são de cunho original.
>
> [...] depois de concluído o livro e quando o reli já apurado na estampa, conheci que tinham escapado senões que se devem corrigir; noto algum excesso de comparações, repetição de certas imagens, desalinho no estilo dos últimos capítulos. Também me parece que deva conservar aos nomes das localidades sua atual versão, embora corrompida.
>
> Se a obra tiver segunda edição será escoimada destes e outros defeitos que lhe descubram os entendidos.
>
> ALENCAR, José de. *Romances ilustrados de José de Alencar*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1977. p. 323.

Nessa carta, o próprio Alencar aponta o que ele pretendia com a prosa poética que é *Iracema*: fazer um estudo sobre a história da colonização brasileira, ao retratar o encontro do europeu com o indígena; apontar a formação étnica, cultural e linguística do país; resgatar as lendas e os mitos fundacionais. Tudo isso com uma linguagem lírica, já que a intenção inicial do livro era a de que ele fosse uma obra poética, com o emprego exagerado de comparações (símiles), que permitem visualizar a paisagem nacional espelhada no corpo e nas atitudes de Iracema. Na "Carta ao Dr. Jaguaribe", Alencar fez uma severa crítica à linguagem artificial dos índios criados por Gonçalves Dias. Contudo, tal condenação também se aplica às falas dos índios de seus romances, que são completamente inverossímeis. E não só a linguagem dos seus índios é "europeizante", mas também o comportamento de seus heróis e heroínas, que traem as suas tribos em favor dos caprichos dos brancos, como exemplificam as atitudes de Iracema e Peri: ambos preterem a tradição indígena para assimilar os valores eurocêntricos de Martim e Ceci.

O crítico Alfredo Bosi, a respeito dessa postura "sacrificial" do indianismo na obra de Alencar, teceu o seguinte comentário em seu livro de ensaios *Dialética da colonização*:

> Nas histórias de Peri e Iracema, a entrega do índio ao branco é incondicional, faz-se de corpo e alma, implicando sacrifício e abandono da sua pertença à tribo de origem. Uma partida sem retorno. Da Virgem de lábios de mel disse Machado de Assis em artigo que escreveu logo que saiu o romance: "Não resiste, nem indaga: desde que os olhos de Martim se trocaram com os seus, a moça curvou a cabeça àquela doce escravidão".
>
> O risco de sofrimento e morte é aceito pelo selvagem sem qualquer hesitação, como se a sua atitude devota para com o branco representasse o cumprimento de um destino, que Alencar apresenta em termos heróicos ou idílicos.
>
> Creio que é possível detectar a existência de um complexo sacrificial na mitologia romântica de Alencar. [...] A nobreza dos fracos só se conquista pelo sacrifício de suas vidas.
>
> BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 177-179.

Porém, de toda a produção romântica em prosa, a que mais se destaca, justamente por fugir a esse arquétipo de uma construção nacionalista nos moldes ufanistas, é a obra *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Esse romance foi publicado nos anos de 1852 e 1853, em forma de folhetim, e destacou-se dos demais por ultrapassar a temática e a construção dos típicos romances românticos da literatura brasileira. *Memórias de um sargento de milícias* é considerada uma obra antecipadora de traços do Realismo – e até do Modernismo – devido à inserção do primeiro **herói pícaro** nos romances nacionais. Leonardinho, o protagonista da obra, não se assemelha ao fidalgo burguês que figura nas obras românticas, o que se observa desde a sua origem: é filho de Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça, que se conheceram vindo de Portugal para o Brasil e, desde então, iniciaram um "namoro" com trocas de beliscões e pisadelas. Quando desembarcaram, Maria já estava grávida. Abandonado pelos pais, Leonardinho tem de buscar maneiras alternativas para sobreviver, caindo em malandragens e falcatruas que atestam seu parentesco com Macunaíma, o herói sem nenhum caráter.

Não só Leonardo vive dessa forma, mas todos os demais figurantes da obra, que são considerados **personagens-tipo,** por expressarem uma identidade coletiva e anônima dessa camada social brasileira. As personagens são a expressão do papel que ocupam no panorama histórico brasileiro, representam um lugar, muito mais que uma individualidade. São a comadre, o barbeiro, a cigana, entre tantos outros, que precisam tomar iniciativas muitas vezes ilícitas para garantirem a sobrevivência. Isso faz com que a obra ultrapasse as oposições convencionais de herói x anti-herói, lícito x ilícito. Tal característica fez com que os críticos apontassem a obra como a gênese do "jeitinho brasileiro", da tradição do "salve-se quem puder".

Antonio Candido, em um famoso ensaio intitulado "A dialética da malandragem", apontou a importância dessas questões sociais no romance de Manuel Antônio de Almeida.

O sentido profundo das *Memórias* está ligado ao fato de não se enquadrarem em nenhuma das racionalizações ideológicas reinantes na literatura brasileira de então: indianismo, nacionalismo, grandeza no sofrimento, redenção pela dor, pompa do estilo, etc. Na sua estrutura mais íntima e na sua visão latente das coisas, este livro exprime a vasta acomodação geral que dissolve os extremos, tira o significado da lei e da ordem, manifesta a penetração recíproca dos grupos, das idéias, das atitudes mais díspares, criando uma espécie de terra-de-ninguém moral, onde a transgressão é apenas um matiz na gama que vem da norma e vai ao crime. [...] Trata-se de um universo isento da culpa e do pecado: as pessoas fazem coisas que poderiam ser consideradas repreensíveis, mas também fazem outras dignas de louvor, que as compensam. E como todos têm defeitos, ninguém merece censura.

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

SEGUNDA GERAÇÃO ROMÂNTICA

Na Segunda Geração do Romantismo brasileiro, são marcantes os poetas Casimiro de Abreu (que exemplifica a vertente mais sutil do Ultrarromantismo), Junqueira Freire e Álvares de Azevedo – o mais importante entre eles.

A singeleza da obra de Casimiro de Abreu se consagrou com o poema "Meus oito anos", que retrata a idealização do passado e a visão angelical da infância. A criança é vista como um ser puro, desprovido dos vícios da vida adulta, da existência corrompida no seio do organismo social. Por isso, no presente, o eu poético lamenta a saudade que sente da "aurora de sua vida".

Meus oito anos

Oh! Souvenirs! Printemps! Aurores!

Victor Hugo

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

ABREU, Casimiro de. Primaveras. *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 358.

Por sua vez, as produções de Junqueira Freire e de Álvares de Azevedo exemplificam, de modo mais emblemático, o caráter noturno e mórbido da Segunda Geração Romântica. Os cenários macabros (geralmente cemitérios, ruínas, locais abandonados, paisagens ermas), visitados pela voz poética durante a noite, constituem uma ambientação misteriosa e fúnebre que compactua com a obscuridade do próprio caráter humano, com a melancolia, com o tédio, com o *spleen*, que dilaceram o sujeito romântico. Por toda essa retratação de um ser sem lugar na sociedade, sem um rumo certo para a vida, a Segunda Fase foi denominada de **Ultrarromantismo**, ou **Byronismo**, e caracterizada como poesia do "Mal do Século". Essa expressão é tanto uma referência às doenças físicas que acometiam a humanidade (principalmente a tuberculose) quanto à dilaceração sentimental pela qual passava o homem.

Se a Primeira Geração Romântica do Brasil foi construída com uma forte influência francesa, a Segunda se constituiu a partir de um intenso diálogo com os Romantismos Inglês, Irlandês e Alemão. No Brasil, as obras mais significativas desse período são de autoria de Álvares de Azevedo: o livro de poesias *Lira dos vinte anos*, o de contos, *Noite na taverna*, e a peça *Macário*. No seguinte poema, é possível reconhecer as principais características da estética desse período, tais como o ambiente funesto, a representação da angústia, do medo e até da morte (geralmente tais sentimentos aparecem personificados), o diálogo com um outro ser horrendo, que muitas vezes habita o próprio eu, a ausência de fronteiras entre a realidade e o sonho, a construção de poemas mais narrativos, que relatam uma cena de suspense e perseguição:

Meu sonho

EU

Cavaleiro das armas escuras,
Onde vais pelas trevas impuras
Com a espada sangüenta na mão?
Por que brilham teus olhos ardentes
E gemidos nos lábios frementes
Vertem fogo do teu coração?

Cavaleiro, quem és? O remorso?
Do corcel te debruças no dorso...
E galopas do vale através...
Oh! Da estrada acordando as poeiras
Não escutas gritar as caveiras
E morder-te o fantasma nos pés?

Onde vais pelas trevas impuras,
Cavaleiro das armas escuras,
Macilento qual morto na tumba?...
Tu escutas... Na longa montanha
Um tropel teu galope acompanha?
E um clamor de vingança retumba?

Cavaleiro, quem és? – que mistério,
Quem te força da morte no império
Pela noite assombrada a vagar?

O FANTASMA

Sou o sonho de tua esperança,
Tua febre que nunca descansa,
O delírio que te há de matar!...

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 272.

Ary Sheffer

SCHEFFER, Ary. Leonore or "the dead go fast"*, 1830. Musée de Beaux Arts, Lille.*

No que diz respeito à temática amorosa, na lira de Álvares de Azevedo, com frequência, há a retratação de um amor impossível. A vida impede o eu poético de se encontrar com a sua amada e de efetivar a relação que tanto desejam. Por isso, só o ambiente do sonho, do delírio, da imaginação torna-se o espaço da "concretização" desse amor. A mulher, na poética de Azevedo, oscila entre uma representação mais angelical, etérea, e uma descrição mais erótica, carnal. Porém, independentemente disso, é sempre inatingível, intocável.

O poeta

Era uma noite – eu dormia
E nos meus sonhos revia
As ilusões que sonhei!
E no meu lado senti...
Meu Deus! Por que não morri?
Por que do sono acordei?

No meu leito – adormecida
Palpitante e abatida,
A amante de meu amor!
Os cabelos recendendo
Nas minhas faces correndo
Como o luar numa flor!

Senti-lhe o colo cheiroso
Arquejando sequioso;
E nos lábios, que entr'abria
Lânguida respiração,
Um sonho do coração
Que suspirando morria!
[...]

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos.
Grandes poetas românticos do Brasil. 5 ed. São Paulo:
Discubra, 1978. v. 1. p. 235-236.

TERCEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA

Em contrapartida à postura escapista, melancólica, macabra e onírica da Segunda Fase, a Terceira Geração Romântica procurou se legitimar por uma escrita mais voltada para o social, apontando para as questões políticas e ideológicas vigentes no final do século XIX. Essa abordagem justifica o caráter mais engajado dos autores desse período, que procuraram discutir, na poesia, temas como a construção do nacionalismo republicano e a legitimação de uma sociedade estruturada sem a "mácula" da escravidão. Tal preocupação demonstra a necessidade de os poetas desejarem inserir o Brasil no contexto universal, colocar o país a par do progresso já adquirido pelos Estados Unidos para, assim, também se formar como uma autêntica nação aos olhos do Velho Mundo. Desfazer-se da escravidão e da monarquia era, portanto, indispensável para o Brasil se assumir como estrutura governamental. A arte estaria a serviço dessa bandeira para conscientizar o senso comum, para alertar os retrógrados, para convocar as forças políticas em prol da nova nação que deveria se erguer. Os dois nomes exemplares nesse contexto da poesia da Terceira Fase do Romantismo brasileiro são Fagundes Varela e Castro Alves. Entretanto, sem dúvida, foi Castro Alves que se consagrou mundialmente com a sua linguagem extremamente retórica e combativa, firmando o condoreirismo na literatura nacional.

A poesia da Terceira Fase é denominada condoreira por ter o condor como símbolo, o que, inclusive, remete à liberdade. O condoreirismo ficou imortalizado nos seguintes versos de Castro Alves: "A praça é do povo / Como o céu é do condor". Essa ideologia, sustentada no liberalismo artístico, político e social, é influência direta do Romantismo francês, principalmente de Victor Hugo, o grande defensor do liberalismo na política e na arte.

Em nome dessa "Liberdade", a poética de Castro Alves alçou sua "bandeira" ideológica e estética. O seu texto, louvado por muitos graças à exaltação de sua linguagem, é marcado por uma forte retórica e por uma oratória grandiloquente. Essa linguagem entusiasta era empregada ou para exaltar as belezas naturais do Brasil e ressaltar a soberania da República sobre a Monarquia, ou para condenar a criminalidade que se praticou contra a raça negra ao se escravizá-la. Caberia ao poeta, ser que possui o "borbulhar do gênio", os papéis de porta-voz da nação, de responsável pela denúncia das injustiças e de representante do país em direção ao progresso. O poeta julga-se, portanto, um demiurgo, que, por meio de seu talento, utiliza-se da arma da poesia contra a estagnação, o comodismo, a política ultrapassada, a economia avultante que se sustenta na escravização dos negros. Foi graças a essa denúncia antiescravocrata que Castro Alves foi considerado "O Poeta dos Escravos". Em "O navio negreiro", poema traduzido para inúmeras línguas e musicado por vários intérpretes, tem-se o melhor exemplo da retratação dessa vertente estética do poeta condoreiro:

'Stamos em pleno mar... [...]
Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!
E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

[...] E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

[...] Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!
[...] Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...

ALVES, Castro. O navio negreiro. *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 2. p. 361-362.

Apesar de receber o epíteto de "Poeta dos Escravos", é possível reconhecer como a figura do africano era retratada de modo idealizado por Castro Alves. O negro, em seus versos, está muito mais próximo da imagem de um "Bom Crioulo", vertente do "Bom Selvagem" indígena, do que necessariamente dotado de sua verdadeira identidade. Ele aparece "vestido" de sentimentos cristãos e praticante do catolicismo, em vez de cultuar as entidades da tradição africana.

Entretanto, esse processo de "branqueamento" do negro, na literatura então vigente, não se dava apenas na poesia. Um dos principais romances do período que retratou o tema, *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, também foi estruturado a partir da visão burguesa e idealizadora da época, como salienta o professor Alfredo Bosi:

> *A escrava Isaura* já foi chamado *A cabana do Pai Tomás* nacional. Há evidente exagero na asserção. O nosso romancista estava mais ocupado em contar as perseguições que a cobiça de um senhor vilão movia à bela Isaura, que em reconstruir as misérias do regime servil. E, apesar de algumas palavras sinceras contra as distinções de cor (cap. XV), toda a beleza da escrava é posta no seu não parecer negra, mas nívea donzela, como vem descrita desde o primeiro capítulo:
>
> ''A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuança delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. [...] Na fronte calma e lisa como mármore polido, a luz do ocaso esbatia um róseo e suave reflexo; Di-la-íeis misteriosa lâmpada de alabastro guardando no seio diáfano o fogo celeste da inspiração.''
>
> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 159.

Editoria de Arte

Edwin Luisi (Álvaro) e Lucélia Santos (Isaura), protagonistas da primeira adaptação do romance A escrava Isaura *para a telenovela.*

RELEITURAS

Conforme foi visto neste módulo e também no módulo sobre o Quinhentismo, a exaltação da natureza brasileira, presente no poema "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, e tão frequente no Romantismo do século XIX, foi de extrema importância para a construção de uma identidade nacional idealizada, motivo pelo qual esse poema se tornou uma referência inclusive para a composição do Hino Nacional brasileiro. A partir do século XX, no entanto, poetas do Modernismo (e mesmo de estilos posteriores) farão uma releitura crítica tanto do passado quanto do presente da nação, propondo novos significados para a "Canção do exílio".

O escritor modernista Carlos Drummond de Andrade, no poema "Europa, França e Bahia", faz uma alusão parafrásica à "Canção do Exílio", com o intuito de ressaltar a necessidade de os brasileiros terem novamente um sentimento patriótico pela nação, ainda que não seja de modo tão sonhador e ingênuo como o que ocorrera no século XIX.

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.
Minha boca procura a "Canção do Exílio".
Como era mesmo a "Canção do Exílio"?
Eu tão esquecido de minha terra...
Ai terra que tem palmeiras
onde canta o sabiá!

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. p. 74.

Entretanto, diferentemente do que ocorre em Drummond, o mais recorrente no Modernismo brasileiro foi a retomada da "Canção do Exílio" para satirizá-la, com o intuito de salientar os problemas sociais e econômicos de uma nação que se distancia, e muito, de um paraíso ideal como pintou o Romantismo. Veja alguns exemplos:

Canção do exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.
Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 87.

Em sua "Canção do exílio", Murilo Mendes condena a subserviência do Brasil em relação à cultura europeia. Em vez de valorizar os produtos, os costumes e a arte nacional, os brasileiros seguem os valores externos. Por isso, ainda que esteja morando no Brasil, o eu lírico, debochadamente, afirma: "Eu morro sufocado / em terra estrangeira", pois ele se encontra em "exílio" dentro de sua própria nação.

Outra famosa paródia modernista em relação ao texto de Gonçalves Dias é o poema "Canto de regresso à pátria", de Oswald de Andrade. No primeiro verso, o autor já inverte a idealização da natureza presente em "Minha terra tem palmeiras", com um sarcástico trocadilho: "Minha terra tem palmares", o que evidencia como o Brasil a ser cantado não é uma terra paradisíaca, mas uma nação com os seus problemas históricos de desigualdade social, preconceito e exclusão. Outro fator paródico do poema oswaldiano é a antimusicalidade de seus versos, propositadamente construída para se contrapor à sonoridade melodiosa da "Canção de exílio".

Canto de regresso à Pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra
[...]
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. 3. ed. São Paulo: Globo, 1990. p. 139.

Não só os modernistas apropriaram-se da "Canção do exílio" para estruturar as suas paródias, mas também vários autores das décadas de 1960 e 1970, período ditatorial no Brasil. Para contrapor o discurso ufanista e hipocritamente patriótico durante a ditadura, que pretendia "vender" a imagem de um país moderno, desenvolvido, construído por um progresso feito por "milagres" econômicos, os autores da Poesia Marginal retomaram frequentemente o poema de Gonçalves Dias para produzirem textos sarcásticos e irônicos, como exemplifica a seguinte produção de Cacaso:

Jogos florais I

Minha terra tem palmeiras
onde canta o tico-tico
Enquanto isso o sabiá
vive comendo o meu fubá.
Ficou moderno o Brasil
ficou moderno o milagre:
a água já não vira vinho,
vira direto vinagre.

CACASO. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *26 poetas hoje.* 5. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.

Além da retomada da "Canção do exílio", é possível reconhecer outras referências no poema, tais como a alusão ao milagre bíblico da transformação da água em vinho, além da retomada do samba "Tico-tico no fubá", de Zequinha de Abreu. Tudo isso feito de modo sarcástico e debochado para evidenciar o que o governo ditatorial queria ocultar: o clima de tortura e de perseguições, as imposições da censura, os exílios impostos aos intelectuais e artistas, o "milagre econômico" sustentado por uma dívida externa.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Entre fins do século XVIII e meados do século XIX, a arte romântica e a arte neoclássica coexistiram. Alguns artistas inclusive chegaram a produzir nos dois estilos. É possível, no entanto, identificar algumas características claras que opõem as duas escolas. Contrapondo-se a arte romântica à arte neoclássica, seria possível traçar o seguinte quadro distintivo:

Neoclassicismo	Romantismo
Ligado à arte greco-romana e ao Renascimento	Ligado à arte cristã medieval e ao gótico
Universalismo	Nacionalismo
Relação com a natureza é clara e positiva	Natureza é uma força misteriosa, frequentemente hostil
Indivíduo integrado ao ambiente natural	Isolamento

O retorno ao passado medieval, no Romantismo, verificado na literatura em obras como *O corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo, manifesta-se também em outras esferas artísticas, tais como a arquitetura, que fará renascer as catedrais góticas surgidas nos burgos dos séculos XIII e XIV. As catedrais neogóticas, assim como suas correlatas medievais, apresentam forte tendência à verticalização; elas se projetam para o alto em um claro desejo de transcendência, de espiritualização, o que, de certa forma, rompe com a racionalidade e a materialidade típicas do Neoclassicismo. Ao contrário da arquitetura neoclássica, de traço universal, a arquitetura neogótica assume traços estruturais distintos, que variam conforme os lugares onde ela se manifesta – França, Alemanha, Inglaterra, Itália e Espanha. Ela reflete as tradições e os costumes de cada localidade europeia, incorporando, portanto, elementos de nacionalidade, por vezes tomados como símbolos cívicos ou mesmo patrióticos. Esse é o caso, por exemplo, da Catedral de Colônia, na Alemanha. A construção, iniciada em 1248 e só concluída em 1880, nesse movimento de resgate gótico, é vista como o "baluarte ideal de defesa, sobre o Reno, da nação alemã", conforme nos lembra o estudioso Giulio Carlo Argan.

Creative Commons

Catedral de Colônia, Alemanha.

É, no entanto, na pintura romântica, que o nacionalismo se mostra com mais vigor. Um dos quadros mais significativos do Romantismo é, sem dúvida, "A Liberdade guiando o povo", de Eugène Delacroix, inspirado na revolução de 1830, a qual tinha o objetivo de derrubar o rei Carlos X, que havia revivificado o absolutismo monárquico, restituindo o direito divino à dinastia dos Bourbon e os privilégios à aristocracia.

Eugène Delacroix

A Liberdade guiando o povo (1830) – *Eugène Delacroix*

Nesse quadro, a Liberdade é representada por meio de uma alegoria, uma mulher que conduz o povo em sua luta. A ideia de liberdade, nesse caso, é associada à Independência Nacional, em outras palavras, a liberdade equivale à própria nação ou ao sentimento por ela expresso. Note que a figura feminina que a representa porta uma bandeira da França, o que evidencia o traço nacionalista da obra. O povo que luta pela liberdade reúne intelectuais burgueses (o homem de cartola) e os membros da plebe, pessoas de todas as idades e estratos sociais, o que revela que, naquele momento em particular, todas as diferenças são postas de lado em benefício de um objetivo comum: libertar a França do despotismo dos Bourbon.

"Desce-se à caracterização social das figuras para demonstrar que rapazes, jovens, adultos, operários, camponeses e intelectuais, soldados legitimados e soldados rebeldes, todos fazem parte do povo, irmanados pelo estandarte tricolor."

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Cia. das Letras, 2008. p. 57.

É interessante observar o paradoxo presente na figura de Delacroix. Ele assume uma postura revolucionária diante dos benefícios da classe aristocrática, mas fecha os olhos à incipiente conscientização do operariado. Quando, em 1848, a classe trabalhadora se insurge contra a burguesia, o pintor adquire um discurso contrarrevolucionário. Esse é o comportamento, de certa forma, generalizado entre os membros da alta burguesia, o que mostra que a ideia do "povo irmanado pelo estandarte tricolor" registrada no quadro de Delacroix é frágil, só dura até começarem a aparecer as divergências internas.

Outro grande expoente do chamado Romantismo histórico é o espanhol Francisco de Goya. Assim como Jacques Louis David, estudado no módulo de Neoclassicismo, Goya também se ocupou em pintar cenas e personagens históricos, mas com uma abordagem inversa: David era um pintor do belo, enaltecia os eventos e as personalidades que retratava, atribuindo-lhes ares heroicos; em Goya, não há espaço para a beleza, o seu foco é na tragédia, pessoal e coletiva, que desnuda o terror das guerras e os vícios de caráter da realeza (Goya acentua os traços dos rostos dos nobres que pinta para evidenciar-lhes a tolice e a depravação). Um dos de seus quadros mais famosos é o *Três de Maio de 1808*, que retrata o fuzilamento de membros da resistência espanhola por tropas napoleônicas que invadiram o país.

Três de maio de 1808 – *Goya*

Nesse momento, segundo o teórico Giulio Argan, Goya se põe ao lado da nação espanhola, mas a sua ênfase ainda é o terror:

"*O Fuzilamento* (1808) é um quadro realista, documenta a repressão impiedosa dos movimentos antifranceses de maio: como seria hoje uma reportagem fotográfica a respeito das atrocidades do Vietnã. Os soldados não têm rosto, são marionetes uniformizadas, símbolos de uma ordem que é, pelo contrário, violência e morte [...] Nos patriotas que morrem, não há heroísmo, pelo menos não no sentido classicista de David, mas fanatismo e terror. A história como carnificina, como catástrofe. [...] A destruição se cumpre no halo amarelo de uma enorme lanterna cúbica, 'eis a luz da razão', enquanto ao redor está a escuridão de uma noite como todas as outras e a cidade adormecida."

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Cia. das Letras, 2008. p. 41.

Esse caráter documental da obra de Goya fez com que ele fosse exemplo não apenas para outros românticos, mas também para os realistas.

No Brasil, os principais responsáveis pela construção dos ícones da memória nacional são os pintores Victor Meirelles e Pedro Américo. Iniciados no Neoclassicismo, esses pintores defendiam a ideia de que deveriam se espelhar nos modelos europeus para recriar as temáticas locais. E é assim que Victor Meirelles, com base na obra de Horace Vernet (1789-1863), "A primeira missa em Kabylie", pinta o seu quadro "A primeira missa no Brasil". Nessa obra, o pintor recria o momento da primeira celebração religiosa ocorrida no Brasil, tal como ela havia sido descrita pela *Carta* de Caminha. Segundo a estudiosa Maraliz de Castro, a cena é retratada com grande leveza, mostra um encontro pacífico entre católicos e pagãos, como se a conversão dos gentios fosse um processo natural. Os índios e a natureza são despojados de seus traços particulares – não é possível identificar a qual tribo os nativos pertencem nem as características da vegetação nordestina – para comporem uma idealização. A tela original possui 9 m^2, de modo que o espectador tem a impressão de estar imerso na cena que se desenrola diante de si, de presenciá-la.

A primeira missa no Brasil – *Victor Meirelles*

Assim como Meirelles, também Pedro Américo buscou referência em um modelo europeu, o quadro "Friedland", de Jean-Louis Ernest Meissonier (1815-1891), para pintar o seu "Independência ou Morte". Essa obra, produzida em 1888, tenta reconstruir o momento da Proclamação da Independência do Brasil, no intuito de glorificar o momento histórico e, junto com ele, a dinastia de Bragança, personificada na figura de Dom Pedro I, retratado de forma heroica, em um momento já de plena decadência do Segundo Reinado. Segundo Maraliz de Castro, "era necessário lembrar, num momento de pressão republicana, o quanto os brasileiros eram devedores da casa dos Bragança". O grito do Ipiranga, tal como se apresenta no quadro de Pedro Américo, é a visão que predomina no imaginário coletivo, quando se fala em Independência do Brasil, ainda que o evento, na realidade, tenha sido bastante distinto. Isso evidencia a importância dessa obra para a construção do mito nacional.

Independência ou morte – *Pedro Américo*

A terceira característica do Romantismo nas artes plásticas diz respeito à hostilidade da natureza. Esse elemento encontra sua melhor expressão na obra do inglês Joseph William Turner, que pinta a natureza bela e perigosa dos vulcões, das marés, dos abismos e das tempestades. Cenas de desastres naturais são representadas por meio de traços imprecisos e difusos, o que fará com que Turner se torne futuramente uma fonte de inspiração para os impressionistas. Alguns críticos postulam que o caos da paisagem e das pinceladas frenéticas nada mais são do que um reflexo da perturbação e da desordem interiores do eu romântico.

Erupção do Vesúvio – *William Turner*

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (Unicamp-SP–2009) Leia, a seguir, a letra de uma canção de Chico Buarque inspirada no romance de José de Alencar, *Iracema – uma lenda do Ceará*.

Iracema voou

Iracema voou
Para a América
Leva roupa de lã
E anda lépida
Vê um filme de quando em vez
Não domina o idioma inglês
Lava chão numa casa de chá

Tem saído ao luar
Com um mímico
Ambiciona estudar
Canto lírico
Não dá mole pra polícia
Se puder, vai ficando por lá
Tem saudade do Ceará
Mas não muita
Uns dias, afoita
Me liga a cobrar:
– É Iracema da América

BUARQUE, Chico. *As Cidades*. Rio de Janeiro: Marola Edições Musicais Ltda, 1998.

A) Que papel desempenha Iracema no romance de José de Alencar? E na canção de Chico Buarque?

B) Uma das interpretações para o nome da heroína do romance de José de Alencar é de que seja um anagrama de "América". Isto é, o nome da heroína possui as mesmas letras de "América" dispostas em outra ordem. Partindo dessa interpretação, **EXPLIQUE** o que distingue a referência à América, no romance, daquela que é feita na canção.

02. (UFJF-MG–2009) Leia, com atenção, o poema a seguir e responda às perguntas que se seguem.

Dinheiro

Sem ele não há cova – quem enterra
Assim grátis, a Deo? O batizado
Também custa dinheiro. Quem namora
Sem pagar as pratinhas ao Mercúrio?
Demais, as Danaes também o adoram,
Quem imprime seus versos, quem passeia,
Quem sobe a Deputado, até Ministro,
Quem é mesmo Eleitor, embota sábio,
Embora gênio, talentosa fronte,
Alma Romana, se não tem dinheiro?
Fora a canalha de vazios bolsos!
O mundo é para todos... Certamente
Assim o disse Deus – mas esse texto
Explica-se melhor e doutro modo.
Houve um erro de impressão no Evangelho:
O mundo é um festim, concordo nisso,
Mas não entra ninguém sem ter as louras.

AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, p. 245.

Releia a passagem:

O mundo é para todos... Certamente
Assim o disse Deus – mas esse texto
Explica-se melhor e doutro modo.
Houve um erro de impressão no Evangelho:
O mundo é um festim, concordo nisso,
Mas não entra ninguém sem ter as louras.

A) No último verso, o poeta utiliza a metáfora "as louras". **DÊ** o significado dessa metáfora no contexto do poema.

B) **EXPLIQUE** por que o poeta afirma que "Houve um erro de impressão no Evangelho" (verso 15). **JUSTIFIQUE** sua resposta, mencionando exemplos do texto.

03. (UFRJ)

[...] Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Qual a geração romântica a que pertence o poema e que traço estilístico-formal é dominante na estrofe?

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (UFRGS) Leia as estrofes seguintes, extraídas do poema "Canção do exílio", de Gonçalves Dias.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossas vida mais amores.
[...]
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Em relação à "Canção do exílio", é **CORRETO** afirmar que

A) exalta a natureza brasileira em sua fauna e sua flora, destacando-se pela temática regionalista.

B) trata-se de um soneto clássico que celebrizou o poeta como um dos mais importantes do Romantismo brasileiro.

C) é um canto de amor à pátria e teve alguns dos seus versos incorporados à letra do Hino Nacional.

D) as estrelas e as flores, referidas na segunda estrofe, simbolizam a falta de preocupação com os problemas do Período Colonial.

E) os versos da última estrofe acentuam o sentimento do exílio e expressam o desejo do poeta de morrer em Portugal.

02. (UFRGS) Sobre a poesia de Gonçalves Dias, é **CORRETO** afirmar que

A) cantou a natureza brasileira como cenário das correrias e aventuras do indígena bravo e leal.

B) denunciou a iniquidade da escravidão em poemas altissonantes e repletos de metáforas aladas.

C) elogiou os esforços do colonizador português em suas campanhas militares.

D) cantou a bondade da mãe e da irmã, esteios femininos do núcleo familiar patriarcal.

E) elogiou a dissipação e os excessos do vinho em orgias noturnas marcadas pela devassidão e crueldade.

03. (UFSM-RS) Considere as afirmações seguintes, referentes ao romance romântico no Brasil.

I. *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, insere-se na linha primitivista da corrente romântica, em que as personagens vivem em contato constante com a natureza.

II. Uma das fontes de inspiração do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, é a novela picaresca espanhola.

III. A heroína de *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, é mestiça; porém, na sua apresentação inicial, são destacadas sua tez clara "como marfim" e sua beleza "branca".

Quais estão **CORRETAS**?

A) Apenas I
B) Apenas II
C) Apenas I e II
D) Apenas II e III
E) I, II e III

04. (UFJF-MG–2009) Leia o poema de Álvares de Azevedo para responder à questão.

Pálida, à luz da lâmpada sombria.
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar! Na escuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! O seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti – as noites eu velei chorando,
Por ti – nos sonhos morrerei sorrindo.

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas de Álvares de Azevedo*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985, p. 22.

A imagem feminina, conforme está predominantemente representada na primeira parte da obra *Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo, está bem exemplificada no soneto citado.
Considerando essa imagem, é **CORRETO** afirmar que a possibilidade de o poeta e de a mulher amada constituírem família é

A) nenhuma, pois a mulher está morta.
B) parcial, pois depende da submissão do poeta ao desejo da amada.
C) total, pois, segundo as convenções românticas, o amor sempre prevalece.
D) parcial, desde que o amor platônico seja realizado.
E) nenhuma, pois o poeta apenas representa seu desejo.

05. (PUC Minas)

Oh! Que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais!

Que amor, que sonhos, que flores
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!

Todas as alternativas apresentam características românticas do texto, **EXCETO**

A) O eu lírico foge da realidade presente para um passado idealizado.
B) O eu poético expressa suas emoções.
C) O autor dissocia os aspectos formais dos emocionais.
D) A voz poética revela-se saudosista.
E) O autor apresenta elementos de brasilidade.

(UNIFESP–2009)

Instrução: Para responder às questões de números **06** e **07**, leia os dois textos a seguir.

Texto I

Releitura de uma passagem do início do romance Memórias de um sargento de milícias. Disponível em: <www.fotolog.terra.com.br.biradantas> (Adaptação).

Texto II

Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos: foram os dois morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho [...] E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias.*

06. Com base nas informações verbais e visuais, é **CORRETO** afirmar que o beliscão de Maria representa

A) a cumplicidade na situação de aproximação desencadeada pela pisadela.
B) o desdém da quitandeira frente à intenção de aproximação de Leonardo.
C) a condenação à atitude de Leonardo, por supor uma intimidade indesejada.
D) o repúdio da quitandeira à situação, vendo Leonardo como homem desprezível.
E) a aceitação de uma amizade, mas não de uma aproximação íntima entre ambos.

07. Analise as afirmações sobre *Memórias de um sargento de milícias*.

I. Esse romance incorpora, entre outros valores do Romantismo, a idealização da mulher e do amor.
II. O protagonista da história, Leonardinho, filho de Leonardo e Maria da Hortaliça, afasta-se do perfil de herói romântico, e sua história desenvolve-se numa narrativa em que se denunciam as mazelas e as pobrezas sociais.
III. A obra retrata a alta sociedade carioca do século XIX, criticando o jogo de interesses sociais.

Está **CORRETO** apenas o que se afirma em

A) I.
B) II.
C) III.
D) I e III.
E) II e III.

08. (UFRGS) Assinale a alternativa **CORRETA**.

A) Álvares de Azevedo, classificado na Segunda Geração do Romantismo brasileiro, deixou uma obra composta de poemas tipicamente indianistas e nacionalistas.
B) Com Castro Alves, a poesia brasileira atingiu o seu apogeu, apesar do tom tímido que encontramos nos seus versos.
C) Os poetas do Romantismo foram responsáveis pela consolidação do sentimento nacional e contribuíram para o abrasileiramento da língua portuguesa.
D) Gonçalves Dias, autor da consagrada "Canção do exílio", compôs também "Os Timbiras", "Se eu morresse amanhã" e "Meus oito anos".
E) O saudosismo, que caracteriza o lirismo luso-brasileiro, não teve representantes no período romântico.

09. (PUCPR–2010) Leia com atenção o seguinte trecho retirado da introdução de *Senhora*, de José de Alencar:

Ao Leitor

Este livro, como os dois que o precederam, não são da própria lavra do escritor, a quem geralmente os atribuem.

A história é verdadeira; e a narração vem de pessoa que recebeu diretamente, e em circunstâncias que ignoro, a confidência dos principais atores deste drama curioso.

O suposto autor não passa rigorosamente de editor. É certo que tomando a si o encargo de corrigir a forma e dar-lhe um lavor literário, de algum modo apropria-se não a obra mas o livro.

Em todo caso, encontram-se muitas vezes nestas páginas exuberâncias de linguagem e afoutezas de imaginação, a que já não se lança a pena sóbria e refletida do escritor sem ilusões e sem entusiasmos.

Tive tentações de apagar algum desses quadros mais plásticos ou pelo menos de sombrear as tintas vivas e cintilantes.

Mas devia eu sacrificar a alguns cabelos grisalhos esses caprichos artísticos de estilo, que talvez sejam para os finos cultores da estética o mais delicado matiz do livro?

E será unicamente uma fantasia de colorista e adorno de forma, o relevo daquelas cenas, ou antes de tudo serve de contraste ao fino quilate de um caráter?

Há efetivamente um heroísmo de virtude na altivez dessa mulher, que resiste a todas as seduções, aos impulsos da própria paixão, como ao arrebatamento dos sentidos.

ALENCAR, José de. *Senhora*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997, p. 17.

Considere as seguintes afirmações sobre o texto:

I. Uma das chaves de compreensão do texto está nestas frases: "O suposto autor não passa rigorosamente de editor. É certo que tomando a si o encargo de corrigir a forma e dar-lhe um lavor literário, de algum modo apropria-se não a obra mas o livro. Em todo caso, encontram-se muitas vezes nestas páginas exuberâncias de linguagem e afoutezas de imaginação, a que já não se lança a pena sóbria e refletida do escritor sem ilusões e sem entusiasmos". Revela-se aqui que José de Alencar reprova sutilmente o comportamento do verdadeiro autor da obra (que não é ele, e sim um anônimo) por este ter escrito de modo imperfeito o texto, deixando ao editor (que seria, de fato, José de Alencar) a tarefa de melhorá-lo. A carta ao leitor seria, desse modo, uma explicação das alterações feitas pelo editor.

II. O final da introdução, indiretamente, situa o conteúdo de *Senhora* no que Alencar denominou perfis de mulher, que são narrativas de retrato social do ambiente da corte e seus costumes, que se fixam nas descrições românticas, idealizadas e até inverossímeis de mulheres fortes e independentes, que vivenciam transformações que as "melhoram".

III. A interpelação ao leitor feita no texto é uma jogada metalinguística convencional (muito comum no Romantismo), que quer forjar uma explicação plausível às ações do romance. Essa prática se consolidou na tradição folhetinesca e marca, na obra de Alencar, a sua forte relação – mantida de modo hábil em seus textos – com o gosto e as expectativas médias do público leitor.

Assinale,

A) se apenas I e II estiverem corretas.
B) se apenas II e III estiverem corretas.
C) se todas estiverem corretas.
D) se apenas I e III estiverem corretas.
E) se apenas II estiver correta.

10. (UFBA–2010 / Adaptado)

O Lemos não estava a gosto; tinha perdido aquela jovialidade saltitante, que lhe dava um gracioso ar de pipoca. Na gravidade desusada dessa conferência, ele, homem experiente e sagaz, entrevia sérias complicações.

Assim era todo ouvidos, atento às palavras da moça.

— Tomei a liberdade de incomodá-lo, meu tio, para falar-lhe de objeto muito importante para mim.

— Ah! muito importante?... repetiu o velho batendo a cabeça.

— De meu casamento! disse Aurélia com a maior frieza e serenidade. [...]

— Já sei! Deseja que eu aponte alguém... Que eu lhe procure um noivo nas condições precisas... Ham!... É difícil... um sujeito no caso de pretender uma moça como você, Aurélia?

Enfim há de se fazer a diligência!

— Não precisa, meu tio. Já o achei! [...]

— Sr. Lemos, disse a moça pausadamente e transpassando com um olhar frio a vista perplexa do velho; completei dezenove anos; posso requerer um suplemento de idade mostrando que tenho capacidade para reger minha pessoa e bens; com maioria de razão obterei do Juiz de Órfãos, apesar de sua oposição, um alvará de licença para casar-me com quem eu quiser. Se estes argumentos jurídicos não lhe satisfazem, apresentar-lhe-ei um que me é pessoal.

— Vamos a ver! acudiu o velho para quebrar o silêncio.

— É a minha vontade. O senhor não sabe o que ela vale, mas juro-lhe que para a levar a efeito não se me dará de sacrificar a herança de meu avô.

— É próprio da idade! São idéias que somente se têm aos dezenove anos; e isso mesmo já vai sendo raro.

— Esquece que desses dezenove anos, dezoito os vivi na extrema pobreza e um no seio da riqueza para onde fui transportada de repente. Tenho as duas grandes lições do mundo: a da miséria e a da opulência. Conheci outrora o dinheiro como um tirano; hoje o conheço como um cativo submisso. Por conseguinte, devo ser mais velha do que o senhor que nunca foi nem tão pobre, como eu fui, nem tão rico, como eu sou.

ALENCAR, José de. *Ficção completa e outros escritos*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965. v. 1, p. 673-674. (Biblioteca Luso-Brasileira. Série Brasileira).

Em relação ao fragmento transcrito e considerando-se a leitura da obra, é **CORRETO** afirmar:

01. O diálogo entre Lemos e Aurélia revela a influência decisiva do dinheiro nas relações sociais do contexto evidenciado no romance.

02. A última fala de Aurélia antecipa, na trama romanesca, seu perfil prepotente, egoísta e manipulador.

04. Ao retrucar "Já sei! Deseja que eu aponte alguém... Que eu lhe aponte um noivo nas condições precisas...", Lemos reage com coerência, tendo em vista a concepção do casamento como transação comercial na sociedade focalizada na narrativa.

08. A segurança dos argumentos utilizados por Aurélia para atingir seus objetivos atende à expectativa do seu tio.

16. Ao dizer "É a minha vontade", Aurélia afirma a força subjetiva de seu desejo de vingança contra Seixas.

32. O conhecimento das normas vigentes nas operações jurídicas e comerciais era habitual nas ricas herdeiras da época.

64. Aurélia demonstra consciência da maturidade adquirida através de sua variada experiência de vida.

Soma (   )

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2010)

Soneto

Já da morte o palor me cobre o rosto,
Nos lábios meus o alento desfalece,
Surda agonia o coração fenece,
E devora meu ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto
Tento o sono reter!... já esmorece
O corpo exausto que o repouso esquece...
Eis o estado em que a mágoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,
Fazem que insano do viver me prive
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!
Volve ao amante os olhos por piedade,
Olhos por quem viveu quem já não vive!

AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

O núcleo temático do soneto citado é típico da segunda geração romântica, porém configura um lirismo que o projeta para além desse momento específico. O fundamento desse lirismo é

A) a angústia alimentada pela constatação da irreversibilidade da morte.

B) a melancolia que frustra a possibilidade de reação diante da perda.

C) o descontrole das emoções provocado pela autopiedade.

D) o desejo de morrer como alívio para desilusão amorosa.

E) o gosto pela escuridão como solução para o sofrimento.

02. Leia o texto e observe a imagem.

"Plantada a cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza, que primeiro lhe haviam pregado, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre frei Henrique. [...] Ali estiveram conosco, a ela, perto de cinqüenta ou sessenta deles [índios], assentados todos de joelho assim como nós. E quando se veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco, e alçaram as mãos, estando assim até se chegar ao fim; e então tornaram-se a assentar, como nós. E quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, eles se puseram assim como nós estávamos, com as mãos levantadas, e em tal maneira sossegados que certifico a Vossa Alteza que nos fez muita devoção."

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. São Paulo: Martin Claret, 2003. (Fragmento)

MEIRELLES, Vítor. *A primeira missa no Brasil*, 1861. Óleo s/tela, 268 x 356 cm. MNBA/RJ.

A pintura de Vítor Meirelles e o fragmento da *Carta* de Pero Vaz de Caminha

A) sugerem uma relação de cordialidade entre o colonizador e os indígenas.

B) apresentam o indígena como uma figura heroica.

C) criam entre si uma relação intertextual que se fundamenta no conceito de paródia.

D) revelam a violência do processo colonizador.

E) pertencem ao período histórico-literário brasileiro conhecido como Quinhentismo.

03. (Enem–2001) O trecho a seguir é parte do poema "Mocidade e morte", do poeta romântico Castro Alves:

Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
— Árabe errante, vou dormir à tarde
À sombra fresca da palmeira erguida.
Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o sono sob a lájea fria.

ALVES, Castro. *Os melhores poemas de Castro Alves*. Seleção de Lêdo Ivo. São Paulo: Global, 1983.

Esse poema, como o próprio título sugere, aborda o inconformismo do poeta com a antevisão da morte prematura, ainda na juventude.

A imagem da morte aparece na palavra

A) embalsama.
B) infinito.
C) amplidão.
D) dormir.
E) sono.

04. (Enem–2009)

O sertão e o sertanejo

Ali começa o sertão chamado bruto. Nesses campos, tão diversos pelo matiz de cores, o capim crescido e ressecado pelo ardor do Sol transforma-se em vicejante tapete de relva, quando lavra o incêndio que algum tropeiro, por acaso ou mero desenfado, ateia com uma faúlha do seu isqueiro. Minando à surda na touceira, queda a vívida centelha. Corra daí a instantes qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula, como que a contemplar medrosa e vacilante os espaços imensos que se alongam diante dela. O fogo, detido em pontos, aqui, ali, a consumir com mais lentidão algum estorvo, vai aos poucos morrendo até se extinguir de todo, deixando como sinal de avassaladora passagem o alvacento lençol, que lhe foi seguindo os velozes passos.

Por toda parte, a melancolia; de todos os lados, tétricas perspectivas. É cair, porém, daí a dias copiosa chuva, e parece que uma varinha de fada andou por aqueles sombrios recantos a traçar às pressas jardins encantados e nunca vistos. Entra tudo num trabalho íntimo de espantosa atividade. Transborda a vida.

TAUNAY, Alfredo. *Inocência*.
São Paulo: Ática, 1993 (Adaptação).

O romance romântico teve fundamental importância na formação da ideia de nação. Considerando o trecho, é possível reconhecer que uma das principais e permanentes contribuições do Romantismo para a construção da identidade da nação é a

A) possibilidade de apresentar uma dimensão desconhecida da natureza nacional, marcada pelo subdesenvolvimento e pela falta de perspectiva de renovação.

B) consciência da exploração da terra pelos colonizadores e pela classe dominante local, o que coibiu a exploração desenfreada das riquezas naturais do país.

C) construção, em linguagem simples, realista e documental, sem fantasia ou exaltação, de uma imagem da terra que revelou o quanto é grandiosa a natureza brasileira.

D) expansão dos limites geográficos da terra, que promoveu o sentimento de unidade do território nacional e deu a conhecer os lugares mais distantes do Brasil aos brasileiros.

E) valorização da vida urbana e do progresso, em detrimento do interior do Brasil, formulando um conceito de nação centrado nos modelos da nascente burguesia brasileira.

GABARITO

Fixação

01. A) No romance de José de Alencar, Iracema é a heroína romântica. Ela desempenha o papel de sacerdotisa ou vestal dos Tabajaras, que detém o segredo da jurema. Além disso, ela pode ser considerada a própria representação da natureza virgem dos trópicos, que será possuída pelo colonizador europeu, o português Martim, com quem terá um filho. Já na canção de Chico Buarque, Iracema desempenha o papel de uma imigrante que vive nos Estados Unidos em condições ilegais, escondendo-se da polícia e trabalhando na limpeza de estabelecimentos comerciais para sobreviver. Como imigrante ilegal, a Iracema de Chico Buarque vive à margem da sociedade norte-americana. Trata-se, em suma, de uma visão rebaixada de um dos grandes mitos nacionais do nosso Romantismo.

B) No romance, a América pode ser associada ao Novo Mundo, às terras descobertas pelo português na América do Sul ou, mais especificamente, no Brasil. Na canção de Chico Buarque, América alude aos Estados Unidos (América do Norte), para onde Iracema, como muitos outros brasileiros por ela representados, "voou" em busca de trabalho e de sobrevivência.

02. A) Moedas, dinheiro.

B) O Evangelho afirma que o mundo é para todos, mas, segundo o poema, ele é apenas para quem tem dinheiro.

03. O poema pertence à Terceira Geração do Romantismo, que é preocupada com o social e possui caráter engajado. Quanto ao recurso estético, destaca-se a linguagem grandiloquente e retórica, evidenciada pelas exclamações, que sugerem a indignação, e pelo tom de rogo da voz poética para que cesse o tráfico de escravos.

Propostos

01. C
02. A
03. D
04. E
05. C
06. A
07. B
08. C
09. B
10. Soma = 85

Seção Enem

01. B
02. A
03. E
04. D

LÍNGUA PORTUGUESA

Termos ligados ao verbo

MÓDULO 07 FRENTE C

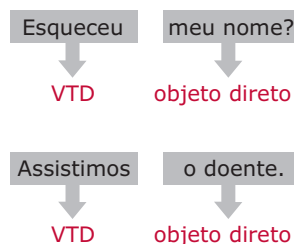
Nós já conhecemos os termos essenciais da oração – sujeito e predicado – e aprendemos a classificá-los de acordo com suas características. Neste módulo, daremos continuidade ao estudo da sintaxe e conheceremos os termos que se ligam ao verbo, seja para completar seu sentido, seja para indicar o agente da ação verbal ou a circunstância em que essa ação ocorre.

Primeiramente, vamos estudar de modo mais detalhado os complementos verbais – objeto direto e indireto –, conhecendo as particularidades que esses termos podem adquirir em certas construções da língua portuguesa. Estudaremos, posteriormente, os adjuntos adverbiais, que podem indicar as mais diversas circunstâncias (tempo, modo, lugar, instrumento, fim, assunto, etc.) e o agente da passiva, que, em construções de voz passiva, funciona como o agente da ação verbal.

COMPLEMENTOS VERBAIS

Conforme visto anteriormente, os verbos transitivos diretos, transitivos indiretos e bitransitivos exigem, de acordo com a transitividade, complementos preposicionados ou não preposicionados. São complementos verbais:

Objeto direto

É um termo de natureza substantiva que completa o sentido de um verbo transitivo direto; não é iniciado por preposição obrigatória.

Objeto direto preposicionado

Tal como o objeto direto, é um termo de valor substantivo que completa o sentido de um verbo transitivo direto, mas vem regido de preposição não obrigatória. Ocorre nos seguintes casos:

A) Quando há possível ambiguidade.

– *Matou o tigre* **ao leão**.

B) Quando se deseja enfatizar sentido partitivo.

– *Comeu* **do pão**.

C) Antes de nomes próprios.

– *Amou* **a Deus** *por toda a vida*.

D) Antes de pronomes oblíquos tônicos.

– *Ouviu* **a mim** *atentamente*.

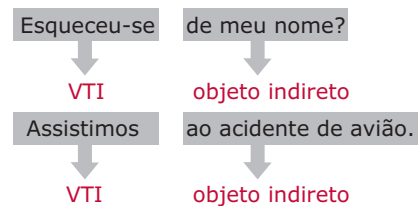
E) Antes de pronomes indefinidos.

– *Ouviu* **a todos** *atentamente*.

F) Com os verbos *sacar* e *puxar*.

– *Puxou* **da espada** *com rapidez*.

Objeto indireto

É um termo de natureza substantiva que completa o sentido de um verbo transitivo indireto; é precedido de preposição obrigatória.

Objetos pleonásticos

Ocorrem quando o objeto direto ou o objeto indireto aparecem repetidos, por necessidade expressiva de reforço. A repetição recebe o nome de pleonasmo.

ADJUNTOS ADVERBIAIS

À semelhança dos advérbios (classificação morfológica), adjuntos adverbiais são classificados, pela sintaxe, como aqueles termos que se ligam ao verbo, ao adjetivo, ou até a orações inteiras, para expressar diferentes circunstâncias, sendo muitas delas identificadas apenas pelo contexto do uso. Veja as principais:

A) **Causa**: *Só* **por feliz** *eu cantei*.

B) **Companhia**: *Leva* **contigo** *o nosso velho criado*.

C) **Dúvida**: **Talvez** *o susto tenha passado*.

D) **Fim**: *Confetes e serpentinas foram-me oferecidos* **para meus devaneios e brinquedos**.

E) **Instrumento**: *Tirou do bolso o rolo de fumo, preparou um cigarro* **com a faca de ponta**.

F) **Intensidade**: *Sonho* **muito**, *falo* **pouco**.

G) **Matéria**: **De prata** *era a agulha, e* **de ouro**, *o dedal*.

H) **Meio**: *Voltamos* **de bote** *para a ponta do Caju*.

I) **Modo**: *O mestre me tratava* **com benevolência excessiva**.

J) **Negação**: **Não** *me contavam nada de sua vida*.

K) **Tempo**: *Havia* **nessa noite** *teatro lírico*.

L) **Lugar**: *Morreu* **em sua cidade natal.**

M) **Assunto**: *Conversamos a tarde inteira* **sobre Física Quântica**.

N) **Conformidade**: **De acordo com as pesquisas**, *aquele candidato poderá ser eleito*.

O) **Oposição**: **A despeito da dor**, *resistiu fortemente à cirurgia*.

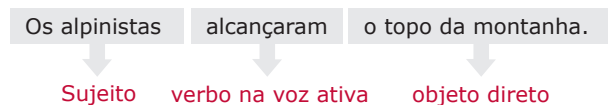
P) **Exclusão**: *A guerra que se faz* **sem legítima autoridade** *é contra a justiça*.

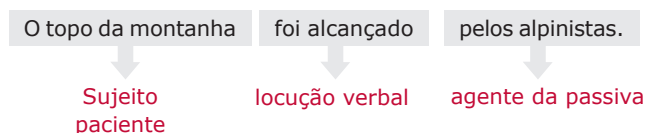
AGENTE DA PASSIVA

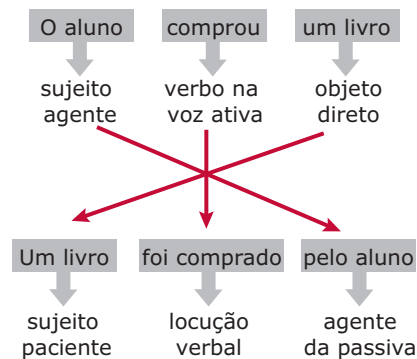
Agente da passiva é o termo que expressa o agente do processo verbal, quando a oração está na **voz passiva**. Antes de estudar esse termo, vale relembrar as vozes verbais.

Vozes verbais

Conforme foi visto anteriormente, **voz** é uma das flexões do verbo. Refere-se às noções semânticas de agente e paciente, ou seja, de praticante e de beneficiário de um processo denotado pelo verbo. Observe a frase que se segue, na qual o sujeito tem o papel de agente, e o objeto direto, o papel de paciente:

Os alpinistas	alcançaram	o topo da montanha.
Sujeito	verbo na voz ativa	objeto direto

Quando o sujeito é agente do processo verbal, como na frase anterior, diz-se que a oração está na **voz ativa**. Agora, observe a mesma oração, escrita de outra forma, em que o sujeito da frase não é mais o agente do processo; portanto, a oração está na **voz passiva**:

O topo da montanha	foi alcançado	pelos alpinistas.
Sujeito paciente	locução verbal	agente da passiva

Na frase "O topo da montanha foi alcançado pelos alpinistas", os alpinistas desempenharam a ação de "alcançar". Portanto, "pelos alpinistas" é o **agente da passiva**.

Acompanhe a transformação de outra oração na voz ativa para a voz passiva:

Essa transformação pode se dar de duas formas: na **voz passiva analítica** – verbo *ser* + verbo significativo flexionado no particípio passado – ou para **voz passiva sintética** – verbo transitivo direto na terceira pessoa (do singular ou do plural) + a partícula *se* (pronome apassivador). Veja os exemplos:

Voz ativa

– *Abandonaram aquele carro ali*.

– *Retiraram a guarda*.

Voz passiva analítica

- *Aquele carro foi abandonado ali*.
- *A guarda foi retirada*.

Voz passiva sintética

- *Abandonou-se aquele carro ali*.
- *Retirou-se a guarda*.

Quando o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, tem-se uma oração na **voz reflexiva**.

- *Nós nos ferimos*. (= a nós mesmos)
- *Antônio se ama* (= a si mesmo)

TOME NOTA!

- O **agente da passiva** é comumente regido pela preposição **por**, mas também ocorrem, menos frequentemente, agentes da passiva regidos pela preposição **de**. Observe: "O sítio foi cercado **de árvores**."
- A presença do **agente da passiva** em uma oração que esteja na **voz passiva analítica** não é obrigatória; na **voz passiva sintética**, não se explicita o agente da ação verbal, ou seja, não ocorre o agente da passiva.
- A **voz reflexiva** não permite a transformação demonstrada anteriormente, pelo fato de já expressar, concomitantemente, o agente e o paciente da oração.
- É importante saber diferenciar orações que tenham **sujeito indeterminado** das que se encontram na **voz passiva sintética**. Procure sempre diferenciar o "**se**" como **índice de indeterminação** e o "**se**" como **pronome apassivador**.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

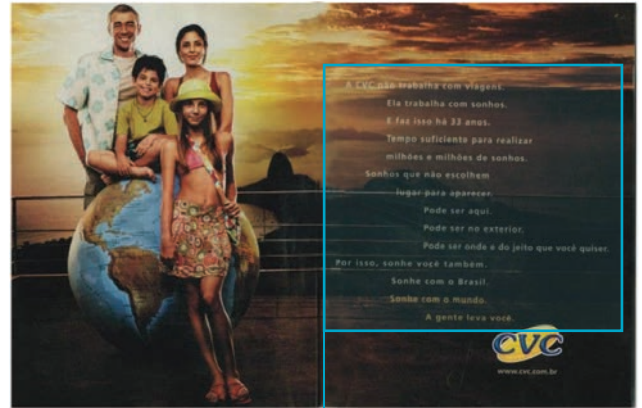
01. Leia a seguinte manchete, publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 16 maio 2006:

> **Temor de novos ataques causa pânico e fecha escolas e lojas**
>
> No 4º dia de confronto entre Estado e PCC, mais de 20 pessoas foram mortas, entre suspeitos e policiais; 18 caixas e bancos e 8 fóruns sofreram atentados. 16 ônibus foram queimados e parte do transporte foi suspenso; o governo rejeita ajuda federal, culpa a mídia pela onda de medo e pede tranquilidade.

A) **IDENTIFIQUE** as construções com voz passiva. **PENSE** e **RESPONDA**: por que, nesse caso, não é desejável que as orações estejam na voz ativa?

B) Observe, agora, outros títulos de notícias: "PCC deflagra guerra da informação"; "Cúpula da facção ordena trégua"; "Evo agora rejeita indenização à Petrobras"; "Bebê ajuda a entender raízes da fala". **PENSE** e **RESPONDA**: por que, nesse caso, prefere-se a voz ativa?

C) Após responder a essas duas questões, **REFLITA**: quando é pertinente usar a voz passiva em um texto? Nos demais casos, por que a voz ativa é mais adequada?

02. **ANALISE**, a seguir, a propaganda de uma agência de turismo. **EXPLIQUE** os diferentes sentidos do verbo *sonhar*, tendo em vista a sua predicação. Quanto ao verbo *levar*, era de se esperar que, nesse caso, seria acrescentado a ele um complemento circunstancial de lugar explícito ("levar alguém a / para algum lugar"). **JUSTIFIQUE**, com base nas intenções persuasivas da propaganda, a ausência desse complemento.

A CVC não trabalha com viagens.
Ela trabalha com sonhos;
E faz isso há 33 anos.
Tempo suficiente para realizar
milhões e milhões de sonhos.
Sonhos que não escolhem
lugar para aparecer.
Pode ser aqui.
Pode ser no exterior.
Pode ser onde e do jeito que você quiser.
Por isso sonhe você também.
Sonhe com o Brasil.
Sonhe com o mundo.
A gente leva você.

03. (UFU-MG) No período: "Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça", qual a função sintática de **por mim**?

A) Objeto direto
B) Sujeito
C) Objeto indireto
D) Complemento nominal
E) Agente da passiva

04. (UFU-MG) Qual a função sintática da palavra destacada no período seguinte:

"É a hora em que o pássaro volta, mas não há **pássaros**."?

A) Complemento nominal
B) Predicativo do sujeito
C) Objeto direto
D) Sujeito
E) Objeto indireto

05. (FEPASP-SP) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?

A) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.
B) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.
C) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.
D) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UNESP–2010)

Instrução: As questões de números **01** a **03** tomam por base o seguinte fragmento de uma crônica de João Ubaldo Ribeiro:

Motivos para pânico

Como sabemos, existem muitas frases comumente repetidas a cujo uso nos acostumamos tanto que nem observamos nelas patentes absurdos ou disparates. Das mais escutadas nos noticiários, nos últimos dias, têm sido "não há razão para pânico" e "não há motivo para pânico", ambas aludindo à famosa gripe suína de que tanto se fala. Todo mundo as ouve e creio que a maioria concorda sem pensar e sem notar que se trata de assertivas tão asnáticas quanto, por exemplo, a antiga exigência de que o postulante a certos benefícios públicos estivesse "vivo e sadio", como se um defunto pudesse estar sadio. Ou a que apareceu num comercial da Petrobrás em homenagem aos seus trabalhadores, que não sei se ainda está sendo veiculado. Nele, os trabalhadores "encaram de frente" grandes desafios, como se alguém pudesse encarar alguma coisa senão de frente mesmo, a não ser que o cruel destino lhe haja posto a cara no traseiro.

Em rigor, as frases não se equivalem e é necessário examiná-las separadamente, se se desejar enxergar as inanidades que formulam. No primeiro caso, pois o pânico é uma reação irracional, comete-se uma contradição em termos mais que óbvia. Ninguém pode ter ou deixar de ter razão para pânico, porque não é possível haver razão em algo que por definição requer ausência de razão. Então, ao repetir solenemente que não há razão para pânico, os noticiários e notas de esclarecimento (e nós também) estão dizendo uma novidade semelhante a "água é um líquido" ou "a comida vai para o estômago". Se as palavras pudessem protestar, certamente Pânico escreveria para as redações, perguntando ofendidíssimo desde quando ele precisa de razão. Nunca há uma razão para o pânico.

A segunda frase nega uma verdade evidente. É também mais do que claro que não existe pânico sem motivo, ou seja, o freguês entra em pânico porque algo o motivou, independentemente de sua vontade, a entrar na desagradabilíssima sensação de pânico. Ninguém, que eu saiba, olha assim para a mulher e diz "mulher, acho que vou entrar em pânico hoje à tarde" e, quando a mulher pergunta por que, diz que é para quebrar a monotonia.

RIBEIRO, João Ubaldo. Motivos para pânico. *O Estado de S. Paulo*, 17 maio 2009.

01. Como é característico da crônica jornalística, João Ubaldo Ribeiro focaliza assuntos do cotidiano com muito bom humor, mesclando a seu discurso palavras e expressões coloquiais. Um exemplo é "asnáticas", que aparece em "assertivas tão asnáticas quanto", e outro, o substantivo "freguês", empregado em "o freguês entra em pânico". Caso o objetivo do autor nessas passagens deixasse de ser jocoso e se tornasse mais formal, as palavras adequadas para substituir, respectivamente, "asnáticas" e "freguês" seriam

A) estúpidas, panaca.
B) asininas, bestalhão.
C) intrigantes, sujeito.
D) estranhas, cara.
E) disparatadas, indivíduo.

02. *Então, ao repetir solenemente que não há razão para pânico, os noticiários e notas de esclarecimento (e nós também) estão dizendo uma novidade semelhante a "água é um líquido" ou "a comida vai para o estômago".*
Nesse período, no tom bem humorado que o autor imprime à crônica, a palavra "novidade" assume um sentido contrário ao que apresenta normalmente. Essa alteração de sentido, em função de um contexto habilmente construído pelo cronista, caracteriza o recurso estilístico denominado

A) ironia.
B) reticência.
C) eufemismo.
D) antítese.
E) hipérbole.

03. Para o narrador, não notamos os verdadeiros absurdos em asserções como as que ele comenta porque

A) não temos hábito de leitura e interpretação de textos.
B) não nos sentimos capazes de negar verdades evidentes.
C) quase todas as frases assertivas do idioma são "asnáticas".
D) costumamos ouvi-las tantas vezes, que nem notamos tais absurdos.
E) essas frases aparecem em propagandas oficiais.

(UNESP–2010)

Instrução: As questões de números **04** a **08** tomam por base a seguinte crônica do escritor e blogueiro Antonio Prata:

Pensar em nada

A maravilha da corrida: basta colocar um pé na frente do outro

Assim como numa família de atletas um garoto deve encontrar certa resistência ao começar a fumar, fui motivo de piada entre alguns parentes – quase todos intelectuais – quando souberam que eu estava correndo. "O esporte é bom pra gente", disse minha avó, num almoço de domingo. "Fortalece o corpo e emburrece a mente."

Hoje, dez anos depois daquele almoço, tenho certeza de que ela estava certa. O esporte emburrece a mente e o mais emburrecedor de todos os esportes inventados pelo homem é, sem sombra de dúvida, a corrida – por isso que eu gosto tanto.

Antes que o primeiro corredor indignado atire um tênis em minha direção (número 42, pisada pronada, por favor), explico-me. É claro que o esporte é fundamental em nossa formação. Não entendo lhufas de pedagogia ou pediatria, mas imagino que jogos e exercícios ajudem a formar a coordenação motora, a percepção espacial, a lógica e os reflexos e ainda tragam mais outras tantas benesses ao conjunto psico-moto-neuro-blá-blá-blá. Quando falo em emburrecer, refiro-me ao delicioso momento do exercício, àquela hora em que você se esquece da infiltração no teto do banheiro, do enrosco na planilha do Almeidinha, da extração do siso na próxima semana, do pé na bunda que levou da Marilu, do frio que entra pela fresta da janela e do aquecimento global que pode acabar com tudo de uma vez.

Você começa a correr e, naqueles 30, 40, 90 ou 180 minutos, todo esse fantástico computador que é o nosso cérebro, capaz de levar o homem à Lua, compor músicas e dividir um átomo, volta-se para uma única e simplíssima função: perna esquerda, perna direita, perna esquerda, perna direita, inspira, expira, inspira, expira, um, dois, um, dois.

A consciência é, de certa forma, um tormento. Penso, logo existo. Existo, logo me incomodo. A gravidade nos pesa sobre os ombros. Os anos agarram-se à nossa pele. A morte nos espreita adiante e quando uma voz feminina e desconhecida surge em nosso celular, não costuma ser a última da capa da Playboy, perguntando se temos programa para sábado, mas a mocinha do cartão de crédito avisando que a conta do cartão "encontra-se em aberto há 14 dias" e querendo saber se "há previsão de pagamento".

Quando estamos correndo, não há previsão de pagamento. Não há previsão de nada porque passado e futuro foram anulados. Somos uma simples máquina presa ao presente. Somos reduzidos à biologia. Uma válvula bombando no meio do peito, uns músculos contraindo-se e expandindo-se nas pernas, um ou outro neurônio atento aos carros, buracos e cocôs de cachorro.

Poder, glória, dinheiro, mulheres, as tragédias gregas, tá bom, podem ser coisas boas, mas naquele momento nada disso interessa: eis-nos ali, mamíferos adultos, saudáveis, movimentando-nos sobre a Terra, e é só.

PRATA, Antonio. Pensar em nada. *Runner's World*, n. 7, São Paulo: Editora Abril, maio 2009.

04. Ao longo do texto apresentado, percebemos que o cronista nos conduz com sutileza e humor para um sentido de emburrecer bem diferente do que parece estar sugerido na fala de sua avó. Para ele, portanto, como se observa principalmente no emprego da palavra no terceiro parágrafo, emburrecer é

A) fazer perder progressivamente a inteligência por meio do esporte.
B) imitar a capacidade de concentração do animal para obter melhores resultados.
C) tornar-se uma pessoa muito teimosa, focada exclusivamente no esporte.
D) embotar as faculdades mentais pela prática constante do esporte.
E) esvaziar a mente de outras preocupações durante a prática do esporte.

05. A série de cinco períodos curtos com que se inicia o quarto parágrafo expressa, num crescendo, algumas preocupações existenciais do cronista. A partir do sexto período, porém, a expressão dessas grandes preocupações se frustra com a ocorrência trivial da ligação da moça do cartão de crédito. Essa técnica de enumeração ascendente que termina por uma súbita descendente constitui um recurso estilístico denominado

A) catacrese.
B) anticlímax.
C) anáfora.
D) símile.
E) clímax.

06. No período "Hoje, dez anos depois daquele almoço, tenho certeza de que ela estava certa", o cronista poderia ter evitado o efeito redundante devido ao emprego próximo de palavras cognatas (certeza – certa). Leia atentamente as quatro possibilidades a seguir e identifique as frases em que tal efeito de redundância é evitado, sem que sejam traídos os sentidos do período original:

I. Hoje, dez anos depois daquele almoço, estou certo de que ela acertou.
II. Hoje, dez anos depois daquele almoço, estou convencido de que ela estava certa.
III. Hoje, dez anos depois daquele almoço, tenho certeza de que ela tinha razão.
IV. Hoje, dez anos depois daquele almoço, acredito que ela poderia estar certa.

A) I e II
B) II e III
C) I, II e III
D) I, III e IV.
E) II, III e IV

07. *O esporte é bom pra gente,* [...] *fortalece o corpo e emburrece* ***a mente****.* [...] *Antes que o primeiro corredor indignado atire* ***um tênis*** *em minha direção* [...] *Quando estamos correndo, não há* ***previsão de pagamento****.*

Os termos destacados identificam-se pelo fato de exercerem a mesma função sintática nas orações de que fazem parte.

Indique essa função.

A) Sujeito
B) Predicativo do sujeito
C) Predicativo do objeto
D) Objeto direto
E) Complemento nominal

08. Ao empregar "lhufas" em "Não entendo lhufas de pedagogia ou pediatria [...]", o cronista poderia ter também empregado outros vocábulos ou expressões que correspondem à mesma acepção. Assinale a única alternativa em que a substituição **NÃO** é pertinente, pois alteraria o sentido da frase.

A) Não entendo bulhufas de pedagogia ou pediatria.
B) Não entendo patavina de pedagogia ou pediatria.
C) Não entendo muita coisa de pedagogia ou pediatria.
D) Não entendo coisa alguma de pedagogia ou pediatria.
E) Não entendo nada de pedagogia ou pediatria.

09. "Ela sempre fez tudo **por mim**."

Na oração anterior, "por mim" exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase

A) Não concordo **com você**.
B) Chegou a **minha vez**.
C) Não fiquei nada **satisfeito**.
D) Eram **onze horas** quando ela chegou.
E) Ela irá à festa **comigo**.

10. Leia o texto a seguir:

Erro de português

Oswald de Andrade

Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.

LÍNGUA PORTUGUESA

Em "Vestiu o **índio** [...]" e "O **índio** tinha despido [...]", os termos em destaque exercem, respectivamente, as funções de objeto direto e sujeito agente.

Assinale o par de frases em que, para os destaques, a classificação sintática é, respectivamente, a mesma.

A) "[...] e perdeu **a calma**." / "A **calma** voltou a estabelecer-se."
B) "Do mundo, **nada** se leva." / "**Nada** se cria; tudo se recria."
C) "O diretor exibiu **cenas** do filme." / "As **cenas** foram exibidas na noite de estreia [...]"
D) "Encontraram-se **vestígios** da ação." / "Dos **vestígios**, nada fora encontrado."
E) "Fundiam-se no **personagem** sentimentos contraditórios." / "O **personagem** exibia sentimentos contraditórios."

11. "É preciso agir, e **rápido**", disse ontem o ex-presidente nacional do partido.

A frase em que a palavra em negrito **NÃO** exerce função idêntica à de "rápido" é:

A) Como estava exaltado, o homem gesticulava e falava **alto**.
B) *Mademoiselle* ergueu **súbito** a cabeça, voltou-a pro lado, esperando, olhos baixos.
C) Estavam acostumados a falar **baixo**.
D) Conversamos por alguns minutos, mas tão **abafado** que nem as paredes ouviram.
E) Sim, havíamos de ter um oratório bonito; **alto**, de jacarandá.

12. (FMC-2011) Em todas as passagens, a expressão destacada exerce a mesma função sintática, **EXCETO** em:

A) "O mundo se acabou para Valente **em 1958**, quando ele pôs fim à sua vida ao ingerir formicida com guaraná, depois de outras duas frustradas tentativas de suicídio."
B) "Uma antiga lenda maia diz que o mundo se acabará **no ano da graça de 2012**."
C) "Mas Deus há tempos está de férias, e é o homem que tem na mão, **agora e já**, o destino do mundo."
D) "Mas **as cada vez maiores alterações** climáticas e suas trágicas intempéries não deixam dúvida de que algo de muito grave está acontecendo no mundo."

SEÇÃO ENEM

01. "Precisa-se nacionais sem nacionalismo, [...] movidos pelo presente mas estalando naquele cio racial que só as tradições maduram! [...] Precisa-se gentes com bastante meiguice no sentimento, bastante força na peitaria, bastante paciência no entusiasmo e sobretudo, oh! sobretudo bastante vergonha na cara!

[...] Enfim: precisa-se brasileiros! Assim está escrito no anúncio vistoso de cores desesperadas pintado sobre o corpo do nosso Brasil, camaradas."

JORNAL A NOITE, São Paulo, 18 dez. 1925 *apud* LOPES, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade:* ramais e caminhos. São Paulo: Duas Cidades, 1972

No trecho anterior, Mário de Andrade dá forma a um dos itens do ideário modernista, que é o de firmar a feição de uma língua mais autêntica, "brasileira", ao expressar-se numa variante de linguagem popular identificada pela (o)

A) escolha de palavras como cio, peitaria, vergonha.
B) emprego da pontuação.
C) repetição do adjetivo bastante.
D) concordância empregada em "Assim está escrito".
E) escolha de construção do tipo precisa-se gentes.

02.

Senhor feudal

Oswald de Andrade

Se Pedro Segundo
Vier aqui
Com história
Eu boto ele na cadeia.

Considerando seus conhecimentos sobre variação linguística, pode-se afirmar que a construção "eu boto ele", no último verso, é

A) admitida pela norma culta da língua portuguesa.
B) uma forma típica de textos literários poéticos.
C) admitida informalmente, mas condenada pela norma culta.
D) um erro inadmissível tanto na fala quanto na escrita.
E) um indicativo do baixo nível de escolaridade do enunciador.

GABARITO

Fixação

01. A) Foram mortas; foram queimados; foi suspenso. Porque há interesse em omitir o agente da ação, o qual pode, inclusive, não ser conhecido.
B) Prefere-se a voz ativa pelo fato de serem títulos em que há a intenção de evidenciar clareza e objetividade em relação aos fatos noticiados.
C) É mais pertinente o uso da voz passiva quando não se sabe ao certo o agente de um acontecimento, como o referenciado na manchete. Nesta, destacam-se as vítimas.

02. A ausência desse complemento se justifica pelas diferentes opções de viagem à disposição do cliente, ou seja, a CVC o leva para onde ele quiser. O verbo "levar" pode também estar relacionado ao verbo "sonhar" – levar para o sonho, que, no anúncio, tem sentido de "desejar" conhecer algum lugar, do Brasil ou do mundo.

03. E 04. C 05. B

Propostos

01. E	04. E	07. D	10. A
02. A	05. B	08. C	11. E
03. D	06. B	09. E	12. D

Seção Enem

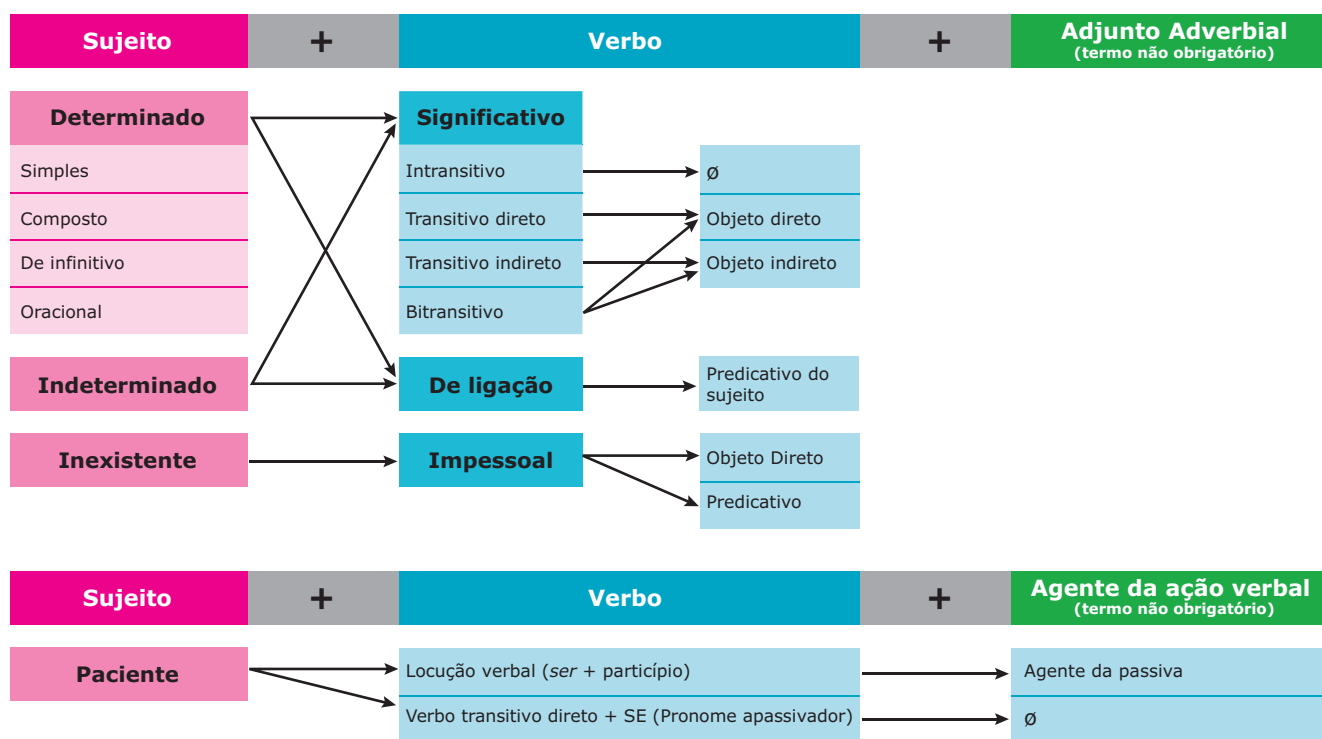
01. E 02. C

LÍNGUA PORTUGUESA

Termos ligados ao nome

MÓDULO 08 FRENTE C

Até esse momento, estudamos as funções de sujeito, predicado, objeto direto e indireto, adjunto adverbial e agente da passiva. Vimos que o sujeito e o predicado são considerados termos essenciais da oração e que os complementos verbais, o adjunto adverbial e o agente da passiva são termos que podem aparecer ou não em uma oração, dependendo do verbo que a constitui (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, bitransitivo, impessoal).

É possível, a partir do que já sabemos sobre esses termos, apresentar as estruturas frasais mais comuns na língua portuguesa. Veja:

Vamos, neste módulo, passar ao estudo das funções sintáticas que restam: o predicativo, o adjunto adnominal, o complemento nominal, o aposto e o vocativo. Como você deve ter percebido, com exceção do predicativo, nenhum desses termos aparece nas estruturas descritas. Isso ocorre porque o adjunto adnominal e o complemento nominal integram outros termos da oração. Podem, por exemplo, fazer parte do sujeito, do objeto direto, do adjunto adverbial, etc. O aposto sempre se refere a outro termo qualquer da frase, explicando-o, especificando-lhe o sentido. O vocativo, por sua vez, não se relaciona diretamente com os demais termos em uma oração, como veremos a seguir. Todos esses termos estão ligados a outros termos de natureza nominal, isto é, cujo núcleo é um substantivo. Por isso, vamos tratá-los aqui como "termos ligados ao nome".

PREDICATIVO

Predicativo é o termo de **natureza adjetiva** que expressa uma característica ou um estado do nome ao qual se liga por meio de um verbo. Pode ser **determinante** tanto do sujeito da oração, caso em que é chamado de **predicativo do sujeito**, quanto do objeto do verbo, sendo chamado, então, de **predicativo do objeto**. Os verbos que se prestam a fazer essa ligação podem ser os de ligação, bem como os significativos.

Exemplos:

TOME NOTA!

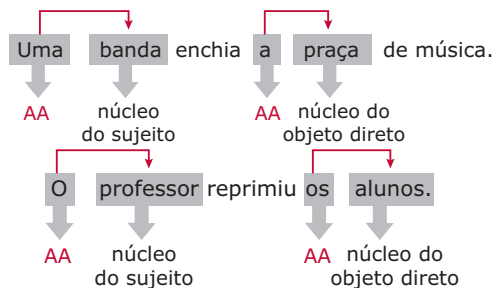
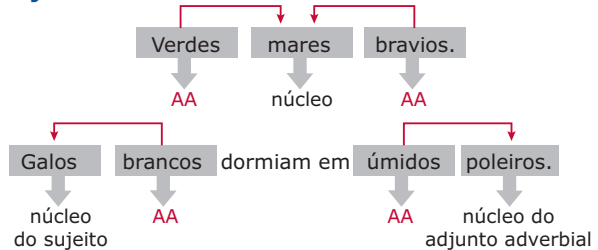
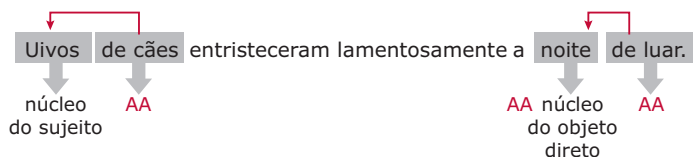
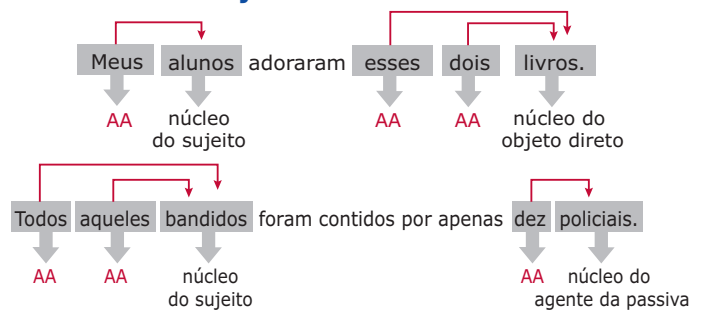
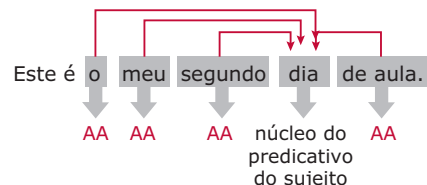
Por expressarem, na frase, uma importante noção a respeito do sujeito ou do objeto, esses termos são considerados **núcleos** do predicado. Dessa forma, se o predicado for formado por um verbo significativo e, ao mesmo tempo, por um termo predicativo, esse predicado será classificado como **verbo-nominal** (PVN). Se, no entanto, o verbo que acompanha o predicativo for de ligação, ou seja, aquele que não expressa nenhuma ideia senão a de estado, o predicado será chamado de **nominal** (PN). Para as frases compostas apenas por verbos significativos, sem a presença de predicativos, o predicado será classificado como **verbal** (PV).

– *Virgília entrou risonha e sossegada*. (PVN)
– *As almas são incomunicáveis.* (PN)
– *Mário acaricia os cabelos de Helena*. (PV)

ADJUNTO ADNOMINAL

Adjunto adnominal é o termo de **valor adjetivo** que delimita, restringe e especifica o significado de um substantivo ou expressão substantivada que, por sua vez, constitui o núcleo de um grupo nominal. Ou seja, esse termo é **determinante do núcleo de um grupo nominal**. Assim, os adjuntos adnominais não aparecem isolados na frase, mas compõem um outro termo da oração (sujeito, objeto direto e indireto, predicativo, adjunto adverbial, aposto, vocativo, agente da passiva).

O adjunto adnominal pode ser expresso por:

Artigo definido ou indefinido

Adjetivo

Locução adjetiva

Pronome adjetivo ou numeral adjetivo

Como foi possível perceber nos exemplos citados, um mesmo núcleo pode vir determinado por vários adjuntos adnominais.

Geralmente, não se repete um mesmo adjunto adnominal que determina mais de um núcleo, como se pode observar a seguir: O sono da morte exclui os sonhos e pesadelos da vida. (= sonhos da vida e pesadelos da vida)

TOME NOTA!

Ao se analisar uma oração, é comum confundir o predicativo com o adjunto adnominal. Para evitar a confusão, basta observar se há mediação verbal ou não entre o termo de valor adjetivo e o termo de valor substantivo.

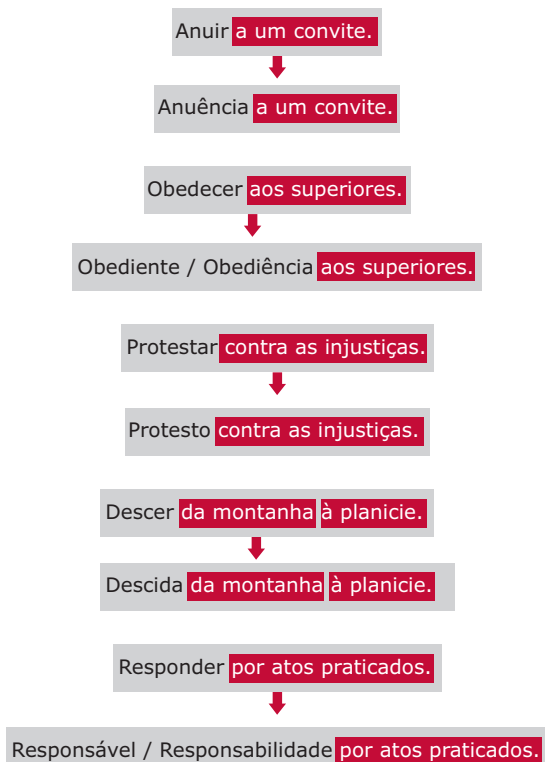
Quando o predicativo aparece, entretanto, em sentenças com verbos significativos, fica mais difícil perceber se há ou não mediação verbal. Nesse caso, pode-se observar se a característica expressa pelo termo de valor adjetivo é permanente, caso em que ocorre o adjunto adnominal, ou transitória, o que indica ocorrer um predicativo. Veja os exemplos:

– *Os jogadores* **cansados** *dirigiram-se ao banco de reservas*. → ADJUNTO ADNOMINAL

– *Os jogadores dirigiram-se* **cansados** *ao banco de reservas*.→ PREDICATIVO DO SUJEITO

– *Os jogadores,* **cansados**, *dirigiram-se ao banco de reservas*.→ PREDICATIVO DO SUJEITO

COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal é, à maneira do complemento verbal, um **termo** que completa o significado transitivo de um nome (substantivo, adjetivo e advérbio), denotando a noção de alvo. É precedido de **preposição obrigatória**. Observe o esquema a seguir, em que os complementos verbais (CVs) passam a complementos nominais (CNs):

Nem todo substantivo completado por um CN possui um verbo correspondente de mesma raiz. Isso se dá ou porque o verbo pode ter desaparecido na história da língua ou porque, talvez, nunca tenha existido de fato. Nesse caso, o recurso utilizado para se reconhecer um CN é a comparação a um substantivo de valor semântico próximo.

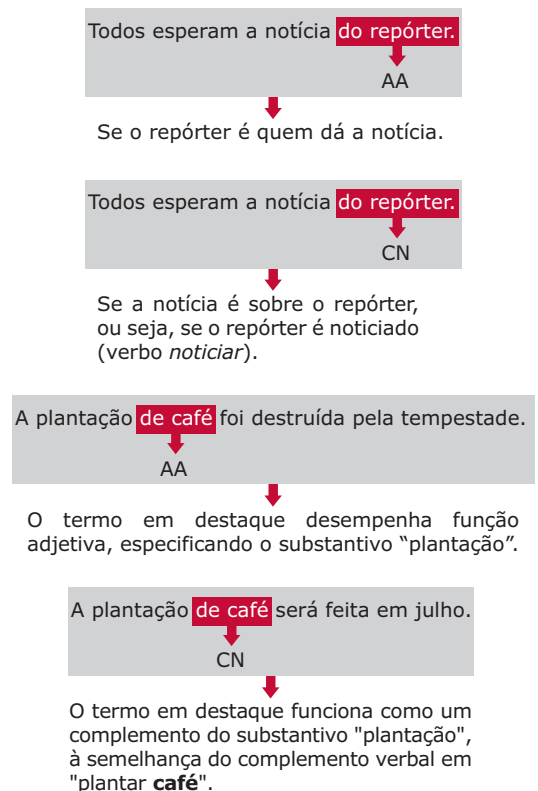
Exemplos:

– Saudade de minha pátria (desejar, lembrar a pátria).
– Medo de escuro (temer, recear o escuro).
– Horror a cigarro (detestar, odiar cigarro), etc.

Nos casos em que o **adjunto adnominal** é formado por **locução adjetiva**, ou seja, por preposição + nome, é comum confundi-lo com o **complemento nominal**. Para tentar desfazer esse equívoco, é preciso salientar que o **CN** tem atrelada a si a noção de **alvo** ou **objeto** do nome (à semelhança do CV), ao passo que o **AA** indica, entre outros papéis, o de **agente** ou **experenciador**, que se refere a quem desempenha uma ação, um processo. Veja os exemplos:

– *Amor* **de filho**. → O filho é quem ama, portanto "de filho" é ADJUNTO ADNOMINAL.

– *Amor* **ao filho**. → O filho é amado, portanto "ao filho" é COMPLEMENTO NOMINAL.

Há casos, entretanto, em que há ambiguidade de interpretação e classificação. Observe:

Definir se um termo preposicionado que está ligado a um nome é adjunto adnominal ou complemento nominal costuma ser visto com terror por qualquer estudante de Gramática. Entretanto, não há real motivo para pânico. Apesar de um pouco trabalhosa, a análise não é difícil, desde que se atente para a expressão presente na frase a que o termo preposicionado está ligado.

- Se estiver ligado a um **adjetivo** ou a um **advérbio**, ele será um **complemento nominal**.

  – *Ela chegou aqui cheia* **de graça**. ("de graça" completa o sentido do adjetivo "cheia"; é, portanto, complemento nominal.)

  – *Relativamente* **a esse assunto** *nada posso informar.* ("a esse assunto" completa o sentido de "relativamente"; é, portanto, um complemento nominal.)

- Se estiver ligado a um **substantivo concreto**, ele será um **adjunto adnominal**.

  – *Na biblioteca* **da escola**, *há vários romances bárbaros.* ("da escola" completa o sentido do substantivo concreto "biblioteca"; é, portanto, adjunto adnominal.)

  – *O pacote* **de expansão** *do programa será lançado em breve.* ("de expansão" completa o sentido do substantivo concreto "pacote"; é, portanto, adjunto adnominal. Já "do programa" funciona como complemento nominal de "expansão".)

- Se estiver ligado a um **substantivo abstrato**, será necessário verificar se o termo desempenha a função de alvo ou de agente do processo denotado pelo nome; se for alvo do processo, o termo será um **complemento nominal**; se for **agente**, será um **adjunto adnominal**.

  – *Esse contrato só terá validade após receber a assinatura* **do presidente** *desta empresa*. (O presidente é quem assina o contrato; portanto, é agente do processo denotado pelo substantivo "assinatura"; nesse caso, classifica-se como adjunto adnominal.)

  – *A assinatura* **do contrato** *depende da vontade do presidente desta empresa.* (O contrato será assinado pelo presidente; portanto, é alvo do processo denotado pelo substantivo "assinatura"; nesse caso, classifica-se como complemento nominal.)

APOSTO

Aposto é um termo de natureza nominal que serve para explicar ou esclarecer o sentido de um outro nome e / ou sentença, sendo-lhe um equivalente, um identificador ou até um resumo.

Normalmente, o aposto é separado por dois pontos, vírgula, travessão ou mesmo por parênteses, o que, numa leitura, é marcado pela pausa que se faz.

Veja os exemplos seguintes:

– Ela – **a aluna** – *saiu por último*. ("a aluna" explica o termo "ela".)

– *Paulo ganhou* dois presentes: **um relógio e uma bicicleta**. ("um relógio e uma bicicleta" esclarece quais foram os "dois presentes" de Paulo.)

– Pedro II, **imperador do Brasil**, *desejava ser professor.* ("imperador do Brasil" explica quem foi "Pedro II".)

– *Muito devemos a* Gutemberg, **o inventor da imprensa**. ("o inventor da imprensa" identifica "Gutemberg".)

– Tudo – **alegrias**, **tristezas e preocupações** – *ficava logo estampado no seu rosto*. ("alegrias, tristezas e preocupações" esclarece o que vem a ser "tudo".)

– A Matemática, a História, a Língua Portuguesa, **nada** *tinha segredo para ele.* ("nada" resume a expressão "a Matemática, a História, a Língua Portuguesa".)

Há um tipo especial de aposto – aposto especificativo – que pode juntar-se a um nome comum para indicar-lhe o tipo ou a espécie.

– *Rio* **Amazonas**, *Rio* **Jequitinhonha**, *Rio* **Doce**;

– *Lojas* **Bahia**, *Lojas* **Americanas**, *Lojas* **Pernambucanas**;

– *A presidente* **Dilma Rousseff**, *o presidente* **Nicolas Sarkozy**, *o Presidente* **Barack Obama**;

– *A atriz* **Fernanda Montenegro**, *a atriz* **Cláudia Raia**, *a atriz* **Glória Menezes**;

– *A cidade* **de São Paulo**, *a cidade* **do Rio de Janeiro**, *a cidade* **de Belo Horizonte**;

– *O autor* **Machado de Assis**, *o autor* **José Saramago**, *o autor* **Fernando Pessoa**.

TOME NOTA!

Pelo fato de o aposto especificativo não ser, como os demais, separado do termo que explica por sinal de pontuação, é costumeiramente confundido com um adjunto adnominal. Por isso, atente-se: sempre que um termo particularizar um substantivo comum genérico, especificando-o, ele será um aposto especificativo.

Se você voltar aos exemplos anteriores, perceberá que:

- **Amazonas**, **Jequitinhonha** e **Doce** são rios;
- **Bahia**, **Americanas** e **Pernambucanas** são lojas;
- **Dilma Rousseff**, **Nicolas Sarkozy** e **Barack Obama** são presidentes, etc.

Outro tipo de aposto é aquele que se refere não somente a um termo da oração, mas à oração inteira.

– *Depois da prova, José estava radiante*, **sinal de seu sucesso**.

– *A revolução trouxe muitas mortes*, **fato lastimável**.

Pelo fato de o aposto ter o mesmo valor sintático do termo a que se refere, ele pode ocorrer em diferentes funções na oração.

- SUJEITO: **Nós** *tínhamos imaginado*, **mamãe e eu**, *fazer uma grande peregrinação*.
- PREDICATIVO: *Ele era o famoso* **Ricardão**, **o homem das beiras do Verde Pequeno**.
- COMPLEMENTO NOMINAL: *D.Tonica tinha fé* **em sua madrinha**, **Nossa Senhora da Conceição**, *e investiu a fortaleza com muita arte e valor*.
- OBJETO DIRETO: *O pequeno italiano, na esquina, apregoava* **os jornais da tarde**: **Notícia**! **Tribuna**! **Despacho**!
- OBJETO INDIRETO: *Casara-se* **com um bacharel da Paraíba**, **o Dr. Moreira Lima**, **juiz em Pilar**.
- AGENTE DA PASSIVA: *O nosso candidato, o poeta Martins Júnior, era combatido* **pelo candidato baiano Filinto Bastos**.
- ADJUNTO ADVERBIAL: *Você não tem relações* **aqui**, **no Rio**, *menino?*
- APOSTO: *Uma novidade os esperava:* **dois bustos de mármore**, *postos sobre a mesa,* **os dois Napoleões**, **o primeiro e o terceiro**.
- VOCATIVO: "**Peri**, ***guerreiro livre***, tu és meu escravo [...]".

VOCATIVO

É o termo de natureza nominal que se acrescenta a uma oração quando se quer interpelar diretamente o interlocutor:

– **Senhor**! *Por que nos abandonaste?*

– "*E agora,* **José**?"

– "*Fuja*, **fidalgo**, *que me perco!* [...]"

– "Oh! **seu Pilar** – *bradou o mestre com voz de trovão*."

Esse termo, por não pertencer, de fato, à oração, vem sempre precedido ou sucedido por um sinal de pontuação.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UFLA) "Jazia **a um canto**, **arrepiado**, **morto-vivo**."

A função sintática exercida pelos termos destacados é, respectivamente,

A) adjunto adnominal / adjunto adverbial / predicativo.
B) objeto direto / predicativo / adjunto adverbial.
C) adjunto adverbial / predicativo / predicativo.
D) objeto indireto / predicativo / adjunto adverbial.
E) predicativo / adjunto adverbial / adjunto adverbial.

02. (ITA-SP)

Noite Pontual

Cobra Norato

Lua cheia apontou, pororoca roncou

Vem que vem vindo como uma onda inchada
Rolando e embolando
Com a água aos tombos

Vagalhões avançam pelas margens espantadas

Um pedaço de mar mudou de lugar

Somem-se ilhas menores
Debaixo da onda bojuda
Arrasando a vegetação

Fica para trás o mangue

Aparando o céu com braços levantados

Florestinhas se somem
A água comovida abraça-se ***com o mato***
Estalam árvores quebradas de tripa de fora
Pororoca traz de volta a terra emigrante que fugiu de casa
Levada ***pela correnteza****.*

Sintaticamente, os termos "com o mato" e "pela correnteza" funcionam respectivamente como

A) adjunto adnominal e agente da passiva.
B) adjunto adverbial e adjunto adverbial.
C) objeto indireto e agente da passiva.
D) objeto indireto e adjunto adnominal.
E) adjunto adverbial e adjunto adnominal.

03. (PUC Rio) Marque a alternativa em que o termo assinalado tem a mesma função sintática de "da Mata Atlântica" em "Esse é apenas um exemplo de como a destruição **da Mata Atlântica** [...]".

A) [...] eliminaremos completamente o que sobrou dela fora das áreas **de preservação**.
B) Somando os novos números aos do estudo referente **ao período 1985-1990** [...]
C) O assassinato da floresta induz ao suicídio **da vida que dela depende**.
D) O líder absoluto desse campeonato macabro foi **o estado do Rio de Janeiro**.
E) [...] acaba de apresentar os números de seu último estudo sobre a situação **da Mata Atlântica**.

04. (UNITAU-SP) Em "A prova de que ela é **divina**, dizia um **erudito**, é que os homens ainda não **a** destruíram", as palavras, em destaque, são, no plano morfológico e sintático, respectivamente,

A) substantivo e complemento nominal, advérbio e objeto direto, artigo e locução adverbial.
B) adjetivo e predicativo, substantivo e sujeito, pronome e objeto direto.
C) substantivo e predicativo, adjetivo e objeto direto, pronome e objeto indireto.
D) adjetivo e complemento nominal, advérbio e aposto, artigo e objeto direto.
E) substantivo e predicativo, adjetivo e sujeito, artigo e objeto direto.

05. (PUC-SP) Observe os fragmentos.

I. "[...] custou-**lhe** a história uma forte sarabanda [...]"

II. "[...] o amor e o ciúme **lhe** ocupavam a alma [...]"

O "lhe", pronome pessoal do caso oblíquo átono, pode exercer diferentes funções sintáticas.

Depois de analisar os trechos anteriores, assinale a alternativa que indica a função exercida por esse pronome em cada um dos fragmentos, respectivamente.

A) Objeto indireto – objeto indireto.
B) Complemento nominal – adjunto adnominal.
C) Adjunto adnominal – adjunto adnominal.
D) Objeto indireto – adjunto adnominal.
E) Objeto indireto – complemento nominal.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(FEI-SP-2010)

Instrução: O texto a seguir é do escritor João do Rio. Leia-o com atenção e responda às questões de **01** a **08**.

O momento do amor

João do Rio

O conselheiro é um homem encantador. Baudelaire dizia: "Cá temos um homem que fala do seu coração – deve ser um canalha". O conselheiro não fala do seu coração, mas é um homem sensível. Com 75 anos, teso, bem vestido, correto, possuidor de doze netos e cinco bisnetos, a sua conversa é sempre cheia de alegria e de mocidade. Outra noite, estávamos no seu salão, e de repente rompeu na rua um "zé-pereira".

O conselheiro exclamou:

– Eh! Eh! As coisas esquentam!

Como o conselheiro é idoso, pensei vê-lo atacar os costumes e o carnaval. Para gozar da sua simpatia, refleti:

– Temos cada vez mais a dissolução da moral!

– Quem lhe fala nisso? – indagou o conselheiro. Talvez por ter sido sempre um homem moral nunca precisei de descompor os costumes para julgar-me sério. Sabe o que eu sinto quando ouço um "zé-pereira"?

– Francamente, conselheiro...

– Sinto que chega o grande momento do amor no Rio...

– De fato, a liberdade dos costumes.

– Heim?

– Sim, os préstitos, as cortesãs, a promiscuidade, as meninas de pijama cantando versos pouco sérios, os lança-perfumes, a bacanal...

– Meu filho, quando se chega a uma certa idade, o resultado é tudo. Se quisermos ver nos três dias de carnaval a folia como depravação, posso garantir que as brincadeiras de antanho com o entrudo, os banhos d'água fria, o porta-voz eram livres como as de hoje com os lança-perfumes, os confetes e as serpentinas. Mas não se trata disso. Trata-se de coisa mais séria. Eu casei aos 18 anos, isto é, há quase 58 anos fiz a loucura de tomar por esposa a minha querida Genoveva. Mas, passado o primeiro ano, essa alucinação causou-me tal pasmo que resolvi estudar-lhe as causas. E descobri.

– Quais foram?

– Uma só: o momento do amor!

– Conselheiro!

– Há uma época no Rio absolutamente amorosa, quer no tempo da monarquia, quer na República. Consultei estatísticas, observei, indaguei, procedi a inquéritos pessoais... Sabe qual é essa época? A do carnaval! Note você como aumentam os casamentos nos meses seguintes ao carnaval. A maioria das inclinações, dos namoros que terminam em casório, começam no carnaval. Três meses depois estava casado. Cinco dos meus filhos namoraram no carnaval. Minha filha Berenice com 30 anos arranjou o marido que lhe faz a vida feliz, no carnaval. Nove dos meus netos seguiram a regra...

– Mas, conselheiro, se é verdade o que V. Exa. diz, era o caso de fazer uns quatro carnavais por ano...

– Não daria resultado, meu amigo. O carnaval é uma embriaguez d'alegria. Quem se embriaga uma vez por ano não está acostumado. Quem se embriaga quatro, raciocina na bebedeira. Veneza acabou pelo abuso da máscara. Nós acabaríamos pelo abuso do "zé-pereira". Mas uma vez por ano é bem o verão impetuoso do desejo, o momento do amor.

Depois suspirando:

– Aproveite-o você. Eu infelizmente não posso mais. A velhice é como o *maître d'hotel* da vida. Indica ao cliente o prato ótimo do cardápio e não o come.

01. O texto apresentado é prioritariamente

A) narrativo, cuja intencionalidade é determinada pela discussão sobre temas do dia a dia.

B) descritivo, cuja intencionalidade é determinada pela discussão sobre temas extraordinários.

C) dissertativo, cuja intencionalidade é determinada pelo discurso argumentativo.

D) lírico, dada a força das figuras metafóricas.

E) dramático, uma vez que há em cena diversas personagens.

02. O narrador do texto

A) critica os costumes carnavalescos mais para agradar ao conselheiro do que por convicção pessoal.

B) explicita irritação frente à opinião do conselheiro.

C) é completamente indiferente aos costumes carnavalescos.

D) é um admirador dos costumes carnavalescos do século XIX.

E) interrompe a conversa bruscamente com o conselheiro por estar em desacordo com o seu ponto de vista.

03. Segundo o conselheiro,

A) o carnaval é o momento do amor, porque as paixões acontecem e se esgotam ao fim dos três dias de festa.

B) no carnaval, a folia é desagradável e desencaminha os casados.

C) o carnaval é o momento do amor, porque as paixões que surgem no período em que acontece a festa se transformam em casamento.

D) lamentavelmente, o carnaval é o período em que muitas adolescentes engravidam e são obrigadas a se casarem.

E) os jovens devem evitar as festas de carnaval para que não se envolvam em aventuras passageiras.

04. Considere a última fala do conselheiro: – "A velhice é como o *maître d'hotel* da vida. Indica ao cliente o prato ótimo do cardápio e não o come" (§20). Ela sugere que

A) a velhice traz prejuízos para a sociedade.

B) a velhice traz a sabedoria necessária ao bom conselheiro, que pode usufruir plenamente de todos os eventos da vida.

C) as experiências não se traduzem em aprendizado para os mais idosos.

D) a velhice traz a sabedoria necessária para o bom conselheiro, que não pode mais experimentar certos eventos da vida.

E) a velhice possibilita que a pessoa usufrua das experiências da vida de modo mais consciente.

05. Em "**Como** o conselheiro é idoso, pensei vê-lo atacar os costumes e o carnaval" (§4), a conjunção em destaque estabelece valor similar à conjunção

A) embora.
B) porque.
C) conforme.
D) se.
E) contudo.

06. Em "**Meu filho**, quando se chega a uma certa idade, o resultado é tudo" (§12), a expressão em destaque é conhecida por

A) aposto.
B) adjunto adverbial.
C) adjunto adnominal.
D) complemento.
E) vocativo.

07. O período "Sinto que chega o grande momento do amor no Rio" (§8) apresenta dois verbos: "sinto" e "chega". Observa-se que o sujeito de "chega o grande momento do amor no Rio" é

A) eu.
B) Rio.
C) sujeito inexistente.
D) o grande momento do amor.
E) sinto.

08. Em "As coisas esquentam!" (§3), o verbo é

A) intransitivo.
B) transitivo direto.
C) transitivo indireto.
D) transitivo direto e indireto.
E) verbo de ligação.

09. (UFC–2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado tem a mesma função sintática da palavra sublinhada na frase: Colocamo-nos como defensores do **amor**.

A) Nascemos totalmente sem **indentidade**.

B) Este deriva da imaturidade **emocional**.

C) Ele poderá ser levantado pelo **companheiro**.

D) Consideramos a individualidade nociva ao **bem comum**.

E) O individualismo tem crescido em **função** da tecnologia.

10. (UFC–2010) Assinale a alternativa em que a palavra em destaque tem a mesma função sintática do termo destacado na frase: O egoísmo deriva da **imaturidade** emocional.

A) O individualismo tem crescido em **função** da tecnologia.

B) Algo que nos impediria de pensar no **próximo**.

C) A individualidade **nos** faz conscientes.

D) Por **anos** lutamos contra a solidão.

E) É um fraco e não um **esperto**.

11. (UFTM–2011) Leia a tira e analise as três afirmações.

I. A palavra pelada assume sentidos diferentes para o pai e para o filho, razão pela qual este se mostra irritado no último quadrinho.
II. No contexto, a locução verbal estou indo curtir indica uma ação cuja realização está no futuro imediato.
III. Observando a fala do pai e a do filho, constata-se que as expressões Querida e Paiêêê têm a mesma função na estrutura de frase de ambos.

Está **CORRETO** o que se afirma em

A) I, apenas.
B) III, apenas.
C) I e II, apenas.
D) I e III, apenas.
E) I, II e III.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2003) No ano passado, o governo promoveu uma campanha a fim de reduzir os índices de violência. Noticiando o fato, um jornal publicou a seguinte manchete:

CAMPANHA CONTRA A VIOLÊNCIA DO GOVERNO DO ESTADO ENTRA EM NOVA FASE

A manchete tem um duplo sentido, e isso dificulta o entendimento. Considerando o objetivo da notícia, esse problema poderia ter sido evitado com a seguinte redação:

A) Campanha contra o governo do Estado e a violência entram em nova fase.
B) A violência do governo do Estado entra em nova fase de Campanha.
C) Campanha contra o governo do Estado entra em nova fase de violência.
D) A violência da campanha do governo do Estado entra em nova fase.
E) Campanha do governo do Estado contra a violência entra em nova fase.

02. A sintaxe classifica os termos da oração em virtude da função exercida por eles.

"**Felicidade!** Passei no vestibular"

Sintaticamente, o termo em negrito exerce a função de

A) aposto.
B) vocativo.
C) sujeito.
D) agente da passiva.
E) complemento nominal.

03. "Vai, triste canção, sai do meu peito [...]"

A alternativa que apresenta vírgulas usadas pelo mesmo motivo que as da transcrição anterior é:

A) Ah, não seja a vida sempre assim...
B) E não me sai do pensamento / Sempre, sempre longe
C) Vive em mim além do tempo / Longe, longe, onde?
D) Esse amor sem fim, onde andará?
E) Esse amor, meu amor, / Onde andará?

GABARITO

Fixação

01. C
02. C
03. B
04. B
05. D

Propostos

01. A
02. A
03. C
04. D
05. B
06. E
07. D
08. A
09. D
10. B
11. E

Seção Enem

01. E
02. A
03. E

LÍNGUA PORTUGUESA

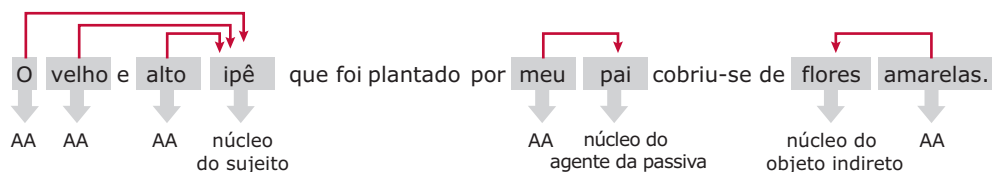
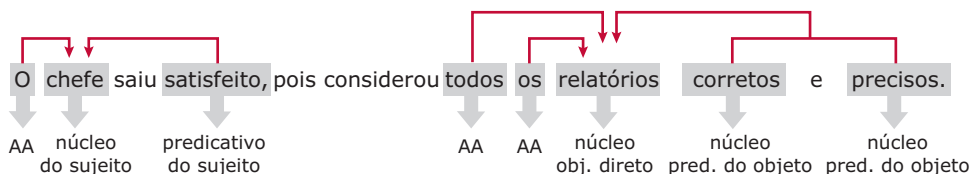
Concordância nominal

MÓDULO 09

FRENTE C

Dando continuidade ao estudo da sintaxe, este módulo sistematiza as regras gerais de concordância nominal e apresenta alguns casos especiais. Na verdade, já conhecemos muitas dessas regras. Quando estudamos as relações entre termos determinantes e termos determinados, conhecemos a regra geral de concordância nominal, ou seja, aquela que se faz entre o núcleo substantivo e seus determinantes nos grupos nominais.

REGRA GERAL

A **concordância nominal** diz respeito às relações de determinação entre os termos que compõem um grupo nominal. Conforme já estudamos, em um **grupo nominal**, os **determinantes concordam com o termo determinado**, ou seja, adjetivos, artigos, pronomes e numerais adjetivos são flexionados de modo a concordar em gênero e número com o substantivo que constitui o núcleo do grupo. Observe a frase a seguir:

A regra de concordância nominal também se estende às relações do sujeito e do objeto direto com seus respectivos **predicativos**, uma vez que estes são determinantes daqueles. Observe:

Essa é a regra geral, mas é preciso atentar-se para alguns casos que podem gerar dúvidas.

PRINCIPAIS CASOS

Adjetivo posposto a vários substantivos

A) Substantivos do mesmo gênero → o adjetivo pode concordar com o último substantivo ou ir para o plural.

Exemplos:

– *No vilarejo havia uma praça e uma* **igreja antiga.**

– *No vilarejo havia uma* **praça** *e uma* **igreja antigas.**

B) Substantivos de gêneros diferentes → o adjetivo pode concordar com o último substantivo ou ir para o masculino plural.[1]

Exemplos:

– *No vilarejo havia um prédio e uma* **igreja antiga.**

– *No vilarejo havia um* **prédio** *e uma* **igreja antigos.**

1 *Se os substantivos formarem uma gradação ou forem sinônimos, o adjetivo só poderá concordar com o substantivo mais próximo. Exemplos:*
- *Com um olhar, um sorriso, um beijo* **terno**, *despediram-se.*
- *Era visível o seu talento, o seu engenho* **raro** *para a música.*

Adjetivo anteposto a vários substantivos

O adjetivo concorda, por norma, com o substantivo mais próximo.

Exemplos:

– *Você não escolheu* **bom lugar** *e hora para contar tudo.*

– *Você não escolheu* **boa hora** *e lugar para contar tudo.*

TOME NOTA!

Quando o adjetivo anteposto for um predicativo (do sujeito ou do objeto), poderá concordar com o substantivo mais próximo ou ir para o plural.

Exemplos:

– *Estava* **deserta** *a* **vila**, *a casa e o templo.*

– *Estavam* **desertos** *a* **vila**, *a* **casa** *e o* **templo.**

– *É preciso que mantenham* **limpa** *a* **rua** *e o jardim.*

– *É preciso que mantenham* **limpos** *a* **rua** *e o* **jardim.**

Um substantivo e vários adjetivos

A) O substantivo, determinado pelo artigo, fica no singular, e repete-se o artigo a partir do segundo adjetivo, já que ocorre a elipse do substantivo.

Exemplo:

– *O produto conquistou* **o mercado europeu e o americano**.

B) O substantivo vai para o plural e não se repete o artigo antes de cada adjetivo.

Exemplo:

– *O produto conquistou* **os mercados europeu e americano**.

OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

Mesmo, longe, caro, barato, alto e leso

Tais palavras podem ter **valor adjetivo** ou **adverbial**.

A) Na função de pronomes adjetivos ou de adjetivos, concordam com a palavra a que se referem.

Exemplos:

– **Elas mesmas** *farão a apresentação.*

– *Estes* **livros** *são* **caros.**

B) Na função de advérbio, são invariáveis.

Exemplos:

– *Elas* **farão mesmo** *a apresentação.*

– *Estes livros* **custam caro.**

Bastante, muito

A) Na função de pronome indefinido, concordam com a palavra a que se referem.

Exemplos:

– *Comprei* **bastantes balas.**

– *Comprei* **muitas coisas.**

B) Na função de advérbio, são invariáveis.

Exemplos:

– **Comprei bastante** *ontem.*

– **Comprei muito** *durante o período de liquidação.*

Meio

A) Na função de numeral ou substantivo, flexiona-se.

Exemplos:

– *Não gosto de* **meias palavras.**

– *Há* **outros meios** *de se chegar à solução.*

B) Na função de advérbio, é invariável.

Exemplo:

– *A criança ficou* **meio cansada.**

Só, a sós

A) Quando "só" equivale a "somente", é invariável.

Exemplo:

– *Só eles não concordaram.*

B) Quando "só" equivale a "sozinho", varia de acordo com a palavra a que se refere.

Exemplo:

– **Eles** *saíram* **sós.**

C) A locução adverbial "a sós" é invariável.

Exemplo:

– *Ele gostaria de* **ficar a sós.**

É bom, é proibido, é necessário + substantivo

A) Se há um determinante anteposto ao substantivo, tais expressões concordam com o substantivo.

Exemplo:

– *É* **permitida a entrada** *de crianças.*

B) Se não há um determinante anteposto ao substantivo, tais expressões ficam invariáveis (masculino singular)[2].

Exemplo:

– *É permitido entrada de crianças.*

O mais...possível, o menos...possível

A palavra **possível** concorda com o artigo que inicia a expressão.

Exemplos:

– *Quero um carro* **o** *mais barato* **possível.**

– *Usava ternos* **os** *mais caros* **possíveis.**

– *Há revistas* **as** *mais fúteis* **possíveis.**

Anexo, leso, obrigado, incluso, apenso, quite, próprio

Como adjetivos, concordam com o substantivo em gênero e número.

– **Anexa** *à presente, vai a* **relação** *das mercadorias.*

– *Remeto-lhe,* **inclusa**, *uma* **fotocópia** *do recibo.*

– *Pôr vírgula entre sujeito e predicado é crime de* **lesa-sintaxe**!

– **Ela própria** *disse: "Muito* **obrigada**".

– **Nós** *estamos* **quites.**

Menos, alerta, abaixo, pseudo, salvo, tirante

São invariáveis.

Exemplos:

– *Foi questionada por* **pseudo***fiscais.*

– *Os vigilantes estavam* **alerta**.

– *No jogo de ontem havia* **menos** *pessoas.*

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (Cesgranrio) Há **ERRO** de concordância em

A) atos e coisas más.

B) dificuldades e obstáculo intransponível.

C) cercas e trilhos abandonados.

D) fazendas e engenho prósperas.

E) serraria e estábulo conservados.

02. (Mackenzie-SP) Indique a alternativa em que há **ERRO**.

A) Os fatos falam por si sós.

B) A casa estava meio desleixada.

C) Os livros estão custando cada vez mais caro.

D) Seus apartes eram sempre o mais pertinentes possíveis.

E) Era a mim mesma que ele se referia, disse a moça.

03. (UFV-MG) Assinale a alternativa em que ocorre **ERRO** de concordância nominal.

A) Os estudos e as propostas dos estrangeiros foram totalmente inadequados.

B) O Brasil ainda há de devolver aos estrangeiros a verba que lhes pediu emprestada.

C) O autor não considera oportuno os comentários negativos dos porretas americanos.

D) Gostaria de dar por encerrada agora essa discussão tola sobre o suposto complexo de inferioridade dos brasileiros.

E) As mulheres e os homens brasileiros não são melhores nem piores do que os homens e as mulheres estrangeiros.

04. (UEPG-PR) Assinale a alternativa **INCORRETA**.

A) Falou bastantes coisas.

B) Os guardas cometeram erros de leso-patriotismo.

C) Era a mim mesma que ele se referia.

D) Seus apartes eram os mais pertinentes possível.

E) Você fala tanto, que me deixa meia tonta.

05. (UFPel-RS) A alternativa em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

A) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.

B) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.

C) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.

D) Sr. Ministro, V. Exa. sereis recebido com grande entusiasmo pela população.

E) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

2 Note-se que caso o sujeito venha determinado (determinante anteposto) pelo pronome adjetivo "muito", tanto o verbo quanto o adjetivo permanecem invariáveis, conforme se pode ver no seguinte contexto frasal: "É preciso muita calma."

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(PUC Minas)

01. Leia a tirinha com atenção. Em seguida, assinale a alternativa que teça consideração **INADEQUADA** sobre ela.

DILBERT - Scott Adams

FOLHA S. PAULO. 06 maio 1998

A) No primeiro quadrinho, o vocábulo **espero** poderia ser substituído por **tenho esperança** sem que o sentido do que se diz seja comprometido.

B) No primeiro quadrinho, o vocábulo **julgadas** poderia, sem que houvesse comprometimento do sentido, ser substituído por **avaliadas**.

C) A fala da personagem no segundo quadrinho deve ser entendida como um argumento contrário ao que se diz no primeiro quadrinho.

D) As duas personagens apresentadas na tirinha são exemplos de mulheres que não são preconceituosas contra as próprias mulheres.

E) No segundo quadrinho, pode-se dizer que a personagem está demonstrando que é respeitada por suas ações e não julgada em função do grupo no qual se insere.

Instrução: O texto a seguir foi produzido por um aluno universitário a partir da seguinte proposta: *Redija um texto em que se noticie um crime. O texto se destina a ser publicado em jornal de circulação nacional, na seção de matérias policiais*.

O corpo do operário Joaquim da Silva foi encontrado morto dentro do baú por policiais que faziam a ronda no bairro Mangabeiras, já que não era muito tarde e havia pouco movimento no local do crime. O baú não era muito grande, mas cabia perfeitamente um corpo de pessoa. A mãe disse à polícia que o filho estava desaparecido a mais de cinco dias, sem nenhuma notícia, embora ela não soubesse de nenhum motivo para o que aconteceu.

Considerando o texto do aluno bem como as orientações trazidas pela proposta que o gerou, marque, para as questões **02** e **03**

A) se somente I estiver correta.

B) se somente II estiver correta.

C) se somente I e II estiverem corretas.

D) se somente I e III estiverem corretas.

E) se todas estiverem corretas.

02.

I. A forma como aparece a 1ª menção de **baú** faz supor que o autor julga que o leitor já tem conhecimentos prévios sobre a existência do baú.

II. Uma das razões pelas quais o texto não atinge as condições estabelecidas para sua produção é a ausência de maiores informações sobre o lugar em que se dá o fato aludido.

III. Pode-se dizer que há uma certa redundância no trecho "A mãe disse à polícia que o filho estava desaparecido a mais de cinco dias, sem nenhuma notícia", o que resulta de como o autor organiza a informação.

03.

I. O trecho "já que não era muito tarde e havia pouco movimento no local do crime" não constitui justificativa suficiente para o fato de os policiais terem encontrado o corpo.

II. Considerada a proposta, o texto não traz pistas suficientes nem sobre o crime, nem sobre o local em que esse ocorreu, nem sobre o lugar em que se encontrou o baú.

III. O texto apresenta muitos problemas de estruturação e somente um único desvio de grafia.

Instrução: Leia os textos a seguir antes de responder às questões **04** e **05**.

Texto I

Carga pesada

Deu nos jornais que o americano trabalha em média 1 966 horas por ano – o mais alto índice entre os países industrializados, segundo a Organização Internacional do Trabalho. Só que o brasileiro sua a camisa acima de 2 000 horas anuais (exatas 2 092 horas, de acordo com dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, de julho último).

VEJA, 15 set. 1999. Radar, p.32.

Texto II

Efeito Huck

O ministro da Saúde, José Serra, andou reclamando pelos jornais que o remédio Losec, que ele toma para a gastrite, estava subindo muito de preço. Chegou a custar 73 reais a caixa com catorze comprimidos. Na semana passada, o laboratório Astra reduziu o preço para 58 reais. Mas tônico mesmo o ministro tomou na festa de aniversário do televisivo Luciano Huck. No meio da moçada, Serra estava mais jovem do que nunca.

VEJA, 15 set. 1999. Radar, p.32

Texto III

Elle

O instituto MCI foi pesquisar a chance de o ex-presidente Fernando Collor de Mello ser eleito prefeito de São Paulo. Hoje, tem apenas 2% das intenções de voto dos paulistanos.

VEJA, 15 set. 1999. Radar, p.32.

04. Todas as alternativas apresentam considerações adequadas sobre os textos, **EXCETO**

A) Em II, o trecho "mas tônico" revela que o autor do texto está colocando sob suspeita a verdadeira função do remédio Losec para o ministro.

B) Em todos os três textos, somente após a leitura dos mesmos, os títulos ganham sentido.

C) Em III, "Elle" é marca de que o autor do texto pressupõe que o leitor possui conhecimentos prévios importantes para a interpretação pretendida.

D) No texto III, o uso do vocábulo "hoje" seguido de vírgula é pista de que o autor do texto sinaliza a possibilidade de que os números da pesquisa possam se alterar nos próximos dias.

E) Em todos os três textos, há marcas de opinião.

05. Todas as alterações propostas para os trechos a seguir não comprometeriam o sentido que os mesmos têm no texto, **EXCETO**

A) *Deu nos jornais que o americano trabalha em média 1 966 horas por ano* [...]

Os jornais deram que o americano trabalha em média 1 966 horas por ano [...]

B) *Só que o brasileiro sua a camisa acima de 2 000 horas anuais.*

Os brasileiros, porém, suam a camisa acima de 2 000 horas anuais.

C) [...] acima de 2 000 horas anuais (exatas 2 092 horas, *de acordo com dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, de julho último).*

[...] acima de 2000 horas anuais, isto é, exatas 2 092 horas, de acordo com dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, de julho último.

D) *Mas tônico mesmo o ministro tomou na festa de aniversário do televisivo Luciano Huck.*

Tônico o ministro tomou, entretanto, na festa de aniversário do televisivo Luciano Huck.

E) *Hoje, tem apenas 2% das intenções de voto dos paulistanos.*

Hoje, tem tão somente 2% das intenções de voto dos paulistanos.

06. Leia as sentenças a seguir e assinale a alternativa que apresenta análise **INADEQUADA** sobre elas.

I. O temor de **minha família** sempre me acompanhou.

II. Vi o rapaz **sem óculos**.

III. Toda noite, eles **se** coçavam.

IV. Compreendo melhor Ana que **Paula**.

V. Ele mandou vir um professor para **o** instruir.

VI. Estou pensando em viajar para o exterior **novamente**.

A) Em I, pode-se entender tanto que "minha família é temida" como que "minha família" tem um temor.

B) Em II, "sem óculos" pode ser interpretado como ou modificando o ato de ver ou se referindo a "rapaz".

C) Em III, o item "se", considerando todo o enunciado, permite duas interpretações distintas.

D) Uma das interpretações possíveis para VI incluiria, como dado, que o seu enunciador nunca viajou para o exterior.

E) A possibilidade de dupla interpretação em todas as sentenças poderia ser eliminada com a mudança de posição dos itens negritados.

Instrução: Leia as regras de concordância a seguir, transcritas da Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara (37 ed. 1999). Em seguida, responda às questões **07** e **08**.

I. Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima. (p. 545)

II. Nos adjetivos compostos de dois ou mais componentes, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto. (p. 551)

III. Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. (p. 555)

IV. Sujeito ligado por *ou:* O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar: a) exclusão [...]; b) retificação de número gramatical [...]; c) identidade ou equivalência [...]. (p. 557)

07. Assinale a alternativa que traz consideração **INADEQUADA** sobre as regras transcritas.

A) "Comprei nabo e alface fresca" poderia ser exemplo para a regra I.

B) "Guardo saudoso aquele olhar em tons verdes-claros" poderia ser exemplo para a regra II.

C) "A gente vamos agora" poderia ser exemplo para a regra III.

D) "A escola ou a nossa segunda casa deve ser protegida pelos alunos" poderia ser exemplo para a regra IV.

E) "O autor ou autores do atentado deverão ser presos nas próximas horas" poderia ser exemplo para a regra IV.

08. Todas as sentenças a seguir estão ajustadas à(s) regra(s) descritas por Bechara, **EXCETO**

A) Os filhos ou a única irmã herdarão o imóvel mais caro do espólio.

B) Bentes ou Chaves será empossado presidente nas próximas horas.

C) A multidão, violentamente, principiou o ataque aos criminosos.

D) Gosto de usar anéis e pulseiras douradas.

E) Bando de pássaros selvagens é evitado naquela fazenda através de emissor de ondas ultrassônicas.

09. (UEL-PR–2010) Observe o seguinte período: “O que se discutiu, a partir da literatura mais recente, é que, para acontecerem grandes mobilizações, **é necessária** também a participação atuante de uma elite política”.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

A) Do ponto de vista da norma culta, há um problema de concordância, pois a forma correta de se grafar a expressão destacada seria “é necessário”.

B) Há um problema de pontuação, pois não se deve usar vírgula para separar o sujeito “grandes mobilizações” do predicado “é necessária também”.

C) A expressão grifada destaca um erro de concordância com o sujeito “grandes mobilizações”.

D) A expressão destacada aparece flexionada em gênero e número, pois concorda com o sujeito posposto “a participação atuante”.

E) Do ponto de vista da norma culta, pode-se dizer que há uma inadequação, pois o autor usou a expressão “é necessária” no lugar da expressão “é precisa”.

10. (FAVIP-PE–2010 / Adaptado) A concordância nominal representa, em português, uma exigência da adequação do texto aos contextos formais da comunicação. Nesse sentido, identifique a alternativa em que essa concordância foi inteiramente respeitada.

A) Nenhuma das comunidades da Amazônia desconhece os riscos da escassez de água no planeta.

B) O problema da escassez de recursos hídrico poderá ser resolvida, caso os países mais populosos estejam atentos à sua correta distribuição.

C) Sobre o consumo mundial da água doce, o resultado das pesquisas não são nada animadores.

D) Foi proposto, com a aprovação de todos os países, urgentes cuidados em relação ao consumo humano de água potável.

E) Mantido os atuais níveis de consumo, é de se esperar que, em 2050, dois quartos da humanidade sofra a falta de recursos hídricos de qualidade.

SEÇÃO ENEM

01. “Tinha um viúvo que tinha treis rapaz e o pai já era bastante avançado na idade, já num trabaiava mais. Os treis rapaz dentro de casa era muito obidiente do pai. Intão fazia lavora e tudo...

Um dia os rapaz ta lá trabaiano na roça e passo um home. Chego sim, oiô ês.

– Bom dia!

– Bom dia!

– Uai!

– Ta trabaiano, né, os minino?

– É, nós ta trabaiano aqui, mas nosso pai ta bastante avançado na idade, coitado, num pode faze mais nada. Agora nós é que trata dele. Nós faz tudo pa meu pai.

O home assunto “sim”. Falo:

- Ó. ocês é besta, moço! Cês ta pa saí pó mundo, pocês trabaiá, arruma suas vida. Se ocês fica mais seu pai toda vida, cês num ‘ruma nada. Cês tem que larga. Dipois que ocês larga ele, ele dá o jeito dele, uai! Ocês ficá só dento de casa trabaiano pa seu pai, cês num ruma nada procês não. E dispidiu dês e saiu [...]”

Disponível em: <http://www.cdb.br/prof/arquivos/75108_20070910102614.doc>. Acesso em: 03 dez. 2010.

Esse trecho reproduz uma variação linguística do português que contém várias marcas de oralidade e, do ponto de vista da norma padrão, apresenta alguns desvios. Aponte, entre os trechos reproduzidos a seguir, aquele em que o desvio deve-se a uma incorreta relação entre termos na frase.

A) “Tinha um viúvo que tinha treis rapaz [...]”

B) “Chego sim, oiô ês.”

C) “[...] nosso pai ta bastante avançado na idade [...]”

D) “E dispidiu dês e saiu [...]”

E) “O home assunto “sim”.

02. De amigo para amigo recém-casado:

– Oi, quando a sua mulher tiver meia velha, fala para ela me dar?

O amigo recém-casado espancou o coitado e depois pediu explicação.

– Por que você disse isso?

– Não entendi porque (sic) você me bateu! Eu gosto de meia velha para por na cabeça! Tenho frio nas orelhas...

Disponível em: <http://www.velhosamigos.com.br/Piadas/piadas79.html>. Acesso em: 11 jan. 2011.

Nessa anedota, o humor decorre de um mal entendido entre os interlocutores. Pode-se afirmar que esse mal-entendido é consequência de

A) o amigo do recém-casado cometer um erro de concordância nominal que compromete o sentido de sua primeira frase.

B) o recém-casado atribuir um valor adjetivo a um termo que foi usado incorretamente com valor adverbial.

C) o recém-casado atribuir um valor adverbial a um termo que foi usado corretamente com valor substantivo.

D) o amigo do recém-casado flexionar equivocadamente no feminino uma palavra invariável na língua portuguesa.

E) o amigo do recém-casado possuir o estranho hábito de usar meias femininas na cabeça para aquecer as orelhas.

GABARITO

Fixação

01. D 02. D 03. C 04. E 05. A

Propostos

01. D 04. A 07. B 10. A
02. E 05. D 08. A
03. E 06. E 09. D

Seção Enem

01. A 02. C